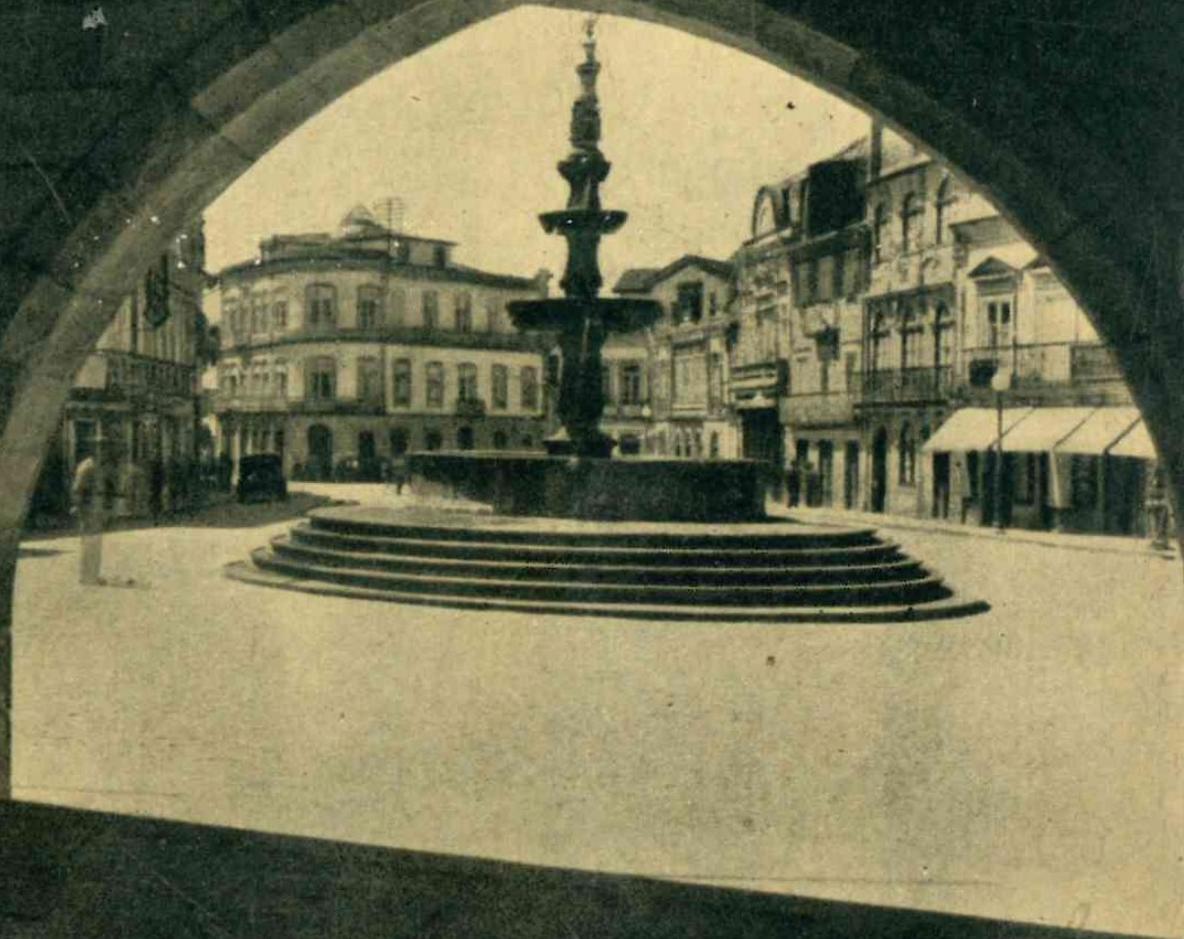


ANTOLOGIA DA TERRA PORTUGUESA



O MINHO

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

LIVRARIA BERTRAND



43-8A/Z

O MINHO

A província do Minho, berço da nacionalidade, rica de monumentos evocativos, resumo da paisagem portuguesa, província tão ligada à formação do País e à Expansão, foi escolhida para iniciar esta Antologia. Cidades como Braga, Guimarães, Viana do Castelo, o litoral de Esposende a Moledo até à fronteira espanhola, as fragas adustas do Marão ou do Gerês, o mistério dos solares da Ribeira Lima ou dos castelos do interior, o pitoresco das romarias e bailados—constituem o friso que passa nas páginas escolhidas e que se ficaram devendo aos escritores e poetas que através dos tempos escreveram sobre o Minho.

Luís Forjaz Trigueiros, ensaísta e crítico, prosador que ao Minho consagrou uma das obras literárias que mais profundamente explicam esta província na sua fisionomia, paisagem e meio social—«Campos Elísios»—estudioso da região minhota e dos seus costumes, é o Autor do presente volume, da sua Introdução e organização.

(Nota do Editor)

ANTOLOGIA
DA
TERRA PORTUGUESA

ANTOLOGIA DA TERRA PORTUGUESA

VOLUMES: O MINHO / TRÁS-OS-MONTES E ALTO
DOURO / DOURO LITORAL / BEIRA ALTA / BEIRA
LITORAL / BEIRA BAIXA / ESTREMADURA /
RIBATEJO / ALTO E BAIXO ALENTEJO / AL-
GARVE / A ILHA DA MADEIRA / AS ILHAS DOS
AÇORES / LISBOA / PORTO / O ULTRAMAR
PORTUGUÊS

COLABORADORES: AMÂNDIO CÉSAR / ARMANDO
CÓRTEZ-RODRIGUES / ARTUR DE MAGALHÃES
BASTO / CONDE DE AURORA / DAVID MOURÃO
FERREIRA / JAIME LOPES DIAS / JOÃO CABRAL
DO NASCIMENTO / JOAQUIM MONTEIRO-GRILLO
(TOMAZ KIM) / LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS /
NATÉRCIA FREIRE / URBANO TAVARES RO-
DRIGUES / P.^e VASCO MIRANDA

DIRECÇÃO LITERÁRIA DE LUÍS FORJAZ TRI-
GUEIROS

ANTOLOGIA DA TERRA PORTUGUESA

O MINHO

INTRODUÇÃO, SELECÇÃO E NOTAS

POR

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54865

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

Composto e impresso na
IMPRESA PORTUGAL-BRASIL
Venda Nova — Amadora

INTRODUÇÃO

A Antologia que abre com este volume, consagrado à província do Minho, leva a cabo, supponho que pela primeira vez no nosso país, uma tentativa de reunião, com carácter sistemático, dos trechos mais significativos da nossa literatura em ordem à definição de aspectos essenciais do Homem, da paisagem e do meio social portugueses.

Para dar cumprimento a esta iniciativa, que se reveste de importância ao mesmo tempo literária e didáctica, num plano de interpretação nacional, a Livraria Bertrand e o Director da Antologia convidaram escritores portugueses cuja obra anterior ou afinidades pessoais haviam ligado às diferentes províncias, tornando possível, assim, dar aos vários volumes um carácter de obra de crítica, no que respeita à orientação de escolha que uma Antologia sempre implica. É óbvio que tratando-se de uma selecção de trechos de validade literária se deu predomínio a esses sobre os de carácter exclusivamente histórico, etnológico ou económico. No entanto, a amplitude de uma Antologia com os objectivos desta impôs aos autores dos diferentes volumes uma certa elasticidade: a unidade de temas prevista, conducente à interpretação de características de conjunto, só se obtém através da recolha de textos que — a par dos de ordem artística e literária, por exemplo, no que respeita à paisagem e aos costumes —

englobe também os que contribuam para esclarecer a acção geopolítica e histórico-económica do meio físico ou sociológico. Para me referir especificamente ao volume que me coube — O Minho — é evidente, por exemplo, que não poderiam ser desdenhados pelo compilador dos textos os elementos que demonstram a importância do condicionalismo geográfico e dos factores étnicos na formação e autonomia do Estado português, nem outros de intenção mais restrita aos estudos etnográficos ou folclóricos e que em região assim rica de peculiaridades assumem particular relevo.

Essa importância do Minho na origem do Estado português reconheceu-a Oliveira Martins quando na sua «História de Portugal» escreveu: «Nos primeiros três séculos, isto é, na primeira época da História Portuguesa a independência é um facto originado no merecimento pessoal dos chefes militares, dos barões de aquém-Minho. Nacionalidade propriamente dita, não há, ou pelo menos não no-la revelam os monumentos históricos, unânimes também em revelar uma ambição colectiva ou social que se estende a toda a Galiza. Ao merecimento pessoal reúne-se nos primeiros monarcas portugueses a circunstância de serem os intérpretes deste sentimento». A revolta filial de Guimarães considera-a o mesmo historiador «o primeiro sintoma duma

direcção nova que se ia imprimindo na vida histórica nacional». A verdade é que daí para diante é das margens portuguesas do rio Minho que descem para o Sul as hostes vitoriosas da conquista e da formação da Nacionalidade e a «província portuguesa», a que já em 841 Afonso II, de Espanha, se referia, tornou-se uma Nação cujas fronteiras se mantêm até hoje inalteráveis.

Com a ampliação do território, decerto se deslocaria para o Sul o centro político, e o extremo norte do País entraria no silêncio duma vida agrária forçosamente restrita. Com a Corte em Lisboa vai iniciar-se mais tarde o longo esplendor da nossa expansão marítima.

O contributo humano do interamnense ao período novo que as navegações abriram na História do Mundo não poderia ter melhor início. O Infante D. Henrique nasceu no Porto em 1394 e será ao Entre Douro e Minho que ele irá buscar senão os chefes, o escol, pelo menos o grande material vivo para as jornadas do mar. Já tive ocasião de escrevê-lo: foi dos ventres e dos estaleiros litorâneos do Norte que saiu o melhor contingente das armadas portuguesas. Para a batalha de Ceuta sabe-se que no Minho o recrutamento abrangeu toda a província. As frotas do Porto partiam, sucessivamente, na segunda metade do século XV, para o Norte de Africa e os

armadores de Viana, Ponte de Lima e Vila do Conde impunham condições ao trono nas Cortes de 1436. No reinado de D. João II, Alvaro de Caminha lança os fundamentos de S. Tomé e João Afonso de Azevedo traz da Guiné a primeira pimenta. São ambos homens do Norte. Do Minho eram Pedro e Alvaro de Braga, que acompanharam Vasco da Gama ao Oriente. E o cronista do descobrimento do Brasil—Pero Vaz de Caminha—querendo assinalar a benignidade do clima da terra descoberta não encontra outro ponto de comparação mais expressivo: «muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho». De Viana do Castelo era o descobridor da Terra Nova, João Alvares Fagundes. O génio aventureiro do homem minhoto encontrou, primeiro, nos Descobrimentos e depois no povoamento do Brasil, na permanência das rotas portuguesas para a Índia sob a ocupação castelhana, no comércio com a França, Flandres, Inglaterra e Alemanha, uma forma activa de expressão. E se no século XVII já o alemão Link poderia escrever que os camponeses minhotos eram «os melhores do reino», um cientista nosso contemporâneo, o Prof. Mendes Correia, afirma: «verificámos ser a província de Entre Douro e Minho mais rica em homens ilustres, proporcionalmente à população, do que Trás-os-Montes e o Algarve, aproxima-

do-se do centro litoral, das Beiras e das Ilhas, desde que se não entre em conta com as influências culturais de Lisboa, Porto e Coimbra» (1).

Energias étnicas, assim apuradas no decurso dos séculos, contrariam a tese dum possível paralelismo entre o enfaixe duma terra já de si estreita e, para mais, compartimentada, e as fronteiras do horizonte individual do minhoto. Decerto a densidade da população cria problemas económicos aos quais a policultura e a natureza do solo não dão satisfação positiva. Além disso, a divisão normal da terra em leiras bem aproveitadas tem nos nossos dias vantagens sociais evidentes que se traduzem, por um lado na permanência dum sentido de propriedade que, por contentar a todos, a ninguém agrava, e, por outro, na criação duma consciência patrimonial que se transmite através de gerações numa forma bem portuguesa de aristocratismo rural ou simplesmente camponês.

Embora emigre, o minhoto não desenraíza e afirma, longe da pátria, essa consciência telúrica. Não o contenta a paisagem, apertada de mais para o seu sonho. Emigra e em geral dá boa conta dessa emigração porque no minhoto o sonho não é contemplativismo negativo. Ao emigrar, o minhoto já leva

(1) «Introdução à Antropobiologia».

nos olhos a quente alegria do regresso. Por isso, a par do que o tempo, os usos e as necessidades foram inserindo numa paisagem ora idílica ora rude, há no Minho a profunda permanência duma autenticidade. O que varia nessa autenticidade é o seu revestimento exterior. Pode ela caber tanto, humanamente, no olhar húmido do minhoto de torna-viagem, como, picturalmente, na regrada poesia do entardecer em S. João da Ribeira entre Ponte de Lima e a Barca, nos Mercados da terça-feira, em Braga, ou, ainda, ressoar, musical e distante, numa canção perdida, ao fim do dia, entre os caminhos de Nogueiró e Tenões... E a isto, penso eu, se chama unidade, uma intrínseca unidade nascendo dum díspar conjunto, e que se estende de Famalicão a Valença, do Cávado ao rio Minho, margina o Oceano e trepa ao Soajo, no percurso que leva dos canteiros garridos do Girassol, de Viana, às serras ásperas e cinematográficas do Lindoso. Pois o que vale, no Minho, é a sua substância íntima, a terra pronta e fácil, o homem aparente igual a si-próprio.

Tão marcada importância histórica e tão diversa fisionomia étnica ou sociológica tornaram de certo modo difícil a missão do organizador deste volume. Pois que se acontece, como é natural, que só a partir do fim do século XVIII, sobretudo do início do seguinte e mais especialmente após a descoberta

da paisagem como motivo literário, que foi obra dos Românticos, se verifica maior abundância de depoimentos, não é menos verdade que mesmo citando apenas os estudos existentes quanto à decisiva importância de Braga como centro de catolicidade e ao papel fundamental desempenhado pelo Entre Douro e Minho nos primórdios da nacionalidade poder-se-iam elaborar, não um, mas muitos volumes da Antologia de carácter religioso, histórico ou político, que ainda está por fazer. Essa obra teria entre outras vantagens a de demonstrar, uma vez mais, que não foram obra de acaso a definição dos nossos limites como povo livre, as raízes da nossa vocação civilizadora e universalista e a inalterável permanência das fronteiras portuguesas através de oito séculos. Mas o critério que orienta esta Antologia é o de procurar obter uma unidade de vistas de ordem predominantemente literária. Houve que omitir, assim, trechos de documentos de extrema importância sobretudo para a História da Igreja na região de aquém e de além-Minho na Idade Média, como, por exemplo, o relato de D. Hugo, Arcebispo de Compostela e futuro Bispo do Porto, da trasladação de S. Frutuoso, de Braga para Santiago, anterior à Fundação da Nacionalidade (1102), ou, noutra plano, do Livro dos Milagres de Nossa Senhora de Oliveira de Guimarães, de Afonso Peres (1342), ou passos significativos

da *História bracarense*, na «*Crónica da Província da Piedade*», de Frei Manuel de Monforte. Nas «*Memórias de Braga*», do cónego Sena Freitas, encontram-se, também, valiosas interpretações de pedras inscricionais e elementos recolhidos dos arquivos; trata-se porém de obra da qual só seria legítimo reproduzir longos trechos e, estes, de significação limitada à *História local*.

A variedade de estudos existentes sobre o Minho impossibilita também a transcrição de trechos que poderiam considerar-se básicos para o conhecimento científico de certas zonas da província ou até de actividades como a Lavoura, o Comércio e a Pesca, trechos que foram sacrificados a outros de maior importância literária ou documental de conjunto. Assim, não se reproduz qualquer trecho de J. Lúcio de Azevedo, que no seu estudo sobre a Monarquia agrária em «*Épocas de Portugal Económico*» minuciosamente evoca a trajectória económica da Nação na sua origem, ou dos estudos arqueológicos de Martins Sarmiento e do P.^o Martins Capela; pelas mesmas razões se limitam a dois breves trechos as numerosas transcrições possíveis de «*O Minho Pitoresco*», de José Augusto Vieira, e se reduz a excertos fragmentários, mas escolhidos em ordem sempre à sua integração no conjunto, o depoimento de Alberto Sampaio, recolhido dos

seus «Estudos Históricos e Económicos», obra que a despeito da forçosa desactualização de alguns dos elementos sobre que assenta é ainda hoje indispensável aos estudiosos da Ecologia, da Antropologia e da História do Norte do País. Se não foram incluídos poetas ou escritores oriundos da província, apenas pelo facto de sê-lo, pois que se trata duma Antologia literária de textos e não dum registo de autores locais, o que seria diferente, procurou-se, no entanto, que ficassem definidas as linhas caracterológicas da província, por forma a que cada trecho reproduzido se integre numa visão de conjunto. Justo é fazer neste local uma referênciã a velhas revistas de divulgação que inseriram artigos e estudos sobre a região minhota, como a excelente «Limiana», que Júlio de Lemos e Severino de Faria dirigiram em 1912, em Ponte de Lima, e de que só pelo seu carácter fragmentário e disperso não se aproveitaram alguns trechos de óbvio interesse, e à revista «Lusa» que sob a direcção de Cláudio Basto se publicou em 1917 em Viana do Castelo, e anotar — citando já publicações nossas contemporâneas — a obra de investigação que está a ser desenvolvida pelas edições «Bracara Augusta» sob a égide do Município de Braga e a de aproximação cultural luso-galaica de que é instrumento outra revista, «4 ventos», ambas instrumentos decisivos do impulso intelectual

e dos estudos históricos de que a cidade de Braga é hoje centro prestigioso.

Se, dum modo geral, os mais representativos autores que escreveram sobre o Minho se encontram reunidos nesta Antologia, alguns há que pelo valor das suas obras, como contributo esclarecedor ou pelo seu conselho e opinião autorizados, tornaram possível levar-se a cabo, com um mínimo de faltas, aliás inevitáveis em trabalhos deste género, o presente volume. Entre esses, quero referir o meu querido Amigo Conde de Aurora, polígrafo brilhantíssimo, investigador de méritos de há muito firmados, a quem o Minho e especialmente a região da Ribeira Lima devem páginas de amorosa devoção literária, de investigação e de revelação surpreendentes. Sem a constância do Conde de Aurora como infatigável revelador do Minho aos que o procuram e aos que o lêem, este livro seria forçosamente incompleto.

A este primeiro volume mais doze se seguirão, abrangendo, respectivamente, as restantes nove províncias portuguesas, a Madeira, os Açores e o Ultramar. As cidades de Lisboa e Porto serão consagrados também dois volumes.

Conceber com modéstia para realizar com honestidade eis o que poderia ser o lema dos editores e do organizador desta «Antologia da Terra Portuguesa». Visa ela um alto objectivo

nacional só possível de atingir com a boa vontade e a competência dos escritores que aceitaram o convite para os restantes volumes, mas executado com a digna simplicidade que um empreendimento como este impõe e propositadamente se afasta da voga sumptuária que no nosso tempo tudo envolve—até esse produto da vida interior, da meditação ou do estudo que deve ser sempre a obra literária verdadeira.

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

Lisboa, Abril de 1957.

AIRAS NUNES ¹

Séc. XIII

CANTIGA DE AMOR

«Que muito m'eu pago d'este verão
por estes ramos e por estas flores
e polas aves que cantan d'amores,
por que ando i led'e sen cuidado
e assi faz tod'omẽ namorado
sempr'i anda led'e mui loução.

Quand'eu ² passo per algũas ribeiras,
so bõas arvores, per bõos prados,
se cantam i passaros namorados
logu'eu con amores i vou cantando
e log'ali d'amores vou trobando
e faço cantares en mil maneiras.

Ei eu gran viç(o) e grand' alegria
quando mi as aves cantam no estio...»

(«Cancioneiro da Vaticana»)

¹ Sobre o critério seguido quanto aos autores e anotações aos textos ver «Notas», no final do volume.

² No texto *Candeu*.

RUI FERNANDES

Séc. XIV

CANTIGA DE AMOR

«Quand'eu vejo las ondas
e las muit'altas ribas,
logo mi veen ondas
al cor pola velida:
maldito sea l'mare
que mi faz tanto male.

Nunca vejo las ondas
nem as alta derrocas
que mi non venhan ondas
al cor pola fremosa:
maldito sea l'mare
que mi faz tanto male.

Se eu vejo las ondas
e vejo las costeiras
logo mi veen ondas
al cor pola ben feita:
maldito sea l'mare
que mi faz tanto male.»

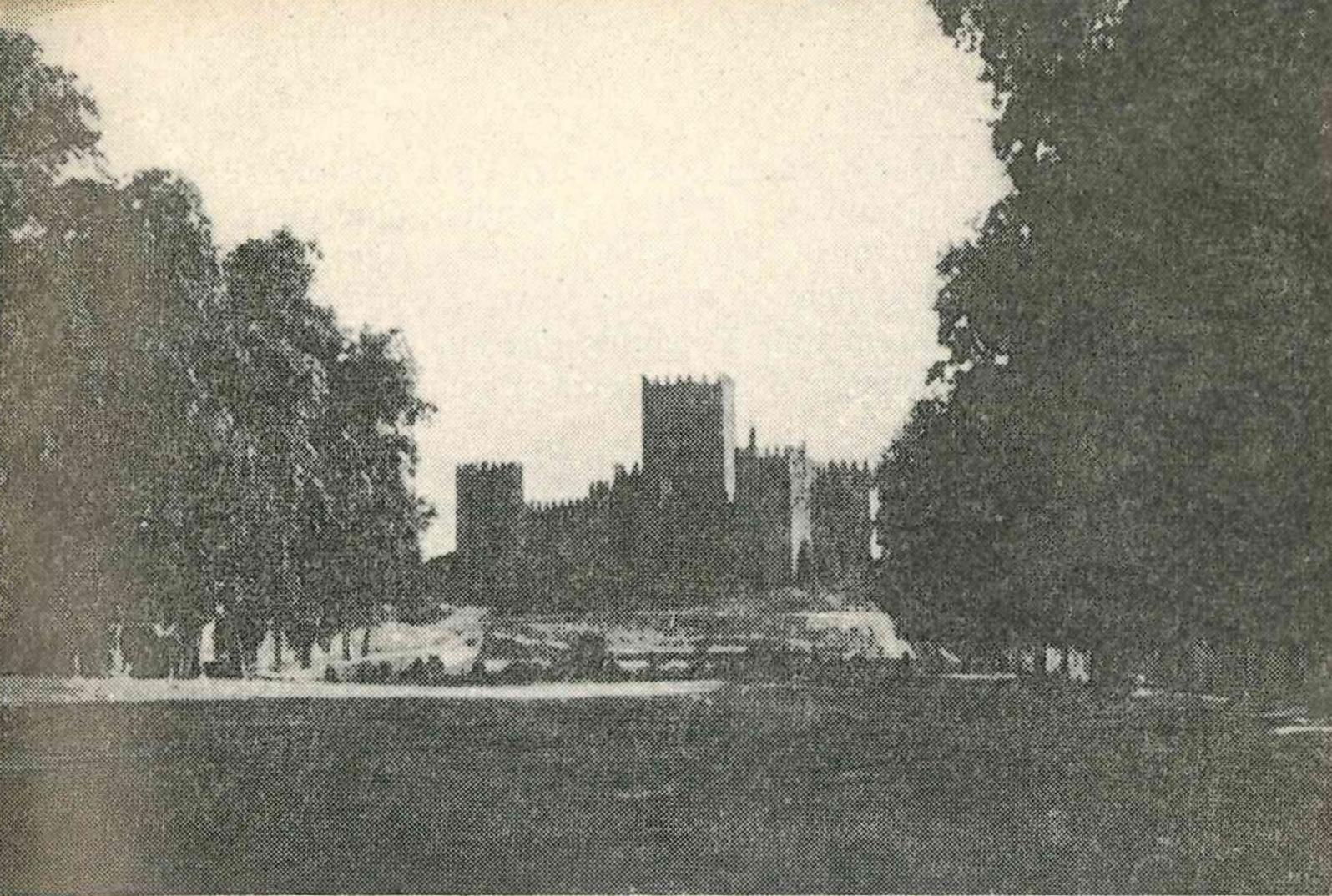
(«Cancioneiro da Vaticana»)

DUARTE GALVÃO

1445-1517

CERCO DE GUIMARÃES

«...A cabo de pouco tempo, estando el-Rei D. Afonso de Castela, chamado Imperador, em Toledo, sentindo muito seu desbarato e vencimento que dele houve o Principe D. Afonso



Castelo de Guimarães

Hanriques, tendo ele que toda a Espanha lhe havia de obedecer, e conhecer senhorio, determinou em mui secreto conselho tornar a Portugal. E ajuntada muita gente, o mais dissimuladamente que pode, abalou para Galiza, e chegou de suspeita a Guimarães, onde cercou o Principe D. Afonso, que dentro estava despercebido; nem a Vila não estava bastecida, que a poucos dias a tomara a el-Rei de Castela se lhe tivera o cerco.

Sobre isto, vendo D. Egas Moniz, aio do Principe, o grande perigo em que seu Senhor estava, vestindo sua capa pele, traje e nome daquele tempo, cavalgou secretamente um dia pela manhã cedo, sem levar ninguém comsigo, e foi-se ao arraial dos inimigos. Cavalgara el-Rei e andava alongado de redor da Vila, vendo por onde mais ligeiramente se poderia combater e tomar. E chegando D. Egas a ele, fez-lhe sua reverencia e beijou-lhe a mão. El-Rei o salvou, perguntando-lhe a que vinha.

Respondeu D. Egas que queria falar com ele; então se

apartaram ambos, e perguntou-lhe D. Egas porque se viera lançar sobre aquela Vila? El-Rei respondeu: Que viera cercar D. Afonso Hanriques seu primo, porque lhe não queria conhecer senhorio nem ir a suas Cortes, como era rezão e como lhe faziam em toda Espanha; que sua detriminação era levá-lo preso comsigo e dar a terra a quem lhe conhecesse senhorio com ela.

Respondeu então D. Egas, e disse: — «Senhor, não fostes bem aconselhado virdes aqui cercar esta vila, porque o Principe vosso primo é tal cavaleiro como vós bem sabeis, e tem comsigo dentro tanta gente e tão boa, fora muita que tem pela terra, muito a seu querer e mandar, que grande será o poder e muito maior a ventura de quem o forçar a lhe tomarem a vila. Que de a filhades por fome, não vos venha por sentido, porque, Senhor, havei por certo que des os movimentos das guerras, que vós com vosso primo houvestes, ele foi sempre tão suspeito e receado de vós, e se pos tanto a recado para semelhantes casos, esperando cada dia de se ver neles comvosco, como se ora vê, que toda sua terra e fortezas fez guarnecer e bastecer grandemente, e assim as tem providas e percebidas; em especial esta vila, em que a miude está, que, a meu entender, outra mais gente da que está dentro, se nela podesse caber, teria abastança para muitos anos de cerco; pois estando vós tempo sobre ela, ainda que escusado tendes meu conselho, poderia trazer turvação a vosso estado, assim dos de vosso Reino como dos Mouros, que tão vizinhos e fronteiros tendes. E quanto ao que, Senhor, dizeis que vosso primo vos conheça senhorio e vá a vossas Cortes, certo a mim parece rezão; e ainda, Senhor, me parece mais: que se vos partirdes daqui para vossa terra, que não pareça que vosso primo, por força nem rendimento de medo, o faz; eu acabarei com ele que vá a vossas Cortes onde vós quiserdes, e disto, Senhor, vos farei preito e menagem».

Quando el-Rei de Castela isto ouviu, prouve-lhe muito de receber a menagem de D. Egas Moniz acerca disto, ficando-lhe de se partir ao outro dia. E depois de dada e recebida a dita menagem, D. Egas se tornou para a Vila mui calado como dela saíra, sem dar conta a ninguém do que viera fazer.»

(«Crónica del-rei D. Afonso Henriques»)

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

1495-1558

A ANTÓNIO PEREIRA, SENHOR DO BASTO QUANDO SE PARTIU PARA A CORTE

«Como eu vi correr pardaus¹
por Cabeceiras de Basto,
crescerem cêrcas e o gasto,
vi, por caminhos tão maus,
tal trilha e tamanho rasto,

Logo os meus olhos ergui
à casa antiga e à torre,²
e disse comigo assi:
«Se Deus nos não val aqui,
perigoso imigo corre!»

Não me temo de Castela,
donde inda guerra não soa;
mas temo-me de Lisboa,
que, ao cheiro desta canela,
o Reino nos despovoa.

E que algum embique³ e caia,
(afora vá mau agouro!)
falar por aquela praia
da grandeza de Cambaia,
Narsinga das tôrres d'ouro!

¹ *Pardaus*: moeda corrente na Índia.

² O solar dos Pereiras, a casa da Taipa, era uma verdadeira fortaleza, com a sua torre.

³ *Embique*: tropece. Alusão talvez ao tráfego intenso de Lisboa, à sua vida vertiginosa.

Ouves, Viriato, o estrago
que cá vai dos teus costumes?
Os leitos, mesas e os lumes,
todo cheira: eu óleos trago;
vem outros, trazem perfumes.

E ao bom traço dos pastores,
com que saíste à peleja
dos Romãos tam vencedores,
são mudados os louvores;
não há lá quem t'haja enveja.

Entrou, dias há, peçonha
clara pelos nossos portos,
sem que remédio se ponha:
uns dormentes, outros mortos,
alguém polas ruas sonha.

Fez no começo a pobreza
vencer os ventos e o mar,
vencer quási a natureza;
medo hei de novo à riqueza;
que nos venha a cativar.

Estas terras e penedos
fazem-se-vos vistas feas;
já torceis o rosto às aldeas,
dizeis dos vinhos azedos
o que já disse Cineas,

A quem nos convites dado
a provar, se lhe aprouvesse,
despois nos olmos mostrado:
— Nunca vi — disse — enforcado
que a fôrça assi merecesse.

As vozeiras montarias,
derribar aves, que vão
cantando inverno e verão,
¿que al é, salvo remir dias
do enfadamento aldeão?

Que trabalhosos concertos
de vilãos desentoados,
os de vilãos mal cobertos,
e, o que é peor, pouco certos,
muito desarrezoados!

Direis, e eu não vo-lo nego;
mas queireis também que diga?
Êste mundo é armado em briga,
não busqueis nêle assossêgo.
nem nũa alta ermida antiga.

Todavia há diferenças
antre o de cá e o de lá;
cá, nas mais das desavenças;
éreis mestre das sentenças;
para onde is ôutrem as dá.

Como o sol ao mar deceu,
comeria do fardel,
d'água no rio bebeu;
nũa pedra adormeceu,
pôs nome ao lugar: Bethel.

Natureza nos pusera,
como os olhos nos abriu,
ao perto tudo o que viu
que necessário nos era,
do mais tudo se sorriu.

Como ãa ave já vezada
a toda a delicadeza
é melhor ajuizada!
foge à gaiola dourada,
vai buscar a natureza.

ũa disposição má,
longa enfermidade e dor
que vai de mal em peor,
onde remédio achará
se à natureza não fôr?

Cega da minha fadiga,
que em vão tanta razão gasta,
que fazeis? Que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
is-vos buscar a madrasta.

Dos vossos nobres avós
as cruces em sangue abertas,
vos põem obrigações certas
que não as deixeis cá sós,
a ser do musgo cobertas.

O que porém não dirão
em quanto cá tem tal feira,
como é a de tal irmão,
que não ouve o nome em vão
de Nuno Álvares Pereira.

Por tôda esta grande Espanha
Froais que soíam chamar
fez em Pereiras mudar,
não do Rei mouro a patranha,
mas vosso antigo solar.

← *Túmulo do Arcebispo D. Gonçalo
Pereira, em Braga*

*Estátua jacente do Arcebispo
D. Gonçalo Pereira, em Braga* →



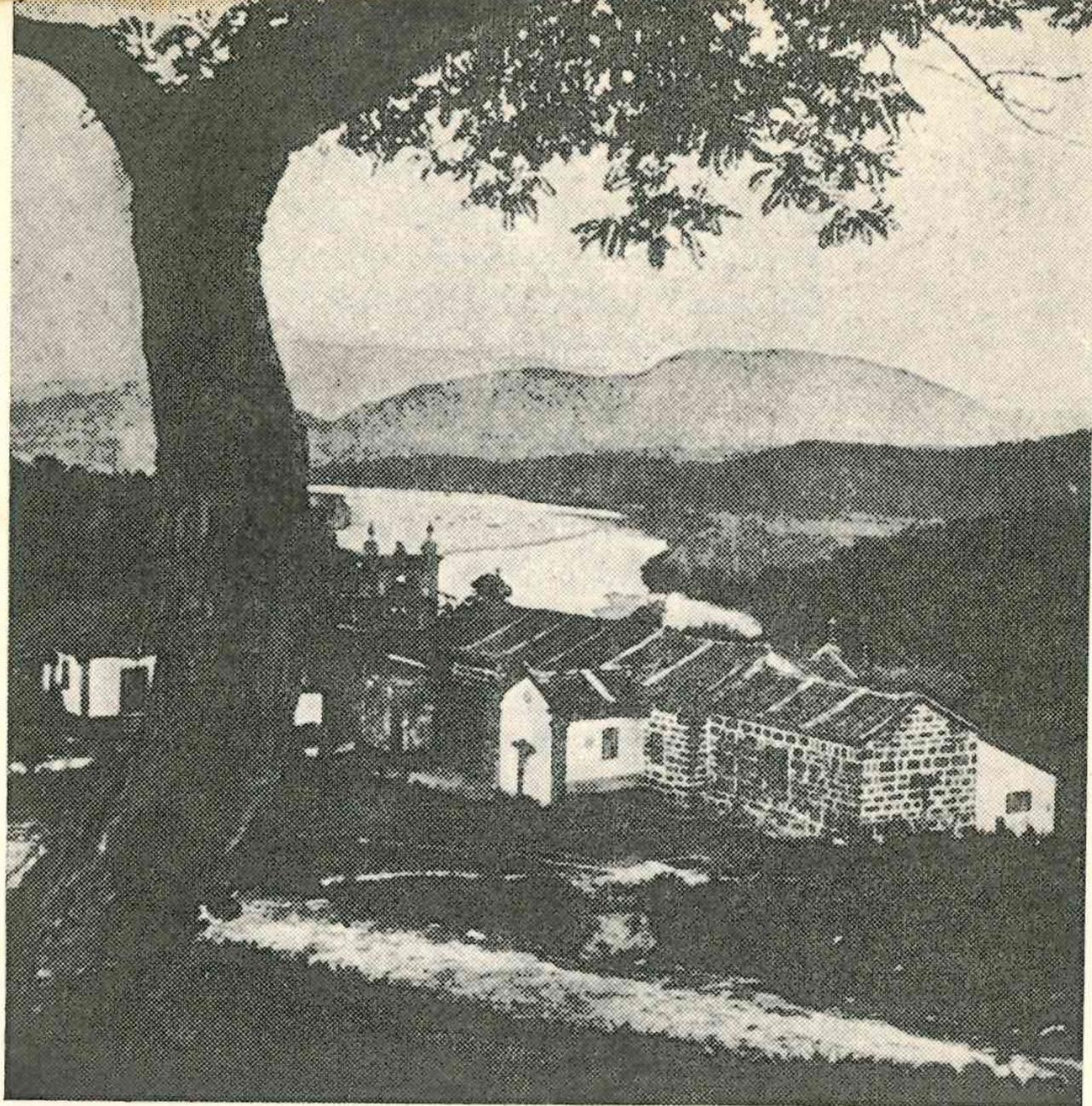
Do qual não há muitos anos
que um que aqui Braga regeu,*
pondo a parte os longos panos,
um passo aos Castelhanos
à espada defendeu.

Ao Reino cumpre em todo êle
ter a quem o seu mal doa,
não passar tudo a Lisboa,
que é muito o pêso, e com êle
mete o barco n'água a proa.»

(«Obras Completas», Vol. II, Ed. Livraria Sá da Costa. Texto fixado,
notas e prefácio pelo Prof. M. Rodrigues Lapa).

* *N. do A.* Deve tratar-se — diz o Prof. Rodrigues Lapa na
edição de «Obras Completas» que anotou — do Arcebispo de Bra-
ga, D. Gonçalo Pereira.





São João da Ribeira, rio Lima

DIOGO BERNARDES

1520 - 1605

SONETO XXXI

«Lima, que neste valle murmurando
Em quanto o Sol s'esconde em Occidente,
A tua natural vezinha gente
Fazes adormecer com seu som brando,
Eu saudoso d'outro estou velando
Ouvindo murmurar tua corrente,
E com dôr de me delle ver ausente,
Com lagrimas a vou accrescentando.

E tu, que ledo para o mar caminhas,
Cuidar me fazes (tal he o som ã deixas)
Que triste vás chorando minhas magoas:
Mas a verdade he que tu te queixas
De rēcolher em ti lagrimas minhas,
Porque te turvaõ tuas claras agoas.»

SONETO XXXII

«Verdes, e baixos valles, alta serra,
Duras, e solitarias penedías,
Correntes agoas, frescas fontes frias,
Testemunhas do mal ã em mim s'encerra:
De suspiros o ar, de pranto a terra
Encho: vós o sabeis selvas sombrias
Onde chorando vou noites, e dias
Saudades d'Amor, d'ausencia guerra¹.
Se o vosso natural só de si move
A triste sentimento os mais contentes,
Que sentiraõ os tristes de vontade?
Ah naõ vos espanteis; que em vós renove
Saudades² passadas, e presentes,
Pois tudo, o qu'em vós ha, he saudade.»

SONETO CXXXIII

«Agoas do claro Lima, que corria
Pera mim, noutro tēpo, claro, e puro,
Que correr vejo agora turvo, escuro,
Quem afogou em vós minh'alegria?
Cuidei, que com vos ver descansaria
Do mal do cativeiro, triste, e duro;
Mas mais sem gosto aqui, menos seguro
Me vejo, do que me vi em Berberia.

¹ Guerra, inquietações.

² Bernardes, longe de Lisboa, patenteia saudades da amada, que lá ficara.

Mudança vejo aqui em arvoredos,
Crescêraõ muitos, muitos acabáraõ,
Fez seu officio em tudo a natureza:
Duas cousas porém não se mudarão,
Lugar, e duro ser destes penedos,
De vossos naturais teima, e dureza.»

FLORA

ÉGLOGA II

*Limiano*¹

«Num solitário valle, fresco, e verde,
Onde com veyã doce, e vagarosa
O Vez, no Lima entrãdo, o nome perde.
Numa tarde rosada, graciosa,
Quando no mar seus rayos resfriava
O sol deixando a terra saudosa
Ouvi uma voz triste que soáva
Taõ brandamente alli, que parecia
Hum rio que com outro murmurava.
O gado, que do campo recolhia
Deixando nelle, por antre a espessura
Me fui chegando á triste voz que ouvia.
Vi Tirse, e Melibeu, que na verdura
Antre bastos salgueiros escondidos
Choravaõ duras magoas com brandura.
Nesta nossa ribeira ambos nacidos,
Mas como pouco nella conversaraõ,
Eraõ mais na do Tejo conhecidos.
Em moços foraõ lá, lá se criaraõ
Com outros de mór nome, mór estima
De tanger, de cantar fama cobraraõ,

¹ *Limiano* (derivado de Lima) personifica Diogo Bernardes. Ele expõe o trecho e apresenta Tirse e Melibeu.

Não das nossas cantigas cá de cima¹,
 Doutras de tão bom som, qu'inda pastor
 Tégora as não cantou junto do Lyma².
 Ditosos foraõ elles, se na flor
 De sua mocidade, os tenros peitos
 Pudéraõ defender do cego amor.
 Vieraõ de tal modo a ser sugeitos
 Do brando parecer de duas bellas
 Ninfas que sem olhar outros respeitos
 Determinado tinhaõ ja naquellas
 Partes, que o Tejo banha, guardar gado
 Negando a sua patria pola dellas.
 Mas este fundamento derrubado
 Viraõ no triste dia, quando viraõ
 Da vida o bello Adonis ser roubado.
 Logo contra seu gosto se partiraõ
 Da terra, onde tal bem tantos perderaõ
 O que pera mais mal tambem sentiraõ.
 A tristeza continua, a que se deraõ
 Com tamanha largueza se lhes deo,
 Que me fez duvidar se aquelles eraõ.
 Continuava Tirse o pranto seu
 Queixando-se do caso duro, e fero,
 Fez o mesmo apos ella Melibeu.
 O que disseraõ ambos, dizer quero
 A vós fermosa Ninfa desta fonte,
 De quem com magoa ouvido ser espero.
 Inda que vos não veja, a bella fronte
 Erguei, e a linda mão deixe os labores,
 Em quãto Amor me manda q̄ vos conte
 Os versos destes dous tristes pastores.

¹ Não da poesia popular do Minho...

² É uma alusão ao lirismo *renascente*: a medida nova — o *dolce stil novo*. (Dante, *Purgatório*, XXIV, verso 57).

TIRSE

Que farei triste, nestas sombras frias!
Ao som destas ribeiras que farei!
Que posso fazer já senão chorar!
Ja tempo foi que por aqui cantei!
Ó quanto se mudou em poucos dias!
Triste de quem não pode alma mudar,
Rios que sem cansar
Sempre vejo correr
Montes que estais num ser;
S'algum óra d'amor força sentistes;
Ouvi d'hum pastor triste magoas tristes,
Qu'inda que não são estas as primeiras
Que vós cantar me ouvistes,
Ja póde ser que sejaõ derradeiras.

Quam livre de cuidados, quam contente
Me lembra que pisava esta verdura,
Cantando neste valle, onde me vejo
Triste, posto em prisaõ pezada, escura
Ond'alma chora em vaõ o mal, que sente
Chea de saudade, e de desejo.
Famoso, e rico Tejo,
Que banhas os ditosos
Campos, onde os fermosos
Olhos de Flora ao sol fazem enveja,
Quando será que taõ lédo te veja
Quaõ triste m'está vendo, e ouvindo aqui
O Lyma que deseja
Agoas que leva ao mar, levar a ti.»

SYLVIA

ÉCLOGA XIV

«Cantava Alcido¹ hum dia ao som das agoas,
Do Lyma, que mais brando ali corria;
Dizem que, por ouvir suas doces magoas.
Sobr'hum curvo penedo, que prendia,
Por cima da corrente vagarosa,
Se me não lembra mal, assi dizia.
Sylvia² nestes meus olhos mais fermosa,
Que o Sol de dia, que de noite a Lua,
(Não digo lyrio ja, não digo rosa.)
Que flor não cria o valle, que da tua
Fermosura não tenha grand'inveja;
Se taõ fermosa es, como es taõ crua?
Porque desprezas Sylvia quem deseja
Mais o teu gosto só, que a propria vida?
Porque t'escondes onde te não veja?
Nem sempre no bosque espesso escondida,
A mansa serva está posta em seguro,
Nem sempre em raso câpo he offendida.
Vem Sylvia² ja ver, neste cristal puro,
Teu brando parecer daqui de cima,
Deste penedo, menos que ti duro.
Porque fazes cruel tam pouca estima,
Desta fresca ribeira, destas flores,
Que mansamente rega o manso Lyma?
Aqui as doces aves seus amores,
D'um ramo, em outro ramo vaõ cantando;
Aqui se veste o campo de mil cores.
Daqui donde por ti estou chamando,
No fundo deste pégo os negros peixes
E os broncos seixos estarás contando.

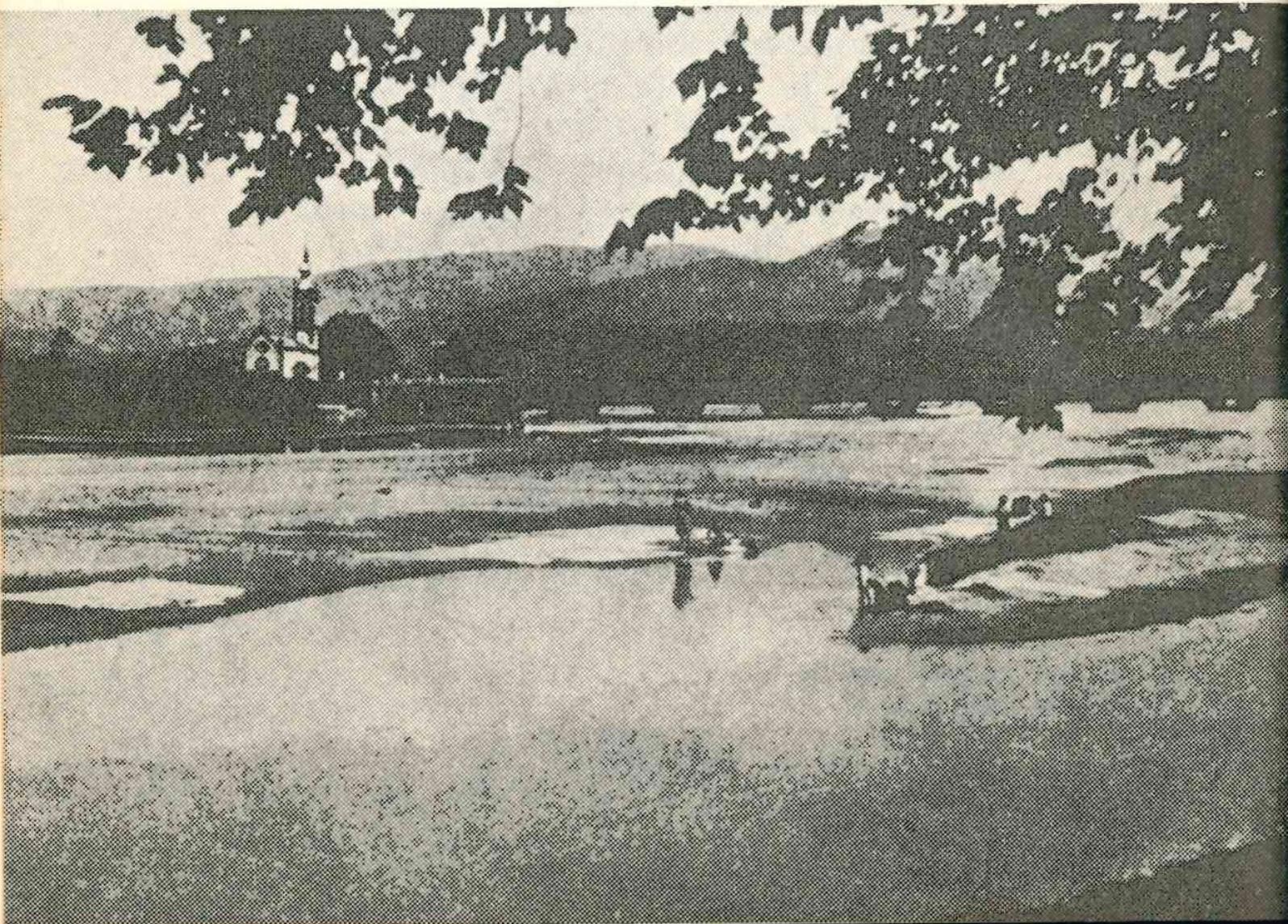
¹ *Alcido* personifica Bernardes.

² *Sylvia*, a amada de Bernardes.

Ou te queixes de mim, ou te não queixes,
Ou branda, ou sempre irosa me respondas,
Este fresco lugar Sylvia não deixes.
Huma sombria lapa em que t'escondas,
Do sol te mostrarei dormirás nella;
Ao som do murmurar das roucas ondas.
Em tanto do teu gado serei vella,
E juntamente t'estarei tecendo,
De branca madre-sylva huma capella.
Dali indo o sol ja menos ardendo,
Ao longo deste rio nos iremos,
Hora huma flor, hora outra flor colhêdo.
Os olhos pelo campo estenderemos,
O saudoso Melro d'huma banda,
E o doce Ruysinol d'outra ouviremos.»

.....
(«Obras Completas», Vol. I, II. Ed. Liv. Sá da Costa. Prefácio e notas do Prof. Marques Braga).

Ponte sobre o rio Lima e Santo António da Torre Velha



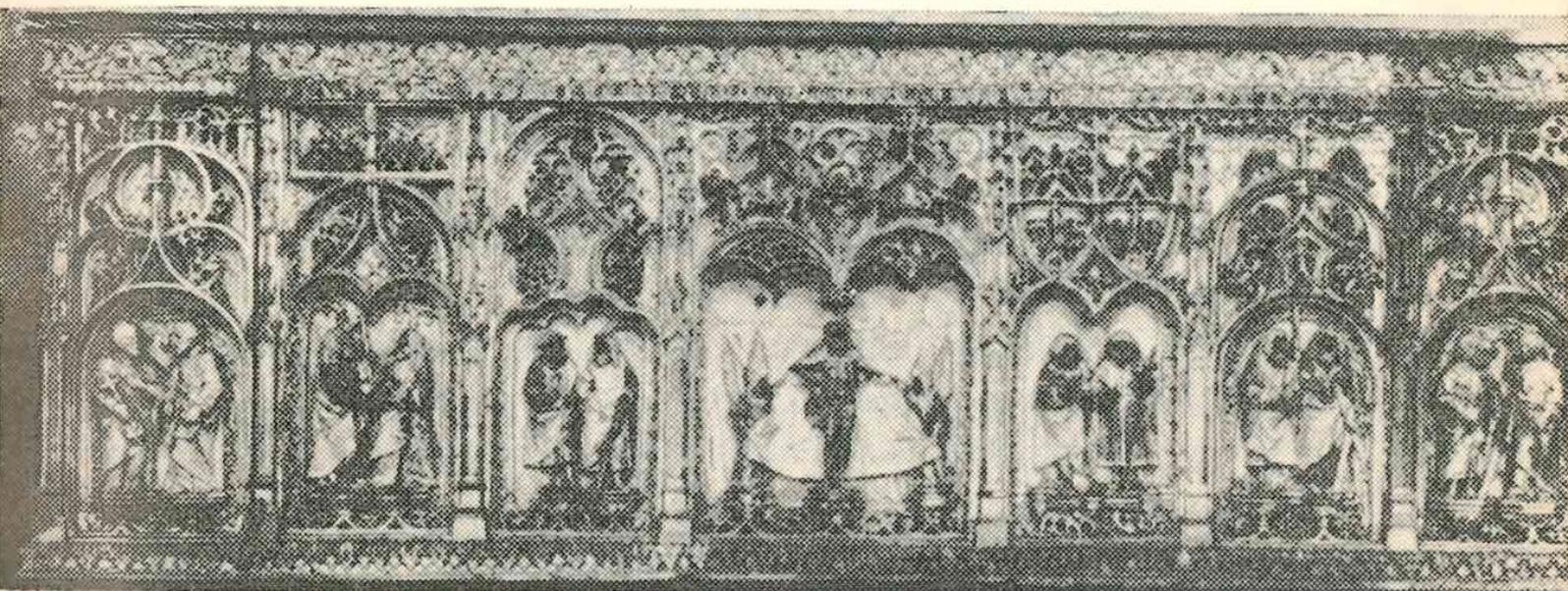
LUÍS DE CAMÕES

1524-1580

DE GUIMARÃES O CAMPO SE TINGIA...

«Mas o Principe Affonso (que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era maior.



Retábulo de um altar na Sé de Braga

Ó Progne cru! ó magica Medea!
Se em vossos propios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea
São as causas deste erro principais:
Scylla, por huma, mata o velho pai,
Esta, por ambas, contra o filho vai.»

(«Os Lusíadas»)

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

1542 - 1619

ELEGIA

«Junto das bravas agoas Oceanas
Choro quanto cantei na mocidade
O' som daquellas mansas Limianas;

Daquellas, que já foram noutra idade
Com nome de Letheas celebradas
Por lhes faltar do curso a liberdade.

Que estando tanto tempo represadas,
O tempo lhes deu nome d'esquecidas,
Até lho dar Bernardes de lembradas.

Mostrai-vos, claras agoas, tão sentidas,
Quanto vos deu Bernardes de brandura,
Vejam-vos de correr ficar corridas.

Deixai seccar nos campos a verdura,
Como já nos do Tejo se seccou,
Por darem a Bernardes sepultura.

Mostrai mais do que nelles se mostrou;
Pois o ser natural mais vos obriga,
Além de quanto mais vos obrigou.

Cuidai que não se achou memoria antiga,
Que tanto vosso nome celebrasse,
Quanto não faltará quem melhor diga.

Ainda que se agora não deixasse
De lhe dar o louvor que se lhe deve,
Não faltaria quem me desculpasse.

Mas quem tão differente do que teve
A vista dos seus olhos, desencolhe,
Quanto mais quer louvar, menos se atreve.

Que de humanos louvores não se colhe
Outro fructo, senão remordimento
De quem semea, e mais de quem recolhe.

Podera-me abalar o sentimento
Da fraca humanidade noutra terra,
Não nesta, em que só pobre vivo isento.

Mettido numa lapa desta Serra,
Que tenho que esperar ou que temer
Nos successos da paz, ou nos da guerra?

A morte já não tem que me empecer,
A vida pouco já deve durar,
A conta não me fica por fazer.

Poderam-se os gentios quietar,
Sem gosto da christã filosofia,
Com gostos desta vida desprezar.

Quanto mais o que delles se desvia,
Escolhendo o melhor, e mais seguro,
Por outra mais suave, e doce via?

Onde se faz mais claro o mais escuro,
Onde muito mais leve o mais pesado,
Onde muito mais brando o que mais duro.

Onde se o pé descalso he magoado,
Se cura com lembrar que seu Senhor
O foi nos pés, e mãos, cabeça, e lado.

A tanto se estendeu o Redemptor,
Que pelo meu trocou seu amor, sendo
O seu de Deos, o meu de peccador.

Daqui não sei passar, aqui suspendo,
Quanto posso alcançar, quanto sentir;
Pois que me vejo amar de quem offendo.

Donde posso acabar de concluir,
Que quando não puder chegar amando,
Suprirei com desejos de servir.

Póde ser que se abrande, desejando,
Tanto no peito meu minha dureza,
Que de duro se venha a fazer brando.

Para que sinta esta alma em fogo accesa
Tanto quanto mais nelle arder deseja,
Sem mais contradição da natureza,
Da que divino amor quiser que seja.»

(«Obras»)

FREI LUÍS DE SOUSA

1555-1632

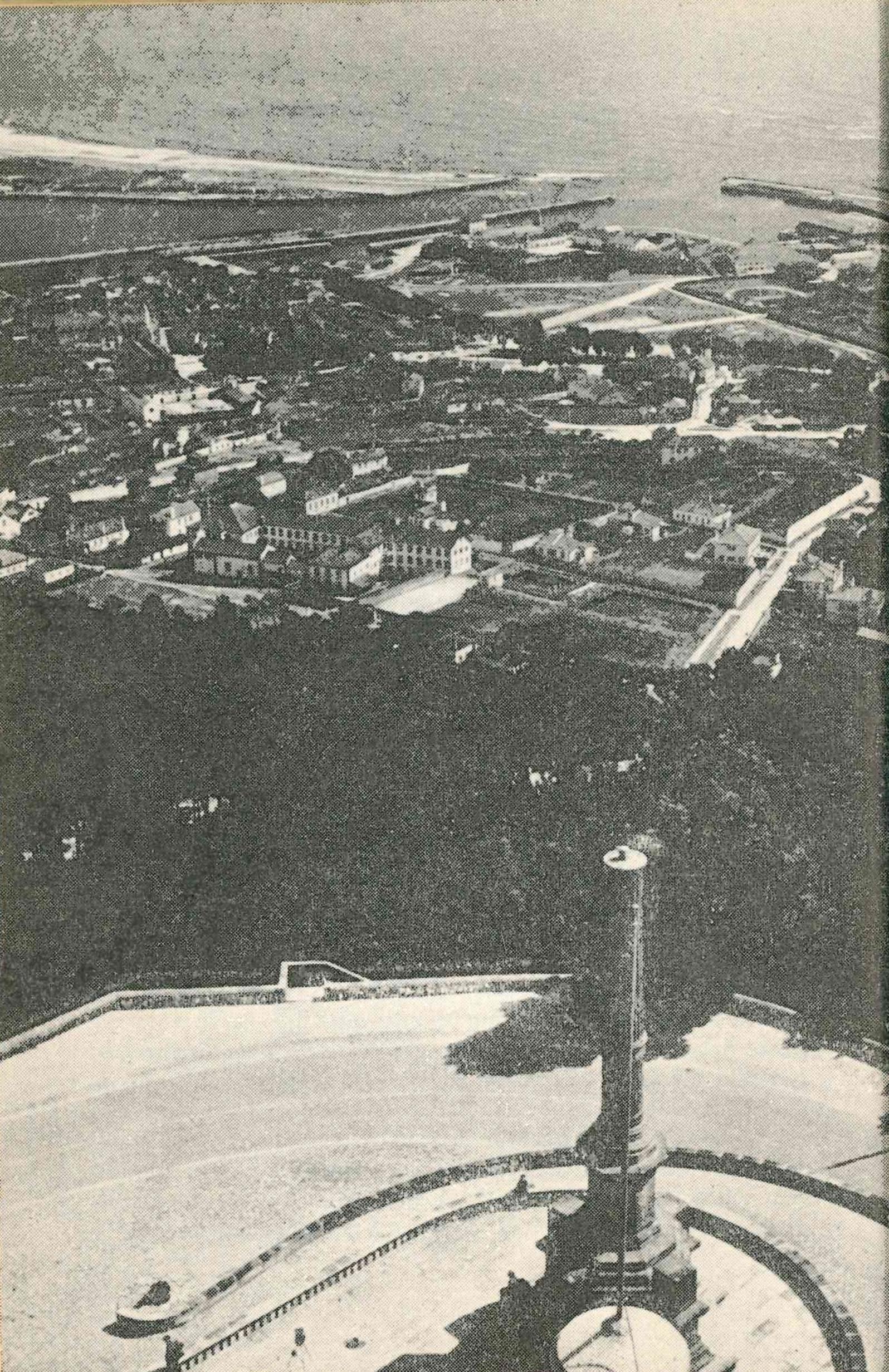
DO SÍTIO E ANTIGUIDADE E CALIDADES DA NOTÁVEL VILA DE VIANA

«Viana, que vulgarmente se chama da foz do Lima, pera differença de outra Viana do Alentejo, que dizem de Alvito, é vila tão notável em grandes e várias calidades e por tantas vias aventajada a estoutra do mesmo nome e a outras grandes do Reino, que mais depressa lhe houvéramos de consentir distincção, os que lemos as histórias do mundo, pera a differencarmos de Viana de Austria ou de Viana de França, que não da que lhe fica tanto inferior como esta de Alentejo.

E por esta razão pudéramos aconselhar aos moradores que, ou a nomeassem por Viana de Portugal ou Viana sòmente sem outra adição, de maneira que nomeando entre portuguezes Viana singelamente se entendera esta nossa, de que ao presente tratamos, pela figura que os retóricos chamam antonomásia ou excelência; que é aquella pela qual em Itália dizendo a Cidade entendemos Roma e, entre os homens de letras, o Filósofo é Aristóteles e o Poeta é Virgílio.

Esta vila teve nos tempos antigos mui diferente sítio daquele em que hoje a vemos.

Era seu assento sobre um monte alto que se levanta ao Norte dela, afastado do rio e do mar, sítio forte e sobranceiro, segundo naqueles tempos se buscava pera lugares de importância, respeito das guerras. Assi o afirma dom frei Prudêncio de Sandoval, bispo que foi de Tui e cronista da majestade del-rei D. Filipe III. E o mesmo quer dar a entender, falando dela em seus versos, o poeta Festo Rûfo Avieno, de nação godo, cujas obras escritas de mão e letra gótica, afirma o



mesmo cronista estarem hoje no famoso mosteiro de S. Lourenço do Escorial. São os versos:

*Viana salo, qua glauca recumbit
Hespericæ Oceano; Tyde hinc, atque Argua Calpe.
Hinc Hispanus ager, tellus hinc dives Iberum.*

A descrição representa sítio levantado e senhoril sobre o mar de Espanha, e que não tocava no rio, como agora, pois dele nenhuma menção faz. As demarcações são tomadas poéticamente ao largo: Tyde é Tui, Argua Calpe chama à serra de Arga, que aqui estende uma ponta que vem fazer rosto ao mar sobre Viana, e esta é a que Ptolomeu na *Geografia* de Espanha chama promontório Avaro. Os nomes de Calpe e Argua, achamos também no pergaminho de que fazemos menção no capítulo antecedente, usando deles o autor na situação do mosteiro de S. Salvador com pouca diferença do poeta e dizendo: *Eclesia Sancti Salvatoris in ripa Limicæ sub Alpe Tarragii et Arga*. Com que se fica acreditando bastantemente o poeta e o pergaminho um ao outro.

Assi temos o sítio antigo de Viana, que dom frei Prudêncio, no lugar que citamos, chama Viana a Velha. Do que tiramos duas bem provadas conclusões, primeira: que tem o lugar muito maior antiguidade da que comumente lhe dão suas lembranças e cartórios, que não chegam mais que a el-rei D. Afonso III de Portugal, e aqui lhe damos de mais de quatrocentos anos atrás; segunda: que não há que fazer caso de uma derivação que anda no povo do nome de Viana, fazendo dele duas dições, e contando certo sucesso que querem acreditar com o príncipe filho del-rei D. Afonso, o qual podendo haver acontecido, aqui não tem lugar, visto não dar el-rei nome à vila, pois o tinha próprio e antiquíssimo, e o mesmo que a tradição vulgar quer que tivesse princípio no tal sucesso, em cuja relação nos não detemos, polo havermos por cousa sem fundamento por não dizer ridícula. E, deixada por tal, mostraremos brevemente a mais alta antiguidade da vila e do nome e logo a razão de se darem os moradores por tão obrigados a el-rei D. Afonso, que só a ele referem tudo e não se alargam mais.

É de saber que polos anos de Cristo de 260, imperando em Roma Valeriano, era Viana tão célebre e reputado lugar que veio a ela um juiz ou presidente, por nome Minérvio, fazer pesquisa contra os cristãos por mandado do imperador. E foi esta a oitava perseguição das que teve a Igreja universal, e martirizou nela três valerosos santos, honra de vianeses, cujos nomes eram Teófilo, Saturnino e Revocata. Assi o afirma dom frei Prudêncio e alega autor gravíssimo Lúcio Flávio Dextro, pessoa de tanta erudição e qualidade, que mereceu dedicar-lhe S. Jerónimo o seu Livro dos escritores eclesiásticos. Traz o bispo as palavras formais de Dextro, que são as seguintes (e razão é que as estimemos muito): *Ano Domini 260. Octavo Kalend. Februarii Vianæ in Gallecia, prope Tuden passi sunt Sancti Martyres Theophilus, Saturninus et Revocata sub iudice Minervio in persecutoine Imperatoris Valeriani.*

Estes mesmos mártires, assi juntos, traz o Martirológio romano, só com esta diferença: que põem *Idus* onde Dextro tem *Kalendas*; o que em Dextro podia ser vício do escrevente. E não aponta nenhuma das particularidades que traz Dextro, mas como as não encontra, ficam em seu vigor e autorizadas. Não faça dúvida dizer *in Gallecia*, porque antigamente Viana era do bispado de Tui, e, nas demarcações do tempo dos imperadores romanos em que succedeu o martírio, Galiza não só tomava parte de Entre-Douro e Minho, mas chegava até o Douro, e, aí, fazia raia com a Lusitânia. Como também se estendia Portugal com o nome de Lusitânia muito adentro do que hoje é Castela, passando além de Mérida. Com as sucessões dos reis, que foram muitos anos depois, se alargaram e apertaram limites, segundo o que cada um tinha de mais ou menos poder, de mais ou menos ventura.

O que daqui se fica coligindo largamente é que, lugar em que vinha assistir presidente em nome do emperador, não podia deixar de estar em posse de grandeza e prosperidade; e, como em tal, pera terror dos pequenos e de toda a província, se faziam aquelas atrevidas e exemplares execuções, de grande glória pera os executados e felicidade pera a terra em que passavam. E se Viana já então possuía autoridade e o nome que hoje tem, bem se segue que uma cousa e outra tinha de

muitos anos atrás, porque uma celebridade illustre em fama e reputação não se vence em pouco tempo; e, quando lha não concedamos de mais anos que duzentos antes dos mártires, já fica com a ventagem de mil e quinhentos de ancianidade na primeira fundação e no nome.»

.....

«O rio dece acompanhado de uma e outra margem de quintas frescas e casais rendosos e lava os muros da vila da banda Sul. Não traz muita força de águas, que é causa de abrir pouco em foz, e ser a barra estreita e de pouco fundo; contudo é a melhor e mais segura e limpa de toda a costa, dês do Minho ao Tejo; e não a gabamos muito, porque, nesta distância, havendo muitos rios e alguns bem poderosos de águas, nem há porto bom, nem barra sem perigo.

Pera estarem seguros dos temporais os navios que entram, e haver juntamente comodidade na carga e descarga deles, corre ao longo do rio um grande e estendido cais de grossa cantaria, altamente fundado e terraplanado, com suas decidas de escadas e linguetas pera serviço de toda hora; obra de muito custo e de grande importância e nobreza pera a vila. E vai continuando rio abaixo até despegar dos muros; e, depois de acompanhar um espaço a povoação, de fora, alarga contra o rio e logo recolhe outra vez pera a terra, de maneira que faz em cima uma boa praça, e da esquina donde começa a recolher, lança um molde de forte muro, que corre água abaixo um bom espaço, arqueado como um braço. E assi, fica fazendo um reduto capaz de grande número de navios, estância seguríssima de todos os ventos que aqui fazem dano, porque além de poderem ficar dentro os navios em seco, e com as proas em terra ou metidos na vasa, ficam emparados dos ventos travessias, que entram por cima da barra, com outro muro que abaixo, em distância competente, sai da vila contra o rio e faz frontaria com a praça, que dizemos acima.

Guarda a boca do rio uma força feita à moderna com cinco grandes baluartes providos de boa artilharia e guarnição de soldados competentes. Mas melhor a guardam os moradores da vila, sempre espertos e sempre prestes a tornarem por si.

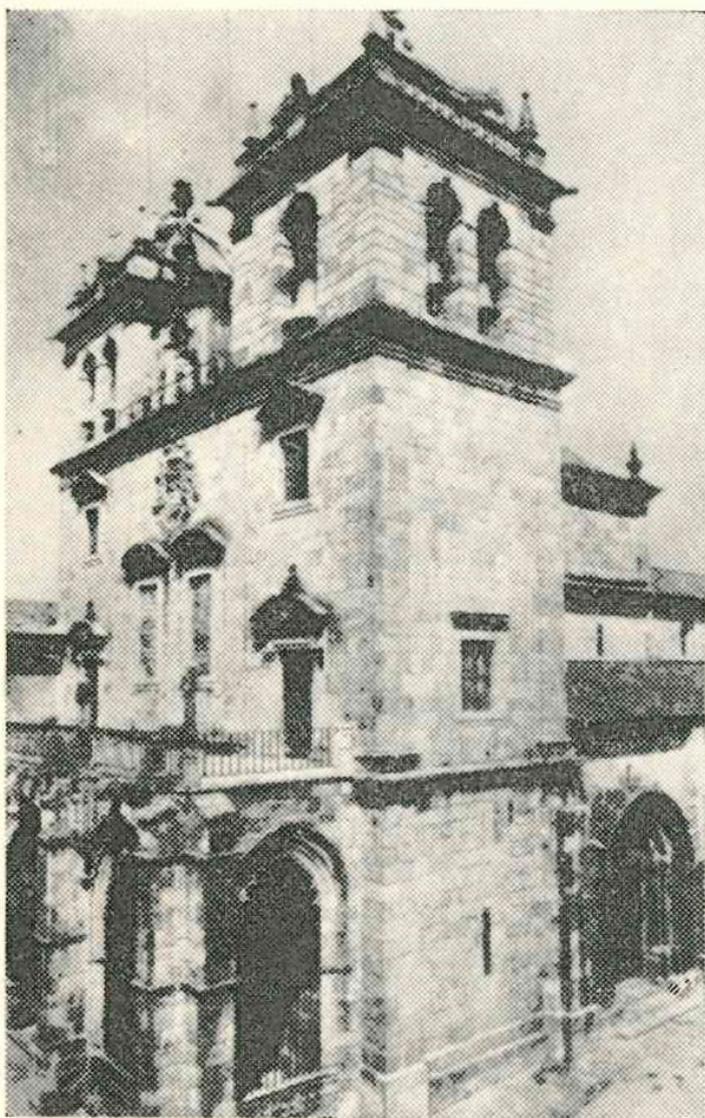
A vila é cabeça de comarca e correição com muitas vilas

e concelhos sujeitos à jurdição do corregedor dela; tem mais dous ministros reais letrados, um que é provedor da Câmara e outro juiz de fora, que administra justiça na vila e termo e preside no governo da Câmara.»

.....

FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

ENTRADA EM BRAGA



Braga — A Sé

minga. E logo nela apareceu na Sé e no púlpito, como se tivera tomado muitos dias de folga depois de jornada tão comprida.

«Entretanto vinha o Arcebispo correndo suas igrejas e como em cada uma se detinha visitando, quando esteve junto de Braga, era já quarta semana da Quaresma e porque teve notícia das festas que lhe tinham prestes, antecipou-se e entrou de noite em um dia da mesma semana. Assi veio a cumprir justamente os três anos de sua ausência, se lançarmos a conta de Quaresma a Quaresma; porque ele partiu uma segunda-feira da domingo da Paixão, três anos antes, como contámos no principio do segundo livro e entrou agora quase na véspera da mesma do-

Foi o concurso do povo, assi da cidade como do termo tão extraordinário, que era a igreja pequena, abafavam-se e não cabiam. Todos o queriam ver e ouvir e receber de perto a sua benção e significar-lhe cada um por si, ao menos com os olhos e semblante, o contentamento de o terem consigo. Pagava-lhes ele na mesma moeda; e, assi, lho declarou com palavras cheias de afeição paternal no primeiro conceito que levantou sobre o tema do sermão, que foi o princípio da Epístola que se cantou na missa: *Christus assistens Pontifex futurorum bonorum per amplius et perfectius tabernaculum non manu factum, id est, non hujus creationis, neque per sanguinem hircorum, aut vitulorum, sed per proprium sanguinem introivit semel in Sancta æterna redemptione inventa etc.* E procedendo adiante como trazia nos olhos fazer cumprir e guardar com puntualidade os santos decretos do Concílio, não quis perder a ocasião que as palavras de S. Paulo lhe ofereciam pera o manifestar aos ouvintes. E continuando na explicação delas discorria assi:

Que sendo, como era, o próprio bispado de Cristo, o ajuntamento dos escolhidos, que hão-de ir ao Céu; por essa razão não tomaria posse dele perfeita, senão no dia do juízo; antes do qual dia e até ele vai o bispado sempre em crescimento, assi como crece o número dos que se salvam. Donde inferia que os bispos aos quais pôs Deus no lugar dos apóstolos pera pregarem por todo o mundo o santo Evangelho, devem cuidar que também eles a seu modo são bispos da cidade do Céu, e que são por Deus escolhidos e por ele postos em tal dignidade e officio, pera que quanto em sua mão for, trabalhem por chegarem os homens a ser cidadãos desta santa cidade e familiares da casa de Deus e a todo seu poder e com todas suas forças procurem que se aumente cada vez mais o número de tão honrado povo.

Polo que não deviam haver os bispos que cumpriam bastantemente com sua obrigação, trabalhando por manter em paz e quietação e prosperidade suas ovelhas quanto à vida e bens temporais sòmente (porque esse é o fim e intento dos reis da terra e de todos os mais governadores

das Repúblicas seculares). Senão fazendo toda diligência e sacrificando a vida, se fosse necessário, pola salvação das almas, que são as que principalmente estão à conta dos prelados; e, tanto à sua conta, que, quando com boas razões e brandura, com conselhos e amoestações não poderem acabar com os súbditos, que em sua vida e costumes procedam com aquela limpeza e pureza que é bem resplandeça nos que pretendem ser moradores do Céu; em tal caso estão obrigados a usar de força e constrangê-los.

E não era inconveniente poder-se cuidar que, segundo a posse que muitas almas desenfreadamente dão de si ao pecado e ao inferno, seria perdido ou duvidoso o feitio que com elas usassem. Porque ainda que sucedesse ficar-lhes baldado seu trabalho, nunca ficaria perdido o merecimento dos bons e santos intentos. Que o galardão, onde a justiça é verdadeira, não se mede polos frutitos da seara, senão polo cuidado e diligência que em semear pôs o lavrador. Por onde S. Paulo não diz: *plus omnibus profui, senão: abundantius illis omnibus laboravi*, que quer dizer: fiz de minha parte mais que todos. Porque Deus não paga a obra dos pregadores pola medida do sucesso que dela resulta, senão pola tenção e eficácia com que trabalham e pregam; visto como a razão pede que não mereçamos com aquilo que depende da vontade e juízo alheio, que é o sucesso, senão só com o que é nosso próprio, como é o bom zelo e desejo de acertar em serviço do próximo.

E porque ele, visto o grande amor que todos lhe mostravam e o alvoroço e alegria com que festejavam sua vinda e principalmente por razão do ofício pastoral que tinha, se sentia obrigado a procurar com novas forças e muito de propósito o bem e remédio e salvação de todos, e esta em grande parte dependia da guarda inviolável dos saudáveis decretos que no santo Concílio com assistência do Espírito Santo toda a Igreja católica juntamente acordara, fazia saber a todos que determinava introduzir logo o uso e prática deles e fazê-los guardar puntualmente, esperando na misericórdia de Deus e no bom ânimo e devação que no rosto e olhos de cada um enxergava, que resultariam desta diligência tão

crecidos bens espirituais naquela cidade e arcebispado, que ele ficasse havido por homem agradecido ao que confessava dever-lhes, e, juntamente, bom executor do cargo que Deus lhe dera, e eles correndo com alegria polo caminho certo e seguro de sua salvação.

No domingo seguinte, que foi de Ramos, também pregou e logo à quinta-feira, fez solenemente aquela cerimónia santa, a que deu princípio Cristo, nosso Redentor, quando quis instituir o diviníssimo Sacramento do altar e ordenar em sacerdotes seus sagrados apóstolos. E passou desta maneira: mandou vestir doze pobres; e, posta uma mesa na sua sala, assentou-os a ela, e depois de os servir um espaço, pondo a cada um por sua mão o primeiro prato, assentou-se à mesa e comeu juntamente com eles.

Como acabaram de jantar levou-os consigo à Sé; e, na capela-mor, à vista do povo todo, lhes lavou os pés; o que fez com tanta devação e lágrimas que não houve peito tão duro que se não confundisse e tornasse de cera. E como tudo naquele dia e hora ajudava, foi cousa de grande edificação o pranto geral com que a Igreja inteira acompanhou a seu pastor.

Após o lavatório subiu-se ao púlpito e pregou o Mandato com um espírito tão abrasado e tamanho fervor que em todos renovou a compunção e as lágrimas.

Esta cerimónia fazia despois todos os anos; e, aos doze pobres, além do vestido e jantar, mandava dar na mão certa esmola em dinheiro.»

DOIS CASOS NOTAVEIS

«Juessus chamaram os antigos uma serra altíssima e igualmente fragosa do distrito deste arcebispado que hoje chamam os naturais monte Gerez; terra pobre e por razão da grande aspereza em muitas partes despovoada e tão alheia do trato humano, que cria ussos e porcos monteses e todo género de veação em abundância.

Visitando o Arcebispo as igrejas desta serra, chegou um dia a uma que chamam S. Martinho do Campo, assentada

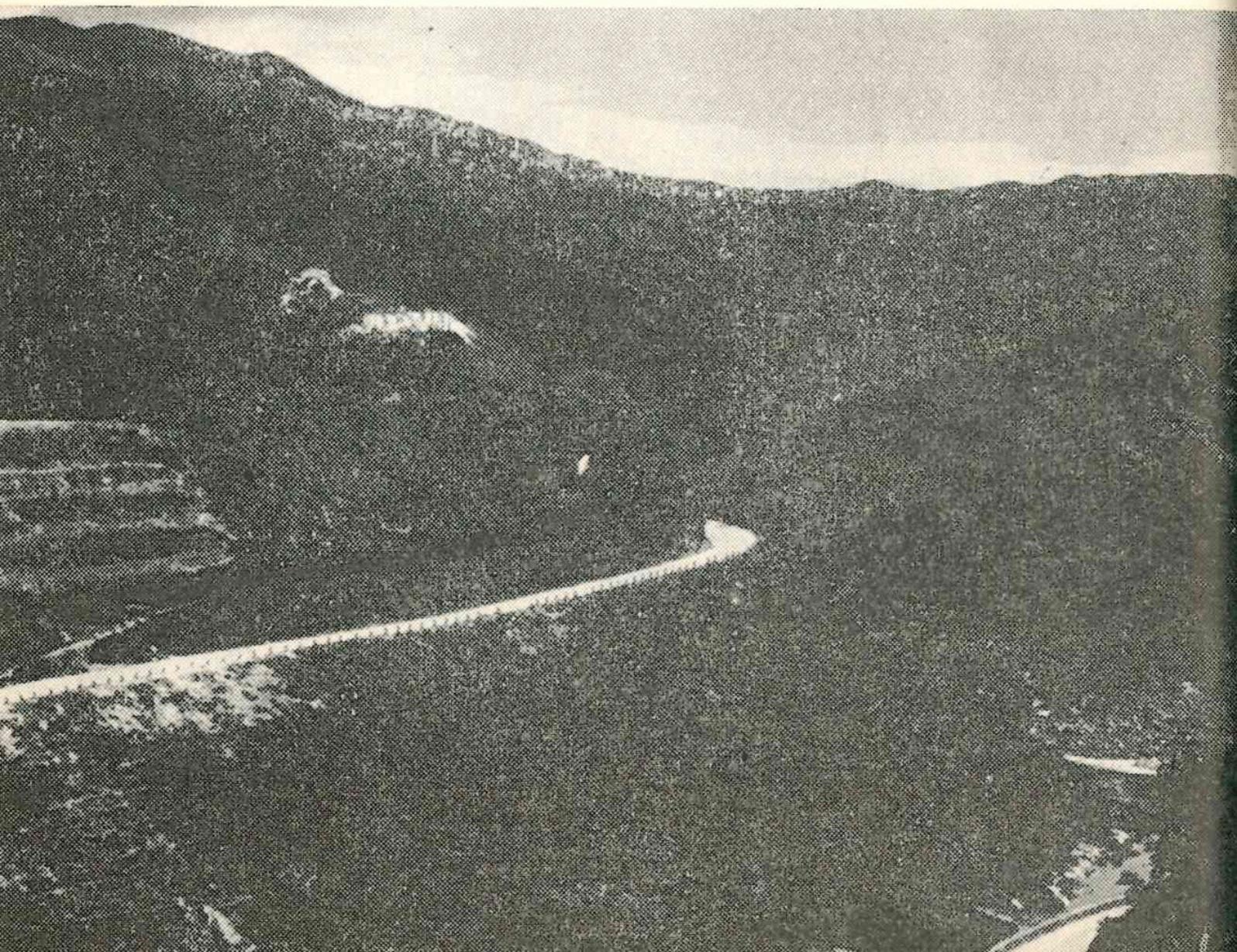
conforme ao nome em meio de uma várzea bem estendida, mas erma e desemparedada de toda companhia de gente.

Caminhava o Arcebispo com grande companhia; porque, como temos contado atrás, levava sempre consigo dous visitantes que, juntamente com ele, visitavam cada igreja, pera poder vencer o grande número de igrejas que havia. Cada visitante tinha seu escrivão e uns e outros seu fato e criados. Acompanhava-se mais o Arcebispo de seus capelães e outros criados, afora homens de estribeira e outros que entediavam em outros serviços, de sorte que ordinariamente eram número de vinte pessoas e mais.

E ou fosse descuido de quem tinha a cargo negociar o provimento necessário pera tanta gente, ou que se esperou do sítio mais abastança, faziam-se horas de comer e não havia cousa de que lançar mão.

Começaram alguns a agastar-se e a queixar-se, porque, sobre não haver ali nada, o lugar mais vizinho era mui distante, que se lá quisessem mandar, nem pera a ceia poderia vir

Panorama actual da serra do Gerês



cousa a tempo. Quanto mais que esse de mais perto era uma aldeia de quatro casas, tão pobre que nem uma boroa se acharia nela por muito dinheiro (boroa chamam por estas terras o pão de milho, que é mantimento ordinário de gente pobre) e sobretudo os poucos moradores dela andavam polo monte, homens e mulheres ocupados todos em seus serviços como gente que eram de trabalho e na guarda dos gados. Não faltavam outros mais desconfiados a quem a fome arrancava palavras mais pesadas:

— Que era forte cousa — diziam — andarem todo o ano atravessando serras, onde nunca prelado pusera pé, buscando igreijinhas de quatro pastores, mais selvagens que os ussos com quem se criavam, com quem era perdido o tempo e o trabalho. Que padecer, como faziam cada dia, calmas, frios, ventos, chuvas, neves, dormindo em palheiros e às vezes ao sereno, assaz de mal era, mas buscar despovoados acinte para morrer de fome, era uma crueza, um não ter dó dos criados e à custa alheia exercitar santimónias, pois pera a sua mesa vinha o provimento diante, e só os que o seguiam, haviam de ficar a benefício da ventura, pendendo do mal ou do bem das terras estériles e desaventuradas por onde se vinham embrenhar.

Entendeu o Arcebispo a queixa; e, sabendo que não era menos a falta que havia pera sua pessoa, cheio de confiança em Deus, com rosto alegre e risonho:

— Gente — dizia — de pouca fé, porque duvidais? Ânimo, ânimo, meus filhos; não haja ninguém que desmaie. Trabalhadores sois da vinha do Senhor, pois me acompanhais e ajudais; tão bom pai de famílias não pode faltar aos seus jornaleiros. Eu confio em sua divina providência, que por mais dificuldades que o tempo e o sítio ameacem, ainda hoje vos há-de sobejar, e nem o jantar haveis de perder.

Mal se quieta povo faminto. Tão seguramente falava o Arcebispo como se já vira o mantimento presente. Tão desconfiados e tristes estavam os seus que nada os esforçava.

Passava de meio-dia, eram dias de Maio e tinham caminhado toda a manhã, apertava a necessidade; senão quando levantando os olhos vêem cobrir-se os rochedos de uma e

Outra parte de homens e mulheres que se vinham arremes-
sando pelas costas abaixo a quem mais podia correr contra a
igreja; e notam que todos vêm carregados. Chegando mais
perto começam a divisar que uns traziam das suas boroas,
outros vasilhas de vinho, outros cabras montesas e quartos de
veado; nenhum vinha com as mãos vazias; e todos à porfia
queriam ser primeiros em se lhe aceitar sua oferta.

Acudiu tanto povo que se encheu a várzea, foi tanta a
comida que faltou quem a gastasse, ainda depois de cheios
os pobres. Parece que tocou Deus os corações destes monta-
nheses que, acudindo à visitação e vista de seu prelado adi-
vinhassem a necessidade em que estava e lhe acudissem com
o remédio.

Aqui visitou o Arcebispo, pregou e crismou e deixou suas
esmolas, como costumava. Este successo contavam depois os
companheiros com espanto da confiança com que o Arcebispo
os certificara do não esperado jantar e pasmados da abundân-
cia dele.

Mas não tardou muito tempo que viram outro que fez
esquecer o presente, porque na verdade foi bem claro milagre.
Passou desta maneira:

Andava o Arcebispo visitando em terra de Montelongo (não
pudemos averiguar se foi neste ano, se no seguinte); e, por-
que não esperavam por ele, por ser esta visitação da obriga-
ção da igreja de Guimarães e não sua, achou tudo despro-
vido e em estado que chegando a horas de jantar a certo
lugar e em dias de peixe, não se achou em todo ele mais
que uma pescada seca e dous ovos, e à força de impor-
tunação alcançaram de uma pobre velha uma boroa, e não
grande, que vendeu, como a peso de dinheiro, por sessenta
réis.

É de saber que fora este ano geralmente estéril, e com
grande excesso, em toda a terra de Entre-Douro e Minho, e
começavam a entrar as fomes, que depois foram em creci-
mento e vieram parar em peste e ar corruto, que correu todo
o Reino com infinito dano.

Estava afligido o Arcebispo por conta dos seus, que eram
entre todos vinte duas pessoas e tinham madrugado aquela

manhã e estavam moídos do trabalho do caminho comprido, e bem necessitados.

E ainda que igualmente faltava pera sua pessoa, porque era acabado o alforge, não sentia por sua conta nada, só dos seus se lastimava e doia-se também dos pobres do lugar, que já lhe tinham posto cerco à porta.

Enfim assentou-se à mesa com uma extraordinária alegria de um movimento súbito; e ele mesmo a benzeu e começou a comer. Assentaram-se juntamente os continos de sua mesa, que, vendo o bom ar do Arcebispo, fizeram o melhor rosto que podiam por lhe darem gosto, e começaram a lançar mão do que havia.

Maravilhas do Senhor. Tal foi a virtude e o sabor que Deus Nosso Senhor foi servido pôr naquelas pobres iguarias, que se não podiam ver fartos delas, e foram comendo como enlevados, sem cair no que passava até se sentirem bem satisfeitos.

E, levantados, entraram os companheiros da segunda mesa e acharam que comer com tal abundança que houve pera todos largamente e pera os da pousada, e ainda houve sobejos pera os pobres.

O hóspede da casa como foi o que mais sentiu a falta por ser em sua casa, foi também o que mais notou o successo daquela mesa; e, assombrado do que vira, tinha-o por verdadeiro milagre. Mas o Arcebispo lançando-o em graça disse pera Pedro de Freixo, que era o que trazia a cargo o serviço da sua mesa e aposento:

— Pedro de Freixo, desta maneira e com estas pobrezaas me dai sempre de comer, que eu vos afirmo que há muito tempo que não jantei tão bem, nem achei tanto gosto no que comi.

Assi o disse o Arcebispo e o mesmo confessaram todos. Mas queixo-me deles como ingratos, que, conhecendo uma maravilha tão fora das leis da natureza e prodígio averiguado, não fizeram nele tal diligência que ficasse em estado de nos poder servir hoje pera pretendemos e fundarmos a canonização de quem merecia a Deus favores tão raros.»

ANTÓNIO DE SOUSA MACEDO

1606-1682

O LIMA

...Y finalmente de la femejança del nombre entre câpos Elyfios, y câpos Lyfios, como se llaman los de la Lufitania, Lyfitania, o Portugal bien puede formarfe algun argumento por esta parte.

Pero en qual de Portugal diremos que estaban estos campos, segun los antiguos? Camões parece dezir que en los que llamamos de Alem Tejo, en quanto escriue que eran aquellos que riega el rio Guadiana, o Odiana. Mas lo cierto es, que eran en entre Duero y Miño, y afsi dize un moderno, que si vuo campos Elifeos eran estos, y si no los vuo, feran estos; y lo pruebo con vn fuerte argumento: Es cierto que afirmauan los antiguos, que el rio Lethes estaua en los campos Elyfios, y que este rio caufaua en los que le passauam oluido de las cosas, como se lé en Virgilio, q̃ cuenta que Eneas andando por los campos Elyfios llegó al rio Lethes,

*Laetehaeumque domos placidas
qui penetrat amnem;*

Y que preguntando a su padre Anchifes que rio era aquel? le respondiera que era de oluido.

*Laethaei ad fluminis vndam
Securos latices, longa oblinia petant*

Este rio bien se sabe que está entre Duero y Miño, a quien vulgarmente llaman Lyma, y las historias nos cuentan como llegando allí Bruto con su exercito los Romanos no querian passar el rio, por no quedar olvidados de su patria, y todo lo demas. No se puede luego negar, que los campos que este rio riega son los Elyfios...».

(«Flores de España, Excelencias de Portugal»)

MANUEL GOMES DE LIMA BEZERRA

1727-1806

JAZ ENTRE DOURO E MINHO UMA COMARCA...

«Jaz entre Douro e Minho huma Comarca,
Que do Porto a Ponte vedra de comprido
Legoa de Espanha dez e oito abarca
Nas linhas do Geographo mais fido:
E dezefeis no largo se demarca,
Breve espaço de terra no medido,
Mas no muito, que dá, no bom, que encerra,
Parece a terra Ceo, ou Ceo a terra.

O benigno do clima, o fam dos ares
As faudades conserva, estende as vidas;
E as ervas de Esculapio fingulares
Sobejaõ fó de Marte nas feridas:
Em voltas cento o Rei dos luminares
As forças acha pela gente unidas,
E a cada passo alegre a mocidade
Exemplos conta de longeva idade.

O monte erguido, a levantada ferra
Com modesta foberba e louçania
No frondente arvoredos e rica terra
Engastaõ a bizarra pedraria:
Por campos de ouro nas feras erra
Do Zefiro fuave a planta fria,
E sempre move a sua o caminhante
Por fombros, que o calor de Phebo espante.

Seis maritimos portos celebrados
Lhe deraõ sempre a mais famosa estima,
Os Faunos das Nereidas namorados,
Douro, Ave, Minho, Leça, Cabdo, e Lima.
He fama, que por elles despenhados
No valle fundo da elevada fima
Entravaõ pelo mar com fortes brios;
Mas convertidos hoje em doces rios.

Outros muitos, mais inopes de argento,
Com lenta via os valles paffeando,
Vaffalos feus, e duas vezes cento,
Entrar nelles fe vem tributos dando:
Queixofo o Sol do genitivo alento,
Que feus raios tempera frefco e brando,
Autor fe faz da eterna primavera,
Quando o Favonio a mefma gloria efpera.»

.....

(«Os Eſtrangeiros no Lima»)

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

1800-1875

«BERÇO VENERANDO DA MONARQUIA...»

«Se algum dia uma saudade filial do mundo antigo te nascer no coração, como um pensamento de poesia, como uma flor de Primavera, que, sem semente, vem criada a um bafo puro do Céu; se jamais saíres da sombra conhecida do teu tecto, não para ir visitar as capitais florescentes e juvenis, mas os cemitérios dos grandes povos, a Itália, a Grécia, o Egipto, a Síria; os meus votos e invejas te acompanharão, porque tu não vais, como os frívolos cortesãos e falsos amigos, embriagar-te ao banquete das nações no dia da prosperidade; vais, como piedoso romeiro, tributar calado oferenda de suspiros aos finados, e volverás para entre teus filhos largos séculos mais velho para a sabedoria.

Pelas conchas da murça e maviosa toada de seus cantares se distingue de longe o cristão romeiro; mas tudo isso depõe ele, com o bordão, ao cabo da jornada, no canto da sua lareira. Só a melancolia grave, que é meia virtude, só as palavras de aviso, que são meia felicidade, só o desapego dos bens moveiços e cambiantes do mundo, que é no mundo o único bem possível, lhe permanecem, e o acompanham até à hora derradeira.



Se em terra, porém, de Lusitânia abriste os olhos, se o primeiro passo que deste, descido dos braços maternos, foi em terra de Lusitânia, seja ela a que estreie os teus pés, e te afaça para as viagens longínquas. Seja o antigo Minho o primeiro que te apascente de recordações gloriosas.

Ó berço venerando da Monarquia, tão largamente rainha! não são as muitas delícias de que a Natureza te arraiou, perfumado como paraíso, não é a índole anciã dos filhos que ainda hoje crias, esses homens tão laboriosos, tão constantes, tão leais, tão Portugueses, e essas mulheres tão dignas deles, tão virtuosas, tão mulheres, não é a abundância que de teu solo e indústria dimanava para toda a parte, o que mais e melhor namora a vontade ao viajante sabedor dos tempos que foram. Tu conservas ainda padrões e monumentos de nossa primeira idade...»

(«Quadros Históricos de Portugal»)

ALEXANDRE HERCULANO

1810-1878

GUIMARÃES NA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE

«As terras de Portugal em que dominavam ou influíam os parciais de Afonso Henriques começaram a rebelar-se nos princípios de 1127. Entre elas Guimarães, a antiga corte do conde Henrique, declarou-se pelo infante, que aí se achava. A invasão de Afonso VII veio então impedir ou antes adiar a guerra civil. Na sua marcha vitoriosa o rei de Leão, rendidos outros castelos e povoações, pôs sítio a Guimarães; porque ao príncipe não importava por certo se era sua tia ou seu primo que regia Portugal; importava-lhe que esta província reconhecesse a sua autoridade suprema. Depois de alguma resistência, vendo que as suas forças não bastavam para repelir aos cercadores, os barões e cavaleiros encerrados nos muros de Guimarães declararam em nome do moço

Afonso que ele se consideraria de futuro vassallo da coroa leonesa. Egas Moniz, poderoso fidalgo, cujos senhorios se dilatavam pelas margens do alto Douro e que, talvez mais que nenhum, gozava a reputação de homem leal, ficou por fiador da promessa. O rei de Leão levantou o cerco e, depois de reduzir à obediência D. Teresa, retirou-se para Galiza. Quando, porém, os sucessos de 1128 entregaram Portugal nas mãos do filho do conde Henrique, ele esqueceu as promessas de Guimarães, e com ele as esqueceram os barões portugueses. Só Egas Moniz se lembrou do que jurara. Seguido de sua mulher e filhos, dirigiu-se à corte do monarca e apresentando-se perante ele descalço e com uma corda ao pescoço, pediu para resgatar com a morte a sua palavra nunca traída. Era grande a cólera de Afonso VII; mas venceu-o aquela inaudita façanha de lealdade. Deixou-o partir solto e livre e, o que era mais para o nobre cavaleiro, sem a tacha de deslealdade.

A independência portuguesa, que por tantos anos tendera a realizar-se, retrocedia ainda uma vez; era um problema cuja solução já perto do seu termo devia tornar a ser tentada de novo. Mas as consequências da vitória obtida pelo rei de Leão, posto que graves, não eram talvez as mais de recear: o amor cego da rainha por um homem alheio à província, poderoso por alianças e parentescos com muitos ilustres barões da Galiza e ainda de Leão e de Castela, e a importância que, além dele, obtivera em Portugal seu irmão mais velho, Bermudo Peres, o qual nos princípios de 1128 achamos dominando em Viseu, e por consequência a clientela numerosa, quer de naturais, quer de estrangeiros, cujos interesses seriam conformes com os dos dois irmãos, tudo servia para tornar duvidosa a sorte futura de Portugal, ligada à vontade de um valido, cujo procedimento político podia ser guiado por considerações e respeitos contrários à desejada independência do país que indirectamente governava. Se atendermos à confiança que, pouco depois, Afonso VII punha no conde Fernando Peres, e à guerra que este fez a Portugal com os outros condes de Galiza, como adiante veremos, não será demasiado violento supor que na invasão de 1127 ele contribuiria para

D. Teresa dar obediência ao rei de Leão; pressuposto tanto mais provável, quanto nos consta que o principal autor da pacificação foi o antigo favorecedor do conde, o célebre Gelmires.

Tal era a situação política do País. Afonso Henriques, o moço cavaleiro, chegara à idade de dezassete anos. Era ele, segundo o testemunho de um seu contemporâneo, destro nas armas, eloquente, cauteloso e de claro engenho. Ajuntava a estes dotes, que devemos supor exagerados por se atribuírem a tão curta idade, a nobreza da figura e a beleza do rosto. A ambição do poder, o exemplo de seu primo Afonso Raimundes, a disposição dos ânimos irritados contra o domínio de Fernando Peres, as instigações dos fidalgos, a exclusão ignominiosa em que o conservavam dos negócios públicos, tudo o excitara a colocar-se à frente de uma revolução cujas consequências, naqueles verdes anos, não era fácil prever. Tinha amigos próprios, e a principal nobreza preferia vê-lo apossar-se do mando supremo a sofrer que os estranhos e os partidários destes governassem por intervenção de D. Teresa. Como se manifestou a rebeldia e quais foram as particularidades que ocorreram nela são cousas sobre que restam sobejas fábulas, mas apenas fugitivas memórias. Parece, porém, certo que nos primeiros meses de 1128 a guerra civil, encetada no ano antecedente, se preparava de novo ou já porventura começara. As principais personagens que em Maio desse ano estavam ligadas com Afonso Henriques eram o arcebispo D. Paio, seu irmão Sueiro Mendes, denominado o *grosso*, Ermígio Moniz, Sancho Nunes, marido que era ou depois foi de D. Sancha, irmã do infante, e Garcia Soares. Diante destes e doutros nobres cavaleiros de Portugal declarava ele em Braga a sua intenção de se apossar do governo, e fazia de antemão mercês ao metropolitano, contando com o auxílio dele nessa empresa.

Pelos indícios que os documentos nos ministram, o infante abandonou sua mãe, a qual talvez se achava então na corte de Afonso VII, e dirigiu-se à província de Entre Douro e Minho no mês de Abril. A revolução parece ter rebentado naquela província, dilatando-se pelo distrito de Guimarães, pelo con-

dado de Refoios de Lima, pelo território de Braga e pelas terras, enfim, dos nobres que seguiam a parcialidade do infante. A suspeita da ausência de D. Teresa na ocasião do alevantamento adquire maior probabilidade, se atendermos a que só quase três meses depois os dois partidos vieram a uma batalha, que foi decisiva e fatal para a rainha. De feito, esta, tendo marchado para Guimarães com as tropas dos fidalgos galegos e dos portugueses seus partidários, aí se encontrou com o exército do infante no campo de S. Mamede junto daquela povoação. Foi desbaratada D. Teresa e fugiu: nesta fuga, porém, perseguida pelo filho, ficou prisioneira com muitos dos seus. A tradição refere que Afonso Henriques a lançara carregada de cadeias no castelo de Lanhoso. Não desdiz essa tradição dos costumes ferozes do tempo; mas desdiz dos monumentos coevos, que não a autorizam. O que é certo é que num só dia de combate o poder supremo, que o moço príncipe tanto ambicionava, lhe caíra nas mãos.»

(«História de Portugal»)

NO CASTELO DE GUIMARÃES

«Estão reunidos em assembleia-grande os barões e ricos-homens de Entre Douro e Minho e os cavaleiros estrangeiros que com Fernão Peres vieram para o Condado de Portugal.

É animado e tempestuoso o conselho e o senhor estranho sabe que, por ele e pela Infanta de Portugal, só estão, de corpo e alma, os estrangeiros que com ele vieram.

*

* *

A hoste do moço Infante aproxima-se de Guimarães e vem em som de guerra. É Garcia Bermudes que o vai anunciar ao Senhor de Trava e juntos combinam reter dentro dos muros do Castelo os partidários do Infante.

No coração da Infanta, em que lutavam dois amores, o materno é vencido, D. Teresa sofreu já combates, passou noi-



Túmulo do Conde D. Henrique (Sé de Braga)

tes sem sono, cavalgou dias inteiros. O seu coração não conhece o medo, o seu corpo, o cansaço. Se algo a fazia tremer e sofrer, era dor de ver irmãos contra irmãos, de saber que o filho contra ela ousara pegar em armas. Agora que o Infante avança em som de guerra, agora que o Infante à face do Condado inteiro se ergue contra sua mãe, ela deixa de o ser. Não é mais a mãe de Afonso Henriques, é só a Infanta de Portugal que defende os senhorios deixados por seu marido.

A conversa entre o Senhor de Trava e Garcia Bermudes é escutada pelo Bobo que escarnece ambições e amores. Garcia Bermudes, no seu amor infeliz, é uma das suas vítimas.

Mas o que se perdoa quando a alma está tranquila é ofensa mortal quando o coração sofre.

«Que sejas açoutado pelos meus cavaliços» — ordena Fernão Peres de Trava.

O Bobo sofre amargamente pela injúria: mandá-lo açoutar a ele, D. Bibas, mimoso do Conde D. Henrique!

— Ah! Conde maldito, pagarás cara a afronta! Hoje ris, mas ainda virá o dia em que chores e então não te valerão lágrimas!

*

* *

Misteriosamente, todo embuçado, um peão pede para falar a Gonçalo Mendes, Senhor da Maia. A sós, revela-lhe que é Egas Moniz Coelho que volta da Terra Santa e que, por seus olhos, queria certificar-se do que de Gonçalo Mendes se dizia no arraial do Infante: que a estada em Guimarães mostrava que o Lidador era de D. Teresa e traíra o seu príncipe.

E Gonçalo Mendes revela-lhe que até ao fim, até à perda da última esperança procurara evitar aquela atroz guerra de irmãos. Que quando o momento de combater chegasse, lá o encontrariam, a si e aos seus homens de armas, no arraial do Infante.

*

* *

Mais que certificar-se da lealdade de Gonçalo Mendes queria Egas Moniz ouvir da boca de Dulce a verdade sobre o seu

amor. Tinham-lhe chegado à Terra Santa novas de que a donzela o esquecera. Acreditara. Mas queria que ela própria lho dissesse.

Arriscava, talvez, a sua vida naqueles paços, ele a quem Fernão Peres odiava com o mesmo ódio implacável que votava a seu tio, o velho aio Egas Moniz.

E Egas vai ter com Dulce onde julga que a poderá, talvez, achar: a um jardim, onde outrora muitas vezes se encontravam, de que ele ainda conservava a chave.

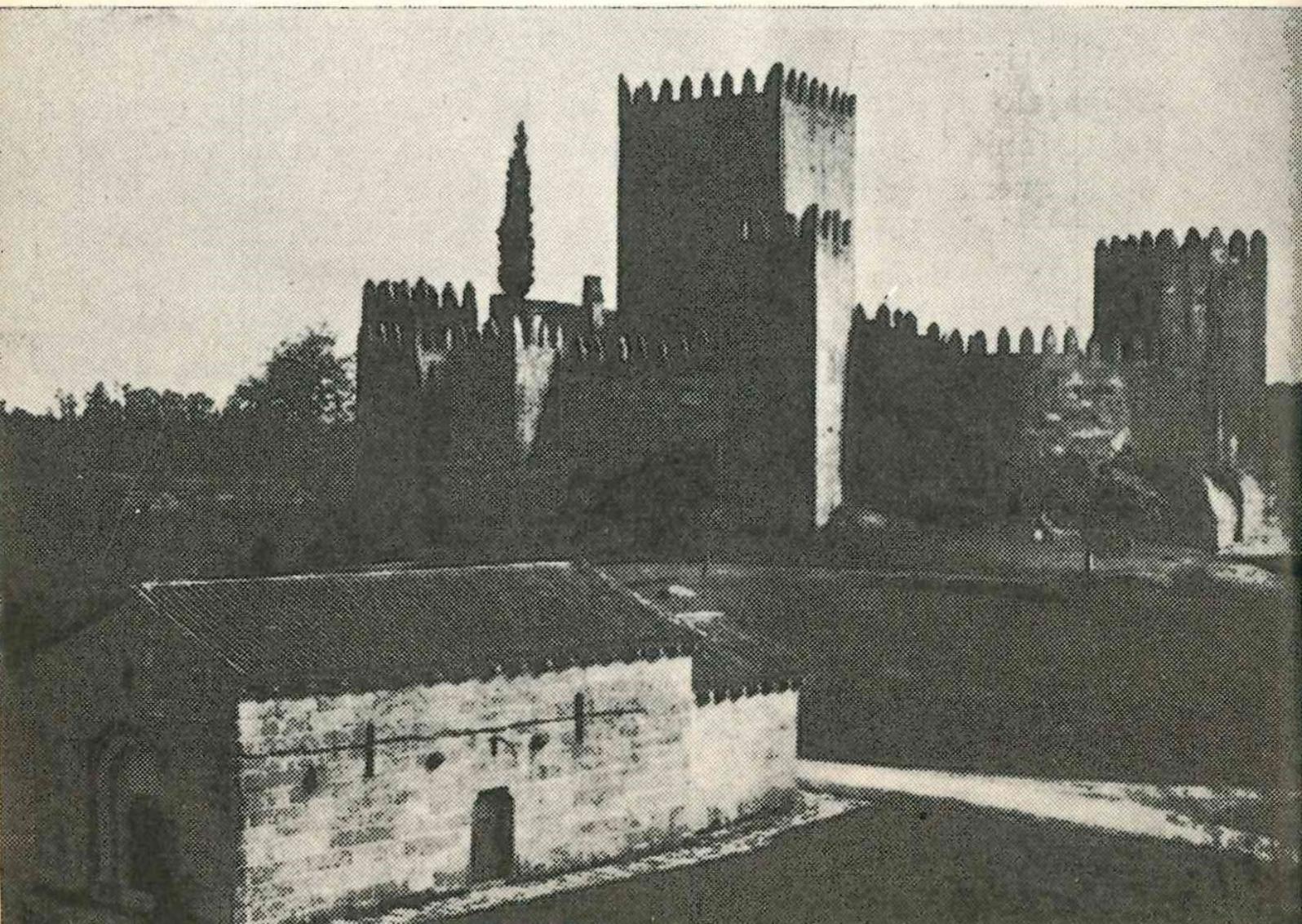
E lá encontra Dulce, e ali sabe que ela durante a ausência lhe guardara o mesmo amor e que, para o seguir, estava disposta a abandonar a própria Infanta de Portugal que a criara e lhe queria como filha.

*

* *

Terminara o banquete em que, depois da cúria, se tinham reunido os barões e ricos-homens. D. Teresa a ele presidira

*GUIMARÃES — Igreja de S. Miguel do Castelo,
(onde foi baptizado D. Afonso Henriques), junto ao Castelo*



como rainha que não conhece o medo. A ela lhe competia também castigar e premiar. Começaria pelo prémio. A Garcia Bermudes, a quem muito devia e de cujos serviços muito ainda tinha a esperar, oferecia a mão de Dulce, sua filha adoptiva. O cavaleiro estremece: o conde de Trava cumprira a promessa mas Dulce está pálida, tão pálida! A sua felicidade vai rasgar-lhe o coração. E Garcia Bermudes ama mais Dulce que a si próprio.

E recusa a oferta da Infanta D. Teresa.

*

* *

Gonçalo Mendes quer sair dos Paços de Guimarães. Mas as saídas estão guardadas. O Lidador é prisioneiro do conde de Trava. Mas eis que alguém o procura: é o Bobo, o infeliz D. Bibas, a quem Fernão Peres não perdoara uma graça e mandara açoutar pelos seus cavaliários.

O Bobo, que é fraco e nada tem de seu, oferece ao poderoso Senhor da Maia um presente de rei: a saída do Castelo. Ele conhece uma passagem secreta, ele conduzirá Gonçalo Mendes e os seus homens para fora do Castelo de Guimarães.»

(«O Bobo»)

RECONTRO DE VALDEVEZ

«Ao longo das correntes do Lima, pela sua margem direita, as montanhas de Penagache na Galiza internam-se em Portugal, e vêm formar ao nascente de Arcos de Valdevez os ásperos pendores do Soajo sob as altíssimas chapadas da Peneda, cujos agrestes habitantes são ainda hoje dos que mais tenazmente conservam as tradições e usanças de antigos tempos. É território cresco de serranias e cortado de rios e torrentes. Perto da vila de Arcos, aquelas altas cordilheiras bifurcam-se e achatam-se, deixando para o poente a veiga de Valdevez. Avançando do lado do norte, depois de atravessar o Minho ou, talvez, marchando do nascente pela província de Trás-os-Montes, o imperador descia das alturas daqueles sel-

váticos desvios dirigindo-se às margens do Lima. Passada a Portela de Vez, que tira o nome do mesmo ribeiro que o deu à veiga, ele acampara em frente do castelo de Penha da Rainha, que era acaso o que posteriormente chamaram Torre de Penaguda. O conde Radimiro adiantou-se então com algumas forças a talar o território inimigo; mas não tardou a topar o infante que marchava rapidamente ao encontro dos invasores. Travou-se um combate, e o conde, que loucamente se atrevera a afastar-se do grosso do exército, foi desbaratado e cativo. Com este próspero sucesso os portugueses não hesitaram em avançar para Valdevez, e Afonso VII viu coroarem-se de uma selva de lanças as altas e ásperas serranias que se prolongavam defronte do seu acampamento.

Assim como as épocas de adiantada civilização tendem a fazer semelhantes os costumes de povos diversos, assim na infância das sociedades usanças bárbaramente poéticas se repetem frequentemente entre nações divididas por largas distâncias de espaço ou de tempo. Os heróis da *Ilíada* preludivam ao travar as batalhas por combates singulares, com os quais se excitavam o esforço e o entusiasmo do comum dos guerreiros. A Idade Média viu muitas vezes renovarem-se estas cenas da infância da civilização grega, e nas raízes do carrancudo Soajo repetiram-se também esses duelos homéricos. Entre os dois exércitos a veiga do Vez oferecia-se como uma vasta estacada, onde os barões e cavaleiros de Leão e Portugal podiam encontrar-se corpo a corpo, sem a desordem e confusão de uma batalha, e experimentarem qual das duas províncias da Espanha gerava braços mais robustos, ânimos mais feros. Foi um largo torneio em que a vitória coube aos valentes homens de guerra do infante. Fernando Furtado, irmão do imperador, Vermudo Peres, cunhado de Afonso Henriques, o conde Ponce de Cabrera e muitos outros dos mais notáveis fidalgos da corte do imperador, derribados pelas lanças dos portugueses, ficaram prisioneiros, segundo as leis da cavalaria.»

(«História de Portugal»)

D. ANTÓNIO DA COSTA

1824-1892

O VALE DO CAVADO

...«que vale à esquerda, este, logo ao sair de Braga! O Vale do Cávado, como a vista se espraia por esses pomposos quadros de verdura!

— Como se chama este lugar, cocheiro?

— S. Jerónimo, senhor.

A carruagem seguia.

— É este agora?

— Pragoa.

Subo para a almofada. Quero gozar em cheio desta beleza.

Larga vista de planícies, substituindo gradualmente o vale. Mas ambas no fundo. Tabuleiros grandes e belos de arvoredo esmeralda. As árvores sem conta, cobertas de folha, a não poderem mais. Muitas delas enramadas de videiras. Passamos pelos lugares de S. Brás do Carmo, de S. Pedro de Merelim.

Raparigas alegres, afáveis, conduzindo carros. Muitas mulheres pelo caminho e nenhuma sem ir a fiar, para não perder o tempo. Vai a estrada cheia de camponesas. Impressiona, deveras, este afã e trabalho da minhota.

Oh, que formoso rio lá adiante!

— É vamos passar por aquela ponte, além?

— Sim, senhor. É a ponte do Prado.

Atravessamos a larga e pitoresca ponte.

Chegamos ao meio dela.

— Pára, cocheiro, deixa-me gozar isto bem.

A carruagem pára no meio da ponte.

O rio Cávado, ao qual desde a ponte do Bico vinha reunido o rio Homem, corre largo, soberbo, todo senhor de si, por entre margens risonhas e espaçosas.

Já do meio da ponte se avista a aldeia do Prado, à qual nos vai a ponte conduzir, aldeia meio escondida entre verdura como a deixar-se namorar, mas com recato, sem ainda dizer que sim.

Desembocamos da ponte.

Largo extenso. A aldeia do Prado faz-nos negaças na frente e no lado direito.

O cocheiro desagua os cavalos.

Oito horas, já! Supunha ter saído de Braga há três quartos de hora e caminhávamos havia duas horas.

— Vamos.

Não é fora de propósito esta momentânea aridez em seguida ao lugarejo de Freiriz. Seriam tão brilhantes os dias se as noites lhes não fizessem providencial contraste?

E a prova é que já a carruagem segue por entre lindas árvores. Dois escuros semicírculos de pinheiros, cada um de seu lado encravados em verdura. Principia a estreitar o caminho, por entre um formoso arvoredado baixo e copado. Parece que atravessamos por um jardim... A estrada, uma fita branca, vai estendida por ali fora, contrastando com a vegetação verdíssima.

De repente estremeço.

Que é?

Uma das maiores surpresas da digressão.

Rompe-se o arvoredado da esquerda, quando menos se espera, e a estrada mostra-nos, como de uma varanda sobranceira, a aldeia da Queijada, vista pela parte superior e tanto a Igreja como as casas parecendo nadar por entre as ramagens do arvoredado que fica lá em baixo. Que formosura!

A surpresa do repentino aparecimento, verdadeira cena de teatro, sucede-se outra surpresa, que é o desaparecêr tudo aquilo num abrir e fechar de olhos, porque o arvoredado da estrada cerra-se de novo como peça de entrudo.

Ainda olhamos a querer apanhá-lo. É inútil.

Fica-se com saudade.

Não fica. Lá torna a entrever-se, quando a estrada rodeia à esquerda. Queremos segurá-lo outra vez para o não deixarmos fugir, mas o ingrato foge-nos de novo, ou antes, o arvoredado da estrada fecha-o como um cortinado.

A vegetação vai tão conchegada a nós que parece necessário pedir-lhe licença para deixar passar a carruagem. Reabre o lindíssimo vale, mostra-se então mais francamente. Pudera! Como já lho não pedíamos!

Fecha-se a seu tempo e estreia-se outra novidade.

A estrada vai toda serpeando. Um arvoredado muito alto, espesso e unido, forma de ambos os lados duas paredes de verdura lisa, mas como segue o caminho todo em «ésses», a parede verdejante da direita vai-se também deixando formar em parede na retaguarda, a parede da esquerda vai-se formando em parede na frente, de modo que o viajante caminha sucessivamente por entre salões verdes e tendo por tecto o céu azul-claro.

Os formosos salões passam durante pouco tempo a ser de pinheiros, o que os escurece momentâneamente para daquele contraste retomarem a brilhante vegetação esmeralda. Rompem-se por fim as paredes desses fantasiosos salões e a vista espraia-se por uma larga planície de verdura.

Grande descida. Ao longe a vastidão descortinada. Vamos já passando por casais e depois por outros, mais outros e ainda outros, encontra-se mais gente campesina, o tráfego denuncia povoação importante.

Ponte do Lima!

Venho encantado.»

O RIO MINHO

«Do mesmo modo que uma ou outra vez mostra o Lima aspecto sério, assim também uma ou outra vez o Minho se apresenta gracioso. Além está na margem galega a povoação de São Campos com os frondosos amieiros em linha sobre o rio formando florestas para o interior, e além estão defronte de Campos, na margem do nosso Portugal, sobre um prado verdejante, massas de arvoredado que diríamos quadrados de caçadores.

Logo desaparece o quadro, para o Minho retomar a sua feição, até que por fim, na última parte, de Vila Nova de Cerveira a Caminha, se transforma numa grande magnificência, que é necessário, ó Lima, que tu valhas muito para que a palma disputada não seja entregue sem hesitação ao teu poderoso rival.



Arredores de Monção, junto à fronteira

Sim, um deslumbramento!

O Minho volta à esquerda. Em todo o horizonte, serras. No espaço intermédio, montes caprichosamente eriçados, lembrando os Alpes. Sumiram-se finalmente das margens os arvoredos. Vemos em redor de nós a imensa bacia que forma o rio, comunicando com o mar em nossa frente. Não sabe a vista onde vá pousar. No meio do rio estendem-se ínsuas. A primeira é a da Aboega. Pela margem portuguesa, prados, relvas, árvores espalhadas, para lá das planícies, terrenos alteados, a casaria dispersa, lugarejos, palacetes, capelinhas, uma paisagem admirável.

A nossa esquerda Gondarém, mais adiante Lanhelas, produzindo gracioso efeito as colunas de fumo que das chaminés se levantam, e do lado direito da Galiza com a sua povoação de S. Miguel em situação formosa, porque para além dela vão-se os montes abaixando, deixando aparecer ao longe

novos montes mais esbranquiçados e arenosos a contrastarem com os que lhes ficam mais próximos. E lá está, mais para a nossa esquerda, sobre uma colina, a povoação de Seixas, recostada por entre verdura, defrontando com a segunda ínsua por onde vamos passando, e a margem direita espraçando-se em planícies com os seus lugarejos poeticamente dispersos; já ali, outro rio, o Coura, a desembocar no Minho, e finalmente, a fazer as honras da nação ao Oceano, a graciosa Caminha, branca de neve, a cujo cais o viajante chega atónito, por querer abarcar ao mesmo tempo cada um dos variados quadros daquele quadro fascinador.»

(«No Minho»)

CAMILO CASTELO BRANCO

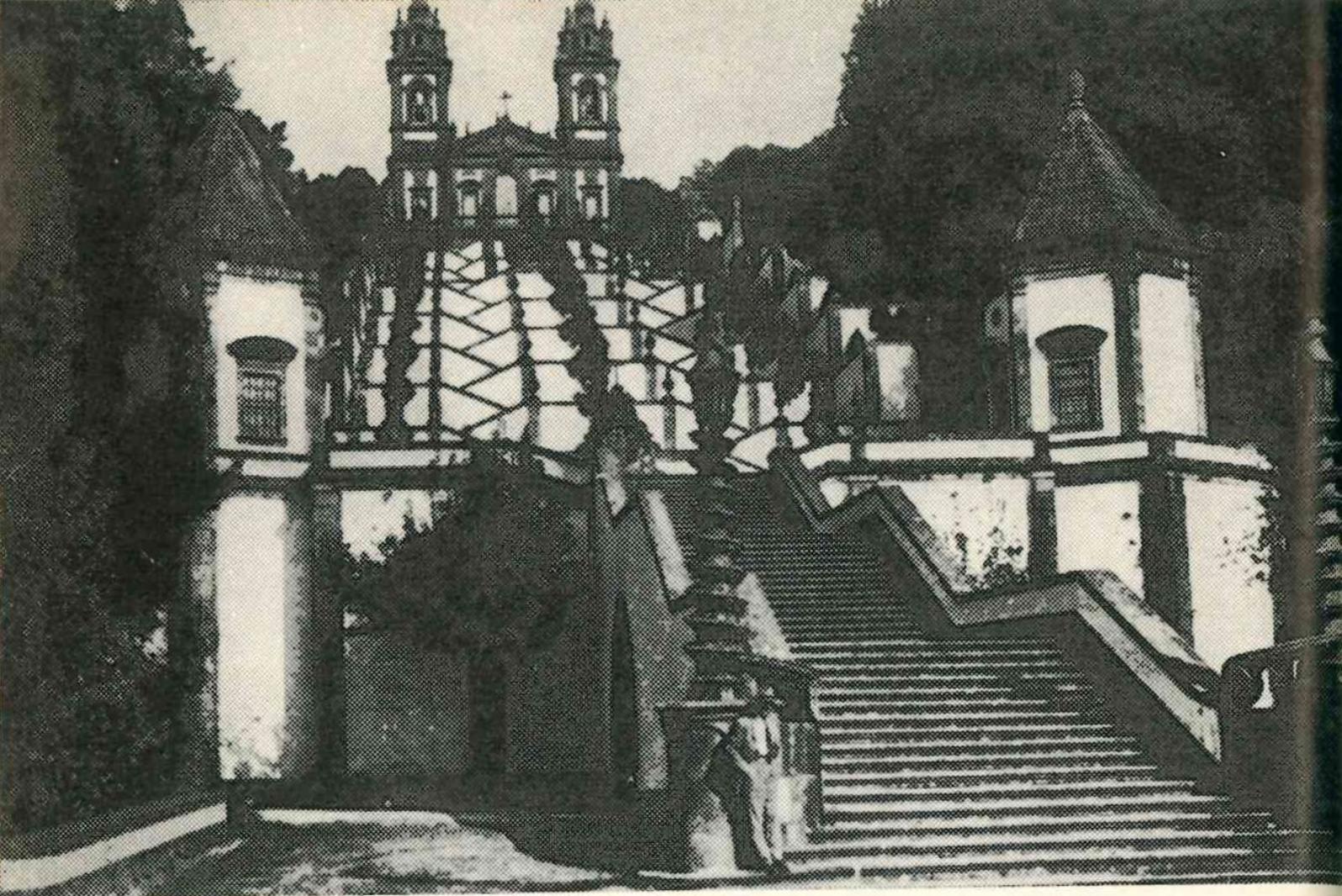
1825-1890

NO BOM JESUS DO MONTE

.....
*Dieu n'a pas fait un bruit sans y mêler le Verbe.
Tout, comme toi, gémit ou chante comme moi;
Tout parle. Et maintenant, homme, saïs-tu pourquoi
Tout parle? Écoute bien. C'est que vents, ondes, flammes,
Arbres, roseaux, rochers, tout vit! Tout est plein d'âmes.*¹

«Isto, que diz Vítor Hugo, é bom que não seja muito notório. Se o zeloso clero das cercanias do Bom Jesus vertesse à letra o *tout est plein d'âmes*, e o livro, que tal afirma, não escapasse ao *Index* do sacro colégio, veríamos as florestas mansíssimas da montanha invadidas pelos exorcistas e pelo machado, modos sabidos de afugentar almas das árvores. O grande poeta queria dizer que as árvores têm vozes misteriosas, e os corações audição interior que as escuta, e o entendimento lucidez que as compreende. Não me parece que ele

¹ *Ce que dit la bouche d'ombre*. Contempl. xxvi. T. II.



Bom Jesus do Monte

quisesse denunciar à liturgia demonográfica legiões de almas penadas, daninhas à silvicultura. Deixemos dizer o poeta o que nós ignoramos, e deixemos também que as formosas romeiras do Bom Jesus se entendam com os espíritos da solidade, vestidos dos matizes da iriada borboleta, ou coruscantes na folha orvalhada com que brincam os primeiros raios do sol. Elas é que bem entendem o que dizem as ramagens; e pode ser que deste seu diálogo com o invisível resulte não as entendermos nós a elas. De força hão-de ser algum tanto aéreas as iluminadas criaturas! Nós, maus e parvos, é que as queremos arrasar e restringir às nossas proporções. Chamamos devaneamento, desvario, ou coisa pior ainda, ao que, bem pensado, não é senão comércio e trato, pacto e aliança com famílias aeriformes, incoercíveis às nossas mãos calejadas de martelar na vida material. Aos maridos cumpria saberem isto, e aos galãs seria de muito no seu ofício um curso de espiritismo, não estudado em Alemanha, mas entre as meninas que conversam nos arvoredos do Bom Jesus.

De mim, sem embargo de vaidade ou pejo, confesso que por lá andei matriculado nestes cursos, e não aprendi nada; ou o que aprendi, se o quero aplicar agora, é trabalho serôdio, que não tem que ver com a ciência do mais aconchegado barrete de dormir, e flanelas correspondentes à quadra de vida de decomposição em que me acho e palpo.

Porém, sem ninguém me pedir contas, quero eu dá-las das minhas horas propícias e esquerdas nestas amenidades, donde me hão-de sempre vir, em rebates de saudade, as acordes toadas das harpas-eólias, que as filhas queridas da minha imaginação lá impenderam daquelas ramas, e a mão ignóbil da prosa me tirou a terra e despedaçou.

Quando eu lá ia, voltava sempre melhor. Nunca me aconteceu outro tanto ao dobrar a última página de livro de moral. Enquanto eu soube ler nas folhinhas das árvores, ia lá: agora que o gear da desgraça e do trigésimo oitavo inverno — consentam a impropriedade — me vai oxidando a alma, que iria fazer eu lá? Já não sei ler aqueles poemas, aqueles sublimes evangelhos, que o Senhor mandou escrever ao seu máximo apóstolo: a natureza.

Se eu tivesse filhos, havia de ir ali passar com eles três meses cada ano. De madrugada, e aos primeiros assomos da noite, iríamos ao bosque da *mãe-d'Água*, e ouviríamos a glória do Senhor narrada pelos céus. E mais nada.

E os meus filhos seriam bons.»

.....

1835

«Tinha eu nove anos, e era órfão.

Dois meses depois deste desamparo, com o tenro coração fistulado de saudade, a desbordar de lágrimas, e os ouvidos ainda ressoando-me à alma o estertor da agonia de meu pai, é que eu, pela primeira vez, entrei no Santuário do Bom Jesus. As lembranças, gravadas pelas fugitivas impressões daquela idade, são poucas; mas assim mesmo, em todas as épocas ulteriores que ali fui, o tão remoto passado, com as suas quase delidas memórias, vinha entreluzir-me nas comoções melan-

cólicas do presente. Os grupos piedosos das capelas que prendem a curiosidade da criança, já enternecendo-a com o aspecto doce e afligido de Jesus, já apavorando-a com o gesto sanhudo e esgares ferozes dos soldados de Pôncio, pouco me lembram, salvo um rapaz do meu tamanho de então, que chegava os pregos aos crucificadores do mártir. O que ainda indelêvelmente diviso na tela do meu espírito dos nove anos, é as grandes árvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos, e, lá em baixo, um oceano de verduras ondulando entre outeiros, e à volta dos presbitérios, casalejos, e edifícios de grande porte, que alvejavam dentre a espessura dos arvoredos.»

(«No Bom Jesus do Monte»)

O PAÇO DE NINÃES

«Estamos no Minho, o leitor e eu.

Chegamos à «Portela», uma légua andada de Vila Nova de Famalicão, na estrada de Guimarães. Deixada a estrada, entremos numas brenhas de árvores, por atalho tortuoso com seu dossel de carvalheiras e festões de vides enroscadas nelas. Andou o leitor um quilómetro em vinte minutos, se não parou algumas vezes a respirar o acre saudável das bouças, e a ver o pulular dos milharais, e a ouvir as toadas das seareiras que cantam. Para este ver, cheirar e ouvir é preciso que vamos em Agosto ou Setembro, ao repontar do sol ou ao desdobrar da noite. Fora desta quadra e horas não vá; que as aldeias, pesar dos poetas que as viram nas bucólicas de Camões e Bernardes, têm horas e meses dos que teve o Criador, quando inventou o dormir.

Andados, pois, mil passos na quebrada da ramalhosa encosta, nos sai de rosto uma casa de dois sobrados, caiada, azulejada, com suas colunas pintadas de verde e como de papelão grudado à parede, com as bases amarelas e os vértices escarlates. Vão-se os olhos naquilo! Esta maravilha architectónica devem-na as artes ao gosto e génio pitoresco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória, e

todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha, o qual se havia ensaiado num S. Miguel de retábulo de alminhas com uma fortuna digna de Itália.

Admirado isto, rodeia o leitor uns pardieiros de demolidas arribanas, e, na revolta do quinchoso, topa com umas ruínas.

Aqui tem o paço de Ninães».

.....

...«Tornando ao ponto: aqui tem o leitor esta escalavrada e grossa parede afestoada de hera, e além outro lanço derrocado e adentro das paredes um silveiral que rompe do pedregulho. Pois eram esta ou aquela a parede do quarto em que D. Sancha deu à luz o britador e mergulhador de donzés, D. Vasco Martins Pimentel, que santa glória haja!

Veja-me esta janela, a única das três que provàvelmente o paço tinha...

...Torno a pedir-lhe que me repare nesta janela. São quatro pedras lavradas a marreta, postas em envasadura esquadriada. Olhemos, porém, de longe, porque naquele peitoril repoisam nove séculos e alguma hora hão-de vir abaixo. Dali, e recostada com a face numa daquelas ilhargas de pedra, a formosa Sancha, viúva sem saudades, ansiava, olhando ao longe, enquanto não ouvia o chofrar das patas do rinchão murzelo do seu Martim Fernandes, que, lá de Riba-Vizela, vinha por trevas e chuva aquecer-lhe no seio os embriões daquele D. Vasco esmurraçador de olhos, e baldeador de Marinhos por saguões e poços. Os suspiros que já bafejaram aquelas pedras! O arfar de seios que já se refrigeraram naquele peitoril, onde as corujas poisam e guincham por noite velha! Aquilo dá que cismar e poetar; mas quem, como V. Ex.^a, viaja com um guia em anos de prosa, como eu, há-de abster-se de poesia.

Este paço de Ninães foi senhorio de diferentes apelidos. Passou aos Vasconcelos, depois condes de Castelo Melhor, razão de ter casado D. Leonor Rodrigues Pimentel com Gonçalo Mendes de Vasconcelos. No lapso de muitos anos, herdaram-no com o vasto território circunjacente os senhores de S. João de Rey e os Pereiras Caldas, ascendentes

do autor da *Ulisseia*, os padres da Companhia de Jesus e a Misericórdia do Porto.

No paço, porém, e a ampla quinta que o circuitava em 1576, residia uma viúva, que o era de um fidalgo da casa de Azevedo, mãe de um moço de vinte anos, chamado Rui Gomes de Azevedo.

Estes muros, combros e casarias, que se cruzam e espalham em volta das ruínas, não retalhavam no século XVI a quinta de Ninães. Por largo estádio em volta verdeciam ainda os arvoredos que circuitam as espaçosas veigas, os almargeais extensos e paus, que todos se avistavam dos adarves da torre, soterrada há hoje cem anos.»

(«O Senhor do Paço de Ninães»)

ARNALDO GAMA

1828-1869

VILAR DE FRADES

«O viajante que, saindo de Barcelos e subindo pela margem esquerda do Cávado, parar, a hora e meia de caminho, na aldeia de S. João de Areias, encontra-se em amena e fértil planície, que, se não é das localidades mais mimosas e mais bem ajardinadas do Minho, é indubitavelmente uma das mais pitorescas.

Imagine o leitor um tracto plaino de terreno, de extensão a perder de vista, mas de pouco mais que três quartos de légua de largura—todo cultivado e dividido em campos de diferentes tamanhos, a que servem de extremos frondosas fileiras de castanheiros enlaçados de vides. No meio deles branquejam, como lançadas a esmo, aqui uma casa sobradada, ali uma térrea, acolá uma cabana palhiça. Todas são, em geral, exteriormente caiadas de fresco e com o esmero com que o Minhoto se apura nesta sua usança favorita—usança que não pouco contribui para avivar, em qualquer



panorama do Minho, aquele aspecto de mimo e de frescura que tanto concorre para o afigurar, quando visto de um alto, imenso e formosíssimo jardim, retalhado em canteiros irregulares.

As arraias, que delimitam, aos lados, este plaino, ainda lhe acrescentam mais no delicioso e no pitoresco do aspecto. De um lado, a noroeste, estreita-o o Cávado—rio que, de verão, se reduz as mais das vezes a cinco ou seis pequenos regatos, cada um dos quais se transpõe fàcilmente de um salto; mas que de inverno transmonta caudaloso, lambendo em torrentes as margens, e que, depois de atravessar a Penida em salto de cavalo selvagem e furioso, corre até Esposende, onde se lança no mar. Borda-lhe as margens frondosa e quase ininterrompida alameda de pinheiros gigantes e seculares, e de castanheiros e carvalhos, que verdejam copados de parras brotadas dos inumeráveis braços, com que os enlaçam as cepas plantadas de encosto a eles. Defronte, na margem direita, jaz a aldeia de Manhente, couto antiquíssimo; e, mais ao lado, a casa solar de Azevedo, na esplanada da encosta, a branquejar por entre os pinheiros, com as suas dezasseis colunas de polido granito e a sua torre senhorial, que recorda os tempos gloriosos em que viveu ali o famoso Lopo Lopes de Azevedo, um dos capitães de Aljubarrota, e o não menos famoso Martim Lopes de Azevedo, um dos doze de Inglaterra—lenda romanesca que inspirou a Camões magníficas estâncias, e cuja possibilidade não está tão longe da verdade histórica como muita gente imagina.

Tais são os limites pitorescos, que bordam a noroeste a formosa planície. A sudeste levanta-se a montanha de Airó, braço gigantesco que o Gerês estende para o Cávado, cultivado até mais de meia altura, e coberto de aldeias, de campinas e de árvores sempre verdejantes, através das quais alvejam as casas dos lavradores, e levantam-se os campanários das igrejas. O cimo alteroso, sobre o qual se vêem muitas vezes pousadas nuvens, achata-se em vasta planura, assombrada a espaços por denso arvoredado, por entre o qual jorram fontes naturais de água limpidíssima. Da aresta

avista-se Braga, Barcelos, Caminha, Esposende, Viana, aldeias, rios, campinas — imensa paisagem enfim no mais formoso panorama, que se pode alcançar do alto de qualquer montanha do Minho, até mesmo do cimo dos píncaros do Gerês, donde a vista se espraia em verdade por mais dilatado território, mas donde o panorama é menos belo, por ficar a maior distância, e por isso mais nebuloso e menos perfeito.

Nesta aldeia de S. João de Areias, à margem do Cávado, e no meio desta formosa paisagem assim delimitada, levanta-se o mosteiro de Vilar de Frades, a antiga casa capitular dos padres lóios — os beguinos ou bons homens de Vilar, como por muito tempo os denominaram os nossos maiores.

A primitiva fundação do mosteiro de Vilar data, segundo dizem, da segunda metade do século VI; mas foi somente desde os princípios do século XV que pertenceu aos padres lóios, os quais, apossando-se dele, architectaram sobre o acanhado e mesquinho cenóbio, que os beneditinos tinham abandonado, o majestoso edifício que ainda hoje se levanta naquele local. Desta época é que data também a sua celebridade. Desde então o mosteiro de Vilar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho. E com justiça o era, não só em razão da majestade do edifício e do pitoresco do sítio, mas, e sobretudo, em respeito das grandes riquezas que possuía, e dos vastos domínios que senho-reava. O reitor dos beguinos de Vilar, além de muitas outras possessões, era senhor donatário dos coutos de Vilar e de Manhente, e coudel-mor e alcaide-mor dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça cível. Apresentava sessenta abadias e curados, e as suas terras coutadas eram isentas de um sem-número de impostos. Em razão de donatário era também capitão-mor das ordenanças dos dois coutos. Estes altos e poderosos cargos, por incompatíveis com a santa paz e doçura dos hábitos monásticos, eram exercidos, em delegação, por um oficial secular subalterno do reitor e dele dependente. Este oficial era o sargento-mor das ordenanças dos coutos...»

(«O Sargento-Mor de Vilar»)

RAMALHO ORTIGÃO

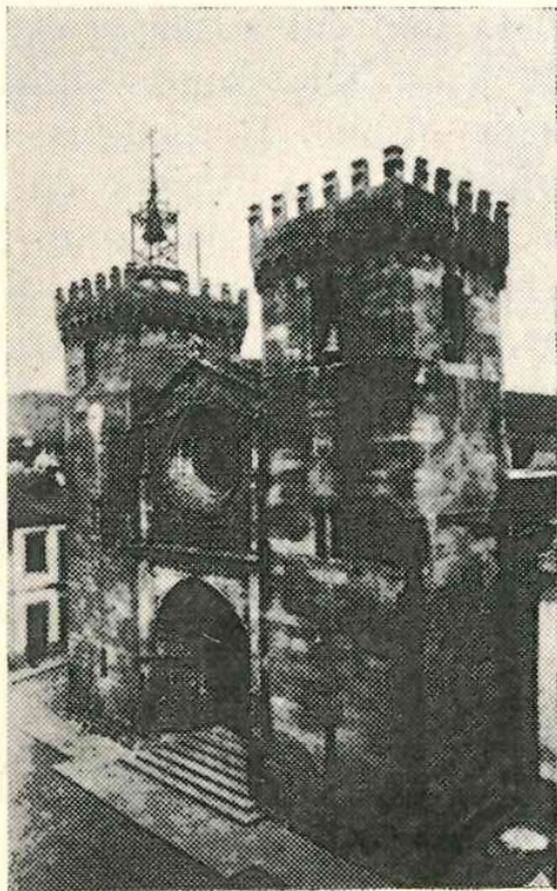
1836-1915

NAS MARGENS DO LIMA

«Quem nunca veio a Viana, quem não atravessou a linda ponte do caminho de ferro, entre o aterro de S. Bento e a risonha aldeia de Darque, tão célebre outrora pelas suas faianças pombalinas; quem não percorreu a estrada litoral até Caminha, através das povoações de Âncora, da Areosa e de Afife; quem não transitou a pé pelos caminhos de uma e da outra margem do rio, por Meiadela e Santa Marta, até o pontilhão do Portuzelo rodeado de casais, de moinhos de vento e de rochas em que escachoa a água, límpida e desnevada, através da qual se vêem trepidar e reluzir as trutas; quem não foi e não veio pela direita e pela esquerda da ribeira, de Viana a Ponte do Lima e de Ponte do Lima a Viana; quem

durante alguns dias não viveu e não passeou nesta ridente e amorável região privilegiada das éclogas e das pastorais, não conhece de Portugal a porção de céu e de solo mais vibrantemente viva e alegre, mais luminosa e mais cantante.

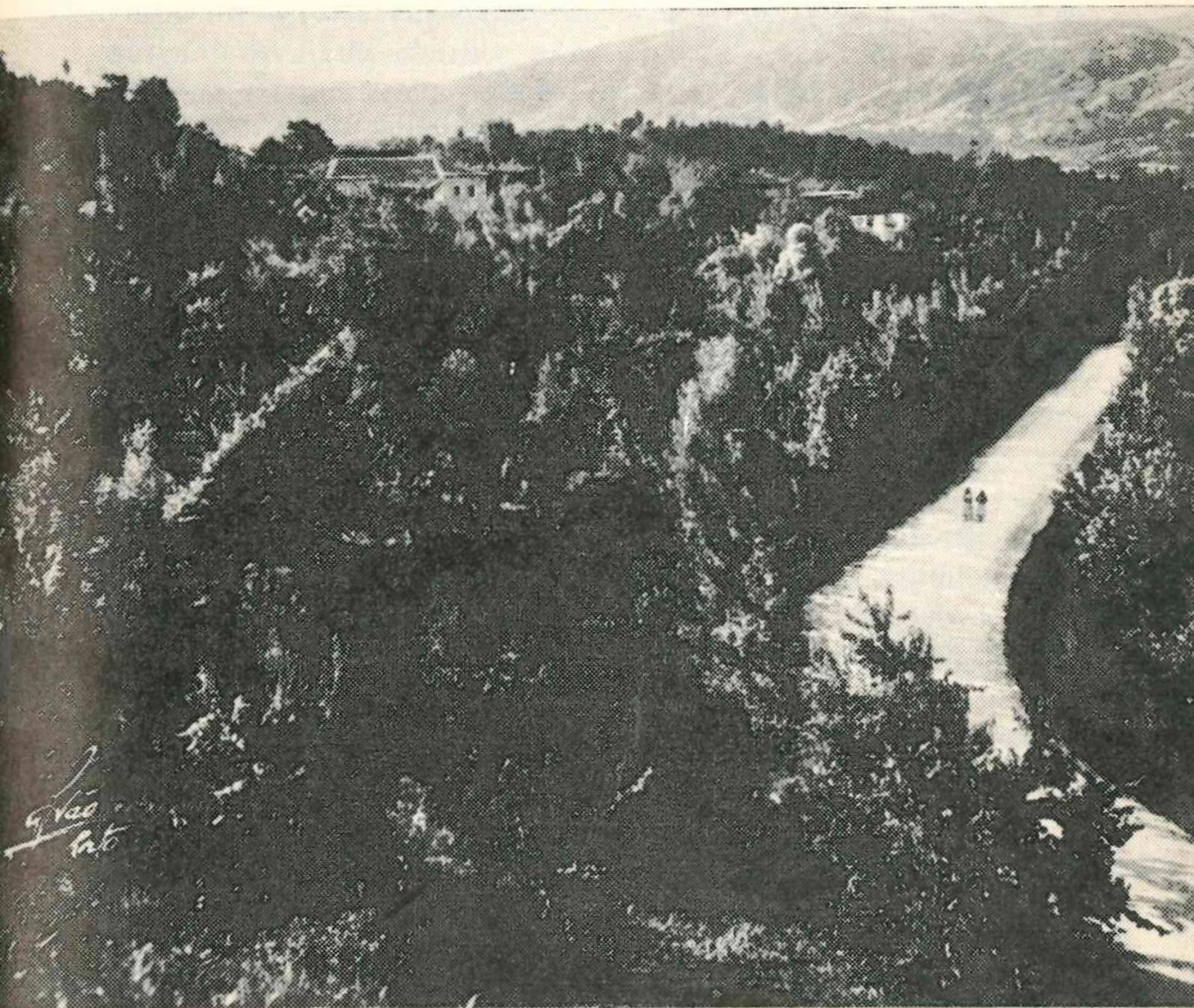
Nesta quadra do ano principalmente, na ocasião das colheitas, quando as ceifeiras, de mangas arregaçadas, atravessam os campos, carregadas de feixes de canas maduras; quando o milho começa a alourar as eiras, e ao longo das planícies ou por detrás dos outeiros, nos pontos onde alvejam casas ou muros de quintas, se ouve a cantiga das esfo-



VIANA DO CASTELO
Igreja Matriz

lhadas, o aspecto do campo ainda virente, inundado de luz, tem o que quer que seja de uma apoteose bucólica, de um idílio rural, por entre cujas estrofes o rio alastra mansamente a pacificação da água.

A maturidade parece uma larga festa em toda a bacia do Lima, fechada ao sul pelo biombo de montanhas que principia de leste em Lindoso, na fronteira espanhola, e termina a oeste em Faro de Anha, sobre o porto de Viana.



Paisagem minhota. — «...a porção de céu e de solo mais vibrante e alegre, mais luminosa e mais cantante...»

Ramalho Ortigão

*

* *

Dentro de toda esta zona não há grandes proprietários, não há gente muito rica, e não há miséria.

Muitas casas pequenas. Nem uma só casa em ruínas, como na Beira, como no Douro.

Ao longo das estradas, ou nos arruamentos contorcidos das pequenas aldeias, a tenda com a caixa do correio à porta, os bambolins de velas de sebo pendentes no tecto, cintilações amarelas, azuis e brancas de louça vidrada numa prateleira ao fundo, as pequenas tabernas com os pães *moletes* enfarinados e pegados uns aos outros em cima do balcão, na padieira das portas, suspensa de um braço de ferro, a tabuleta azul — *Bom vinho e comer*, o ferrador, o tamanqueiro, o peneireiro, o cesteiro, o bombeiro, a tecedeira, a botica, tudo tem um ar alegre, de camisa lavada, barba feita, carnação sadia, brunida ao sol.

Por detrás do cancelo do quinteiro, no mato fofo das enxidas, por baixo da ramada, ao lado das mais humildes cabanas, vê-se a porca ruça esfoçando a estrumeira, o galo branco cacarejando satisfeito, empoleirado na padiola, na escada de mão encostada à parede do cortelho ou no caniço do carro; e o podengo amarelo, de orelha bicuda, ladra da porta de casa ou de cima do muro, mostrando a quem chega os dentes anavalhados e o grande rabo em ponto de interjeição.

Não há adega, não há despensa, não há fogão de cozinha. A panela preta de barro de Prado ferve solitária sob o testo no pequeno lar enfumarado, à fogueira de cepas e de agulhas de pinheiro, entre os dois escabelos de castanho. Mas há broa em todos os balaios à porta do forno, há toucinho ou há unto, pelo menos, em todas as salgadeiras, há azeitonas no cântaro da salmoeira, há um ovo para botar a cada galinha choca, uma braçada de erva para cada boi, uma côdea para cada cão, uma rasa de milho para cada fornada, uma estriga para cada roca, uma leira para cada enxada.»

.....

NATAL, MINHOTO

«...O objecto do culto, da admiração, do entusiasmo, do enlevo dos pequenos do meu tempo era o velho *presépio*, tão ingénuo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risonhas, pitorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em zigzagues e de ribeiros atravessados de pontes rústicas.

Em baixo, num pequeno tabernáculo, cercado de luzes, estava o divino bambino, louro, papudinho, rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rústico berço, ao bafo quente da benigna natureza representada pela vaca trabalhadora e pacífica e pela mulinha de olhar suave e terno. A Santa Família contemplava em êxtase de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores, de joelhos, lhe ofereciam os seus presentes, as frutas, os frângãos, o mel, os queijos frescos.

A grande estrela de papel dourado, suspensa do tecto por um retrós invisível, guiava os três Reis Magos, que vinham a cavalo descendo a encosta com as suas púrpuras nos ombros e as suas coroas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Baltasar a mirra, e Gaspar vinha muito bom com o seu incenso dentro de um grande perfumador de família, dos de queimar pelas casas a alfazema com açúcar ou as cascas secas das maçãs camoesas.

Atrás deles seguia a cristandade em peso, que se figurava descendo do mais alto do monte em direcção ao tabernáculo. Nessa imensa romagem do mais encantador anacronismo, que variedade de efeitos e de contrastes! que contentamento! que alegria! que paz de alma! que inocência! que bondade!

Tudo bailava em chulas populares, em velhas danças moiriscas, em bailados à la moda ou à meia volta, em ingénuas gavotas, em finos minuets de anquinhas e de bico de pé afiambrado.

Tudo ria, tudo cantava nesses deliciosos magotes de festivos romeiros de todas as idades, de todas as profissões, de todos os países, de todos os tempos! Os cegos tocando as

suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os galegos com a sua gaita de fole dançando a *muñera*; a saloia de carapuça de bico e de saiote encarnado, trazendo o cesto com ovos; o saloio com o peru, com o vitelo ou com o bacorinho às costas; o aguadeiro com o seu barril novo; o ceifeiro com a sua fouce e o seu feixe de trigo; o lenheiro carreando o cepo sagrado para a fogueira da Missa do Galo; o pequeno saboiano com a sua marmota; o tocador de realejo dando à manivela do seu instrumento; o pastor com um borrego ou um chibo debaixo do braço; o passarinhoiro com as suas esparrelas e o seu alçapão com um melro dentro; a *manola* com o seu leque e a mantilha sevilhana traçada na cinta; o maioral tocando a guitarra sentado no garrido albardão da sua mula; os *gitanos* entoando a *seguidilla*; numerosos rebanhos, de perus, de patos, de anhos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens, de variegados trajos exóticos, tangendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastoris, nos colóquios e nos vilancicos, antigamente representados diante das lapinhas nas catedrais da Idade Média.

Alguns — os mais ricos presépios — tinham corda interior fazendo piar passarinhos que voavam de um lado para o outro, mexiam as asas e davam bicadas nas fontes de vidro, em que caía uma água também de vidro, fingida com um cilindro que andava à roda por efeito de misterioso maquinismo.

Todas essas figuras do antigo presépio da minha infância tinham uma ingénuia alegria primitiva, patriarcal, como devia ser a de David dançando na presença de Saul. Dessas boas caras de páscoas, algumas modeladas por inspirados artistas obscuros, cuja tradição se perdeu, exalava-se um júbilo comunicativo como de uma grande aleluia.

Um outro menino — não o do tabernáculo, que esse estava seguro ao berço com um parafuso — um menino maior, sobre uma toalha bordada, era trazido em roda e recebia sobre os seus diminutos pés, polpudos, saudáveis, rubenescos, a enfiada de beijos de todas as pequenas bocas inocentes, vermelhas, afiladas, em bico, gulosas dos refeguinhos daquele pequenino Deus tão louro, tão manso, tão lindo!



430110

Depois celebrava-se a ceia, o mais solene banquete da família minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Acrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimónia, os copos de pé, as velhas garrafas douradas. Acendiam-se mais luzes nos castiçais de prata. As criadas, de roupinhas novas, iam e vinham activamente com as rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, colocando a fruta, desrolhando as garrafas.

Os que tinham chegado de longe nessa mesma noite davam abraços, recebiam beijos, pediam novidades, contavam histórias, acidentes da viagem: os caminhos estavam uns barrocais medonhos; e falavam da saraivada, da neve, do frio da noite, esfregando as mãos de satisfação por se acharem enxutos, agasalhados, confortados, quentes, na expectativa de uma boa ceia, sentados no velho canapé da família.

E o nordeste assobiava pelas fiskas das janelas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto na cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava num respiro tépido o aroma do vinho quente com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado, como a *brandada* da Provença, dava a última fervura; as frituras de abóbora-menina, as rabanadas, as *orelhas-de-abade* tinham saído da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes. Uma voz dizia:— *Para a mesa! para a mesa!*

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumegar da terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho, estava-se ombro com ombro, os pés dos de um lado tocavam nos dos que estavam defronte. Bom aconchego! belo agasalho! As fisionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir mais, seria pedir muito. Tudo o que há de mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a pátria, a família, estava tudo aí reunido numa doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?...»

(«As Farpas»)

JÚLIO DINIS

1839-1871

UMA ALDEIA MINHOTA

«Ergueu-se e abriu as janelas.

Não é lícita a comparação entre a mais surpreendente transmutação de uma dessas aparatosas mágicas, que tanto extasiavam as multidões embasbacadas nas plateias e camarotes de um teatro, e as que, de instante para instante, realiza a natureza. Descerrando o véu de nuvens que encobre o fulgor do sol, elevando, acima do horizonte, esse majestoso lampa-dário do mundo, ou o brilhante reflectidor que ilumina as noites desanuviadas, a natureza opera, a cada momento, as mais admiráveis e completas metamorfoses.

Durante o sono de Henrique realizara-se um desses efeitos mágicos.

Abrandara gradualmente a violência do sul; o vento mudando, voltou em sentido oposto a grimpá do campanário; dispersaram-se as nuvens; luziram trémulas por momentos as estrelas, empalideceram perante o alvor do dia, e quando o sol assomou por sobre a crista das serras estendia-se-lhe diante um vasto manto azul, tapetando a estrada, que tinha a percorrer. Só muito para o ocidente ainda algumas nuvens amontoadas formavam uma como franja, que o astro nascente em breve tingiu de carmim e de ouro.

Foi pois a luz de um dia esplêndido e a brisa, cheia de aromas, que vem dos campos nas alvoradas serenas, que penetraram no quarto de Henrique, quando ele abriu as janelas.

A inesperada surpresa quase lhe soltava do peito uma exclamação de prazer!

A aldeia, aquela mesma aldeia, escura e triste que, com o coração apertado, atravessara na véspera, parecia outra.

O sol da manhã baixara sobre ela, dissipara-lhe as sombras, colorira-lhe as verduras, reflectira-se-lhe nas presas, dispersara-se em íris cambiantes na espuma das torrentes e cascatas naturais, perfumara-a de aromas, animara-a de cantos, transformara-a enfim na mais risonha paisagem, em que

os olhos de Henrique, pouco habituados às esplêndidas galas do Minho, tinham nunca repousado.

O inverno despojara parte dessas galas; embora! Até da própria nudez de algumas árvores resultavam encantos. As folhas crestadas, os ramos despídos, as moitas sem flores infundem tristeza; mas não tem a tristeza poesia também? Pode haver completa paisagem onde não haja uns tons escuros de melancolia?

Henrique de Souzaelas, debruçado na varanda de pedra do quarto, não se cansava de admirar aquela cena.

Parecia-lhe estar assistindo a um milagre de fadas, que, num momento, elevam, nos ermos, jardins e paços como os de Armida e Alcina.

Pois era esta a mesma aldeia, através da qual ele cavalgara de noite?

Os acidentes do terreno, aqueles acidentes, que tão do fundo de alma amaldiçoara na véspera, produziam, vistos então dali, os mais pitorescos efeitos. Abatia-se-lhe aos pés um não muito profundo vale, opulento em vegetação e que a certa distância se continuava insensível e gradualmente com uma ameníssima colina. Além, um belo bosque de carvalhos seculares, que o inverno, privando-os de folhas, tingira quase da cor da violeta, contrastava com a fronte sempre verde das laranjeiras nos pomares vizinhos, fronde por entre a qual se divisavam abundantes os doirados frutos, poupados pela mão do lavrador. As copas, como umbeladas, dos pinheiros mansos desenhavam nas encostas e eminências fronteiras as mais suaves ondulações. Dispersos aqui e ali, e entremeados com a verdura, grupos de casas campestres, alvejan-tes à luz do sol, moinhos e azenhas, noras toldadas de ramadas cónicas, eiras, pontes rústicas, as mesmas talvez que com mau humor trilhara na véspera, tão sinistras então, como graciosas agora; extensas e virentes campinas e lameiros, onde pastavam numerosas manadas de gado. Mais longe a igreja com a sua alameda à entrada e o cemitério, onde um só mausoléu avultava ainda; uma ou outra casa apalaçada, enegrecida pelo tempo; algumas ruínas, consolidadas pelas heras, revestidas de musgos, doiradas de líquenes; final-

mente, tudo o que tenta os paisagistas, tudo o que exalta os poetas, tudo quanto suspende os passos ao viajante; e, encobrindo todo o quadro, um tenuíssimo cendal de vapores azulados, dando-lhe a aparência de uma das mimosas composições a pastel da mão de Pillement.»

.....

...«A propriedade do Mosteiro, apesar de vários melhoramentos e reformas efectuados nela, oferecia, ainda claros, muitos vestígios de seus primitivos usos. Não era raro encontrar-se, aqui e ali, em pé uma cruz de pedra, marcando antigos lugares de devoção; no alto de algumas portas conservava-se visível o emblema e divisa da ordem, ou restos de inscrições latinas; nas paredes da arcaria, em que se apoiava a face posterior do edifício, mantinha-se ainda um azulejo contemporâneo dos frades; finalmente resistira a sucessivas reformações certo colorido monástico, que só após muitos anos se dissiparia de todo.

Entrava-se para a propriedade por uma larga, comprida e majestosa álea de sobreiros seculares, alcatifada de relva que, sobretudo dos lados, por pouco trilhada, crescia espessa e verdejante. Abria-se, ao fim desta rua, o alto portão do pátio.

Henrique, deixado só pelo guia ao chegar ali, foi caminhando vagarosamente por esta avenida, dominado por a íntima comoção e sentimento quase de temor, que se apodera de nós, em todos os lugares a que se ligam memórias do passado.

A fantasia estava-o transportando a tempos, a que não chegavam já as suas recordações, às épocas em que, por entre estas árvores gigantes, se via perpassar, como um fantasma, o hábito escuro do monge, cuja sombra o sol, ao declinar no horizonte, tantas vezes projectou, esguia e estirada, ao longo daquela mesma avenida.

Impressionado por esta ordem de pensamentos, chegou Henrique ao portão, transpondo o qual, se introduziu no pátio. Era um largo terreiro de perfeita forma rectangular, limitado ao fundo pela fachada da casa, e lateralmente por

elevadas paredes armadas, à maneira de panos de Arrás, com tapeçarias de vigorosas heras. A cada uma das paredes encostavam-se dois tanques de vasta capacidade.

No tempo dos frades vomitavam sem cessar, as feias e enormes carrancas de todos estes quatro tanques, grossos jorros de fresca e puríssima água; porém as medidas económicas do último proprietário e as exigências dos seus projectos agrícolas haviam derivado para outros fins parte desta abundante veia, de maneira que três daquelas bacias estavam agora completamente a seco.

Os fetos de folhas recortadas, as pegajosas parietárias, os funchos odoríferos, havia muito que tinham invadido a boca dos encanamentos inúteis, onde encontravam asilo imperturbado lacertos, aranhas e miriápodes, e se estabeleciam pacíficas colónias de caracóis...»

(«A Morgadinha dos Canaviais»)

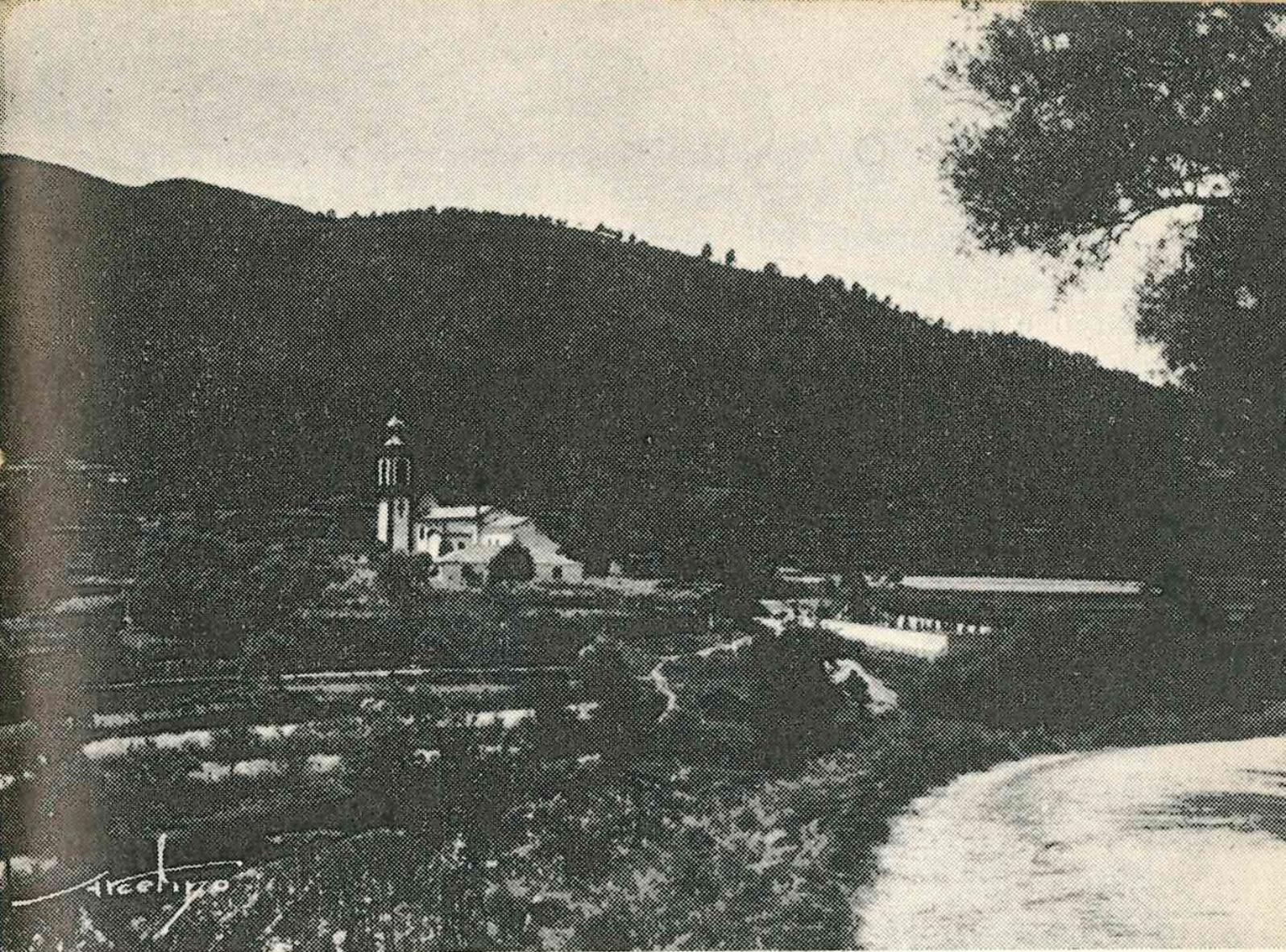
ALBERTO SAMPAIO

1841-1908

A TERRA

«Do Porto a Caminha, na margem costeira, a terra portugalense desenrola-se numa cinta ora plana ora levemente ondulada, varrida e refrigerada em todas as estações pelas brisas. É o litoral, que se pode figurar composto de todos os concelhos da beira-mar, incluindo o da Maia. Esta faixa ora se alarga ou se estreita, segundo os últimos alongamentos das cordilheiras fundamentais se aproximam ou afastam da costa, apertando-se muito sobretudo desde o Lima até perto da foz do Minho por causa dos montes de Santa Luzia e Perre, quase sobranceiros ao mar.

Partindo daqui para o interior, o terreno sempre encrespado e complicado com golpes oblíquos conserva a mesma configuração até aos primeiros contrafortes da grande intu-



Paisagem minhota

mescência norte-oriental. É a zona central, demarcada entre a anterior e uma linha traçada de Monção a Fafe e prolongada daí a Melres. É a mais extensa; contém todo o centro desde o rio Minho ao Douro, mostrando um relevo quase idêntico, apenas na parte setentrional são maiores as elevações perto do Atlântico: em todo o caso as poucas de 800 a 700 metros disseminadas por toda ela, como no norte a Bulhosa (723^m) e Arga (880^m), a Citânia de Paços de Ferreira ao sul (579^m) e a Lameira a leste (787^m) não a desuniformizam nem lhe quebram a monotonia a que há pouco nos referimos.

No ângulo de NE. as serranias, individualizadas em toda a pujança, não só determinam um ponto de partida da orografia regional, mas exercem também pela sua altitude uma acção decisiva no clima da região adjacente pela função refrigerante e condensadora dos ventos marítimos. É a zona

de nordeste montanhoso, caracteristicamente bem diversa de todo o resto.

O prolongamento sul da Cabreira demarcará a última, compreendendo a vertente oriental deste, a ocidental do Marão e o vale do Tâmega. Poderá denominar-se pela derradeira designação e será como a passagem entre o Minho e Trás-os-Montes.»

O CLIMA

...«vê-se quanto o clima é rico de água, sobretudo no Outono e Inverno, sendo de todas as zonas portuguesas a que recebe maior quantidade. Confirma tais resultados o grande número de rios provincianos: tendo a costa marítima de Portugal 435 milhas, são apenas 45 do Porto a Caminha; e contudo neste retalho desaguam no mar sete rios, não contando o Âncora, possuindo só onze (com bacia litoral apreciável) toda a costa ao sul do Porto na extensão de 390 milhas.

Os nevoeiros persistem todo o ano; no Outono, Inverno e Primavera duram muitas vezes a manhã inteira; no Estio aparecem também quase todos os dias, e posto se desfaçam mais depressa, refrescam contudo a ardência da tarde anterior: nem são poucos os prejuízos que chegam a causar, quando vêm com insistência demasiadamente húmidos (*pingões*) em certas épocas, como na da florescência das vinhas e dos cereais de pragana.

Com tal abundância de água não admira que nas *frescas e risonhas regiões da Galiza e do Minho*¹ a vegetação apresente o tom viçoso, o colorido verdejante e alegre que tanto impressionou Virchow, aproximando-se o seu clima de muitos outros da Europa transpirenaica, dos quais diverge contudo pela desigual distribuição das chuvas e pela temperatura mais doce, mais uniforme e no Estio talvez um pouco mais elevada num curto período.

Segundo o quadro gráfico elaborado pelo Sr. Barros Go-

¹ B. Barros Gomes, *Cond. Flor.*

mes, o total das chuvas dividir-se-á pelas quatro estações nas seguintes percentagens: Inverno, 40 %; Primavera, 15 %; Estio, 5 % e Outono 40 %: acumulam-se pois na primeira e última, escasseando nas outras duas, mormente no Verão, onde baixam ao mínimo de 5 %.

Todos os climas portuguezes apresentam, em opposição aos da *Europa não mediterrânea*, em que as chuvas estivais entram por 25 e 35 % no total de cada ano, esta característica fundamental—fartura no Outono e Inverno, escassez na Primavera e sobretudo no Estio. Mas aqui a desigualdade é até certo ponto compensada pela maior quantidade: todavia não deixa aquela de ser bem conhecida; provém daí a necessidade de se aproveitar toda a água para as regas artificiais.

Essa desigualdade produz às vezes estiagens de um ou dois meses com pouca ou sem chuva, durante os quais as plantas herbáceas sofrem e amarelecem; o espírito religioso da população recorre nessa conjuntura às *preces ad petendam pluviam*.

Em todo o caso, com uma temperatura que a vizinhança do mar tende sempre a uniformizar e abundância de humidade atmosférica, os vegetais desenvolvem-se com rapidez, conservando a cor vicejante como nos países da Europa central, excepto num curto período—o coração do Estio, quando se torna mais sensível a secura. Mas nessa época mesmo a diferença com as regiões do Sul não pode passar despercebida.

Essa escassez relativa na força do Verão permite um certo número de culturas, sem a qual seriam impossíveis: bastará citar a da vide, que nunca daria frutos sãos e próprios para vinho, se a humidade fosse em proporção mais elevada. Ainda assim o vinho apresenta um tipo bem diferente do produzido nos climas secos e ardentes das outras zonas portuguezas.»

AS PLANTAS

«A beira-mar é orlada por matas densas e compactas de pinheiros bravos (*pinus pinaster* ou *maritima*). Estes pinhais, estendendo-se por toda a zona litoral, prendem-se aos

da Galiza, que continuam a vestir a costa norte da Espanha até se ligarem ao do oeste da França.

Não se desenvolvem todavia com o carácter invasor e quase exclusivo além da acção próxima das brisas frescas do Atlântico. A três ou quatro léguas começam a rarear, dispersando-se em pequenos pinhais no interior pelos altos ou nas vertentes mais expostas aos ventos húmidos, onde enfim encontram condições parecidas com as da orla marítima. Aí porém a sua vegetação perde a característica invasora e o seu crescimento é muito mais vagaroso.

Juntamente com estes aparecem exemplares do pinheiro manso (*pinus pinea*) quer em indivíduos isolados, em pequenos grupos ou em pinhais muito restritos, estendendo-se dessa forma por toda a superfície. Na beira-mar intercalam-se com os bravos e no centro com estes e com os carvalhos. Semeiam-se por si mesmos, mas não arborizam extensões consideráveis, apresentando-se sempre em manchas pouco extensas.

Na zona central domina o carvalho roble (*quercus robur*) revestindo as planuras e quebradas dos montes com terra funda, em matas de alto fuste ou de talhadia: o seu domínio torna-se tanto mais característico quanto mais se avança para o interior. No litoral já se vêem muitos exemplares, rebentando espontâneamente ou cultivados como tutores das vides, mas nunca fazendo o revestimento florestal espontâneo.

De mistura com o roble observa-se o carvalho cerquinho (*quercus lusitanicai*), assim como o sobreiro, que se encontra também já entre os pinheiros bravos a pouca distância da costa; esta essência mostra-se por toda a parte em indivíduos isolados ou pequenos sobreirais, mais plantados que obtidos por sementeira espontânea, sendo certo que deste modo se reproduzem onde as condições o permitem.

São principalmente os dois, o pinheiro bravo e o roble, que formam o fundo da arborização e se acham em massas dominantes, misturando-se por meio delas as outras em maior ou menor número, segundo as circunstâncias de cada localidade.

O medronheiro também aparece em indivíduos desta-

cados, a não ser a leste em certas serras, onde chega a fazer matas. Esta essência vai até à Irlanda, onde se nota demais uma dezena de espécies comuns ao litoral cantábrico, a Portugal, Açores e Madeira.

O castanheiro adornava, haverá ainda uns quarenta anos, uma grande parte dos terrenos cultos em longas filas de altas e elegantes árvores, carregadas de vides, e muitos dos incultos de mistura sobretudo com os carvalhos, formando densos sotos de sombras opacas. Mas desde esse tempo uma fintonose destruiu o maior número, de modo que a espécie é hoje rara em muitos sítios.

No Gerês, Melgaço, Arcos de Valdevez e margens do Lima o vidoeiro (*betula alba*) torna-se vulgar; é esta essência que no ponto de vista xilográfico caracteriza a região, estendendo-se desde aqui ao círculo polar. No sul e centro, posto que vegete igualmente bem, perdeu todavia o carácter arborizante espontâneo, provavelmente por ter sido destruído, visto chegar a sua área natural até ao Mondego.»

O HOMEM

«De todos os países da Europa, este é um dos mais populosos. «Se a França fosse relativamente tão povoada, diz o Sr. El. Reclus, teria perto de setenta milhões de habitantes¹». Por causa desta densidade a alimentação é fraca e insuficiente. E todavia a abundância de comida é uma necessidade para a sua organização, e a intemperança um dos seus vícios. As privações a que se sujeita o maior número são filhas principalmente dos seus poucos recursos; mas sejam as circunstâncias favoráveis, a grande preocupação de todos é uma mesa farta. Nos jantares de festa as vitualhas acumulam-se em massas enormes: as grandes terrinas e escudelas de víveres, os largos pratos com peças desmedidas, seguem-se numa sucessão interminável, intermeadas com as *infusas*

¹ *Nouv. Géogr. Univ.*, tom. I, pág. 933. Pr. éd.

e canecões de vinho verde, que quanto mais rascante, mais estimula o apetite, aliás sempre complacente.

Tenazes, trabalhadores, satisfazendo-se com qualquer lucro, extraordinariamente prolíficos, poupados até à mesquinhez, questionadores por um nada, expansivos, falando alto em voz nasal, turbulentos, esquecendo-se largas horas

Habitação rural minhota



na taberna ao mesmo tempo que podem viver com extrema sobriedade, ora rudemente grosseiros, ora afáveis e cortes, os homens do Minho exibem os vícios e boas qualidades dos dois sangues de que procedem.

Em geral desleixados no asseio pela falta de recursos, especialmente enquanto trabalham, parecendo unicamente preocupados para obter os escassos meios de subsistência, são todavia ávidos de *luxos*, e as mulheres sobretudo de vestidos vistosos e adereços de ouro.

A maior parte das economias femininas é colocada nestes enfeites, que nos tempos tristes são vendidos e o seu produto aplicado a necessidades mais imperiosas. Quando se vêem caminhar para uma feira ou romaria os ranchos de minhotas em fatos domingueiros, pujantes de vida, com grandes brincos e o peito coberto de cordões e adereços, todas faiscantes de ouro, vêm-nos naturalmente à lembrança as flamengas endomingadas, como as descreve o Sr. E. de Laveleye¹.

Absorvido pela terra que o alimenta a si e à sua família, o cultivador do Minho pede à casa um abrigo, sem luxo nem conforto.

Basta-lhe uma cozinha térrea com a larga lareira, servindo ao mesmo tempo de sala de jantar, onde se passará a maior parte da sua vida de portas adentro; um sobrado com a varanda, no qual possa dormir e morrer no meio das arcas da limpeza e dos grãos; e por baixo dele a loja ou lojas, onde fabrica e guarda o vinho e a salgadeira. O resto pertence aos animais.

O maior espaço é ocupado pelo *eido*, *eirado*, *quinteiro* ou *rua*: a um lado levanta a sua vivenda, tomando o menos terreno possível; em volta avultam, com as barras sobrepostas interiormente para arrecadar as palhas, as cortes ou currais e o telheiro da apeiria.

No quinteiro, alastrado de mato, e nas cortes do gado nédio e gordo, se concentra a sua principal atenção: aí pessoas e animais, atascados em estrume, vivem em verda-

¹ *Économ. Rur. de la Belgique.*

deira confraternidade, ameigando-se ou ralhando-se alternadamente, tristes ou alegres, consoante a fartura ou magreza dos tempos: aí nunca cessa o movimento e vozearia, senão quando a alta noite — pois por ela dentro se prolonga o trabalho — obriga a recolher cada um ao seu ninho, às enxergas duras do sobrado, ou à palha fofa das barras. Mas apesar de tudo a raça não perdeu a sua alegria...»

(«Estudos Históricos e Económicos»)

OLIVEIRA MARTINS

1845-1894

A «MARIA DA FONTE»

O sistema cabralino, secamente *beirão*, era em tudo oposto ao temperamento do Norte, e o facto de a CARTA haver sido restaurada no Porto mostra quanto essa empresa foi uma obra de quartel e secretaria, sem raízes no coração do povo. O governo, depois, atacou as superstições, mandando que os mortos se não enterrassem nas igrejas; e para que se veja quanto esta judiciosa ordem batia de frente os usos religiosos e quanto eles estavam arraigados, basta dizer que ainda hoje por todo o Minho se encontram vilas, e não aldeias afastadas, vilas como Barcelos por exemplo, sem cemitério. O governo queria, mais, que a *décima* rendesse o que devia; mas o povo, que já esquecera o tempo dos dízimos, via no imposto lançado por uma autoridade para ele estranha, desconhecida, a extorsão, a *ladroeira*, dos homens de Lisboa, — o ataque ao seu ídolo adorado: o chão lavrado de milho ou de linho, a carvalheira toucada de pâmpanos com os acres bagos de uma uva ingrata pendentes em cachos negros.

E esses homens, que tanto exigiam, nem falavam em Deus, nem em cousa alguma que os lavradores entendessem. Vinham sobraçando a pasta cheia de papéis, com fraseados

singulares, caras desconhecidas, cousas extravagantes; e às réplicas retorquiavam com a fuzilaria dos soldados. Esses homens já tinham vindo a pedir-lhes o *boto*, e eles coçando a nuca hesitaram; mas as mulheres, práticas, atendendo ao antigo poder do *senhor fidalgo*, e a submissão ingénita mandando obedecer, quando o caso era sem consequência, — tinham levado os campónios arregimentados, com o papelinho entre os dedos, até à Urna. Que lhes importava isso? Ideias dos fidalgos! e voltavam ao seu trabalho.

Agora o caso era outro: enterrarem os pobrezinhos dos mortos, como cães, num quintal! levarem o nosso vinho e o nosso milho, colhido com tanto suor: isso não! E em apoio desta rebeldia, vinha o fidalgo, vinha o padre (setembrista) com sermões e falas doces, esconjuros e meiguices, incitando-os a resistir a quem tanto mal lhes queria, tão duramente os tratava. O administrador era mais cruel do que o capitão-mor, por ser de fora, e seco, bacharel, plumitivo: o senhor capitão-mor, às vezes, fazia *cada uma* às raparigas! Mas o Minhoto, naturalista, não é susceptível nos pecados de carne: fraquezas humanas. Muitas, muitas raparigas casam sem ser virgens e isso, apesar de sabido, não escandaliza.

A Maria da Fonte tornou-se o símbolo dos protestos populares. A imaginação colectiva provou ter ainda plasticidade bastante para criar um mito, uma fada, — Joana d'Arc antidoutrinária. O herói da revolução minhota devia ser uma mulher, não um homem; devia ser desconhecido, lendário: mais um nome do que uma verdadeira pessoa. Na Bretanha, os casos de Paris em 48 eram assim explicados: um grande guerreiro *le dru Rolland* (Ledru-Rollin) saíra a campo para libertar a fada Lamartine — La-Martyne. (V. Michelet, *Revol. franç.*). Os Minhotos, afins dos Bretões, criaram um herói feminino, — guerreiro temível que iria a Lisboa bater esses tiranos do Sul, conhecidos ainda hoje sob o nome de senhor Governo: um monstro mais ou menos definidamente humano!

Entretanto, parece que de facto houve uma certa Maria da Fonte que soltou o primeiro grito da sedição. A rebeldia

fomentada pela nova legislação declarou-se perante os excessos dos tiranetes locais, bacharéis enviados para o campo a ganhar jus a um lugar no parlamento ou nas secretarias. Um desses chegara a ferir com um guarda-sol o pequeno de um lavrador, e o pai foi à torre da igreja e tocou a rebate. Acudiu povo, queimou os arquivos, as *papeletas da ladroeira*, dando «Morras» aos dois Cabrais, (D. João de Azevedo, *Os dois dias de Outubro*) e marchou sobre Braga (Macedo, *Traços*). Nas vilas e cidades a tropa levava a melhor, porque o número vale aí pouco e muito as armas: eram fuzilados à queima-roupa. Mas nos campos podiam tudo: se a tropa viesse, abafavam-na. Nem tinham espingardas nem pólvora: só cajados, foices, machados, chuços, e era o bastante: na Senhora do Alívio reuniram-se mais de dez mil. (*Ibid.*) E os padres e os fidalgos aplaudiam, incitavam: o cónego Montalverne, o padre Casimiro, o padre José da Laje; e os Costas, o Peso da Régua, o Balsemão. Os fuzilamentos, os confiscos, as prisões, toda a pasta draconiana de José Cabral, do Porto, era inútil: via-se a fragilidade da força cabralista. Do Minho a sedição lavrou, perdendo o carácter popular, tomando um carácter militar e político. A Maria da Fonte ficava na sua aldeia: apenas o nome, como um eco ou um rótulo, ia de um lado a outro do reino. Por toda a parte nascem logo *Juntas*. Toda a força do rei do Norte estava na divisão do Vinhais; e quando o general, bandeado ou comovido, lhe disse que não bateria no povo, o *rei* emalou os papéis, fugiu do Porto, abandonando tudo. (*Ibid.*) Do Minho a revolta, galgando o Tâmega, encontrou o conde de Vila Real para a comandar em Trás-os-Montes, os Carvalhais para a fomentar. As autoridades, corridas, foram fechar-se na praça de Chaves, sob a protecção do Vinhais que passou para os do povo e lhes entregou a vila. Apareceu um programa, — era a voz, o grito, a reclamação da Maria da Fonte? Não era; apenas uma combinação de políticos moderados, que nem sequer exigiam a restauração do setembrismo; que apenas reclamavam a dissolução das Cortes, a queda do ministério, a organização da guarda-nacional, e a revogação da lei do imposto de repartição (19 de Abril de 45), da reforma da magistratura (1 de Agosto

de 44) e da lei de saúde. (26 de Novembro de 45. V. Inácio Pizarro, *Memor. de Chaves*) No Porto governava uma JUNTA, e a Estremadura, sob o comando de Manuel Passos, tinha em Santarém uma capital *patuleia*. Outro já, com sezões e desiludido, o Passos de agora apenas reclamava a demissão dos Cabrais: a sua JUNTA dava vivas a «todo o existente.» (V. a *Proclam. da Junta de Santarém*) De um movimento popular espontâneo formara-se uma sedição política; e a fraqueza doutrínaria dos políticos *coalizados* via-se neste momento em que, omnipotentes, reduziam a *grande revolução* à condenação pessoal de um homem. Expulso ele, conservar-lhe-iam as obras, — porque nada melhor podiam pôr em seu lugar, caso as suprimissem. Singular revolução, de que os chefes são logo os sufocadores!

(«Portugal Contemporâneo»)

TEIXEIRA DE QUEIROZ

1849-1919

CAMPOS DA MINHA TERRA

«A paisagem minhota, no coração do Minho, é a dum gracioso presépio, um desses presépios lindos, em que figurassem os aprazíveis reis magos, na sua visita ao prodígio da Galileia. É miudinha, aconchegada e acolhedora, como o carácter do seu povo, sempre afectivo, pouco desconfiado, dando-se facilmente, mesmo com aqueles que não conhece. De qualquer volta de estrada se pode apreciar, num resumido fragmento de terra, o folhedo misterioso dos carvalhos, a alegria dos vinhedos manchando a encosta, a casaria branca e o campanário esguio a espreitarem de entre o arvoredado copado, a horta e a seara espalmando-se no estreito vale, o moinho com a sua roda a grasnar no fim do açude de espuma branca. É tudo tão pequenino, tão jeitoso que parece poder tomar-se na concha da mão. Um relance de olhos basta para se sentir o con-

junto, sem demoras de análise, num repouso de alma e de sentidos. Vai a gente marchando por um caminho estreito, sob tecto de cachos; ou num carreiro de cabras serpenteando na colina; ou então por uma dessas estradas novas, abertas entre campos floridos: o que tem de se ver está ali perto, quase a poder chegar-se-lhe com as pontas dos dedos. Esta natureza convivente e familiar concorre para a formação do temperamento e do carácter dessa gente que ri sempre e fala sempre com o coração à vista, não escolhendo pessoas para contar as suas mágoas ou os seus triunfos, abrindo-se num palrar abundante, para o primeiro que lhe apareça. O Minhoto vive nos seus campos, como os seus campos vivem nele: é uma consubstanciação, como a definida na palavra de Jesus aos discípulos, quando lhes disse que todo aquele que comer da sua carne e beber do seu sangue eucarísticos, existirá nele como ele existe na criatura que o recebe. Nós comemos a carne da terra e bebemos-lhe o sangue nos frutos, nas flores, na água pura das fontes, nos revérberos do sol, na fragrância das ervas, na sombra aconchegada das árvores..., por isso vivemos no seu coração, como ele vive no nosso.

Este sentimento global, este apertado convívio do solo e do homem é mais forte e intenso no ermo das montanhas; por isso o acidentado da paisagem minhota o desperta com maior vigor. Aqui o homem deixa de ser pessoa, o seu naturismo absoluto transforma-se em egoísmo poético. A vida elementar que fervilha em volta concorre poderosamente para esta transubstanciação cósmica. A muita sombra e a muita água, o inebriante perfume e a seiva correndo tumultuosa, enleiam-nos o pensamento e o sentir. Nesta região de canduras antigas, as fontes, cantando no meio de fetos, vão-se juntando para o marulhar dos ribeiros, entre silvedos e urzais; mais além essas águas formam os estreitos rios, que deslizam pelos campos ridentes, dentro de margens penhascosas ou salgueirais copados. Donde virá tanta água para criar tão verdes ervas e tão lindas flores? Ignora-se: rebenta por toda a parte, em olhos espertos. Os rios são como os antigos conventos franciscanos, que viviam fartos, de minguidas esmoladas: vai

o ribeiro como o antigo frade, de queda em queda pedir às fontes o seu óbolo, que entrega ao rio para chegar ao mar imenso, em caudal majestoso.

Tudo aqui vive da sede de água que a terra misteriosa espreme do seu seio; tudo aqui vive dessas fontes gementes como corações feridos de amor, dessas fontes que murmuram como balar de cordeiro ou arrulho de pombo ou de rolo. Às vezes gorjeiam como pintassilgos e são as mães, dos ribeiros, que estertoram nos fundos das brenhas. Dão a sua esmola ao convento mendicante, e é o rio que a vai levar, já bem farto, ao mar que desliza preguiçoso no areal.

Tudo isto que se vê no vale ameno, coroado de cerros, em cujas encostas assentam eremitérios e casas aconchegadas como ninhos, e no estreito campo, onde tranquilos bois pastam sob a vigilância do pequeno pastor de aguilhada ao ombro, é diferente consoante a quadra do ano. Transformações se sucedem nos trabalhos da vida agrícola e comum: daqui novos aspectos nas paisagens e nas almas. O começo, na alegria das veigas é a Primavera, quando nascem folhas e flores que toucam as árvores, opulentando com suas cores a superfície dos prados. É o princípio de noivado fecundo; não há olhos tristes perante o rejuvenescer de vida tão maravilhosa. As manhãs trazem surpresas agradáveis: o que era ontem escuro no tom da terra sáfara, aparece hoje vestido de verde-claro; o que parecia morto revive; o que era sombra é luz. Os rebentos novos, coroados de pétalas róseas e brancas, da cor dos lírios, em cujo seio se criarão os frutos, enchem, num hossana glorioso, as colinas e os prados. As espertas plantas selvagens concorrem a esta festa com as suas vestimentas pobres, mas donairosas, consolando a alma poética do camponês. Não existe a esterilidade; porque a cor e o perfume são delicado mimo, como o fruto. Fruto, cor, perfume tudo vem do coração da terra, onde palpita o coração do céu, que às vezes apavora a sua grande amiga, com ribombos medonhos de trovão e incêndios apavorantes de raios.

.....

«As romarias e as feiras são os maiores acontecimentos do Minho. N'aque de orago famoso, o divertimento é grande; mas

por excessivo que seja o luxo de foguetório, de festa de igreja, de música vinda de longe, nenhuma dispensa o tradicional zabumba, e sua caixa de rufo, havendo às vezes duas parselhas, quando o mordomo é liberal. O zabumba, o célebre Zé-pereira do povo, é sempre tocado por homem esforçado e barbudo, mestre em saltos e cabriolas, que fazem as delícias dos circunstantes. Timbra em se mostrar ágil e gracioso no modo de ferir a pele do instrumento. Toma atitudes caprichosas, mudando o zabumba com grande destreza: ora o tem no dorso, ora no ombro, umas vezes na cabeça, outras aos pés, sempre em piruetas, sempre tocando em cadência com a caixa e com o gaitero, se o há. Sua e tressua nestas cabriolas, faz praça da grande área do terreiro, alarga a roda no meio da gente que o acompanha com palavra de apreço e louvor.

Entre romarias e feiras se passa toda a alegria campesina. As romarias são feiras em parte e as feiras têm a bulha alegre das romarias. Esta população activa e remexida, mostra tanto de religiosa, como de comerciante. Terá ela a origem fenícia que alguns lhe assinalam? Viríamos nós dessa sonhadora Síria, onde se ostentou a soberba Tiro; e virá daí o nosso feitio religioso e génio comerciante? Renan, o entusiasta historiador da raça privilegiada, que encontrou o verdadeiro Deus nas melancólicas paisagens da Palestina, diz que a alma semita reúne em si ardentemente dois sentimentos antagónicos: o do amor de Deus e o do amor do lucro. No fundo não serão estes dois aspectos da humana natureza, um só e o mesmo: a representação do nosso egoísmo? Porque amamos Deus? Porque nos promete a fruição da vida eterna. Porque amamos o ouro? Porque nos garante o gozo da vida terrena. Interesse da terra que pisamos ou da pátria celestial que pretendemos, é sempre interesse: tem o mesmo fundo psíquico. A separação existe na nossa imperfeita linguagem, a unidade existe na natureza.»

(«Atlântida»)

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

1850-1896

O MINHO

«Solo d'enlevos! A videira abraça
Com terna graça o castanheiro em flor!
Abre-me o seio em que um vergel se apinha,
Ó patria minha d'encantado amor!

Quero cantar-te, como a rola ausente
Canta plangente os africanos céus,
Como ela aspira ao seu distante ninho
Aspiro, ó *Minho*, aos atractivos teus!

Amo os teus campos com perfumes vários,
Verdes sacrários de um constante abril;
Amo os teus montes colossais n'altura
E a luz, tão pura, do céu d'anil.

Veias de prata, em teu fecundo seio,
Passam-te em meio sem formar caudais,
E dentre as flores, que o teu chão guarnece
Cidades descem, que não têm rivais.

Braga, a princesa de remota era,
Virtude austera inda conserva a fé:
E eleva às nuvens em padrões de gloria
A nobre história, de que herdeira é;

Assenta o trono de entrançado arbusto
No monte augusto do seu Bom Jesus
E tem por c'roa de opulência tanta
A Virgem Santa do Sameiro e a cruz.

Amares, veste laranjais floridos,
Fartos vestidos, com doirado véu;
E solta as tranças de verdura infinda
Na espádua linda, às virações do céu.

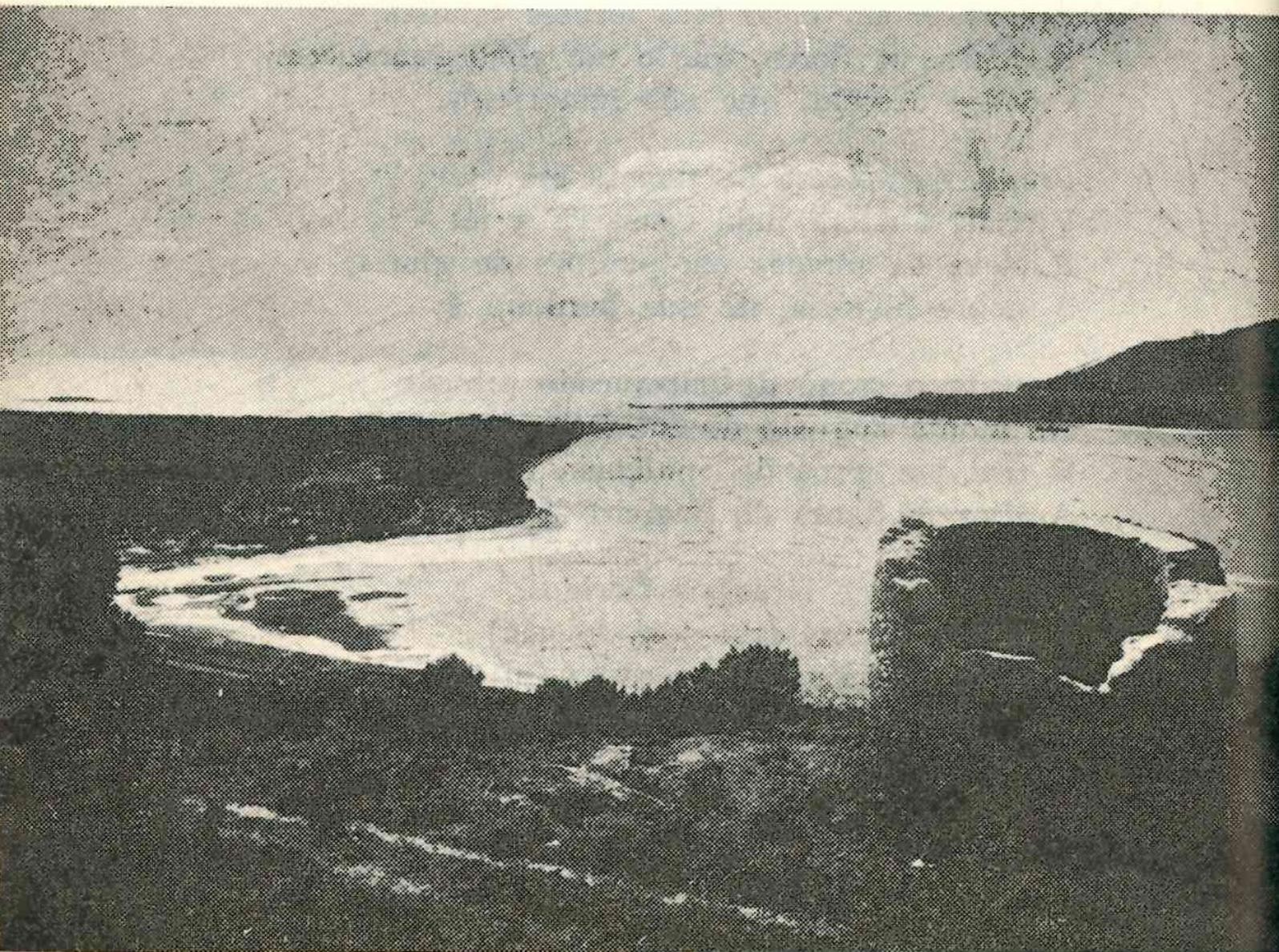
É *Guimarães* uma fidalga idosa,
Rica e orgulhosa, em seus gentis mainéis
Que diz ao mundo em derredor disperso
«Eu fui o berço do maior dos reis.»

Caminha é jovem marinheira bela,
Em pé na ourela do espumoso mar:
Monção, envolta em senis muralhas,
Conta as batalhas que logrou ganhar.

Vila dos Arcos, que o sorrir desatas
Dentre cascatas, que delícias dão.
Barcelos, lírio adormecido em sombras
Sobre as alfombras do virente chão.

Pinhal do Camarido. — «*Caminha* é jovem marinheira bela, em
pé na ourela do espumoso mar...»

Sebastião Pereira da Cunha



Pinha de flores, que a frescura anima,
Ponte do Lima que ideal tu és!
Finges o cisne, a retratar a face
N'água, que nasce e que te corre aos pés.

Viana... fuge ao incessante beijo
Que o Lima vejo que lhe quer depor;
E das montanhas na materna encosta
Lá se recosta com gentil pudor.

Eu sou suspeito porque sou teu filho
E assim teu brilho não direi jamais,
Que o diga quem ao visitar teus lares
Hauriu teus ares, passeou teus cais.

Solo d'enlevos! A videira abraça
Com terna graça o castanheiro em flor!
Abre-me o seio em que um vergel se apinha,
Ó pátria minha d'encantado amor!»

(«Serões de Portuzelo»)

CONDE DE BERTIANDOS

1851-1929

A MAL-DEGOLADA

«O carro era de prata e daqueles em que se pintam as deusas da velha Grécia.

Puxavam-no seis cavalos brancos despidos de jaezes. Semelhavam cordões de seda as rédeas finíssimas.

O luar, batendo em cheio, deu-me ocasião a contemplar por instantes a condutora da singular equipagem, que seguia a estrada da *Ponte do Lima* a *Viana*. Mulher bela, mas de beleza estranha, pálida, extremamente pálida, franzina e

alta. Envolvia-a manto negro, e os cabelos, da cor do oiro, levava-os mal encobertos por um crepe.

Fantástica miragem!

Seria.

.....

Fui andando. A poucos passos enturvou-se a noite; meti por um atalho, e, ao aproximar-me desta aldeia, caía chuva tão forte, que me obrigou a buscar guarida. Bati à porta de uma choupana e entrei.

Acercando-me da lareira fui conversando com os donos da casa. Daí a pouco entrava um rapazito; vinha atemorizado, sem fala. Interroguei-o, e ele após algum tempo foi dizer um segredo ao ouvido da mãe.

— Coitado — explicou esta: — encontrou a Mal-Degolada, e deu uma grande volta com receio de a tornar a ver.

— Mas quem é essa Mal-Degolada? — perguntei curioso.

Todos se calaram, e só depois de instâncias é que uma velha muito velha me contou a lenda, que sinto não saber trasladar com o estilo da narradora e o mesmo tom de convencimento.

*

* *

Ali defronte na freguesia da Facha viveu em tempos remotos o senhor mais poderoso desta Ribeira Lima. Chamava-se D. Rui Mendes.

Bom e esforçado fidalgo, se o rei precisava do auxílio de seus vassallos, era o primeiro a aparecer no combate, seguido de seus muitos homens de armas, e o último na retirada, após a vitória.

Não contava mais de vinte e cinco anos, e já havia perdido a conta dos moiros que mandara de presente a Satanás com o seu pesado montante, que um homem de hoje mal poderia levantar do chão.

Na cabeça das raparigas destas povoações anda o retrato do mancebo tão finamente composto, que parece, ao ouvi-las, ser o mesmo o ideal de todas. E asseveram elas que tinha o moço castelão assim atraente o gesto, como era cortante o



Ponte romana no Minho

fio de sua espada; nem havendo corpo de infiel que esta não dividisse de um só golpe, nem coração de mulher que seus olhos não cativassem.

Depois de correria que fizeram contra sarracenos, deixou de repente de aparecer em montarias de ursos e javalis; e nos saraus dos castelos vizinhos as ricas-donas viam com enfado que faltava ao lado de suas filhas o mais apetecido galanteador.

E todavia o cavaleiro, quando furtivamente passava a galope no seu companheiro de proezas, mostrava no semblante enorme contentamento.

Quem ao cair da noite se avizinhasse desta freguesia de Bertandos havia de perceber o mistério.

Perto da fonte que tem o nome da lenda — A fonte da Mal-Degolada — estava uma torre circundada por árvores majestosas. Fora ali que Rui Mendes escondera a olhos ávidos a mais formosa donzela de quantas se têm criado em terras do Alcorão. E era de tais primores esse ninho de sonhos, que não haveria princesa que não pudesse invejá-lo,

se no céu de estrelas da sua felicidade não houvesse um negrume — a diferença na fé.

Diz-se que a linda moira, nas suas horas de solidão, cantava da janela rendilhada tão suaves harmonias, que os pássaros vinham escutá-la e aprender-lhe o canto.

— E por isso é — afirmava a camponesa — que ainda hoje os pintassilgos de Bertandos têm uns trinados que em nenhures se ouvem. Hão-de ser cantigas dos eirados da Moirama...

A Lua, que neste momento se espalha nas águas do sereno rio, alumiou por algum tempo os passeios dos dois enâmorados. Ela assiste desde muitos séculos a iguais cenas, e talvez seja um sorriso seu de zombaria o luar, com certeza mais encantador, que nessas ocasiões manda aos que protestam que amor tamanho nunca houve peito que o sentisse.

Mas o cristão e a moira que tal diziam, é porque deveras o acreditavam, e não se passou uma só vez que, ao separarem-se, um juramento por Deus e outro por Alá deixassem de firmar suas promessas de lealdade eterna.

.....
Uma noite... — ai que horrível noite aquela! — D. Rui aportou à margem na sua barquinha azul, e não encontrou a bela Tagilda, que sempre ali o esperava ansiosa. Foi caminhando para a torre, e, quando chegou perto, diferenciou vozes que percebeu serem dela e de um homem.

Dando um grito abafado e rouco, de salto apareceu junto da moira; puxou de uma faca de mato, e deu-lhe golpe tão fundo no pescoço que a deixou por morta. Depois arremeteu contra um vulto negro, mas... ficou espantado, reconhecendo o ermita da serra de Arga.

Este não se atemorizou, e voltando-se para o corpo ensanguentado da sarracena, disse-lhe:

— Querias ser cristã, vais sê-lo.

Enche de água o côncavo da mão, e, aproximando-se da infiel, esparge-lhe o rosto, dizendo solenemente: «Maria, eu te baptizo em nome do Padre, do Filho e...» Mas neste próprio instante exalou a moribunda o suspiro derradeiro.

D. Rui, com os cabelos hirtos e os olhos esbugalhados, estava ainda tão pegado à terra como um penedo do monte!

*

* *

— E viu alguma vez a Mal-Degolada — perguntei, certíssimo de que eu próprio a vira meia hora antes.

— Nunca; mas é como se a estivesse vendo. Contava meu avô que bastas vezes a descortinou sobre a fonte, alisando com pente de prata os seus cabelos de oiro e outras seguindo por esses caminhos fora num carrinho puxado a seis cavalos. Faltaram-lhe palavras no baptismo, por isso anda aí a penar há muitos centos de anos. É o que pode suceder a todos nós, se tal nos houver acontecido.

.....
Agora percebo certa canção de um rouxinol que em noites da lua cheia vai gorjear para o freixo da margem do rio. Bem pensava eu que os seus queixumes, doloridas endechas, eram talvez de algum rimance de amores.»

(«Lendas»)

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

1856-1890

O MINHO

«O Minho!

O jardim de Portugal!

Quantas vezes, leitor, tens tu ouvido designar assim essa formosa província, de entre todas as suas irmãs a mais populosa e a mais activa, a mais pitoresca e a mais hospitaleira, seio ubérrimo das tradições que individualizam uma nacionalidade, terra onde a vegetação é luxuriosa e onde os espíritos conservam as qualidades afectivas desse génio celta que foi o nosso *fiat* genésico e dessa alma grega que foi a nossa iniciação artística.

Berço onde se embalou a nacionalidade portuguesa, o Minho tem sido o tabernáculo sagrado das nossas tradições étnicas, subversivo e revolucionário, no momento das gran-

des crises nacionais, cultivador da terra na tranquilidade bucólica da paz, amoroso de raça, emigrador e fecundo por condições de meio.

Elisée Reclus, na sua «Géographie Universelle» confirma com a sua autoridade de distinto etnógrafo estas qualidades brilhantes da raça do Norte do País, quando escreve:— «Segundo o testemunho universal são os Minhotos os melhores habitantes de Portugal, tanto pela sua doçura de carácter, como pela alegria e cordialidade, as suas danças e cânticos fizeram já com que um autor os houvesse comparado a verdadeiros pastores de Teócrito».

«Tem-se observado ainda — acrescenta o sábio francês —, que o êxito das revoluções nacionais e a fortuna dos partidos dependem principalmente da attitude tomada pelas enérgicas populações do Norte».

Pela sua posição topográfica e pelas suas condições de vegetação e de clima, de humidade do solo e de higrometricidade atmosférica, o Minho é como que um intensíssimo viveiro da planta humana, fadado não só a assegurar a nossa missão colonial pela emigração, como a nossa independência, pela força numérica e pela da tradição.

Em toda a Península, é esta a província que maior contingente de emigrantes fornece, sendo curioso o facto de que não só aqui, mas em todas as regiões europeias focos notáveis de emigração, as condições de constituição cósmica são análogas às do Minho; o que leva bem a concluir que enquanto esta formosa província tiver nas suas frescas montanhas e nos seus vales pitorescos esse determinismo físico de fecundidade, que a torna um viveiro humano, a nossa nacionalidade conservará a força viva da tradição e da língua e o povo português terá na comunhão luminosa do progresso o seu lugar independente e honroso».

COSTUMES DO MINHO

«O ramo do casamento, ou palmito, é ainda hoje dado pelo noivo à sua noiva em Vila Verde e não seria decerto bem visto o casamento em que a desposada não levasse à igreja

o ramo que lhe deve o noivo. Além do ramo, este tem ainda de presentear a futura esposa com qualquer prenda de ouro ou roupa de vestir. Em troca, a noiva oferece ao noivo a camisa de linho, ordinariamente tecido por ela própria e com labores bordados por sua mão. As que não sabem bordar encomendam então esse serviço a alguma das suas amigas ou costureiras de nome, mas Deus sabe a mágoa que lhes vai na alma de não poderem tecer com as próprias mãos esse linho que foi talvez, numa das noites de espadelada nas eiras, o princípio do seu romance amoroso.

*Talvez que um dia este linho
tecido no teu tear
seja a camisa do noivo
com que hajas de me dotar...*

...«o rude cortiço usado para o Alto Minho cede o seu lugar ao espadeladouro de madeira burilado com desenhos vários, os mais catitas adornados com pequeninos espelhos embutidos. A espadela mais larga e cheia, pontuada de pequenas figuras geométricas, difere também das do Norte, esguias e singelas. Dir-se-ia que os instrumentos agrícolas assim arrebicados traduzem na sua feição de arte a maior riqueza e abundância dos concelhos, a vida mais alegre e farta.

Outros costumes o demonstram e vai disso inteirar-se o leitor quando eu lhe disser o que são as *Obradas* (oblatas) com que o povo se persuade encomendar a Deus as almas dos parentes ou amigos. As *oblatas* fazem-se ao oitavo dia depois do falecimento; como que são correspondentes à nossa Missa do saimento. Os parentes e amigos incorporam-se em casa dos doridos e assim vão enfileirados para a igreja, onde o pároco faz umas rezas apropriadas ao caso. No fim, dão todos ao padre uma esmola, que nunca será de menos de vintém, custo de cada responso, oferecido pela alma do finado; é a *oblata*. O costume da *colação* no dia do enterro existe também como o descrevemos na Barca; apenas não se dá vinho mas é distribuído o pão, ou molete, àqueles que o desejem.

Há ainda no concelho de Vila Verde uma outra *oblata*, aproveitável directamente ao padre, mesmo sem o latim do *Requiem*. É a que tem lugar depois de colhido o *são-miguel*. O abade manda um carro a casa dos fregueses receber a *oblata* e de cada viúvo ou solteiro recebe uma rasa de milho, ou duas, sendo casados.

Não se limitam aqui as contribuições de Vila Verde. Por cada baptizado ou casamento recebe o pároco uma galinha e dois pães e por ocasião da Páscoa, os ovos ou pão-de-ló,, o trigo ou dinheiro com que a generosidade dos fregueses agradece a visita da *Cruz*.

A Cruz!

Podes tu avaliar, leitor, que não és do Minho, o que significa essa visita do Cristo em segunda-feira de Páscoa a casa de cada um dos paroquianos da freguesia, pobre ou rico, seja qual for a sua condição ou classe! É mais do que uma festa religiosa; é uma festa da natureza e uma festa de família! A Primavera enche de aromas os campos, a seiva brota espontânea nas árvores, o sol cintila na ebriedade da luz; fazem-se as grandes sementeiras do milho, os arados lavram fundo na terra. Aleluia, aleluia!

A Igreja aproveitou bem o momento; é realmente a ressurreição da natureza esse expandir alegre da seiva e do sorriso humano.

O Natal é a festa da noite, a Páscoa a festa do dia!

Pelos caminhos da aldeia o pároco revestido de sobrepeliz e estola vai acompanhado pelo *mordomo da cruz*, pela *caldeirinha de água benta*, pela *campainha*, pelo criado encarregado de receber os folares. Partem sol nado... são muitos e distantes os lugares e a cruz, enfeitada com belos cordões de ouro e laços de fita coloridos, aromatizada com essência de cravo ou rosmaninho, tem de ser beijada por todos os fregueses.

Os vizinhos invadem as casas dos outros; os parentes têm de ir beijá-la a casa dos parentes, embora a distância seja longa.

Avista-se além a *Cruz*, numa volta da azinhaga. A campainha vibra no ar embalsamado pelo perfume das macieiras em flor e então todos se dão pressa em juncar de flores e plantas aromáticas a entrada do seu lar e de estender sobre a mesa a alva toalha de rendas, onde o foliar é depositado.

O padre chega. Enche-se a casa.

Aleluia, boas festas.

E a todos, ajoelhados, o pároco dá a *Cruz* para beijar, correndo assim a freguesia inteira.»

(«O Minho Pitoresco», I vol.)

FIALHO DE ALMEIDA

1857-1911

BRAGA

«Janela aberta, toda a frescura das árvores e das serras me entra no peito com uma lufada de bem-estar. Nas ruas, socos, socos, socos! batendo nalgas de cachopas, que vão aos pares, tendo à cabeça cestos almoceiros.

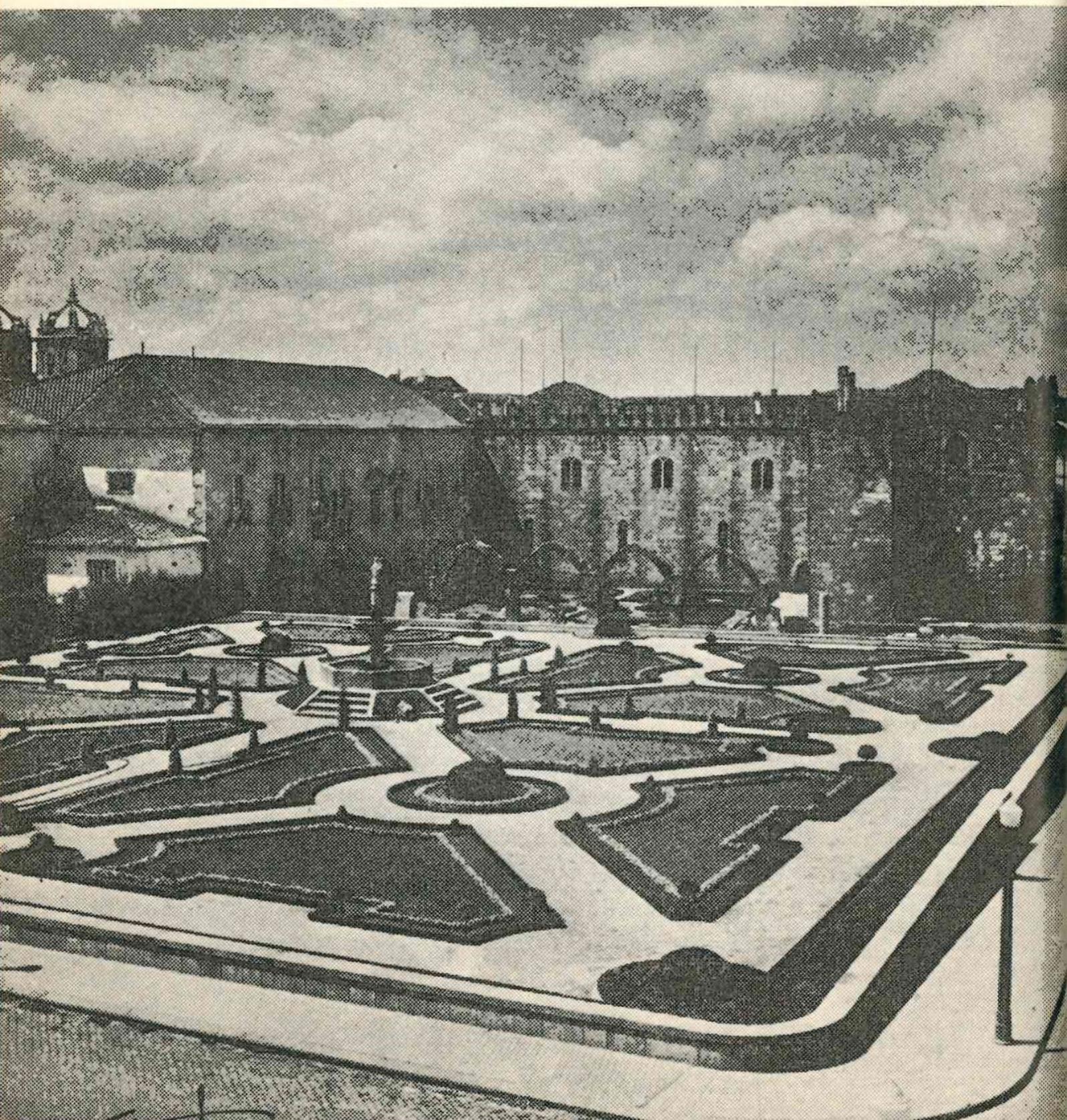
«*Ora vai tu,*
Ora vai tu,
Ora vai, vai...»

A casaria alarga-se, faíscam clarabóias de vidro, o fumo dos almoços ascende sobre os telhados molhados, adelgaçando as cores lutuosas da pedra, e pondo longes de pastel nas massas de construção dos bairros para além. No topo do jardim público diviso um edifício de arcos (A Arcada), por trás do qual uma torre vetusta, puída e negra, corta no azul seus perfis de batalha, medievos; chega um *tramway* pequeno, de dois carros, que pára quase em baixo do hotel, enquanto lá do fundo das ruas severos bois de cornucópias franquistas (como agora se chama aos divergentes) escorregam em car-

retas de tumba, estrumes de estábulo ainda fumegantes, e outros carros com folhelho verde vêm chegando, trazidos por moçoilas cujo defeito, como a estátua de Nabuco, é mostrarem, sujos e grandes de mais, os pés... de barro.

*«Ora vai tu,
Ora vai tu...»*

Pois é verdade que vou. Dar uma volta por Braga antes de almoço.



*

* *

Oh que linda manhã de céus lavados — que nitidez na luz do sol cor de ouro — oh que cheiro de matas que a brisa das serras traz nos vagos véus da névoa que esgarça! Minha amorosa terra portuguesa, como eu vos beijo na boca deste fresco balsâmico de resinas e de flores!

Estão húmidas ainda as ruas, do orvalho da noite, e nas poucas lojas abertas (pois é domingo e são horas de missinha) os bons lojistas espanejam e varrem, com automáticos gestos de séculos, a cercania das suas montras e soleiras.

Estes derredores da Arcada, no topo do jardim público e ruas perto, são para assim dizer o coração da elegância, o Chiado e Rossio da velha capital dos arcebispos. Na arrumação das lojas e feitio dos mercantes sente-se o protectorado do Porto, que Braga imita, e a sugestão dos armazéns da Rua de Santo António e Praça Nova. Como de-



BRAGA — Arco da Porta Nova

fron- te do *Suíço*, há defron- te do *Viana*, sob as árvores do *square*, um engraxador oferecendo verniz a algum raro estrangeiro, bispado de botins. Mas a hora vai matinal de mais para pés calçados; além disso é o mês das lavagens, e a Braga *vlan* deve estar a distinguir na Póvoa de Varzim e Praia de Âncora.»

(«Estâncias de Arte e de Saudade»)

ANTÓNIO FEIJÓ

1862-1917

DOMINGO EM TERRA ALHEIA

«Domingo triste, protestante e frio...
Onde estais vós, Domingos de outros anos,
Adro da minha Igreja, alamedas do rio,
Dias santos de sol católicos-romanos?

Vejo-vos através deste obscuro Dezembro
Como por uma lente de esmeralda;
Se penso em vós, nem sinto a neve, nem me lembro
Da febre impertinente que me escalda.

Sinto-me reviver sob o luar da Saudade,
Como se porventura ao seu doce clarão
O cadáver da minha Mocidade
Se levantasse do caixão!

E de novo regresso à minha terra,
Fugindo em desalinho,
Como o perdido viandante que se aterra
E torna atrás no seu caminho.

Chego, e diante de mim, onde a vista se perde,
Em minha honra, abrindo o festival tesoiro,
A terra estende a sua toalha verde
E o céu acende os candelabros de oiro.

Rindo, percorro os sítios predilectos
— Adros de Igreja ou pátios de casais...
Mas de certa janela uns certos olhos pretos
Cravam-se em mim como punhais!

E eu fico absorto, como outrora, ao vê-la,
A gelosia onde esse olhar flameja,
Tão luminoso e ardente, que a janela
Fulge como a rosácea duma igreja...

Como são belos os domingos nas aldeias!
Missas de alva, manhãs serenas de alegria,
E um Deus amável, que até mesmo as feias
Leva rindo e cantando à romaria!

Danças alegres pelas eiras,
Cantigas tristes nas quebradas...
Capelas a luzir cercadas de roseiras,
Laranjeiras em flor sorrindo às namoradas!

Cantam os galos... Tocai, sineiros!
É missa de alva, que lindo dia!
E como o rio se espreguiça, entre os salgueiros,
No seu lençol de areia aveludada e fria!...

Rindo e brincando, passam as horas
Pelos outeiros do meu lugar,
— Lábios risonhos tintos de amoras,
Bocas vermelhas sempre a cantar...

*São João era moreno,
É moreno o meu amor;
Anda ao sol, anda ao sereno,
Nunca muda aquela cor.*

*Desde que o sol anda fora
Ponho o meu linho a corar;
Quanto mais o linho cora,
Mais morena hei-de eu ficar.*

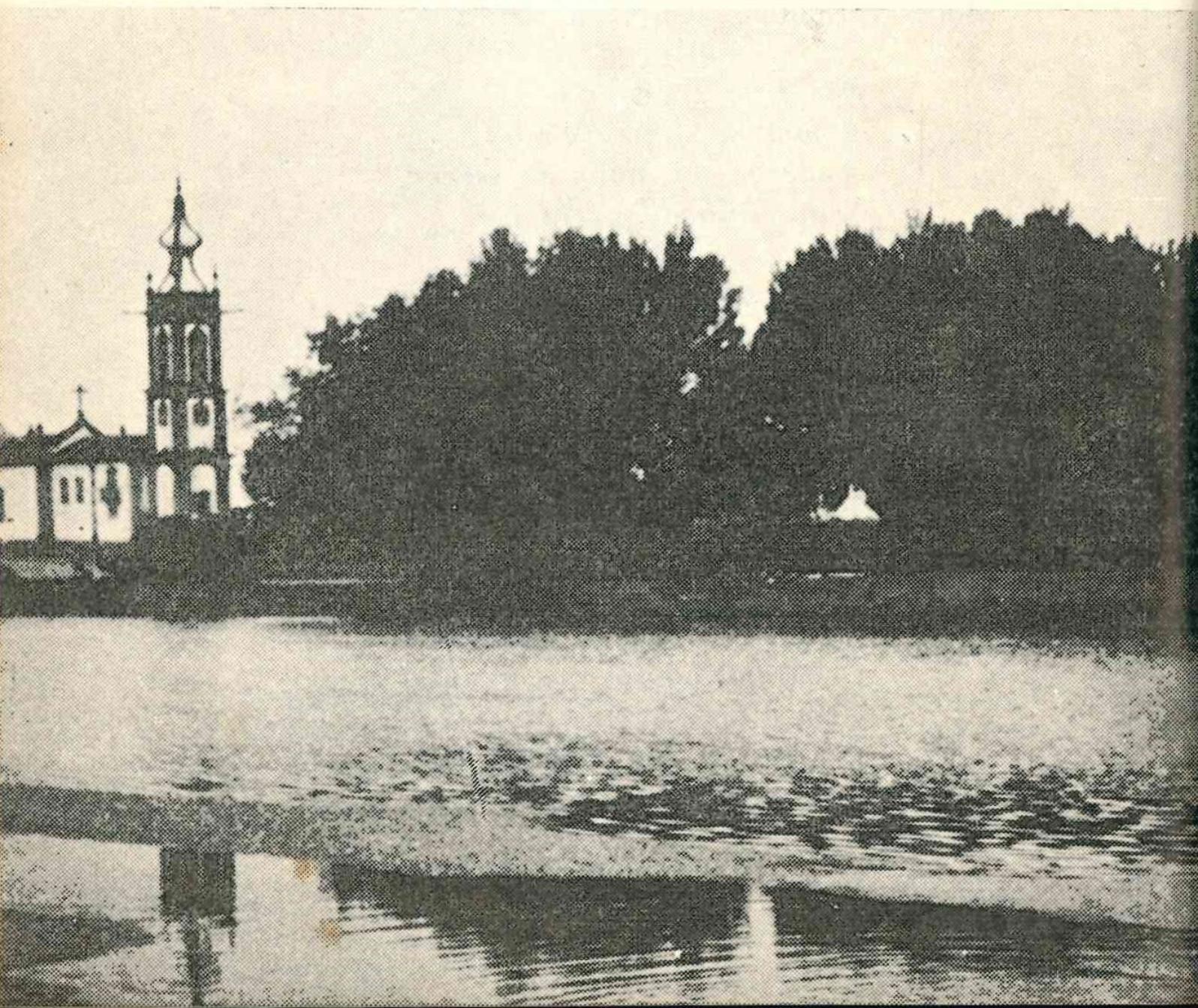
*A rosa da Alexandria
Dá-lhe o vento, cai no chão;
No meu peito, noite e dia,
Nunca dorme o coração.*

*O barquinho vai nas águas
Com a borda rente ao mar;
Pesam tanto as minhas mágoas
Que mal pode navegar.*

Mas a doce canção morre nos meus ouvidos
Como o ruído da vaga a espriar-se na areia;
Se o canto ainda se escuta, as notas são gemidos...
Só a voz da Saudade ecoa em terra alheia!

Desperto; volto a mim; foge o encanto da hora;
O vento geme na vidraça...
Vou correr, divagar pela cidade fora;
Mas só de quando em quando algum enterro passa!...»

«São águas claras sempre cantando / Verdes colinas, alvor de
areia, / Brancas ermidas, fontes chorando...» — António Feijó.



INVERNO

«Nasci à beira do Rio Lima,
Rio saudoso, todo cristal;
Daí a angústia que me vitima,
Daí deriva todo o meu mal.

Ê que nas terras que tenho visto,
Por toda a parte por onde andei,
Nunca achei nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.

São águas claras sempre cantando,
Verdes colinas, alvor de areia,
Branças ermidas, fontes chorando
Na tremulina da lua cheia...

Ê funda a mágoa que me exaspera,
Negra a saudade que me devora...
Anos inteiros sem primavera,
Manhãs escuras sem luz de aurora!

Ó meus amigos, quando eu morrer
Levai meu corpo despedaçado,
Para que eu possa, já sem sofrer,
Dormir na Morte mais descansado.

Olhos d'Aquela que eu estremeço,
Se de tão longe pudésseis ver-me!
Olhos divinos que eu nunca esqueço,
Morro de frio, vinde aquecer-me...»

(«Poesias Completas»)

JOÃO VERDE

1866-1934

D'A MUIÑEIRA

«Todal'as moças vêm ò moinho,
Todal'as moças ò moinho vêm.
Vós bem sabendes, moças do Minho,
Vós bem sabendes quem vos quer bem.

Tendel'a pele branca, branquinha,
Tendel'os peitos como um limão,
Tendel'a cara cor de farinha,
Tendel'os olhos cor de carvão.

Traz de los montes, cor de morango,
Cor de morango vem vindo o sol.
Vamos bailar ao sol o fandango
Com pandeireta e gaita de fol!

Gaita, gaitinha, ai! feiticeira,
Gaita, gaitinha que alegre o sol;
Porque foi feita prà moinheira
É que lhe chamam gaita de fol!»

MINHO E GALIZA

«Vendo-os assim tão pertinho,
A Galiza e mail'o Minho,
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quase desde o nascimento.
Deixá-los, pois, namorar,
Já que os pais para casar
Lhes não dão consentimento.»

(«Ares da Raia»)



Litoral minhoto: «A parte dos pescadores no areal difere completamente, nos tipos, nos costumes e nas casas...» — Raul Brandão.

RAUL BRANDÃO

1867-1930

DE CAMINHA A PÓVOA

«Caminha esta manhã é um sonho doirado que —tenho medo— se vai esvair na atmosfera. O rio azul, o grande monte fronteiro, a água, o céu, não têm existência real. Sobre o esplêndido panorama diáfano e azul, sobre o cone imenso e compacto de Santa Tecla, sobre a povoação de Campozandos, sobre os pinheirais verdes e os campos verdes, sobre a água que não boia, passou agora mesmo um pincel molhado em tinta acabada de fazer. A vila de ruas lajeadas e a igreja de pedra roída pelo ar salgado, com a

Galiza em frente e o fio branco de espuma lá para a barra, parece adormecida e encantada. Deviam-na deixar morrer intacta, sem lhe deitarem as muralhas abaixo, envolta no doirado que a traz entontecida.

Arranco-me a custo à contemplação e vou à rua dos Pescadores, que têm quase todos fugido para Manaus e para Santos. São casinhas muito limpas com um postigo aberto na porta. Para a vida do mar largo restam duas lanchas, uma delas quase abandonada. A gente que aí ficou emprega-se no trapiche da Galiza ou na pesca de água doce. A pescada falta: o mar dá canejas (cações), sardas, e as sarapintadas melcas. Num dia largam a caça, no outro vão buscá-la. Existem ainda alguns barcos de faneca, e os que empregam no rio — meias saveiras, de proa alta, e popa cortada — os pescadores do sável, do salmão e da tainha, que acode ao lume de água em cardumes e faísca como prata no azul. A tainha e o robalo apanham-se ao anzol; com os *quartos*, que se colhem para dentro do barco, e com os algerifes, que se arrastam para terra, pesca-se o sável e o salmão. Cuido que esta vila foi sempre mais importante como povoação de marinheiros que de pescadores. Lá está na igreja o altar do Senhor dos Mareantes, que o atesta com os ingénuos votos — barcas, palhabotes, navios, iates, *Milagre que o Senhor dos Mareantes fez a Fulano*, etc.

Agora Caminha adormecida vai morrer. Não tem movimento. Não passa ninguém nas ruas. As casas estão desertas. Só num recanto da praia alguns homens afadigados constroem a toda a pressa um navio para levar o resto dos habitantes para o mar. Cheira a breu e a pinheiro novo. Os carpinteiros de machado descascam o último mastro. Martelam-se as cavilhas. É embarcar! embarcar!...

13 de Agosto.

Daqui até à Póvoa de Varzim a povoação mais importante de pescadores é a Lagarteira (Âncora), na segunda reentrância da costa. Deito-me a pé pela estrada, através do lindo pinheiral do Estado, que, de cismático, me lembra António

Nobre, e fico perdido de sonho no Moledo. Em 13 de Agosto de manhã há uma ligeira névoa, um nada, um bafo. São nove horas. O azul entonetece. Perco a linha da paisagem, o verde escuro do pinheiral que vai até ao mar, e tudo isto se me afigura uma larga concha azul, formada pelo mar azul e pelo céu azul, com uma borda de areal onde alguns velhos moinhos em fila batem as asas para meu encanto. O forte da Senhora da Insua fica num extremo, com o monte de Santa Tecla, que saiu agora do mar a escorrer, e no outro extremo da curva, onde a amplidão do azul é infinita, a penedia a desfazer-se em espuma... Não posso. Por mais que queira não posso arredar-me daqui, com a cabeça estonteada. Fico. É só ao fim da tarde é que consigo chegar a Âncora, com dois jactos de azul metidos pelos olhos dentro. Logo hoje, até muito tarde, não se apaga do céu um doirado de iluminura, que se prolonga até noite velha e morre com aflição...

14 de Agosto.

Perto de Âncora fica a povoação de Gontinhães, de pescadores e de pedreiros, os pescadores ao pé do mar, os outros lá em cima no Calvário, unidos pelo caminho da Lagarteira, torto e lajeado. É uma aldeia pobre e humilde, pobre e doirada. Do escadório descobre-se o panorama, a amplidão do vale, o morro compacto que entra pelo mar e o fio manso do rio... Aqui o sonho não é azul, o sonho é verde. É ao mesmo tempo esquecido e verde, doirado e verde. Também a vida é baixinha: são as mulheres que lavram e as vacas que puxam os carros. Os homens foram por esse mundo rachar o lajedo e afeiçoar a pedra. À direita, encostado ao forte de Lippe, que forma o outro lado da bacia, com o portinho e o varadouro, ficam as casas dos pescadores. Mais um momento... A custo me arranco deste sonho verde, primeiro escuro nos montes, depois pacífico no vale, e que tão bem se liga com a humildade da terra e o azul do mar infinito... Falem mais baixo: em cada paisagem há sempre um deus escondido...

Desço, atravesso a aldeia, dou com um castanheiro que, não podendo crescer em altura, estendeu os braços cobrindo

todo o adro. Fico a contemplá-lo. Quando o deitarem a terra acaba-se a poesia deste sítio tão lindo para envelhecer. Tocam o sino para a novena. Ouço um momento os passos dos vivos e dos mortos... Em todas as aldeias que conheço, e que deixo com saudades, o que idealiza o monte bruto e espesso, a vida rude e o sítio agreste, é sempre a igreja, a torre e a cruz.

A parte dos pescadores no areal difere completamente nos tipos, nos costumes e nas casas, naturalmente noutros tempos barracas de madeira construídas sobre estacas. Há quatrocentos pescadores pouco mais ou menos, e cento e trinta e dois barcos varados na praia, todos pintados de vermelho. São maceiras, de fundo chato, tripuladas por dois homens, volanteiras ou lanchas de pescada por doze homens, e barcos de sardinha, que levam cinco ou seis peças de sessenta braças cada uma, e quatro homens. As redes têm estes nomes: peças as da sardinha, volantes as da pescada. Chama-se galricho a uma espécie de nassa com que se apanha a faneca; rastão ao camaroeiro; patelo à rede que colhe o caranguejo ou mexoalho; e rasco à da lagosta. As redes da sardinha são do mestre, e as da pescada dos pescadores. Os quinhões dividem-se conforme o peixe.

No Agosto começa a faina do patelo, assim se chama ao mexoalho ou pilado, que se deita vivo à terra para estrume. Junta-se no mar uma esquadra de barcos, que vêm da Póvoa, de Viana e de Caminha; junta-se na praia uma fiada de carros de todas as aldeias, próximas ou longínquas, que o transportam para o interior das terras. O areal está alastrado de patelo que remexe. Vende-se a lanço ou a cesto, que leva cada um dois alqueires, e custa três tostões. E por toda a costa neste tempo vai a mesma agitação na apanha do sarçaço...»

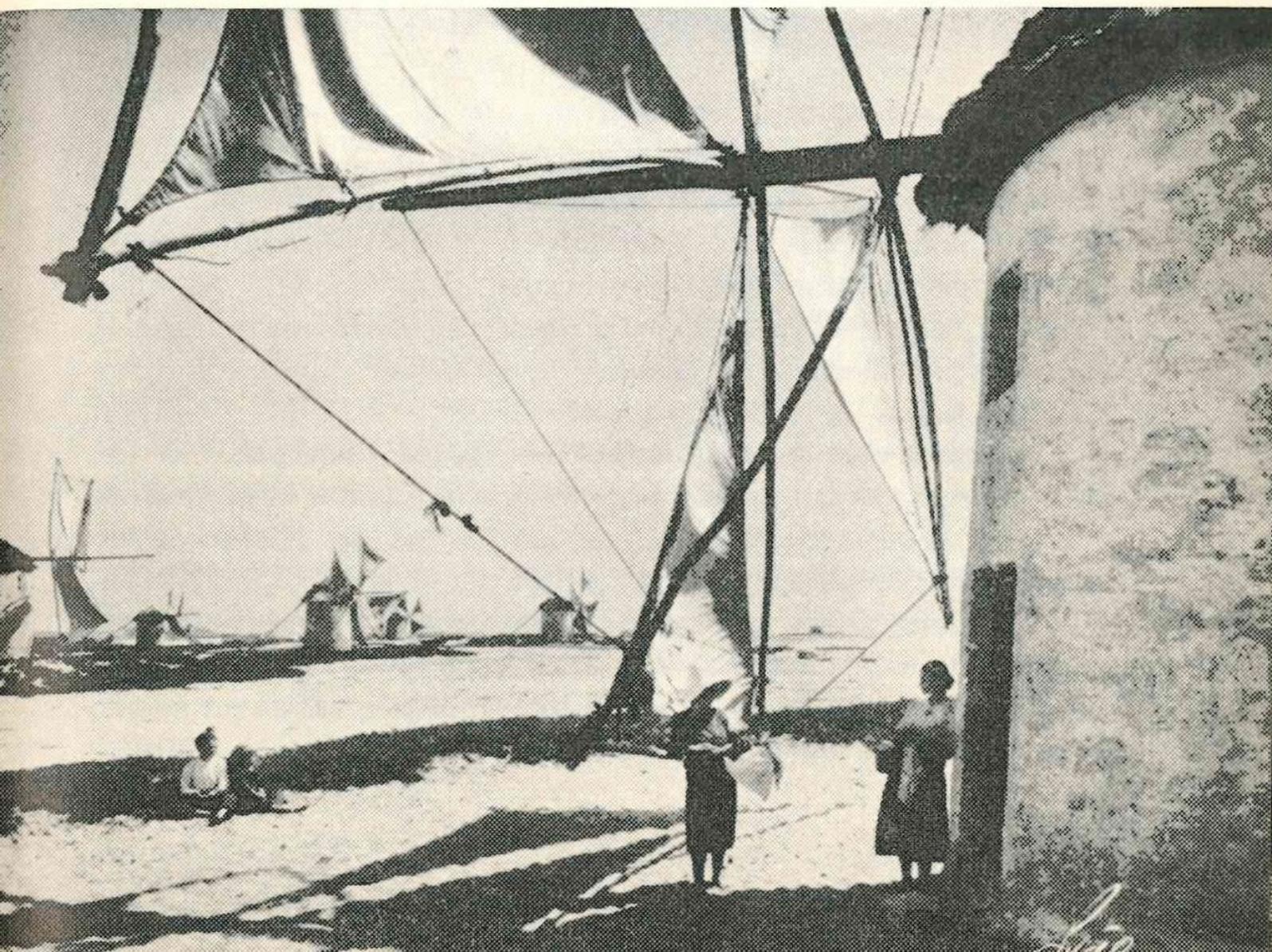
.....

31 de Agosto.

«Deixo esta manhã Viana e os incaracterísticos pescadores da Ribeira e sigo pelo pinhal de Darque, Anhe, S. Romão

de Neiva, para Esposende, com o rio à esquerda, por terras vermelhas, donde irrompem alguns tufos de pinheiros majestosos como templos. Ao longe a serra de Arga e as torres de S. Silvestre... Fica-me na retina uma igreja branca, a de Darque, recortada no céu, e a verde solidão dos pinheirais, que associo sempre à ideia do mar largo. Pela estrada característica acompanho carreadas de sargaço e de patelo, até que chego a Belinho, onde o grande poeta exilado bate as portas na cara do mar que detesta — depois de atravessar um fio de água, com o morro selvático do Castelo de Neiva em frente. De Belinho para S. Bartolomeu já me envolve a poalha da tarde e depois uma luz violenta nas Marinhas. Tenho de um lado os montes escuros e do outro o mar verde com o resplendor do céu em cima. À beira da estrada, branca de poeira, movem-se ainda — trabalham noite e dia — alguns

Moinhos do litoral minhoto: «...alguma coisa de navio e de brinquedo de criança». — Raul Brandão.



grupos de moinhos. E esta engenhoca seduz-me: anima a paisagem e tem alguma coisa de navio e de brinquedo de criança.

Faz-se tarde. No fundo mais negro as casas, mais pálidas, embranquecem: só o milho fica loiro e o céu fica doirado. Logo adiante é o areal africano da feia Esposende, terra da beira-mar donde não consigo ver o mar, terra de tristes pescadores. As redes de arrasto deram cabo do peixe matando a criação. Só resta uma catraia para a pescada, alguns batéis para a raia, com redes de malha muito larga, e diferentes barquinhos para a pesca do rio, que dá o sável, a tainha e o robalo na vazante, e a solha que se fiska com a petada nos fundos de areia mais escura.»

(«Os Pescadores»)

ANTERO DE FIGUEIREDO

1867-1953

O BOM JESUS DO MONTE

«...Se bem me lembro, teria eu uns nove anos quando fui pela primeira vez ao Bom Jesus do Monte. Não havia ainda americanos, nem elevador: fomos numa vitória do Mesquita, de manhãzinha, com o cesto fardaleiro na concha do carro, almoçámos debaixo das carvalheiras, para os lados da Mãe-d'Água, e por lá passei o dia (que tão curto me pareceu!) metendo a cabeça pelas grades de todas as capelinhas, provando a água de todas as fontes.

Quantas vezes depois, já homem, repeti, sozinho e a pé, esse passeio favorito, saindo de Braga ao apagar dos candeeiros! No Campo de Santa Ana, às portas do Ribeiro e do Arranjadinho, carregavam-se diligências dos Arcos e de Monção; no Café Viana, um criado encatarroado começava a tirar os taipais, e lá dentro ardia, vermelho, um bico de gás; um ou outro braguês, madrugador e bisbilhoteiro, sondava, colado às portas; e no lusco-fusco passavam senhoras de passo miu-

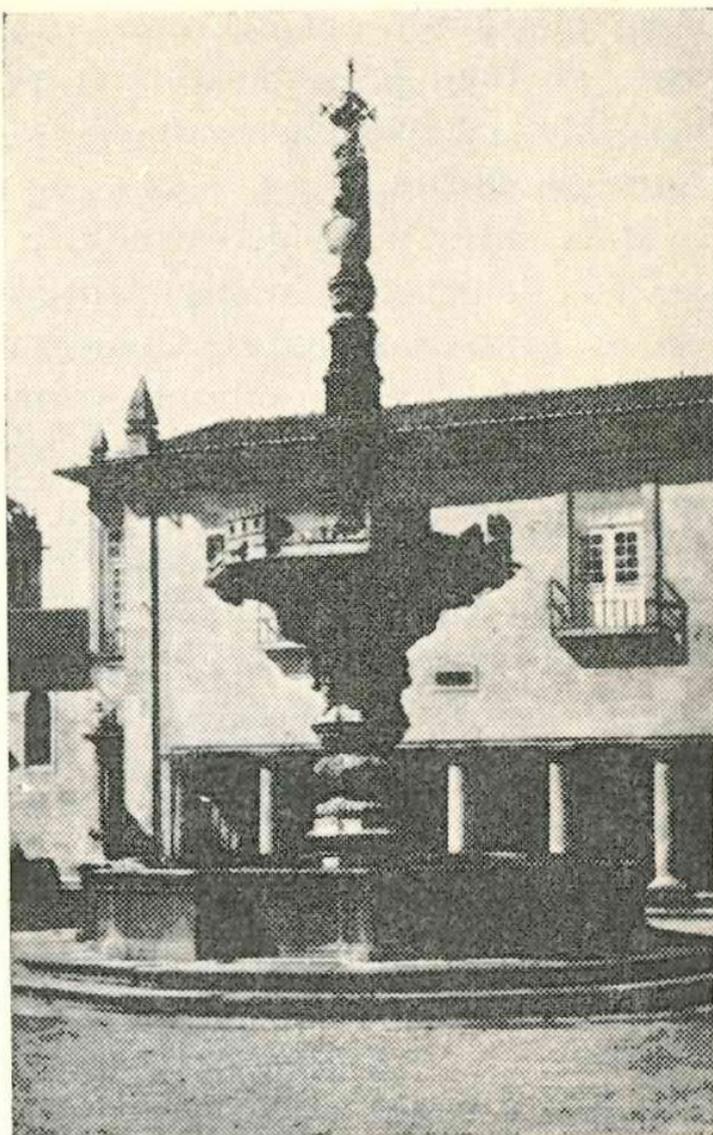
dinho, apressadas, para os Congregados, onde tocava à missa das almas.

Até à Senhora-a-Branca nem vivalma; mas por São Vítor fora, das portas meio abertas das tascas, saíam sombreireiros de «matar o bicho». As alminhas de Gualtar, passava por mim, sonolenta, a diligência de Ruivães, e eu voltava para a linda estrada dos Piões, entre campos verdes e chãos a perder de vista.

Ao Lanhoso, a estrada, encostada à mata do Brandão, começa a subir, numa curva suave, sobre o vale de Este, pequenino e amável; vai a gente andando e pi-

sando a caruma dos pinhais; em Tenões mete-se por debaixo de ramos de castanheiros. Passam-se casas achalezadas, jardins com repuxos, mas logo, Deus louvado!, se entra de novo em terra minhota, com hortas, ramadas, medas, caniços e os verdes beirais alpendrados de videiras, que são para as janelas o que as pestanas são para os olhos...

A estrada continua subindo sem custo. De onde a onde, há bancos de pedras, que alma benfazeja mandou colocar à sombra de árvores, para descanso de quem sobe, sobretudo para romeiros que vêm de longe, carregados de promessas, mostrar ao Bom Jesus os seus mansos corações agradecidos. Em regueiro, entre ervas, corre a um lado a água seivada das poças, que vai regar lameiros e milheirais; de um quintal



BRAGA
Chafariz do Largo do Paço

vem, misturado em cantigas, o raque-raque dos teares; e na torre do Bom Jesus do Monte, que se avista afitada pelo sol nascente, os quartos caem do relógio, num timbre de prata como de clarim.

Mais outra volta de estrada, e logo, ao fundo de uma rua fechada de árvores, branqueiam as primeiras capelas e ouvem-se as primeiras fontes. Começa o escadório, mas a estrada continua à direita, subindo o monte, às voltas, debaixo de altas carvalheiras, onde a luz e silêncio são doces. Quando se sai desta meia luz, ao chegar ao alto da montanha, e se vê, de repente, uma concha de verdura num círculo de colinas muito azuis, sob alto céu cheio de paz, o peito enche-se contente e a boca murmura agradecidamente: «Como é lindo!» A velha cidade dorme ainda, estirada na frescura dos campos orvalhados. O sol, que vem nascendo, toca de oiro as copas das árvores e os rebordos dos montes. No horizonte, uma mancha de gaze indica a linha do mar... Respira-se sossego! Há a

Bom Jesus — «...ao fundo de uma rua fechada de árvores, branqueiam as primeiras capelas e ouvem-se as primeiras fontes»

Antero de Figueiredo



bondade dos domingos de Páscoa no campo, na alegria modesta do sol de Março. Um grande bem-estar entra na alma; e todo o nosso regalo seria passar ali o dia inteiro, sem dizer nada, a olhar, a olhar esta paisagem amiga, pensando em coisas boas...»

(«Recordações e Viagens»)

FALPERRA

«...Para quem vem do Bom Jesus do Monte, à torreira do sol, por uma estrada cheia de pó, entre samas e urzes ressecas nas lombas descalvadas do Sameiro, — o avistar, no encosto aspérrimo de Santa Marta das Cortiças, a capela branca de Santa Maria Madalena cercada de arvoredos, é ouvir sair da verdura fofa este convite hospitaleiro:

— Amigo, pára e descansa aqui!

E nós seguimos, atraídos por essa voz de agasalho.

Logo se alcança o pequeno templo a cavaleiro de duas vertentes profundas com dois panoramas de fisionomias diferentes: de um lado, o curto vale das Taipas, de luz discreta; do outro, a desafogadíssima bacia do Cávado, de luz despejada, e campos e campos verdes, até às ribas dos montes postos noutros montes, em gradações de valores azuis pintados a fresco na redoma colossal do céu de pérola, a fundir-se em turquesa, e, subindo, a azular-se, a iluminar-se em safira.

Da capela desce-se por uma alameda de sobreiros; e, em baixo, no terreiro, carvalheiras antigas e plátanos novos broxam sombras azuis na fachada branca do conventinho franciscano de beiral encarnado. Para além, segue outra nave de árvores fechadas, onde é doce a luz da sombra e ao fundo alveja a caliza da capela de Santa Marta, de modestas linhas ogivais. Num tanque ouve-se e vê-se cair água que esborda e brilha, em cordões de cristal irisado, na pedra esverdinhada de musgos; e a água, depois de abeberar relvas e luzir entre ervaçais, despenha-se pela encosta abaixo: sempre prestadia, lá vai ela limar pascigos e regar restevas de milhinho serôdio.

Que afectuosa atmosfera a do largo toldado de ramarias! Como, longe dos homens, é doce viver com árvores! Nas

copas há réstias de oiro verde nas folhas cimeiras dos carvalhos e dos plátanos: e no capim do chão caem pingos de sol amarelo. O ar é brando, afável a luz coada. Respira-se serenidade e paz. Dos braços da cruz da capela de Santo António desce a bênção cristã; o bem-querer das coisas vem ter connosco e dulcifica-nos o coração. E para que tudo fosse religioso nesse canto religioso só faltava que uma figura monástica, de hábito e sandálias, viesse sentar-se num desses bancos de pedra e, entre árvores, no grave silêncio das coisas que pensam, sob a graça do Senhor, aqui murmurasse a sua noa canónica...»

(«O Último Olhar de Jesus»)

O CORAÇÃO DO MINHO

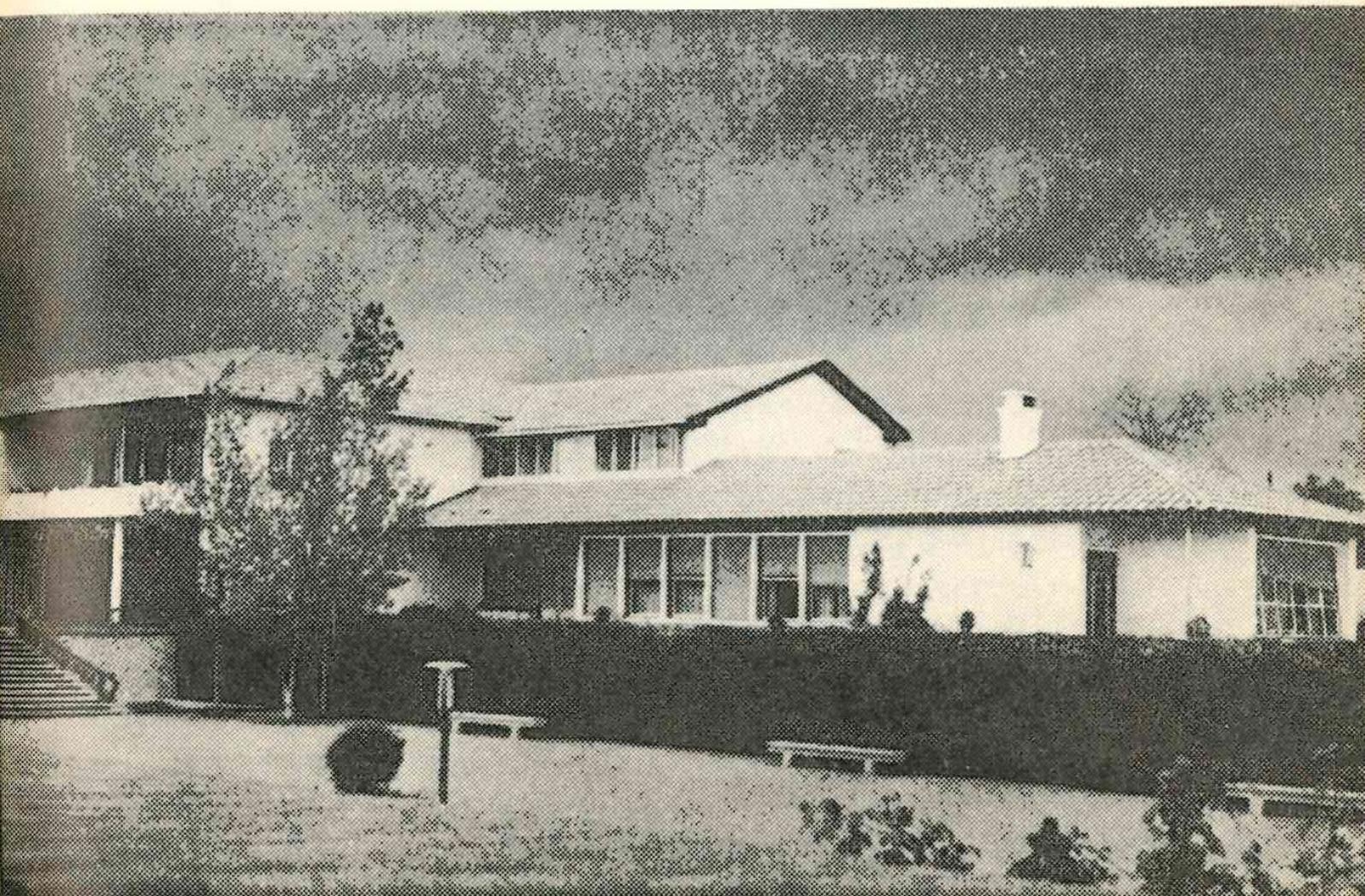
«O coração do Minho, entre Bougado e Famalicão, não tem serras nem altas montanhas, mas sim pequenos montes, amáveis oiteiros, suaves encostas. O seu maior rio, que segue entre campos baixos orlados de amieiros, chama-se Ave e, se quisesse, podia, na verdade, voar, tão leve é. Os açudes são degraus de espuma, e a sua água, que a caleira das azenhas sorve, não consegue dar mais andamento à grande roda, musgosa e morosa, a gemer e a gotejar, do que o tem o rodar sonolento dos carros de bois, ao longo das estradas. A sua frescura é feita com ribeiros, regatos, veios de água clara, para regas de milheirais e de feijoais ou, quando empoçada, para lavar as roupas de linho, de estopa, de tomentos, e ainda as chitas de cores:—vivazes como, em Agosto, o riso das romãs abertas, berrantes como, nos arraiais, trovas à desgarrada.

No Inverno, com as árvores despidas e extensos prados de erva tenra—o Minho é todo verde; em Março, com os valados vestidos de giestas floridas, as bouças tapetadas de tojos em flor, e os campos cobertos de pampilos—o Minho é todo amarelo.

Na Primavera, a seguir às podas, que limpam as árvores e varrem o ar, os campos, esperando novas sementeiras, en-

chem-se das flores amarelas dos pampilos, das roxas soagens, do trevo cor de mosto e do azul descorado das miosótis bravas, que, vistas de longe, parecem geada. Depois, vêm as lavras em que os bois barroços, de pontas em lira, mansos, a lambar as beijas e espanear as caudas, contentes com a toada da cantiga do boieiro jovial que os conduz, aram, com charruas leves, terras escuras adubadas com aquelas flores. Rezam-se ladainhas sobre os campos para que as sementes germinem depressa e produzam bem — elas que, na cesta, antes de serem lançadas à gleba, foram bafejadas pelo hálito santo do boi, para levar, para o seio da terra, o calor espiritual da sua bondade que as desdobrará em abundância e as florirá em beleza, — tal-qualmente o milagre do centeio que mais forte vem se o semeia uma virgem de nome Maria. Rebentam pereiras, pessegueiros e macieiras, em flores de neve e de rosa; trolhas dão mãos de cal nos rostos das casas e de vermelho nos beirais onde andorinhas virão, em breve,

Moderna arquitectura residencial minhota: Casal Miranda
— V. N. de Famalicão, Louro — propriedade do Sr. Arthur
Cupertino de Miranda



fazer seus ninhos, e, no Estio, se alastrarão, largas como mãos leais, as folhas palmares e verdes da cepa que sobe ao longo do cunhal. Abril finda, entre flores, anunciando frutos.

Chega Maio, e de cada buraco de valado, ou fenda de penedo irrompem tufos de saramagos, de flor branca e miudinha; e nas giestas duras desabotoam-se mil pequeninas pétalas, buliçosas como borboletas, amarelas como as gemas dos ovos cozidos dos folares pascais. Então, não há peitoril de janela, ferro de varanda, padieira de forno, pipo, tonel, jugo de bois, timão de carro, tejadilho de diligência, corte de gado, nabal ou linhar que se não enfeite com as flores das giestas — a flor predilecta do Maio triunfante sobre o Outono morto e o Inverno arrefecido, flor propiciadora que trará fartura ao casal e defenderá a vida precária das crianças, dos anhos, dos bezerros e dos bacorinhos.

Chiam os alcatruzes das noras, para tirar as primeiras águas das regas; nos pinhais, andam rapazes às pinhas e velhas aos gravetos; e num lameiro próximo, uma moça, de saio encarnado, cantando, sega a erva húmida dos pastos. Nos soitos, há tabúas amarelas, ensarilhadas, a secar; na ourela de um pinhal, um carro de bois carrega-se de mato tenro para as cortes dos animais. No alto dos montes, entre urzes verde-escuras, as lascadas brancas das pedreiras parecem exóticos lótus colossais que, por maravilha, viessem, dos rios do Oriente, medrar aqui nos cabeços destas terras ocidentais e secas; e brancas são também, como toalhas, as meadas de linho a corar no oiteiro.

O linho, o querido linho a quem o Minhoto quer mais que tudo — a quem estremece! Poderá deitar fora, como coisa que não presta, um pedaço de seda, de damasco ou de veludo; mas um farrapinho de linho, por mais pequeno e sujo que seja, esse guarda-o preciosamente para com ele forrar a rolha de um batoque, ou pensar uma ferida, desfazendo-o em fios...»

SÃO MIGUEL DE SEIDE

«O sítio é vulgar e um pouco baixo, embora desafogado a nascente pelos longes dos montes de Vermoim, sobre o vale

em que se esconde a aldeia de Ninães. Em Janeiro, os pinhais do Calvário e de Ruivães, ali próximos, e os de Landim devem na verdade «gemer», como, estarrecido, dizia Camilo que em sua alma remordida ouvia, nas vozes da escuridão, sentenças que o condenavam... Então, quando as noites de inverno aí desciam, longas, negríssimas, humidíssimas, a enregelar-lhe o corpo, como se ele estivesse dentro das quatro paredes esverdeadas e gotejantes de uma cisterna, e a anuviar-lhe a alma, como se vivesse num desterro; — então, o espírito de Camilo, romântico e torturado, a sonhar com o movimento, com o sol, com a vida, havia de sofrer mortais nostalgias, semelhantes, aliás, às que sentiria da solidão, ao ver-se no meio das cidades burguesas e ignaras, que o não amavam nem compreendiam. A multidão irritava-o, o isolamento matava-o. Assim, nos vaivéns das aspirações contraditórias e da vontade incerta, se debatia, desesperadamente, a alma agitada de Camilo. Por isso, não parava: ora em Seide, ora no Porto, na Foz, em Braga, em Coimbra, em Guimarães, em Lisboa, na Póvoa; ora outra vez em Seide, instalando-se e desalojando-se, passou a vida no deambulismo do exaspero da insatisfação absoluta...»

(«Jornadas em Portugal»)

P.^o MANUEL DE AGUIAR BARREIROS

1874

O ESTILO ROMÂNICO NA RIBEIRA LIMA

«...Pelo que diz respeito à região que o Lima enriquece, não é desmedrado de todo o número destas sugestivas igrejas e capelas que em singular harmonia com o repoisado ambiente que as circunda se vêem espalhadas, desde Viana a Lindoso, pela extensa e linda ribeira. Não se imagine, todavia, encontrar aqui um *românico* de grande pujança architectural, ou de efeitos extraordinários de exorno. Afora um



Capela românica de Santo Abdão (Correlhã)

que outro exemplar mais rico onde o particular desenvolvimento de traço ornamental acusa relações de intimidade mais estreita com a vizinha Galiza, todos eles, de proporções medianas e até, em alguns, modestíssimas, decalcam o singelo esquema de uma planta em dois corpos rectangulares desiguais incluindo o menor — a abside — que afecta cabeceira plana, qualquer deles carecendo de abóbada. É que, não obstante a preponderância exercida pela escola francesa da Borgonha, é bem patente aqui, bem como, de resto, no território galego, a tradição das construções visigóticas quanto ao plano na maior parte seguido. Nota-se, ainda, nas colunas, a adopção generalizada de *garras* nos ângulos do plinto; o emprego repetido de frestas arvoradas em janelas frequentemente para o interior; e a completa ausência de arcaturas sobre os modilhões das cornijas e no interior das absides.

E a isto se reduzem as principais características do grupo da Ribeira Lima. Pobres são, na generalidade; e contudo após a minúcia de acurado exame cai-se na conta de que essa

pobreza tem mais de aparente que de real, pois não sendo raros os componentes recomendáveis pela sua invulgar estrutura, manifestam-se com frequência elementos preciosos de carácter ornamental. O melhor exemplar, que é indubitavelmente o de Bravães, dá muito que aprender; alguns há, posto que bem menos ostentosos, como, por exemplo, Santo Abdão, que se tornam merecedores do especial registo pela harmonia e equilíbrio das suas linhas construtivas, e comedida distribuição escultórica, pois é sabido que nem sempre o acumulado dos ornatos decide do valor artístico duma obra; outros, finalmente, mesmo através das feridas de subsequentes reformas, conseguem fazer-se notar pela rara disposição de certos componentes como em S. Martinho do Crasto, com a sua torre de defesa, a constituir, ela só, toda a fachada; ou, ainda, pela interessante convergência de certas anomalias; haja em vista Santa Eulália de Refoios com a fresta que se rasga na fachada principal, notavelmente desviada do eixo.

A não ser esta última, que, como se verá, é de todas a mais vetusta, as restantes marcam abertamente o terceiro período, ou de transição, bem firmado em algumas como em Santa Maria de Ermelo, já perto de Lindoso, alçada num retirado escalão de agreste serra, ouvindo distintamente o rumor do Lima, que, lá em baixo, se encrespa mordido das fragas.

Quanto aos motivos ornamentais, predominam os de feição geométrica, como sejam as pérolas, as esferas, lanças, escaques, bilhetes, dentes de serra, fusos, círculos, arquinhos entrançados, entrelaces funiculares, corações invertidos ligados com presilhas, losangos, etc. Os motivos flóricos só parcimoniosamente se empregam estilizados, tais como botões em relevo fendidos em cruz, miosótis, cálices de flores, folhas de hera, de loiro e de figueira e pouco mais. Os importados da fauna, salvo no movimentado pórtico de Bravães, limitam-se de ordinário aos modilhões no alto dos muros, por vezes, às mochetas dos tímpanos e à face e intradorso dos arcos triunfais. Há-os também mistos, num que outro capitel ou arquivolta convergindo às arestas.

A escultura, pròpriamente dita, a da forma humana, essa,

apenas consegue um desenvolvimento maior no referido pór-tico de Bravães que é, sem dúvida, em Portugal um dos mais raros e típicos exemplares neste género.

Lançadas estas ideias gerais não há contudo para que a gente se forme ao longo caminho por montes e vales, desde Viana à fronteira pela encantada região, em procura dessas enternecedoras igrejas, ocultas nas dobras de soberbas montanhas, ou erguidas a medo nas ondulações circunvizinhas do rio, carregadas de anos e sofrimentos, esperando de todos nós um olhar compadecido, a menos que não seja o carinhoso desvelo de um bem dirigido auxílio...»

(«Igrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima»)

CARLOS MALHEIRO DIAS

1875-1941

GUIMARÃES, A PAISAGEM

«...Já ao longe, sob o céu de anil, se projectava o Monte da Penha, e a cidade estendia os seus quatro braços de casaria a meio do vale planturoso e fecundo. Alegrementemente, ao som dos guizos, os cavalos desandavam a trote, enguendo uma grossa nuvem de poeira e o *landau* entrou em Guimarães pelo Castelo, quando o Cabanelas anunciou em alarido que estava tocando para a missa das nove e se chegara primeiro que as diligências de Chaves e Amarante.»

.....

«Agora, em frente à janela, contemplava a paisagem abundante, os campos onde fumegavam as moreias fermentando ao sol; mantos verdes de pinhais cobrindo lombas de serras; uma calça de capela faiscando ao longe entre sobreiros; e no vale fecundo, onde os restolhos punham imensas nódoas de ouro, a álea dos choupos, que sacudiam sobre a terra as derradeiras folhas outoniças. Longe e longe havia uma leira já lavrada, pronta para a sementeira, e até ao largo o ténue fumo azulado das moreias subia, como se montes pesados

de ervas ardessem. A meio de um campo, os dois bois de um arado mugiam, abandonados. Apenas numa terra de milho alguns cavadores indolentemente sachavam, erguendo em cadência para o céu as enxós que reluziam. Para o sul começavam os terrenos de vinha, a longa ramada primitiva, de castanho e pedra, onde a folhagem esmorecia numa tonalidade cor-de-rosa. Vinha depois o pomar onde verdejavam apenas os limoeiros e as tangerineiras e o resto do velho jardim, de ruazinhas estreitas, por onde cresciam os musgos. Na extensão do pátio andava à solta um galo de grande crista de púrpura, que esgaravatava o fumeiro dos currais; e nos cedros caducos do portão, ao aconchego profundo das ramarias tristes, a pardalada chilreava de volta das suas «razzias» pelas eiras. E outra vez elevavam-se os montes arborizados pelas umbelas simétricas dos pinheiros coroando as eminências com um monótono pálio verde sob o azul venoso do céu...»

(«Os Teles de Albergaria»)

CAMPOS MONTEIRO

1876-1934

GUIMARÃES

«Guimarães, berço da monarquia, e conservando dessa esplendorosa época de luta a igreja onde foi baptizado o príncipe-cavaleiro e o castelo que tão firmemente o defendeu contra as arremetidas do Leonês, estende-se no sopé do monte da Penha, em meio de um mar de verdura. «Ponte sem rio, sé sem bispo, paço sem rei» — dizem, detraindo-a, as terras suas rivais. De facto, não cavalga rio algum a ponte, ou antes grande aterro, que liga a cidade com a estação do caminho de ferro. Não tem bispo agora o templo que o Sereníssimo Senhor D. José, arcebispo primaz, erigiu em catedral quando, malquistado com os de Braga, se acolheu a Guimarães. E não tem rei — nunca o teve, o paço gran-

dioso que D. Afonso, duque de Bragança, lá mandou construir. Mas, compensando, tem muitas pedras que nos falam de tempos idos. Estão cheias delas os seus edifícios, os lanços das suas muralhas poupadas pelo tempo e o Museu de Martins Sarmiento, um dos mais interessantes repositórios portuguezes de arqueologia...»

(«Entre Douro e Minho»)

JÚLIO DE LEMOS

1878

VIDA DO MAR

«Domingo, 9 da manhã. Na safira do firmamento, um Sol resplandecente. Há na terra uma placidez pacificadora. Têm as coisas um ar acolhedor... Chamando para as missas, o toque argentino dos sinos parece-nos feito de sorrisos... As almas respiram alegria. Só o rio Lima vai marulhoso e carancudo e o mar, azulino, está picado. Assim mesmo, algumas lanchas largam para o levante das redes, deixadas nos longes. Nas companhas, velhos de face enverrugada e barbas alvíssimas, e moços apolíneos, todos com um cariz desanimado, são a nota melancólica no ambiente festivo da hora... Tinham ido, há oito dias, com tempo sereno, lançar os aparelhos de pesca, muito confiados no bom resultado do seu rude labor. Mas sobreveio o temporal bravo—e só Deus sabe agora a sorte que os espera e que será, por certo, má:—sempre a fatalidade a acompanhá-los, inexorável! Daí a tristeza que lhes vinca o rosto.

6 da tarde. O Sol, pálido, descaíra no horizonte cor de cinza. A natureza revestira-se de um tom magoado, a condizer com as fisionomias dolentes das pessoas que estanciavam nos cais: anciãos, mulheres, rapazes, miúdos de ambos os sexos, família dos pescadores que deviam recolher do mar. Frio no ar e arrepios nas almas. Espera-se a notícia amaríssima de que tudo se perdeu.

Divisam-se as lanchas. Aproximam-se. Já se ouve o rangido dos remos nos toletes. Atracam. O olhar ansioso dos circunstantes crava-se no rosto dos que chegam. Não há dúvidas já! O aspecto dos das companhas é o dos vencidos, dos esmagados pela desgraça. Não traziam nada, uns. E outros tinham cansado os braços com as rocegas, para apanhar... farrapos de redes! Quase todos nem malha têm em casa! Uma calamidade! A fome! E recolhem aos seus tugúrios, calados, sem uma queixa, uma blasfémia, quase conformados com o drama.

Numa palavra: cem contos no fundo do mar — e a miséria mais cruel na Ribeira!

.....

— A vida é má. Custa muito a levar.

— Onde vem, assim tão molhada?

— Do sargaço. E vem ali abaixo a Isabel, e a Albertina, e a Domingas, e o Nelo e o Tone. Todos a escorrer, como eu...

— São da mesma família?

ESPOSENDE — Faina marítima



— Todos, meu senhor. Elas são minhas irmãs; o Nelo é também nosso irmão, por parte de pai; o pequeno é meu sobrinho. E vivemos juntos, com meus pais, já velhinhos.

— Só se empregam na apanha do sargaço?

— Temos de dia outras ocupações. Albertina e Isabel fazem renda. Domingas anda aos recados de diversas casas. Manuel trabalha no estaleiro. O Tone é da tipografia do jornal.

— Que idade tem o pequeno?

— 18 anos, embora figure ter apenas 7. É baixinho, raquítico, magrizona. A mãe morreu em Lisboa, a servir. O pai é sacristão e não faz caso dele.

— Então, além de tipógrafo, vai ao sargaço?

— Que remédio! E olhe que mexe a gramalha com o mesmo desembaraço que nós!

— E como podem vocês com este frio?

— Sofre-se... vamos às 3 da manhã para os *Cavalos*, que é onde o mar bate mais, e metemo-nos à água, a colher o sargaço. Tiritase, é certo, treme-se como varas verdes; mas também se arranjam sete e oito mil reis por cada carro. Está mais caro o sargaço, agora. Valle a pena! Depois, quando recolhemos, toma-se, às vezes, um cafèzinho bem quente.

— Às vezes? Como assim?

— Sim, meu senhor. Nem sempre pode ser. Está tudo tão caro e o dinheiro tão difícil!...

— Tenho pena de seu sobrinho.

— Ajuda-nos muito. A colher o sarruço, ninguém lhe chega! Aquela miudagem, trá-la ele toda... A gente não quer que ele se canse; mas é preciso que ganhe... Temos que sustentar nossos pais, — que já não podem cuidar de nada. Mas é escravinho, o rapaz, e destemido. Tem-nos pregado cada susto! Imagine que a gramalha lhe dobra amiúde e o faz cair no fundão!

— Que perigo!

— Aí vêm minhas irmãs: pingam como eu, vê? E hoje não há cafèzinho...

— A vida é má, tem você razão.»

.....
(«Ares da Montanha»)



Igreja de S. Frutuoso

MANUEL MONTEIRO

1879-1952

S. FRUTUOSO

«No sopé da vertente noroeste do planalto bracarense fica o lugar de Montelios que foi na sua origem uma *villa* luso-romana.

Logo após o meado do século sétimo o Destino projectou esta *villa* na órbita dum Santo que a impregnou da sua fulgente espiritualidade e lhe deu para sempre renome. Distava e dista o célebre lugarejo pouco mais de um quilómetro tanto da cidade arquiépiscopal como de Dume — a sede do minúsculo bispado suevo.

Curtos passos a separavam da antiga via romana que da *Brachara-Augusta* conduzia ao ocidente da Galiza¹. O sítio, apesar de profundo, é dum recolhimento ameno e tem um airoso desafogo panorâmico sobre uma das zonas mais formosas do vergel minhoto. Debruça-se de leve para o vale do Cávado do centro duma concha de verdura cujos bordos são formados, para leste, pelo avanço do Monte de Crasto e pela colina subjacente em que assenta Dume, e, para poente, pelo outeiro de Parada e pelo monte de S. Gens encabelado de pinhal, um e outro compreendidos outrora no couto de Tibães, confinando por ali com o de Braga.

No fundo, sob a fecunda carícia do sol, alastram-se docemente para o rio os húmidos prados e as terras de sementeira fertilizadas pela água borbulhante das nascentes, pela água gemente das noras e pela água corrente do ribeiro — *Rivulum Tortum*².

Esta verde toalha de fartura é retalhada em pequenos campos e leiras divididas entre si por renques de árvores às quais sobem e virgilianamente se enlaçam as vides numa orgia dionisiaca dum surpreendente desalinhavo decorativo.

As frondes, adensando-se na perspectiva, formam um delicioso marulhar de vagas esmeraldinas que galgam pelas encostas e onde se afogam os povoados, emergindo apenas da sua macia espessura os remates dos humildes campanários de Merelim e Frossos, Parada e Dume como para atestarem, à maneira de marcos, a exactidão e a sobrevivência duma toponímia multissecular³.

Longe, para além do Cávado que mal se adivinha, levan-

¹ Esta artéria das legiões imperiais, por onde rolaram mais tarde as hordas dos suevos e dos visigodos, as vagas invasoras dos sarracenos e as hostes libertadoras da reconquista, veio a ser, após esta, o grande caminho das peregrinações a S. Tiago de Compostela.

² É a denominação do *Couto* de Braga de 1110 e 1112.

³ Já se encontra no documento de 911 em que se fixa de novo a demarcação do território de Dume (*Port. Mon. Hist. — Dipl. et Ch. N.º XVII*), e reaparece nas Inquirições de 1220 (*Port. Mon. Hist. — Inq.*).



Interior da Igreja de S. Frutuoso

ta-se em planos suaves a aguarelada cortina de montanhas que limita, pelo norte, a respectiva bacia hidrográfica.

É toda uma composição pictural em que entram o bronze sujo e cenobítico dos pinheirais, a mancha quente e forte das barreiras das tradicionais olarias de Prado, as pinceladas brancas das igrejas e casais, os tons verdes das culturas e matas assaltando as lombadas, a sépia dos dorsos descarnados das serranias fugindo num crescendo de relevos, para leste, até se fundirem no maciço geresiano em que mais alto assenta o velário do Céu.

A luz, vibrando na sua absorção por esta pletora vegetal para o misterioso amor das seivas, tem diafaneidades de bem-aventurança...»

.....
«Efectivamente em Montelios, segundo a tradição histórica, no terceiro quartel do século sétimo edificou S. Frutuoso, bispo de Dume e de Braga, um mosteiro com uma igreja destinada a sua sepultura.

Os cronistas hiperbólicos supunham todavia que nesta edificação foram utilizados os materiais dum templo destinado a uma divindade do paganismo.

Não se justifica de modo algum esta ingénua inventiva da fantasia dos escritores, tanto do século de quinhentos, como do século de seiscentos, impressionados, decerto, com a estranha arquitectura. Na verdade, o bem-aventurado prelado ali construiu um mosteiro. Refúgio contemplativo ou simplesmente uma igreja? ¹

Esta não a podia, todavia, ele reservar, sequer por pensamento, para sua jazida final: não lho consentia a humildade das suas virtudes de santo, vedavam-lho as leis canónicas da própria igreja bracarense de que era pastor.

Como então era de uso e naturalmente conforme aos seus

¹ Se não fora a existência de regras monásticas da autoria de S. Frutuoso, já indicadas num documento de 959: *Testamentum quod fecit domna muma* (*Port. Mon. Hist. — Dipl. et Ch. L. XXVI*), mal se podia conceber a edificação dum mosteiro, com a significação de cenóbio e clausura, anexo à veneranda igreja.

desejos, ele teria sido sepultado junto do santuário que piedosamente levantara e com amor consagrara a S. Salvador.

Também não poderia ter adaptado à fábrica deste materiais alguns dum templo pagão pelo simples motivo da sua inexistência naquele local.

Aos imaginosos e obcecados cronistas não ocorreu que, menos de um século antes, por ali tinha vivido, senão o maior, um dos maiores evangelizadores da península hispânica, isto é, S. Martinho, primeiro bispo dumense, e, como o seu homónimo de Tours, oriundo da longínqua região da Pannónia.

A sua vida episcopal foi consumida numa constante exaltação da fé cristã. Pela palavra e pela escrita pregou e divulgou os ensinamentos divinos, condenou as práticas do paganismo, combateu a heresia, convocou concílios e converteu os infiéis, desde os que despoticamente cingiam uma coroa aos que miseravelmente sobraçavam uma enxada.

Não é pois admissível, mesmo por hipótese, que esta enorme e ardente figura de apóstolo deixasse de pé, dentro da sua pequenina diocese e fronteiro à sua sé, um templo — se jamais o houve — onde se rendesse culto a um deus antigo.

Mas, se a igreja dedicada por S. Frutuoso a S. Salvador não foi originariamente destinada ao seu repouso derradeiro, é incontestável que ela o veio a guardar com solicitude no seu seio.

Provavelmente, logo após a sua morte, uma aura crescente de prodígio envolveu o seu túmulo, que se tornaria assim o objecto duma veneração fervorosa e impondo pouco a pouco a sua trasladação para o interior do recinto de adoração a Deus por ele erguido em vida.

Aí se guardariam já os restos mortais do santo bispo quando em 716 se deu a invasão sarracena.

Esta passou com o ímpeto irresistível duma furiosa vaga de destruição e extermínio.

A desolação e à ruína sucedeu pouco depois o refluxo da reconquista, que se prolongou durante séculos, com alternativas de sucessos e reveses, devastando e estabelecendo a confusão e o terror na região de Entre Minho e Douro com-

preendida na zona conhecida na História pelo nome de *Terra ermada* ou *Terra erma*.

Um tão longo estado de guerra entre a Cruz e o Crescente em que, por vezes, explodia em toda a sua crueza o ódio de raça e de crença e ao qual veio juntar-se a calamidade duma série intermitente de lutas civis, sujeitou estas paragens, quando não ao regime da vida errante pelo menos ao da vida instável, da vida incerta e em absoluto incompatível com o exercício regular e atencioso dum culto.

Ora, ao contrário de muitas outras escondidas em pregas de montanhas ou construídas em sítios desertos ou ínvios, a fundação de S. Frutuoso, em demasia exposta ao furor das correrias muçulmanas, dada a contiguidade de Braga, de Dume e principalmente da grande artéria romana, sofreu-lhes as horríveis consequências, sendo arrasada, depois de abandonada pelos monges que para longe foram levados pelo vendaval das tormentas da conquista¹.

Com manifesta ofensa da realidade das lições da História e da evidência dos factos esta destruição é negada desde os meados do século XVI.

O primeiro contestador foi João de Barros, escrivão da Câmara e do Desembargo, nos tempos de D. João III, afirmando que «*os Mouros não vierão a esta parte, ou, se vierão, não destruirão esta Casa*». Esta afirmação gratuita não merece comentários.

O arcebispo D. Rodrigo da Cunha, mais erudito sem dúvida que o régio escrivão, estabeleceu uma conciliação entre os ditames do seu saber e do seu raciocínio e as imposições da sua fé, insinuando que duas igrejas teria havido: uma pertencente ao mosteiro, assolada pela moirama, e outra independente como sepultura do bem-aventurado bispo.

Os dois cronistas da ordem que posteriormente e com mais largueza se referiram ao venerável monumento, a saber:

¹ A escritura de Afonso III de Leão do ano 883 concedendo e confirmando à igreja de S. Tiago de Compostela a doação feita pelo presbítero Cristóvão do *Monasterium quod fuit edificatum a beato dei viro domno Fructuoso* é concludente a este respeito.

Frei Manuel de Monforte, século XVII, e Frei Francisco de Sant-Iago, século XVIII, por igual se pronunciaram pela sua inviolabilidade, que, embora atribuída às virtudes do Santo, era deduzida do seu carácter arcaico e da originalidade das suas formas architectónicas.

Seria, porém, absurdo pretender que, tendo sido Braga destruída, assim como Dume, apesar de aí jazer S. Martinho, seu egrégio padroeiro, a dois passos e à vista desta igreja a de Montelios haveria sido poupada pelas cegas avalanches dos muçulmanos rolando por estas paragens não só durante a invasão, mas também durante o emirado de Mohamed I (852-886), marcado por uma insaciável perseguição cheia de ódio como de intolerância, e ainda sob a rajada vindicativa de Almanzor, «devastando tudo quanto encontrou no seu caminho» (Gonzalez Palencia) até Compostela — a cidade santa do cristianismo no Ocidente.

Tudo leva a crer que a igreja de S. Frutuoso, em volta da qual, apesar de todas as vicissitudes, não deixara de palpitar a devoção dos crentes atraídos pela chama da fé, foi reconstruída na época subsequente à morte de El-Mansour (1001 ou 1002) em que se deu a libertação definitiva do Entre Douro e Minho por Afonso V de Leão e a tomada de Coimbra por seu filho Fernando o Magno. Essa época animou-se, aliás, do delírio da exaltação religiosa.

A profecia do ano mil não se cumprira; a misericórdia divina apiedara-se da aflitiva miséria dos homens. Esses exprimiam o seu reconhecimento e o seu regozijo alçando construções para glorificação do Criador e dos Santos seus eleitos, cujas relíquias guardadas na terra haviam, decerto, contribuído para dela afastar a fatalidade da justiça do Céu.

Para o santo prelado bracarense se volveria, pois, com mais intensidade, o fervor dos fiéis, não só reconstruindo-lhe a igreja, mas também adensando-se crescentemente com orações e oferendas junto do seu túmulo...»

(«S. Frutuoso — uma igreja mozárabe»)

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

1879

VIA RÚSTICA

«Deixa a cidade, onde espalhas
A alma em fumo... Anda ver,
Entre estas brenhas, nascer,
— Como Jesus entre as palhas —
A vida do bom viver!

Vem de aí... Descendo o monte,
Deita a mão ao rosmaninho:
Cautela! Não há caminho...
Tanto os olhos como a fonte
Devem andar de mansinho.

Eis-nos nos campos... Trigais;
Videiras de valo a valo;
Que fofo chão de ervaçais!
È de penas: tanto mais
Que me faz pena pisá-lo...

Por aqui. Vamos à Igreja
Dizer adeus ao Reitor...
Gente a lavrar? Oh, que inveja!
— Que toda a vida não seja
A vida do lavrador... —

Voam a par andorinhas;
Anda Maio nos valados;
Aqui e ali namorados
Derruçando... Estas alminhas
Esquecem fontes e arados!

Anda ver! Não me dá gosto,
Mas é belo. Sobe o oiteiro,
Deitam abaixo um pinheiro...
Sempre assim! De Maio a Agosto,
Olha-se ao lar de Janeiro!

Cerejas, além! Não digas
Que nos esquece o Senhor...
Pois levo-as, seja onde for!
Neste lenço: tem cantigas
E bordados em redor.

Cerejas, são vinho e pão
Se há fome e sede... A caminho!
Que belo campo de linho!
Arvoredos, em roldão,
E ao fundo, o rio e o moinho.

Olha um rancho! Até consola
Vê-lo bailar em tropel.
São bodas: canta uma rola;
Abre-se a luz como estola;
O sol é um aro de anel!

Já vejo além (verde cinta!)
Os muros do meu quintal...
Quem mora neste casal
Tão velho e pobre? — A «Faminta»...
Ê todo assim, Portugal!

Que linda capela, em frente!
Tira comigo o chapéu;
Cumprimentas tanta gente:
Não é de mais, francamente,
Venerar quem é do Céu...

Amigo! vem... — Que me dizes
Desta rude caminhada? —
Deixa a cidade encantada
Onde a vida, sem raízes,
Ê como a rosa cortada...»



Trajo típico de minhota

DE ALTOS MONTES

.....
«Do mar à serra, entre os dois,
A terra dos nossos Pais,
Igrejas, hortas, casais
— Que ninho de rouxinóis!
— Que poiso de águias reais! —

Olha as aras, evocando
O velho culto pagão
— Quanto lavrador de então
Aqui trouxera bailando
Primícias de vinho e pão!

A cidade que fora
Alto Castro de guerreiros;
E onde, à noite e ao vento, agora,
Não sei que espectros de outrora
Batalham contra os pinheiros!

As «Antas»... (O povo fala
Deste mistério...) Entre as hortas,
Junto à soleira das portas
Sob um berço que se embala
As campas de idades mortas!

E as doces águas do «Neiva»
Lá vão de várzea em fraguado
Tão verdes, tão em segredo...
— Parece um rio de seiva
Que trasbordou do arvoredos!

E onde a terra feche, onde abre
A encosta do Mar (é vê-lo!)
Nobre monte do «Castelo»
— Veio o Santo Condestabre
Pôr-lhe a bandeira e vencê-lo.

Vê, Amigo, sob a glória
Da manhã que se afadiga
Forte e moça, a Raça antiga...
— A terra, um bronze da história,
A vida, um ar de cantiga! —

Alonga os olhos... E adeus!
Que perfeita maravilha!
— Vê-se o mar, a terra e os céus,
Enchendo a ideia de Deus
Como a água enche a vasilha.»¹

(«A Minha Terra» — Cartas ao vento)

LINDAS TERRAS

«O naipe de lindas terras,
Tão ao sol enaipadinho,
Que Esposende põe na mesa
Do verde-Jogo do Minho!

Jogo que de espadas foi
Na Heróica-Partida, e ao qual,
Aos reis da Espanha, ganharam
As quinas de Portugal!

Tal qual os moiros valetes
Souberam não poder nada
Contra a dama em Cristo e em Roma,
Bracara Augusta chamada.

¹ *N. do A.* — António Correia de Oliveira não sendo embora minhoto de origem vive há muitos anos no litoral minhoto, no seu solar de Belinho, perto de Esposende. Os versos que reproduzimos são dos raros, seus, que trazem a indicação de terem sido escritos no Minho. Por isso os escolhemos.

Baralho de aldeias, onde
Há figuras principais;
Mas, neste Minho, o ser terno
É que mais diz, vale mais.

Aqui vou tirando as cartas,
As sortes de luz e cor:
Entre oiros do sol (Ás de oiro!)
Virentes copas em flor.

O Esposende... Palavra
Lembrando o verbo «esposar»:
Terra noiva, abrindo os braços
Ao varonil, nobre Mar.

.....

Mansinho e doce, espraçando;
Mas, quando a invernada o azouga
—Rio Cávado, tão lindo
Que me recordas o Vouga!

(Terras irmãs... Quem me dera
A mais larga passadeira
De cravos, lírios e rosas,
Desde o Minho até à Beira)!

Ó sargaceiros da Apúlia!
Olimpismo a heróico engenho
De meter o mar nas terras,
À vara, a ancinho e redenho.

.....

Belinho... Donde, o seu nome?
«Belinho», rei grego ou moiro?
«Belo-linho»? Eu antes quero
Este floral chamadoiro.

Ó Capelinha da Guia,
Capela de S. Lourenço:
Alvo lencinho, no céu
A acenar a outro lenço.

S. Bartolomeu. Romagem.
Madrugada ao léu, dir-se-ia,
Na praia do «banho santo»,
Povo da Grécia gentia!

Deus é autor: Ele é o Verbo;
E, pintor... — A cor, as linhas,
Água e céu: oh tela imensa,
Na «marinha» das Marinhas!

.....

Troços de estradas romanas,
Aquém e além: bem assim
Na Fala, (a via das almas),
Lájeas de bronze latim.

E o canto, ao qual certo modo
No dizer, quando varia,
Se funde, vibra, arredonda,
Como o sol ao meio-dia!

E, mais que no canto, — à roda
Do Terço, depois da Ceia, —
As vozes: coro de mundos,
Ao redor da lua cheia...

Terras irmãs, indo a Império,
Qual, — do celeiro ao moinho,
À masseira, — vão ao forno.
Broas de santo pãozinho.

Ó Esposende! Concelho,
Na escrita; mas se escutais,
Pode entender-se conselho,
Para dar conselho aos mais...

E assim direi, no baralho
Do Verde Minho (bom jogo!)
Algumas cartas, à sortè
De trunfar e ganhar logo.

Ganhar logo, e sempre, e mais
Virtude, amor, formosuras,
— Para ser alta candeia,
Nada deixando às escuras.

A ponte, dando em Viana?
Estremas ao Douro e Minho?
— Parceiros do Verde-Jogo,
De mão a mão, amiguinho.

Compõe-se o ramo de flores,
E, ramo a ramo, a roseira;
Terra a terra, — aos céus erguendo, —
Faz-se a Pátria, bela e inteira.»

(In revista «Panorama»)

SOUSA COSTA

1879

PAISAGENS E COSTUMES DO GERÊS

«...A paisagem do Gerês! Vinde vê-la, vinde admirá-la comigo. A serra, não sendo a mais alta, é a mais pitoresca do País. A mais abundante de águas, arvoredos, aspectos idílicos e trágicos. Começa lá em baixo, no vale em que o Cávado ruge. Desdobra-se até à Galiza em duas formidáveis vagas de granito — no seio das quais a Estância Termal repousa em sossego. Assenta os contrafortes nas margens do Lima, nos desfiladeiros de Barroso. Levanta-se quase a prumo da frescura do vale, junto de Vilar da Veiga, primeiro negra e agreste, pouco depois verde e risonha. Aberta ao meio pela enorme garganta, em forma de V, que sobe, estreitando-se, até às chãs de Leonte, prolonga-se, planando, até às veigas da Galiza, alteia-se em picos majestosos, que se aprumam dum e doutro lado da garganta, altares a que o arvo-

redo e as águas rezam as suas orações. Sobre Vilar da Veiga, a olhar o vale, a espiar as montanhas fronteiras, ficam, a nascente, o da «Pedra Bela» e da «Calcedónia». Depois, para o norte, crescendo sempre, subindo sempre, salientam-se o das «Mesas», o do «Cabril», da «Varziela», do «Pé de Cabra», atingindo o da «Borrageira», sobranceiro à «Portela do Homem», a altitude de mil e setecentos metros.

O ar, à medida que nos internamos na montanha, torna-se mais leve. A água jorra-nos aos pés; e em frente, em cachoeira, do cimo dos precipícios mais ásperos; e ao lado, em torrente, por sobre fraguados lisos como bolas de bilhar. Em certos pontos, no «Poço Verde», por exemplo, é dum esmeraldino transparente que lembra efeitos químicos em fontes luminosas. E por toda a serra, e por toda a estância — dentro dos hotéis, na Avenida, nos parques — o sussurro da água, o murmúrio da água, a reza da água são contínuos, ouvem-se noite e dia, como o vozear das orações no coro dos mosteiros.

Até há uns trinta anos, a flora geresiana, em tempos idos de variedade e corpulência notáveis, estava reduzida a um ou outro pinheiral, a uma ou outra sebe de medronheiros, ou maciço de carvalhos que haviam resistido à voracidade e ao extermínio das «queimadas» — incêndios provocados pelos pastores, ou «vezeiros», dos gados das freguesias próximas. Estes, mal terminam as fainas da lavoura, em começos de Maio, por deliberação do «acordo», parlamento paroquial, sobem aos planaltos, onde passam o verão, sujeitos a costumes acentuadamente comunistas. Os gados seguem sob o comando do «vezeiro», vizinho, que lhes dá a sua vez de pastoreio. Vão procurar nas chãs de altitude repouso e abundância de pastos ressumantes. E então, para afugentar os lobos umas vezes, as mais das vezes para preparar os pastos do ano seguinte, os «vezeiros» lançavam fogo às matas, destruían, com as queimadas, a maior riqueza e a maior beleza do Gerês.

.....

Dos seus costumes colectivos tive ocasião de observar, num dos dias da minha passagem pelas termas, e das minhas

excursões serranas, o «chamado» do «vezeiro», o «chamado» convocando o «acordo» por perigo urgente para os interesses de vizinho e do lugar.

Nesse dia, dos lados do Cabril, com os seus mil e quinhentos metros de altitude, ouço o som prolongado da buzina — que repercute por cerros e recôncavos, que se estende para além do Cabril e do Pé de Medela.

Em baixo, em S. João do Campo, entre veigas frescas que os caudais da serra fartam de águas límpidas, a murmurar, sente-se a agitação de parque de guerra em alvoroço.

Os seis membros do «acordo», com o juiz e o procurador, largando o cabo da enxada, correm ao adro da capela. E mãos enconchadas nos ouvidos, respiração suspensa, olhar fixo, ficam por instantes à escuta. Reboa no espaço novo sinal de alarme.

— Vem das Mesas! — diz o juiz.

De facto, daí a pouco, dos cimos das Mesas, cabeços debruados de despenhadeiros, com precipícios agrestes que escutam perpétuamente o rugir das cachoeiras do Homem, uma voz sumida, longínqua, substitui o roncar da buzina, a bradar:

— Vaca caída! — acentuando, distendendo as sílabas em prolongação cavernosa. E continua, mais espaçada: — Que-lha...dos...Olhos... Cavei...ei...ros!

Os do «acordo» e o juiz entreolham-se, num arrepio. Na Quelha dos Olhos (Caveiros! Lá morrera o animal! Porque a morte era certa. A vaca tinha dado a alma aos fraguados que lhe desconjuntaram os ossos. E enquanto a voz do «vezeiro», lá do alto, torna a rogar socorro, eles, lesto, o juiz à frente, para levantar o povo, o procurador atrás, para ordenar providências, seguem em direcção às veigas, onde homens, mulheres e crianças, tendo abandonado o trabalho, esperam ordens de quem manda.

— As Mesas! — grita o juiz, agitando o chapéu.

— Cordas, enxadas, foices! — intima o procurador, dum outeiro com domínio sobre os campos de sabor idílico, cobertos de linhos e milharais.

E daí a nada, todo o povoado, porque a vaca é como se

fosse de todos, arrepiam caminho para as Mesas, este por um contraforte da montanha, aquele por um refego mais suave, cada um com o seu utensílio, uns e outros com o seu esforço solidário.

O que fora, afinal? Uma vaca, que da eminência dum cerro tombara em fundo barranco. O caso é frequente. A manada, bois e vacas, com as suas crias, percorrem os sítios mais perigosos, onde a erva cresce acolhedora, onde a água canta e sorri. O «vezeiro» conhece a serra e as suas obrigações. Conduz o gado através de carreiros abertos de ano para ano. Reúne-o à noite no mesmo curral. Vigia o lobo, não lhe sangue de surpresa alguma rês tresmalhada — pois a perda da rês cairá implacável sobre a arca das suas economias individuais. Mas o que não pode, apesar de extremos cuidados, é evitar que um animal se desequilibre, perca o pé, e zás, e role como penedo sobre a aresta dos penedos arreganhados, à maneira de dentes, na boca dos abismos.

A buzina calara-se. O «vezeiro» emudecera. Pelos declives, quebrando o silêncio austero da serra, ouve-se, apenas, aqui um assobio, além o bater de enxada, mais abaixo o cascalhar de tamancos. Quando os primeiros homens ganham a assomada donde partira o «chamado», o «vezeiro» faz novo sinal — agora para indicar os fragedos e o precipício em que a coitada se estatelara.

Chegam, o juiz com a sua enxada, o procurador com as suas cordas, uma mulher com a sua foice, um rapaz com o seu cajado. E estranhos à beleza estática que os envolve, sob o azul puríssimo em que o sol fulgura, tendo aos lados, à esquerda e à direita, as esculturas pacíficas da manada — estátuas de ouro, em pedestais de granito bronzeado, indiferentes à agonia duma das da sua raça — quedam-se um momento para voltar a descer. E então descem, um a um, de pedra em pedra, de saliência em saliência, a agarrarem-se aos tojos, a pendurarem-se das raízes, a cortarem silvedos, até se aproximarem da vaca, à volta da qual fazem roda, lamentando-a pelo sangue que lhe corre da boca, pela língua retalhada entre os dentes, pelos olhos de fora, pela agonia mansa, no leve resfolegar da fadiga.

Depois, em obediência às ordenações do costume, verificando que está morta, tiram-lhe a pele com os instrumentos cortantes de que se haviam munido. Esquartejam-na. Dividem-na em lotes. Transportam-na para o lugar. Ali, pesada aos arráteis, é distribuída pelos vizinhos — pegando o arrátel a um escudo, agora que tudo subiu de preço, porque dantes não custava senão três vinténs. E assim, com o auxílio de todos, sendo partilhado por todos o prejuízo dum, este fica apto a substituir a vaca na feira próxima do Penedo ou de Vieira...»

(«No Gerês — A Natureza e o Homem»)

MANUEL DE SOUSA PINTO

1880-1934

A ROMARIA DE S. BENTO DA PORTA ABERTA

«...A estrada para S. Bento da Porta Aberta é, até quase ao templo, essa, admirável, do Gerês: uma das mais belas e das mais variadas deste Minho panorâmico e laborado.

Fita acidentada, e agora esburacadíssima, lançada em curvas deliciosas sobre declives fortes, dominando, em alturas desassombradas e respeitáveis, as encostas ásperas, agricultadas pacientemente com heróicos esforços, e o vale magnífico e precipitoso, em cujo fundo apertado cava muito a custo, entre pedras torturadas, um rio tortuoso e límpido, que vem da serra, dá-nos horizontes diversos, cambiantes, em que, no alto, põe São Mamede dos Frades, com a sua capelinha branca, o seu cume estratégico.

Ao longe, avista-se o Castelo de Lanhoso, com a sua torre, onde se diz que esteve presa D. Teresa, às ordens de seu filho Afonso Henriques, e Rodrigo Gonçalves Pereira incendiou, em defesa da sua honra, ao saber que ela aí «fazia maldade com um frade de Bouro».

A paisagem, por vezes deslumbrante, faz-nos sentir mais do que respeito, comovida gratidão pelo trabalho poderoso do homem, disputando ao granito o seu sustento, plantando o milho e a vide em leiras estreitas, sobre socalcos, guardadas do vento por murozitos escalonados, e dispostas segundo a orientação das águas, de modo que há morros nus com o centro plantado, como se o arado ali tivesse de passar levado pelos enxurros, que não por esses dóceis bois que o revolveram.

Pela estrada, onde os povoados entraram de se distanciar, amiúdam-se os carros com romeiros, que, desde Braga, em sentido oposto ao nosso, vimos encontrando, atulhados e barulhentos, saudando os que tardaram com estrepitosa algazarra, e por vezes com pitorescas invectivas, no que, certamente, levou a melhor aquela «santinha» que nos disse:

— Adeus, «tiinhos»!

São grandes carroções, «char-à-bancs», breques compridos, americanas enormes, landós a três cavalos, «catitas», que, todas cheias, parecem pirâmides humanas, onde tudo canta, ri e toca.

Os raros automóveis que passam, amaldiçoados, dão a nota triste da vertigem dos que, não querendo ver, só têm pressa de chegar.

Após a extraordinária frescura de Valdosendo, sempre entre a glória dos pâmpanos pendentes das árvores, em simetrias de decoração rigorosa, começa a divisar-se a veiga encantadora de Vilar.

É depois a garganta feraz do Rio Caldo, em cuja freguesia fica o São Bento da Porta Aberta.

Estamos nas altas e lindas terras do Gerês.

A estrada abre um ramal curto, que seguimos, deixando a que vai para as Caldas, e em pouco tempo, eis-nos no terreiro da igreja, onde chegamos, pode dizer-se, ao desmanchar da feira.

Reduzida é certo, mas repugnantemente asquerosa, topamos, logo de entrada, com a ala dos pobres, que, em todas as festas minhotas, forma, no ingresso dos arraiais, uma guarda de honra de miséria e imposturice.

Nesta, que nos acolhe com lamuriosas preces, há apenas os restos, ainda aguerridos, da mais nutrida hoste pedinte que ali deve ter estado.

Ficaram os mais mutilados, os mais difíceis de transportar. Criaturas sem pernas, sem braços; monstros deformados por males horríveis: gafados, sarnentos, elefantiacos, macrocéfalos, hipertrofiados, disformes, chagados, repelentes.

Na deserção que em tudo se nota, com os últimos carros que partem e as primeiras barracas que se desarmam, lembram coisas inúteis e miseráveis, recusadas, inservíveis; escórias, vestígios, porcarias, que a multidão, que debandou, ali deixasse abandonadas propositadamente.

O fogo queimou-se ontem. Fogo deitado é arraial levantado. O último foguete marca o fim da festa.

A procissão saiu pela manhã, e logo tudo desandou para a Abadia ou para casa.

Defronte da igreja, é a fonte obrigatória, imprescindível, de todo o santo cá de cima.

A do São Bento é um chafariz abundantíssimo da bela água destas alturas, fresca, puríssima, translúcida.

Não há taumaturgo ou teurga, no Minho, sem a sua fontezinha milagrosa, que tudo cura. Prova, decerto, da persistente sobrevivência dalgum velho culto hidrolátrico, da eterna crença popular nos génios das nascentes.

Moderno, o tempozito do São Bento é, detestavelmente, agressivo e amachucado no recente picado do seu tosco granito. Nada tem sequer de pitoresco, com a sua torre encimada. Só o salva a situação, que é excelente, como lugar de isolamento.

.....

Da festa ficaram os andores, atirados ali para um canto da igreja. Num destes, está São Lourenço, que tem nestas festividades da Assunção um papel interessante.

«Por São Lourenço, vai à vinha e enche o lenço», manda o provérbio. Ora o dia de São Lourenço é a 14 de Agosto, o dia de Aljubarrota, coincidindo, portanto, com as romarias de São Bento da Porta Aberta e da Abadia, que sempre lhe pingam alguma coisa.

Pelo caminho, fartámo-nos de encontrar a sua imagem, de bandejinha à frente, nessas mesas de peditório que se armam nas estradas, geralmente diante de alguma igreja ou ermida.

A hora de partirmos de Braga, devia estar saindo a matinal e curiosa procissão do santo do Escurial, cujo andor e a grelha os devotos enfeitam com os primeiros cachos, à laia de Baco.

No São Bento da Porta Aberta, cá o temos. Iremos encontrá-lo na Abadia.

Donde se conclui que São Lourenço é companheiro inseparável dos santos e das senhoras da sua oitava.

Apesar de terminada a festa, há ainda uma bicha de romeiros que enfia pelas escadas laterais até diante do santo, com um ou outro à mistura que as sobe de joelhos, o que é obra, e as desce, em três voltas, do mesmo modo, o que é mais do que obra.»

(«onde vais, Maria?»)

ALFREDO PIMENTA

1882 - 1950

UMA ESPADELADA

.....
«Há música, ao longe. Desce, devagar, a alameda, o grupo de S. Torcato: à frente, dois pares de dançarinos — uma maravilha, seguidos dos músicos, violas, cavaquinhos, flautas, harmónios.

Sinto um arrepio, porque tudo aquilo arrasta bruscamente para a superfície da memória, manchas evocativas da minha meninice. A música, o canto — ai, quantas e quantas vezes, os não ouvi, por estes campos, verdejantes na Primavera, tostados ou loiros, no fim do Estio, quando por aqui andei, garotito que ensaia os passos sérios da vida! Quantas vezes!

O grupo desce, a cantar e a dançar. As setenta mulheres, raparigas quase todas, sentam-se nos bancos, e, o espadadoiro fixado entre os pés, de espadela em punho, esperam que lhes

dêem os novelos de linho que, em monte, estão no meio da vasta roda que formam.

O grupo canta e dança. E já as setenta mulheres batem com as espadelas no linho, levantando nuvens de poeira que lhes polvilham os cabelos. Cantam também. Aos pés, amontoam-se tomentos e arestas. Nas mãos, ficam-lhes linho e estopa. O linho será para os finos lençóis, para as finas toalhas, para as rendas delicadas. A estopa será para as camisas grosseiras, para os lençóis grosseiros. Os tomentos serão para os sacos do pão. E as arestas? Perguntei-o à minha cozinheira. E a Rosa respondeu:— «As arestas são, com licença do senhor, para o estrume...».

O grupo canta e dança. Páro a contemplá-lo. As duas raparigas e os dois rapazes, rudes, como gente do campo que são, a dançar têm levezas de plumas, e parecem-me feitos de borracha, tão elásticos e ritmados dão os seus saltos.

Nos bancos, as espadelas não param. Malham que malham, certeiras, no linho posto nos espadadoiros. É mais espessa a nuvem de poeira; são mais brancos os cabelos das mulheres. A caseira, a senhora Aninhas, recolhe, por toda a parte, prestes, o linho espadelado.

Começa a choviscar. O trabalho declina. Dentro da Casa do Costeado, toma-se chá. Fora, em barraca, a mocidade come caldo verde. É uma hora da madrugada. Despedidas. Chove. Nos ouvidos, trago o murmúrio dos cantos...»

(«Páginas Minhotas»)

ALBERTO FEIO

1882 - 1956

AS CAPELAS DO BOM JESUS DO MONTE

«Transposto o Pórtico, começa o escadório em linha quebrada, com pátios poligonais em cada cotovelo, onde se erguem as capelas, representando no interior cenas alusivas à Paixão de Cristo.

Todas estas capelas eram uniformes em sua arquitectura: um cubo de reduzida aresta, com uma porta de verga semi-circular e frestas envidraçadas, recoberto por cúpula em pirâmide quadrada, com uma esfera no vértice. Encimando a porta existe o brasão de armas do Arcebispo D. Rodrigo, lendo-se por baixo um texto do Evangelho designando o *Passo* ali representado.

Destas antigas capelas, apenas existem as duas primeiras, tendo sido modernamente reedificadas as restantes, segundo o modelo das guaritas de sentinela, com interiores pintalgados e intoleráveis decorações.

Ao santuário de D. Rodrigo foram aumentadas duas capelas mais, as únicas que não ostentam o brasão do ilustre Prelado, conservado no arranjo moderno de todas as outras. O figurado, hoje reduzido por falta de recursos, foi também renovado com uma imaginária pretensiosa e claudicante.

Ao lado das capelas sussurram fontes antigas, com as alegorias de deuses mitológicos.»

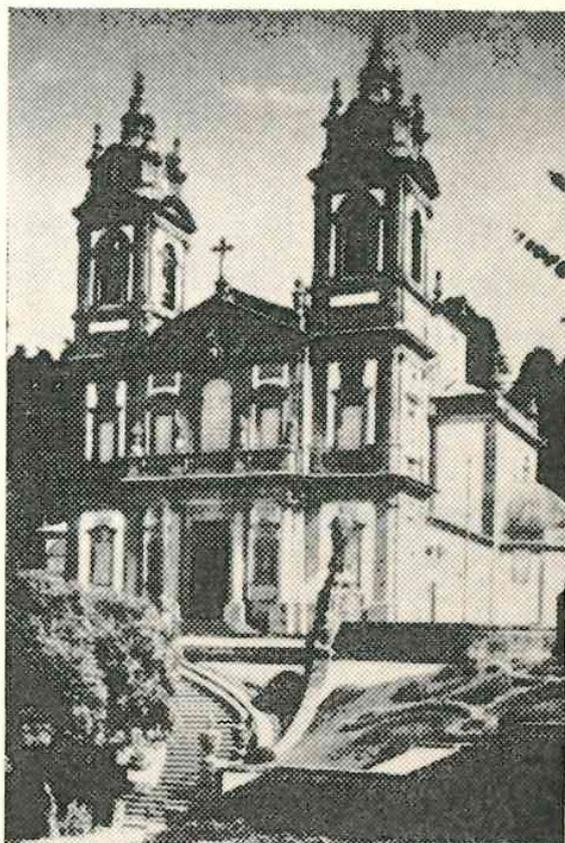
.....

O TERREIRO DE MOISÉS NO BOM JESUS DO MONTE

«Chamado antigamente o *Miradouro*, o terreiro ajardinado em que termina o escadório das Virtudes é um dos mais impressionantes lugares do Bom Jesus. «Em curva elíptica, é talvez o mais belo trecho de arquitectura de jardins existente em Portugal.»

As admiráveis proporções e formosura do traçado são devidas também ao architecto Carlos Amarante.

Dali, toda a doçura da paisagem, duma beleza misteriosa,



*Bom Jesus do Monte
O templo*

se desenrola por cima da altura das árvores, em tapete de folhagem entrecortado pela silharia granítica dos escadórios.

Foi ali que existiu o complemento da obra de D. Rodrigo de Moura: o Templo, acabado em 1725. Era uma curiosa e elegante construção elipsoidal, rematando em platibanda rendilhada a voltear sobre a cornija. Oito pilastras em contraforte, coroadas por anjos com os emblemas da Paixão, interrompiam a superfície. A originalidade arquitectónica não foi, porém, acompanhada por segura técnica construtiva e, em pouco mais de meio século, a ruína condenava a nova igreja. Em 1780, a pressão da abóbada deslocou as paredes, que foi necessário escorar com troncos de árvores. Então se pensou na edificação do novo Templo.

No lado norte deste terreiro, a fonte de Moisés brotava dum penedo coroado pela estátua do mediador entre Deus e seu povo, estátua hoje deslocada para bem inconveniente lugar.

Ao lado da fonte ficavam os *quartéis*, demolidos para a construção do ascensor.

Sobre o penedo onde existira a torre sinaleira do antigo Templo, levanta-se a estátua equestre de *S. Longuinhos*. É um soldado de avantajada estatura, com morrião, escudo e lança, montando corpulento ginete, tudo de granito da região. Foi oferecida em 1819 pelo Dr. Luís de Castro do Couto, de Pico de Regalados, e executada por Pedro José Luís, que a concluiu em 1821. Anda-lhe ligada já uma lenda: menina solteira que, em recolhido silêncio, der três voltas em seu redor, no prazo de um ano passará ao rol das casadas...»

(«Bom Jesus do Monte»)

ANTÓNIO FERREIRA

1885

O LIMA

«Ó Lima, encantadora água nativa,
O teu doce rumor nunca me engana,
Eu ouço agora a linda narrativa
Que fazes desde Orense até Viana!

E adivinho o segredo
Nas horas de silêncio cristalino
Que vens dizer aos ramos do arvoreda
Nas tuas digressões de peregrino.

Conheço-te tão bem, meu velho amigo,
Em verdes anos, pela minha aldeia,
Passei os dias a brincar contigo,
A erguer castelos sobre a tua areia!

Nos meus sonhos de infante
Eu via-te correr, mavioso rio,
A murmurar o cancionero errante
Através do teu curso luzidio!

Velhas sombras de moiras encantadas,
Por entre os sinceirais,
Iam lançando o seu olhar de fadas
Ao menino a brincar nos areais,

Enquanto que uma ténue melodia
Vinha morrer na areia marginal
À mercê da corrente que seguia
Seu límpido roteiro de cristal...

Tangendo as brandas águas com amor,
Sob os argênteos raios do luar,
Lá ias tu, ó Rio-Trovador,
Por entre os arvoredos a cantar!

È eu sonhava que via na miragem,
Ao enlevo da música d'outrora,
A Tradição na curva da paisagem
Erguendo sobre o Tempo a voz sonora!»

(«Limianas»)

AQUILINO RIBEIRO

1885

NO ALTO MINHO

«Paredes de Coura: São 7,45 e uma leve bruma leitosa, quase velo de lã muito carmeada, flutua sobre o cume dos montes. Mas essa gaze vadia, a esfiapar-se pouco a pouco, deixa a descoberto toda a modelação dos vales, e os rossios a florir, banhados pelo sol, faíscam e toucam-se, segundo o reflexo das folhas luzidias, dos mais variados cambiantes. Este Alto Minho tem a frescura das pradarias dentre Ave e Cávado, e a majestade da Beira. A serra de Arga parece postada lá adiante a barrar-nos o caminho com as suas escarpas de bronze.

Em chapadas e vales procede-se às vessadas da Primavera. Decerto que é este um dos trabalhos mais pitorescos da vida agrícola regional, pela sua envergadura e movimento. Um Sorolha ficaria de boca aberta, deliciado ao ver como se desdobra semelhante faina. Ao contrário das Beiras, onde cada lavrador se encontra sòzinho no amanho da chã, o minhoto concerta-se com parentes e próximos. Por vezes são cinco, seis juntas a lavrar o mesmo campo. E, para gleba além dos dois carros de alqueires, tal concurso não é de mais. Imagine-se o complexo que há na operação de virar a leiva, desterroar, limpar da grama, espalhar os estrumes, dirigir o gado, semear, cobrir!

A mulher, que é no Minho a grande obreira, também aqui tem um lugar de relevo. È ela quem mais se vê. Os espanejamentos claros das suas vestes alegam a arada.



Feira de gado, no Minho

O seu lenço vermelho ou versicolor acena de longe e decerto quer dizer: *não me acham graça?* Que melhor desmentido ao anexim: *O arado barbudo e o lavrador barbado?!*

Igualmente curioso é o espectáculo que dão as vacas minhotas, cheias de bíblica mansidão e dignidade folclórica, fronte em lira, pêlo de âmbar e cílios ruivos, que vão inscrevendo no solo negro sulcos de conscienciosa rectitude. Os arados, além da relha, são munidos de uma sega cortante. Mesmo assim, tirar um rego fecundo não é tarefa menos suada do que compor um bom decassílabo. As campainhas destes animais nossos amigos, que eu contemplo com imoderada ternura, pois além da sua personalidade poética e

industrial fornecem o leite com que tempero o cafèzinho da manhã, tornam a encosta uma nave de igreja em dia de lausperene. As suas badaladas polvilham de amarelo, dir-se-ia, a arada negra, como as pétalas do tojo ao mato verde. Não influirão também elas, espécie de diatermia sonora, na fermentação dos microrganismos de que se alimenta o hilo, que ao fim do Outono se nos depara multiplicado na maçaroca de cem a duzentos grãos? A pastoral das campainhas é o único estímulo às vacas braguesas, cruzamento da barrosã e galega. Nem o minhoto nem o beirão cantam na arada como o saloio, por exemplo. Este descendente dos mouros canta-lhe e os bois vão com os olhos húmidos tão abertos, que é o modo de não chorar. De facto as suas vozes são uma melopeia magoada. É duvidoso que, ao exteriorizar-se desta sorte, chore as cebolas, as suas cebolas do tempo de Almançor, o Grande, ou se é que para ele, como para os bois, toda a lida é um sacrifício doloroso e, até para quem não é escravo, mesquinho e inútil à face do infinito.

A minhota também canta, mas o seu cantar é vivaz e corrente como as seguidilhas. Canta para o Mundo, para o espaço intemporalmente, para que o seu namoro, ou sonhado namoro, a ouça, e o seu filho, ou futuro filho, adormeça no berço de palhas.

A estrada está deserta e diz-me Armando Leça, o primeiro viajante de Portugal, musicólogo e folclorista sem par, que os automobilistas fogem da estrada alpina, cheia de voltas e reviravoltas, sempre com precipícios à vista, que os obrigam a não despegar o pé dos travões. Confiamos na graça de Deus, e lá vamos com a pressa de quem tem umas centenas de quilómetros a andar, estorvados de quando em quando por uma ou outra cabrinha, que pasta nas rampas, e pela aguilhada do lavrador a picar canhestramente para o lado a sua vaca de lindos galhos em ágata e ancas lavadas a sabão.

Passamos o cruzamento de S. Roque, e o ronron do motor funde-se com o sonoro dobre dos sinos em baixo, na igreja de Romarigães, a chamar para a missa, que é dia de festa no povo. Apinham-se os trajas de ver a Deus à entrada do

adro. No antigo solar dos Montenegros e Meneses prosseguem as obras. As ruínas vão perdendo o ar calamitoso que cortava a alma. Quando armará ali banca o construtor das nuvens?

O solar, com seu pórtico joanino, principesco, as pirâmides esbeltas da capela e a sineira, as duas casas apalaçadas, o canastro mais vasto do concelho — 27 metros de comprimento, pedra e castanho — as suas prolixas dependências, com telhados novos, destaca como um núcleo residencial ao centro dos casais. As aldeias neste ponto do Alto Minho repartem-se pelo campo e não constituem aglomerados como na Beira ou Trás-os-Montes. Porque seja assim e não da outra forma levaria muito tempo a debater. Não é que o minhoto seja mais individualista que o beirão, ou o aproveitamento do solo aconselhe semelhante dispersivo. Aqui deve andar uma razão: a abundância de fontes que borbulham do solo a cada passo, e mais vincadamente, porventura, a índole do suevo, tão amante de espaço livre que toda a extensão era pouca para ele.

Brilham ao sol os telhados reconstruídos e as paredes caiadas de fresco. A sul, obra de duzentos metros, na encosta, a mata ergue seu biombo ameno. São pinheiros, carvalhos, sobreiros e eucaliptos a crescer à desmedida sobre o chão de tojo molar, que ali medra em proporções tropicais...»

(«Arcas Encoiradas»)

«ERA A ESTAÇÃO DAS SEMENTEIRAS...»

«Depois de anos e anos de Paris, de correr à deriva como barco num golfo, sem grandes embates nem quebrantos, deixando-se flutuar, Hilário Barrelas veio surdir naquele rincão do Alto Minho. Vira aquela menina dos olhos grandes, castanhos e leais, e amou-a. Quando, por morte do avô conselheiro, visitou a Casa Grande, com as ruínas da gloriosa Nossa Senhora do Amparo a consumir-se, mas sempre de imarcescível beleza, ficou deslumbrado. E, uma vez que o património se repartia, e os herdeiros, mais escabreados,

testos e absurdos que lobos famintos, se lançavam uns sobre os outros, disse para sua mulher:

— Fica em Romarigães, na bela ruína do Amparo.

Tinha caído o telhado na linda capela, os caseiros queimaram as portas, a talha do altar e do coro, e deixaram desaparecer imagens e painéis. No solar uma das paredes da construção filipina esbarrigara e acabou por dar em terra. Pelos telhados entrava água como por cestos rotos e as tábuas do soalho, se lhes punham pé em cima, rangiam e estalavam, escancarando-se em precipícios traiçoeiros para as lojas. Para cúmulo, o Estado tomara conta do salão principal para aula de primeiras letras, o salão onde D. Telmo de Montenegro, o verdadeiro, o espanhol, o quixotesco, dera festas de truz às duas fidalguias de Minho e Galiza. Não restava um alizar direito nem uma janela intacta. Os móveis, que eram de estilo, carregara-os um ferro-velho para o Porto por tuta-e-meia. De gorra com um caseiro ladro e tramposo, os netos do Conselheiro haviam alienado águas que pertenciam às quintas e procederam a derrubadas consecutivas na mata, em cujas brenhas se caçara o javali, sempre que tinham necessidade de dinheiro para suas pândegas, encalvecendo-a miseravelmente. De modo que o homem dos espaços abstractos, o sonhador, o Hilário Barreiras das *midinettes* da Rue Gay Lussac, só encontrou verdadeiramente incólume o olhar puro de Nossa Senhora do Amparo. Mas tanto bastou, ajudado duma mirada angustiosa do Cristo setecentista, que assistia na fumareda da casa dos caseiros a suas rixas e bodeganas, para se declarar rendido.

Um bela manhã ia ele pela propriedade, à hora em que rompem a cantar todos os pássaros e o Sol entreabre nos céus seu bonito e brando malmequer. Era a estação das sementeiras. Divisavam-se pelas encostas as grandes lavradas, três e quatro juntas de vacas em cingel abrindo um interminável rego, e turmas de gente erguendo e baixando a compasso a sachola de larga pá a virar a terra. O milho é a segunda Divina Providência do minhoto. Se a caneira trepa, apendoa, amoja como deve, bem vai para o cultivador. Se a caneira sofre quebra por falta de sol ou de chuva— mais uma vez a virtude está ao meio—o Alto Minho tem

fome. Em anos de abundância, o Minho não sabe para onde há-de vaziar os seus espigueiros. De Abril para Maio, o milho está seco e resseco. Pega-se de uma mancheia e tilinta como oiro. O velho Antas costumava dizer:

— Não me meçam as rendas antes de Maio. Até Maio, o milho está preno. Deita leite. Para estar bom é preciso que absorva a humidade como o papel mata-borrão absorve a tinta. O abade de Padornelo é que a sabia toda. Pegava dos butes molhados, metia-os entre as espigas. Se de manhã os encontrava enxutos, estava em condições de se malhar.

Hilário Barrelas presenciava todo aquele renovamento e, insensivelmente, fugia-lhe o espírito para a conta dos seus anos que, se não lhe pesavam, já não tinham como o milho seco na peneira. Casa dos *enta*, fatídica casa!

Iam e vinham, lés a lés dos campos, as vessadas ruidosas. O próprio babaréu, vozes, cores, tarantela das campainhas, denotava que a sementeira se fazia com esperança. O minhoto pela sua alegria e o seu trabalho merece todas as graças de Deus e dos bons génios da terra. O solo é fecundo e a gente olhava para Hilário com olhos de amenidade. Diante das uveiras, trepadas pelos troncos dos carvalhos, olmos, salgueiros, amieiros, a que deixaram um penacho de milhafre para que vivam e aguentem a carga especiosa, enternecia-se com semelhante sujeição da natureza. Que humildade! Quando a vide não marinhasse pelas árvores, estaria adereçada, muito acima do solo, em parreiras esbeltas, sempre encostadas aos muros e aos cômoros, construídas com esteios de pedra ou lousa finos como varas de pálio. Haviam-na desterrado para a borda da estrada e dos caminhos, do regato e do morro, onde não tirasse o sol nem chupasse o húmus necessário às culturas mimosinhas. A vide, afinal de contas, era uma silva. Vivia perfeitamente à desmão, satisfeita com o recanto e as escorralhas da mesa farta. Era uma pobre alegre; as uvas de enforcado, quando maduras, não pareciam mesmo uma cantiga de melro ou de peto-real empoleirados nos ramos à beira dos caminhos?!

Chegou depois Maio, terrível e admirável mês, e Hilário Barrelas ia desde logo de manhã discorrer pela quinta, onde a cada passo a Natureza patenteava seus laboratórios de

integração e desintegração, sem o menor rebuço, era só deitar os olhos. Levava nos ombros os seus detestados sessenta anos. Contemplando umas coisas e outras, notou ele que uma força misteriosa e criadora, tão surda como rítmica, procedendo a compasso, era contrabalançada por outra que actuava, igualmente às claras, com brusquidão inaudita, e destrutiva por excelência. A vida, isso que se chama vida, não era mais que o momento de equilíbrio, efémero como abrir e cerrar as pálpebras, dos corpos organizados debaixo da acção combinada destas forças.»

(«A Casa Grande de Romarigães»)

MANUEL DE BOAVENTURA

1885

A QUINTA DE SUSAINHA

«É esta Quinta de Susainha, aprazível vilar dos tempos medievais — um pitoresco musganho de verdura, que traz, na corda de póvoas avizinhas, tradições de feracidade, frescura e abundância.

No coração da herdade, dentro dos muros quinteireiros, cobertos de hera, fica a Casa-grande da aldeia onde outrora os servos da gleba procuravam abrigo e cuja hospitalidade inda hoje é tradicional, para os que a demandam.

Susainha é o ponto de partida, a nascença do risonho e oloroso vale, todo semeado de casais e aldeinhas brancas, que alastra por aí abaixo, com rumo ao sul, sempre a alargar e sem se saber onde finda. Muito longe, na berma violácea do horizonte descortinam-se, muito iguais, as duas mamoadas do monte de S. Félix, que têm a gracilidade e o boleado de peitos feminis, ao atingir da puberdade. É ali que acaba? Não: os úberes sanfelianos ficam-lhe à ilharga e a campina segue jornada, sem pressa de chegar ao fim. No Minho montanhoso, são raros espraçados assim abondos.

Todo o vale é, geomètricamente, esarteirado em pingues

agras enleiradas, férteis cortelhos de horta e chousos apaulados, onde medra o pastio do gado. A marcar as treitas — renegas de arvoredos e filas de uveiras, a um de fundo, com vides ao cachaleiro, a definir campos e cabedulhos.

Pela Primavera fora, tudo isto enflora do branco-rosado das cerejeiras e macieiras e do nevado dos abrunheiros e pereiras; como nos prelúdios outonais se enfeita do roxo-ametista, que alegra Baco, na sazão dos frutos.

Sem dúvida que o lindo e viridente vale é canteiro privilegiado no edénico jardim minhoto; e as tonalidades do verde vão desde o grave cinéreo das oliveiras, com trânsito pelo veludíneo oloroso dos laranjais, até ao flavo ourescente dos vinhedos, a tirar para carmesim. É a sinfonia álaçre das cores, a estadear-se ao sol bendito — a encher os olhos de beleza e a consolar as almas, que se perturbam de inquietação.

A água que sai, sorrateira, dos flancos tímidos do monte, serpeia e corre ligeira por talhadoiros e pijeiros. E tanto se lhe dá regar a linhariça, a chorir, com louça touca de lilás, como refrescar o ferro de arado, ao virar da leiva, nas alvo-radas de Abril, ou adoçar a têmpera das enxadas, nas decruas e arrendas, pelas canículas de Julho. E é tão benfazeja, que até os matos, de puas agressivas, que desabrocham nos saibros e piçarras, parecem trazê-la de regadio pelo pé. Bendita seja a água!»

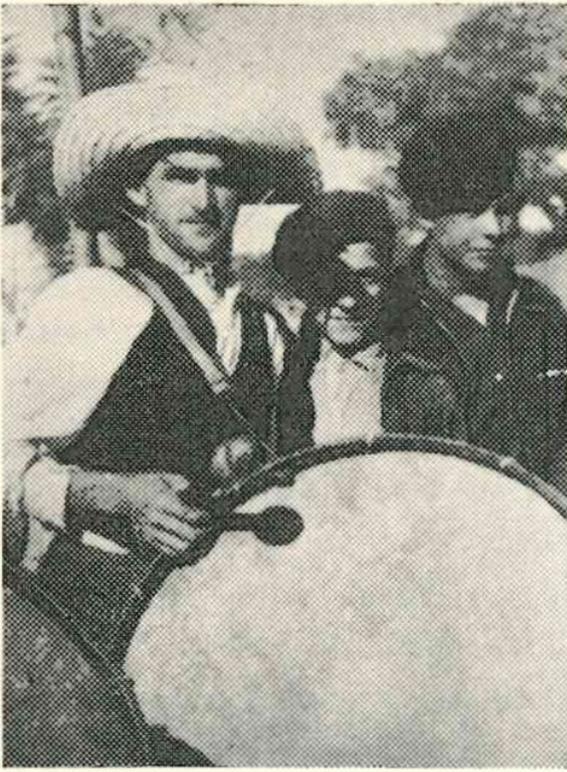
(«Novos Contos do Minho»)

CLÁUDIO BASTO

1886-1945

ROMARIA NA RAIA MINHOTA

«Encalhados na margem, ali estavam muitos barcos, para o transporte de romeiros à outra banda, — e entre esses barcos, todos negros da tinta e da porcaria, um já pronto a partir, carregadinho de gente.



*Tipo popular
de romaria minhota*

— Benitôôôô, nos marchamos?

— Si, muller, si, marchamos xá.

E ainda uma galega bateu com as botarronas a tábua posta de terra para o barco, e saltou para dentro a entalar-se entre os mais passageiros, que tranquilamente esperavam, acotovelados.

O barco, desencalhado a pulso, balouçou-se no rio de leve agitado. E dois remos, tortos, emendados com tiras de zinco, bateram compassadamente a água verde.

— Benitôôôô, Benitôôôô, vente acá, home!

E o barco retrocedeu para receber mais uma festeira que se foi sentar no bico da proa, com os pés ao dependuro, calçados numas botas grossas e esfoladas. Parecia a carranca de proa, o diabo da galega, feia e velha!

E o barco, balouçando-se pesadamente, voltou a afastar-se para a Galiza, em direcção a um «pueblo» da beira-rio: umas quantas casas brancas de luzidios telhados vermelhos. Os pinhais ensombravam a terra galega, e só ali e acolá essas casas alegravam a monotonia da paisagem escura, aos bandos, muito juntas, como boas amigas que se agrupassem para conversar...

— Benitôôôô... Vente acá! Benitôôôô...

E o barco, que ia já quase no meio do rio, tornou à margem portuguesa, vagorosamente; os remos, torcidos, lembravam dois saca-rolhas, e nas emendas de zinco o sol de Julho fais-cava.

A carranca lá vinha à proa, imóvel, negrejante, com o lenço puxado para o rosto.

E o novo passageiro, de rosário de alhos a tiracolo, com um lenço de cavacas na mão, esperava à sombra do posto fiscal.

Fui por uma encosta acima, para o arraial outra vez. Ainda

encontrei no topo do caminho lajeado, descendo-o a largas e ruidosas passadas, um galego a cantar:

*Eu ben vin estar o cuco
Na cima de un abeneiro...*

E interrompeu a cantiga, mal por mim passou, para berrar entre as mãos em canal:

— Benitôôô... espera un rato, hom', que eu xá vou!

Lá ao fundo, o barco, mexendo-se molemente, beijado na borda pela ondulação, afastava-se mais uma vez da margem. Mas parou, e retrocedeu, para vir receber o galego que, no mesmo passo, com grande estrépito de tamancos, continuava a descer a ladeira:

*C'unha subéla no bico
Aprendendo a zapateiro.*

No arraial, tocava a banda do 30, de Valença. Junto ao palanque — que era de pau como todos, mas que tinha reposteiros vermelhos como nenhum — bailavam as raparigas, quase todas galegas, com rapazes de lencinho ao pescoço, quase todos portugueses. A dança era arrastada, mole, com um inalterável passo de polca. As galegas, de roupas frescas, com a saia curta deixando ver as botas grosseiras, com o cabelo aplastado na cabeça, donde pendia costas abaixo a trança longa e solta, moviam-se dengosamente, com o seu ar gracioso, característico. Em roda, os mirões diziam chalaças.

A banda regimental pára. Já a banda de Lanhelas, noutro palanque perto, aguardava a sua vez. E mal aquela banda pára, tudo foge, aos encontrões e aos gritos, para junto do coreto da filarmónica lanhelense. Faz-se a roda, acasalam-se os pares, — e ao som da música, a mesma vagarosa e monorrítmica dança escorre, com os mesmos mirões a dizerem as mesmas chalaças. Cala-se a filarmónica, tudo corre em tropel para o outro coreto, para, depois, voltar com igual tumulto para o pé da banda de Lanhelas. E assim por diante.

Atravessei o arraial. Lá tornei a ver as filas de tabuleiros e cestos, apinhados de toda a casta de doces; os alhos bené-

ficos; as barracas de oiro; as vistas da guerra europeia; o homem dos sete instrumentos; as tendas ao orago St.^a Pipa com grandes mesas de pinho de fortes pés cravados no chão, e ao fim do arraial, ao sul, a igreja onde, como formigas, entravam e saíam correntes de visitantes. Fora, em frente à porta principal, um mastro empenachado de buxo em que rebulia a bandeira nacional. Dentro, muitas luzes, os andores altos, os pendões, flores, vidrilhos, lantejoulas, e, junto a uma porta, um S. Bento amável, descido do céu a uma asseada mesa, para cumprimentar o povo. Um criaturo, de opa, erguia-o da toalha alva, dava-o a beijar ao fiel, e depois tau! pregava-lhe com ele na cabeça. Tilintava uma moeda de cobre — quando tilintava! — na bandeja, e outro fiel vinha babujar o santo, sempre risonho e atencioso, e levar uma pancada na cabeça.

Também fui ter com o santo, que olhou para mim com a sua cara de boa pessoa: mas aterrorizou-me a cara do lapuz de opa que, havendo erguido com as mãos ambas a imagem, se preparava para me dar com ela na testa!

— Alto lá! Onde me dói é aqui! — e apontei a bochecha, por trás da qual a gengiva amargava o doce.

Ainda não havia terminado a rápida advertência, já o santo, de raspão, me passava pela cara, mais secante do que tangente.

E o que posso assegurar é que o dente não mais me doeu, embora com dobrada intensidade me começasse a doer a bochecha contusa. Declaro o milagre, sem receio de que este espontâneo testemunho vá para os jornais.

Atravessei ainda o arraial, desta vez em linha recta a caminho da estrada. As torneiras chiavam mais amiúde. Da multidão subia e descia mais ruído e mais cheiro.

E não foi com grandes saudades que deixei os últimos mastros de bandeiras, com as suas grinaldas de buxo e... lâmpadas eléctricas. Ai! andara por ali, a desvirtuar tudo, a «Civilização»!

Já não digo que faltavam a cor, o «vira», a harmónica, a viola, os descantes, a barulhosa alegria e o pitoresco, inimitável carácter das romarias do meu lindo concelho. Faltava

o carácter, curioso também, das velhas romarias de ali da beira Minho. Rareavam até os pandeiros, que em barda ali era costume rufarem tilintantes, amalgamando os povos de ambas as margens, aproximados já pelo falar. Vai-se progressivamente descaracterizando tudo...»

(Revista «Lusa»)

LUÍS DE ALMEIDA BRAGA

1886

ENTRE MINHO E LIMA

«Bem escolhido foi para estremar Portugal da Espanha esse maciço dentre Minho e Lima, por isso que os bruscos escarpamentos e rochedos que se elevam acima da zona florestal, como a sombra do monte da Gabiarra, tanto dominam a serra Penagache, projectada a leste, como as alturas portuguesas terminadas a oeste pelas colinas doces de Santa Luzia.

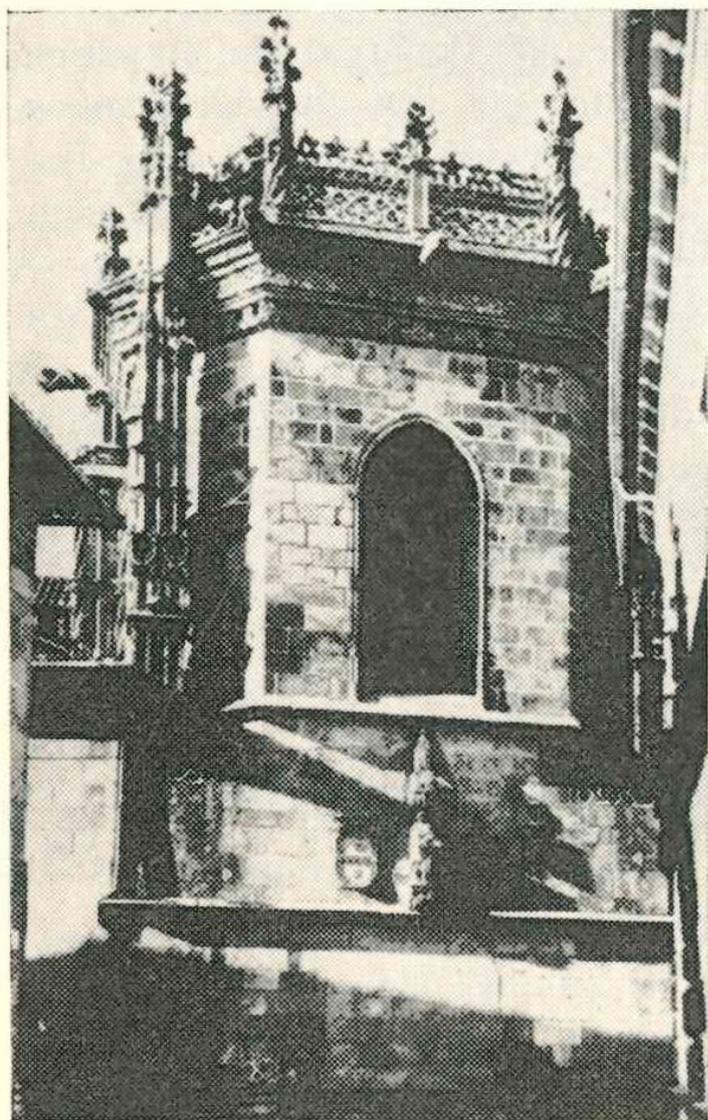
Esta antiga província, dantes chamada de Entre Douro e Minho, e agora abreviadamente designada só pelo nome do seu rio fronteiro, abrange assim toda a área litoral do norte, entre os dois rios e o Marão, os três modernos distritos políticos de Viana, Braga e Porto, mas ficando fora dela os concelhos do extremo sul — Lousada, Paços de Ferreira, Penafiel, Gondomar e Valongo, inclinados sobre o Douro, o vale do Tâmega, longe também da condição comum, e o grande maciço de Montalegre, identificado já aos planaltos trasmontanos.

A excepção de três faixas de xistos, dirigidas pròximamente de NO. a SE., é toda granítica a terra minhota. É porém duma enorme variedade a sua grande massa de granito. O mais abundante é o porfiróide, e forma a faixa oriental da província, desde o rio Minho ao Marão, passando pelos Arcos de Valdevez e Guimarães, até se internar em

Trás-os-Montes. Na serra de Airó encontra-se granito de mica branca, que pelas longas estradas vai carreado para as mais lindas construções de Braga. Mas já na Peneda e no vale do Cávado é fino o granito, cheio de mica preta faiscando ao sol.

No Gerês, o granito apresenta uma forma de transição para as pegmatites, e descobre-se aí uma variedade com feldspato cor-de-rosa. Lá se acha também o cristal de rocha, e os romanos, que removeram toda a terra da província, explorando a prata, buscando chumbo e estanho, ainda por ali toparam a ametista. A encoberta riqueza em minerais se deve a constante cobiça dos antigos povos e as sangrentas guerras sustentadas para a sua conquista por cartagineses e romanos.

Frei Bernardino de Santa Rosa, doutor na Sagrada Teo-



BRAGA — Nossa Senhora do Leite

logia, consultor do Santo Ofício e Lente de Véspera no Real Colégio de Santo Tomás da Universidade de Coimbra, empenhou-se em provar, como legítimo português, natural de Guimarães, que «a deliciosa província de Entre Douro e Minho contém na sua breve circunferência os famosos países de Ophir, e de Tharsis». E fundando-se na autoridade de Flávio Dexteró, o qual na sua crónica ao ano de Cristo 66 dissera: *Ratem in Lusitania oppidum Bracharorum esse in regione Ophirina à Nepotibus Ophir illic appulsis nomen hoc obtinente*, e sem ter esque-

cido o afamado Ausónio, que celebrando as riquezas bracaraenses escrevera: *Quæque sinu pelagi iactatsce Brachara dives*, concluiu desembaraçadamente: «o Paiz Ophirino he o de nossa Provincia»!

Arredadas todas as dificuldades, o invencível contraditor do sapientíssimo Feijó, que do sossego antigo privara as ternas Musas, assegurava então, sem hesitar, que «a nossa amenissima Provincia de Entre-Douro, e Minho, foy o famoso Paiz de Ophir, para onde navegava todos os triennios a decantada frota de Salomão, e donde conduzia para a Côrte magnifica daquelle glorioso Princepe a grande copia de ouro, prata, dentes de elephantes, monos e pavões, com que se sustentava a sua grandeza»!

Não me enredo na contenda dos apaixonados frades. Mas direi que o ouro aqui se derrama na água das fontes medicinais: Melgaço, Monção, Caldelas, Eirogo, Taipas, Vizela, Gerês, — e as desprezadas de S. Pedro da Torre, do Padreiro (bica de escondida virtude aonde ninguém vai beber, tão semelhante à da procurada Cauterets), S. Miguel de Ave, Barreiros, Crespos, Musqueiros, Lijó, generosamente oferecem a esmola da saúde.

E se tardei tanto na áspera descrição do terreno — apesar de só ter consumido o tempo necessário para mover os olhos — é porque os caracteres climatológicos e agrícolas a essas condições estão sempre subordinados. «À natureza do terreno correspondem a forma do corpo e as disposições da alma», ensinava já o grave Hipócrates. E o nosso Fernão Lopes, colando o ouvido ao coração da Grei, não se esqueceu de pôr na sua Crónica de D. João I: «Assi que a terra em que os homens por longo costume e tempo foram criados geera huãa tall conformidade antre o seu entendimento e ella...»

A constituição geológica, o alto abrigo das serras e a vizinhança do mar tornam o clima do Minho essencialmente húmido e temperado. Daí a grande fecundidade de homens e de plantas, a riqueza imensa da sua flora. *Conservador da semente portuguesa*, chamava ao Minho João de Barros, — o que foi ouvidor em Braga. E Fouchier e Beauregard não acharam termos justos para o seu louvor. Só disseram: *Qu'on*

imagine la plus riche et la plus verte Normandie, les prairies les plus veloutées, les vallons les plus exquis, les cultures les plus opulentes, les eaux les plus courantes et les plus limpides et l'on aura la représentation de ce pays enchanteur.

A beira da terra o mar é chão, a costa plana. Não cruza as vagas o fogo dos faros e nas sombras da noite perdem-se os barcos. Mas cada outeiro tem uma ermida, e não há pescador que lhe não veja a luz, quando a tormenta é brava e a lancha leveira vai naufragar. Senhora da Boa-Nova, Santa Luzia, Senhora da Bonança, têm mais claro e mais certo lume que o farol de Montedor...

A areia rebrilha polvilhada de ouro. E sob o céu radioso o vasto mar ondula, alevanta-se contra os rochedos da praia e espalha sobre eles a babugem da espuma, parece que os cobre de neve.

Anda no ar o marinho perfume das algas. E as gaivotas, rentes à água, ensinam as raparigas a acenar com o lenço, a dizer adeus...

Cerradas matas de pinheiros bravos orlam a costa, lá até onde chega o lamento das ondas. Daí em diante, ei-los dispersos em grupos de pequenos pinhais nos altos das serras e nas vertentes mais expostas aos ventos mareiros. Donde a onde, o pinheiro manso abre a larga roda dos ramos. E pela terra funda da quebrada dos montes, já longe do mar, o carvalho cerquinho e o roble crescem a par do sobreiro, em sotos de sombra arrendada e fina.

Vai o castanheiro rareando, e a vide agora abraça mais os trémulos choupos. E os freixos, os amieiros e os salgueiros, trazidos da beira dos rios e dos regatos para as extremas dos campos, agitam no ar a folhinha inquieta, saudosa de se remirar na água.

Por combros e arribadas, onde a enxada não entra, todos os dias do ano surge uma flor: a campainha roxa da digital (luvas-de-nossa-senhora), o trevo branco, a violeta chorosa, a papoula garrida, o malmequer linguareiro, a bonina ingénuo, pregos de ouro, pascoinhas, pampílios, enfeitam e cobrem a terra que não se amanha.

Livremente crescendo entre os espinheiros e as silvas dos

valados, a madressilva e a gilbarbeira perfumam os caminhos. E à borda das correntes, nos sítios húmidos e sombrios, os musgos, os fetos, as íris, as ipomeias compõem fundos tufos de verdura, onde as aves acasalam.

De Maio a Julho todas estas árvores e plantas estremecem no ímpeto criador da vida. Na pujança das seivas até a sombra parece verde...»

(«Paixão e Graça da Terra»)

LOA DO VINHO VERDE

«Por Setembro, quando o Sol mais docemente doira as folhas e amacia as sombras, o cheiro das uvas incendeia o ar. Abrem-se as adegas. Marteladas firmes, ao ajustar os aros das pipas, envolvem o trabalho na argêntea graça dos sinos festivos. Como promessa de abundância, a água toma a cor do vinho na lavagem das baças.

Vai morno o tempo. Os bagos dos cachos têm a transparência do âmbar. Verdes pálios, as latadas cobrem os caminhos e os tornam fofos. Os estragos dos anos não os entende quem por ali passa. Agora todos são moços. Desde o fundo das idades é Sileno deus libertino. Desejo, amor, são sentimentos que se encontram na raiz da palavra dos que primeiro disseram vinho. Bem assim o alcança o minhoto na confiada cantiga:

*Dei um nó na fita verde,
Outro na folha da vinha;
Ainda espero dar outro
Na tua mão e na minha!*

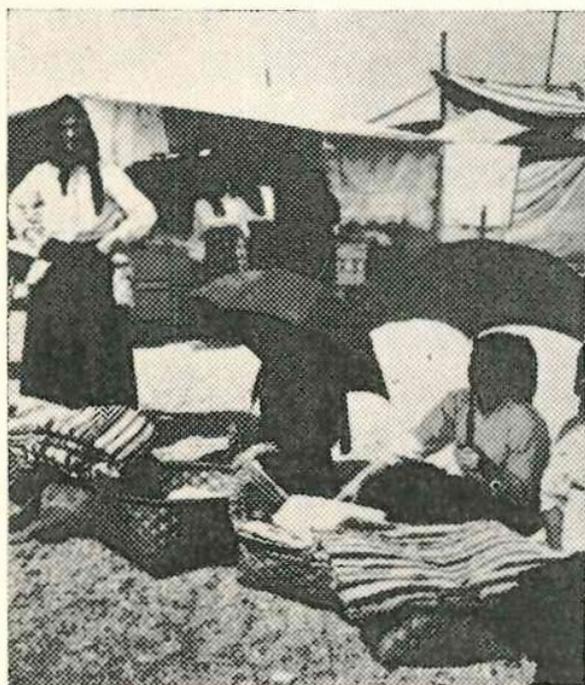
Para a cultura da vinha não há trabalho mais canseroso do que o da poda. Nas geadas de Fevereiro, com a Lua em minguante, vão para o lume todos os sarmentos. Uma vara só e um só talão foram poupados com os seus oito botões. Da vara a mais femeeira há-de sair o vinho, e do talão a sombra da ramada. Trocando-se em cada ano o talão e a vara, a parra e o fruto se equilibram em perfeita regra.

Pela Ribeira do Lima, na voz que se alevanta, passa o aviso de que nas coisas da terra anda a vontade das estrelas e só para as ralações da alma é enganosa a esperança:

*Já comi uvas maduras
Da videira mal podada;
Mais vale ser pobre alegre
Do que rica apaixonada!*

Esteve adormecida a videira durante o Inverno. Mas ma a luz da Primavera acétinou o azul do céu, logo ela des-
perta num choro manso, agradecido e contente, como de quem no sono cuidara perder a vida.

*A bideira sempre chora
Quando a corta o podador;
Tamén eu tenho chorado
Cun penas do meu amor,*



*Feira de Setembro
na Ribeira Lima*

— saudosamente cantam as raparigas dos Arcos de Valdevez, vendo estremecer o coração dorido.

Ramos e folhas tímidamente abrolham. Já também as raízes sentiram o materno calor da terra. E então, trepando pelo encarquilhado tronco, por toda a videira se espalha a escondida seiva e nela irradia e floresce e frutifica.

Contempla embevecido o lavrador o despertar das vinhas. Na horta, as couves ostentam as repolhudas folhas, e o peito do homem de receoso se lhe aperta. Lá adivinharam os antigos:— «Maio couveiro não é vinhateiro».

Anda o tempo vigiado. Pelas manhãs friorentas, o nevoeiro

envenena os pâmpanos em flor e neles pousam seus ovos ruins os secretos mensageiros da morte. Parece que choveu cinza. Engelham as folhas, secam os gamitos. Faz pena ver assim a vinha desganoada! E enxofre e sulfato cobrem o bolor, matam as lagartas. Ao almo sol de Maio acende-se a fé de que as uvas aparecerão livres do mal que chascara as folhas. Porque Abril fora molhado e frio, e o Maio corre meigo entre festões verdejantes, ninguém mais duvidará da salvação das sementes e da fartura dos frutos. Entre as plantas e a terra fez o Sol entendimento:

*Maio, maieiro,
É bô para o binho
E melhor para o greiro!*

Mas se amanhece entroviscado o dia de S. João e a chuva apunhala os campos, a sede abraça a fome, tão verdadeiro é que não vinga o pão nem o vinho escapa! «Até S. Pedro há o vinho medo», — diz o rifão.

Por meados de Julho, quando Santa Marinha recebe as promessas das moças casadoiras, a vindima é boa de futurar. O prolóquio vaticina: «Por Santa Marinha, vai ver tua vinha, e, qual a achares, tal a vindima».

Mais uma semana de sol brunido e a vinha mostra satisfeita os cachos bem formados. Já o lateiro apandou com o peso das uvas. Para a missa de Santiago, entre os lumes do altar, as uvas ganham a formosura das flores. E ao ser lembrado S. Lourenço, no correr de Agosto, tendo dos rubis a cor e do mel o agrado, pedem as uvas que as venham buscar, senão os pardais as depenicam estouvadamente.

Tamborilando em latas velhas, o garotio assusta os pardejos, como ele rabaceiros, e grita-lhes:

*Estolha passarada,
Filhos da ramada!
Passarinhos ao monte, ao monte,
O monte tem mel e o campo fel.
Estolha, passarada!
Estolha, ladrões!*

Seria ainda fraco o vinho se alguém tão cedo ousasse espremer as uvas. «Não é bom o mosto colhido em Agosto», — previne o antigo ditado. Agosto apenas aquece as uvas. É ao findar de Setembro que para as vindimas o tempo se dispõe. Ao abrir na folhinha a festa de S. Mateus, só por erro do Sol não deverá a vindima começar. Alveita-se então a Lua: se vai em crescente, mais vale esconder o desejo de vindimar depressa, — o vinho não seria seguro. É para que ele não fique assim abafado e morto, com a Lua temporã arrima o lavrador as escadas às uveiras. A meio do campo, a dorna sobre o carro espera as uvas. Entornam as mulheres os cestos que os vindimadores vão enchendo. É o rapazio cacarelho, enlambuzada a boca, furtivamente corre a apanhar no chão os gaiços que no ar se desprendem...»

ESTAMPA DO BOM JESUS DO MONTE

«Ainda não findara o século XIV e já era costume antigo irem os irmãos da Confraria da Trindade de Braga, em dia de S. João do mês de Maio, com suas tochas, cantando a Ladainha, ordenados em procissão, ouvir missa à ermida de Santa Cruz do Monte.

A beleza do lugar avivava nos corações a Fé e a Poesia. Alongando os olhos, tudo eram afagos: — pequeninos vales, outeiros floridos, casais tão alvos como ermidas, ermidas simples como ninhos de pombas, carvalheiras verdes, finos relvados, doce murmúrio da água correndo, líquido azul das serras distantes...

Sobre a paisagem de maravilha a alma voa desprendida, livre, pura, como na primeira manhã da criação. Lindo local para sonhar e rezar! Vendo-o assim, mandou ajeitar a capelinha o Arcebispo D. Jorge da Costa, dispondo-a melhor para o quieto enlevo da oração.

Era isto por 1490. Com a morte do Prelado as rendas minguaram. E com a pobreza, mais depressa o tempo desmantelou a recolhida igreja. Iria ela sumir-se abandonada, quando o Conde-palatino D. João da Guarda, Deão da Sé Primaz e vigário de Santa Vaia de Tenões, devotamente a

reconstruiu em Setembro de 1522, como recorda a lápide que mandou lavrar e está hoje embutida no primeiro patim do escadório das Virtudes.

Não paravam agora as festas na igreja. E nos alegres dias de Verão, trepando as pedregulhentas veredas da montanha, ali acode em devota romagem a gente da cidade e das aldeias vizinhas, atraída pela pompa das cerimónias religiosas e pela serenidade do lugar.

Um só veio de água salta de pedra em pedra. E ele basta, na sombra amorável, para calmar a sede da trabalhosa subida. Agora não era apenas a formosura da natureza que prendia a vista, não a distraíam só as ridentes veigas ou o mar, ao longe, nos claros dias de sol, a cintilar: também a entretinha lobrigar lá do alto o espectáculo das obras que sob a acção poderosa de D. Diogo de Sousa rápidamente iam transformando a velha cidade embiocada e triste.

Extasiado, o grande Arcebispo não encontrava no Mundo nada mais belo do que a cidade primaz. Ao ordenar aí os Estudos Públicos, segundo a tábua de valores do Renascimento, o nobilíssimo prelado dizia enlevadamente que a sua Braga era «a mais sã cidade e terra que há em Espanha», «onde não há doença, nem corrupção de ares, como no Paraíso terreal»!

Ainda aperta a cidade o cinto de muralhas com que a defenderam os bons reis Dinis e Fernando, e ainda a vigiam as suas sete formidáveis torres de guerra. Mas já, «com muita alegria de todos» e «grande dispêndio e glória do Arcebispo», novas ruas se abrem para lá dos muros, desaparecem os prados onde hoje se levantam o Hospital de S. Marcos e a Igreja de Santa Cruz, e as hortas e as vinhas ao oriente da Porta do Souto estão a ser removidas e arruadas. Ali perto, os alvenéis biscainhos, que andavam a adornar a capela-mor da renovada Sé, como se a pedra merecesse o labor da prata, acham bom poiso para as suas casas. O carreiro tortuoso que por entre espesso arvoredado conduzia às obras do templo da Senhora-a-Branca, vai sendo arrasado e dá lugar ao amplo e alegre Campo de Sant'Ana, por estranho gosto substituído por aparatosa avenida.

O alindamento do burgo absorvia todos os cuidados, e, desamparada, a capela do Senhor do Monte envelheceu. Não tem romeiros. Aluem os telhados. Tremem as pedras das paredes, mal aconchegadas no abraço misericordioso da hera. Outra vez se desdobrava sobre a montanha a mortalha do esquecimento. Até no altar o nome de Deus deixara quase de ser invocado, quando alguns bons homens, que no coração guardavam o encanto do piedoso retiro, ali se acharam reunidos, pesarosos do que viam.

A beleza airosa do lugar mais contrastava com a melancolia da arruinada ermida. Era preciso reparar os estragos das Estações: à vida forte da natureza, desentranhando-se em flores e aromas, juntar a vida nobre do espírito; dar alma às pedras e sentido à paisagem. E nessa tarde de 1629, logo eles prometeram levantar de novo a desmoronada capela e manter para sempre na benigna soledade daquele monte, como lâmpada em frente do sacrário, a devoção da Cruz. Nada melhor para isso do que prenderem-se todos por um laço comum. Constituíram-se então em confraria, sob a invocação do Bom Jesus do Monte. A esmolar de porta em porta, hoje na cidade, amanhã pelas aldeias, representando um episódio da Bíblia ou com bailados e folias divertindo o povo miúdo, aqueles ignorados devotos reúnem os cabedais para restaurar e agrandar o templo, dotá-lo com paramentos e alfaias. Pela áspera ladeira do monte ajeitam o caminho, e já a encosta é doce de subir, com obrigados descansos diante das capelinhas onde execrandos judeus repetem os momentos dolorosos da Paixão.»

(«Nuvens sobre o Deserto»)

OLIVEIRA SALAZAR

1889

800 ANOS DE INDEPENDÊNCIA ¹

«Serei muito breve, pois toda a palavra a sinto inferior ao momento e todo o discurso se me afigura profanar o recolhimento das almas e a comunhão espiritual desta hora. Por todo o Portugal do continente, das ilhas, do ultramar, em terras hospitaleiras de todas as partes do mundo, milhões de portugueses se recolhem, de alma ajoelhada diante deste castelo, e comungam connosco nos mesmos sentimentos de devoção, de exaltação, de fé.

Nem eu sei o que havia de dizer. Em vão procuro, no tropel de ideias e de emoções, focar pensamento ou imagem, facto ou anseio, nome ou sentimento que aos outros sobreleve e me prenda. Passam pelo espírito séculos em revoada — os oito séculos da vida de Portugal — com seus reis e seus cavaleiros, seus descobridores e seus legistas, seus capitães e seus nautas, seus heróis e seus santos, sofrimentos e glórias, esperanças e desilusões. Passam séculos, e o português a expulsar o mouro, a firmar a fronteira, a cultivar a terra, a alargar os domínios, a descobrir a Índia, a apostolizar o Oriente, a colonizar a África, a fazer o Brasil — glória da sua energia e do seu génio político. Para tanto discutiu nas Cúrias e nos Concílios, ensinou em escolas e Universidades de fama, fez uma língua e uma cultura, pintou obras-primas antes dos maiores mestres, prodigalizou-se em maravilhas de pedra, cantou em versos imortais a sua própria epopeia — e ainda hoje tão simples e tão modesto que é pobre em face dos opulentos e fraco junto dos poderosos. Abisma-se a inteligência a perscrutar o mistério, confunde-se com a desproporção dos meios e dos resultados, extasia-se

¹ Histórico discurso pronunciado no castelo de Guimarães, em 4 de Junho de 1940, na cerimónia inaugural das comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração da Nacionalidade.

ante a permanência do milagre, e não se sabe que homem, ideia, rasgo ou sacrifício há-de pôr acima dos mais — a não ser exactamente o facto fundamental e primeiro de haver a raça portuguesa estabelecido o seu lar independente e cristão nesta faixa atlântica da Península. Quis o povo ser independente, livre no seu próprio território, e quiseram os reis que ele o fosse, conquistando-lhe e mantendo-lhe a independência; e porque mandava em seus destinos, a Nação definiu um pensamento de vida colectiva, um ideal de expansão e de civilização a que tem sido secularmente fiel.

Nas nações, como nas famílias e nos indivíduos, viver, verdadeiramente viver é sobretudo possuir um pensamento superior que domine ou guie a actividade espiritual e as relações com os outros homens e povos. E é da vitalidade desse pensamento, da potência desse ideal, do seu alcance restrito ou universal e humano que provém a grandeza das nações, o valor da sua projecção na terra. Ser escasso em território, reduzido em população ou em força ou em meios materiais não limita de per si a capacidade civilizadora: um povo pode gerar em seu seio princípios norteadores de acção universal, irradiar fochos de luz que iluminem o mundo.

Para isso nos serviu a liberdade; de nós se não pode afirmar que não soubemos que fazer da nossa independência: trabalhando e recebendo em nossa carne duros golpes, descobrimos, civilizámos, colonizámos. Através de séculos e gerações mantivemos sempre vivo o mesmo espírito e, coexistindo com a identidade territorial e a unidade nacional mais perfeita da Europa, uma das maiores vocações de universalismo cristão.

Eis porque esta solenidade é ao mesmo tempo acto de devoção patriótica, acto de exaltação, acto de fé.

Primeiro: *acto de devoção*. Cobrimos de flores trazidas dos quatro cantos do mundo as pedras mortificadas sobre que se ergue este castelo, como se piedosamente se beijassem as feridas de um herói ou se alindasse o berço de um santo. Vimos de longe, alguns de muito longe visitar a velha casa de seus velhos pais, a cidade augusta onde primeiro bateu,

com o coração do primeiro rei, o coração de Portugal. Sabemos dever-lhe o que fomos, e o que somos dele vem ainda — vivermos livres na nossa terra e honrados na terra alheia.

Acto de exaltação. A Pátria Portuguesa não foi o fruto de ajustes políticos, criação artificial mantida no tempo pela acção de interesses rivais. Foi feita na dureza das batalhas, na febre esgotante das descobertas e conquistas, com a força do braço e do génio. Com trabalho intenso e ingrato, esforços sobre-humanos na terra e no mar, ausências dilatadas, a dor e o luto, a miséria e a fome, almas de heróis amalgamaram, fizeram e refizeram a História de Portugal. Não puderam erguê-la com egoísmos e comodidades, medo da morte e da vida, mas lutando, rezando e sofrendo. Cada um deu, na modéstia ou grandeza dos seus préstimos, tudo quando pôde, e por esse tudo lhe somos gratos. Do fundo porém dos nossos corações não podem deixar de erguer-se, ao comemorarem-se oito séculos de História, hinos de louvor aos homens mais que todos ilustres que os encheram com os seus feitos. Acto de exaltação.

Mas nós realizamos hoje também *acto magnífico de fé*: fé na nossa vitalidade e na capacidade realizadora dos Portugueses, fé no futuro de Portugal e na continuidade da sua História. Não somos só porque fomos, nem vivemos só por termos vivido; vivemos para bem desempenhar a nossa missão e perante o mundo afirmamos o direito de cumpri-la. Com a solidez das raízes seculares, ligados à História Universal, que sem nós seria ao menos diferente, sentimos com a glória desta herança as responsabilidades e o dever de aumentá-la. Estamos aqui precisamente por confiarmos nos valores eternos da Pátria; e quando dentro de pouco — e nenhum de nós pode mais reviver este momento — subir no alto do castelo a bandeira sob a qual se fundou a Nacionalidade, veremos, como penhor que confirma a nossa fé, a cruz a abraçar, como no primeiro dia, a terra portuguesa.»

MANUEL COUTO VIANA

1892

PÁSCOA MINHOTA

«...E, depois da noite, veio o dia — o Domingo de Páscoa, a Páscoa da Ressurreição.

Nem sequer dealbava para as bandas do nascente e já toda a gente da aldeia, com candeios, lumieiras ou à luz das estrelas, descendo dos refegos da serra, ou subindo da veiga, se encaminhava para a missa de alva. O Sr. Abade prevenira que não haveria missa do dia para ter tempo de se despachar, no próprio domingo, da tradicional visita a todos os seus paroquianos. E a empresa era de fazer quebrar os ossos, pois, espalhados por montes e vales, os fogos da freguesia eram passantes de três centos!

A Igreja encheu-se. A sacristia estava como um ovo. E até foi mister escancarar as portas do guarda-vento, para que assistissem ao Santo Sacrifício os que, transidos com o friasco da madrugada, ficaram pelo adro por já não caberem por baixo de telha.

Missa de Páscoa, missa curta, com um evangelho de duas palavras a anunciar — Aleluia! Aleluia! — a Ressurreição do Redentor.

Mas o Abade, apesar da pressa, não dispensou a homília. Lá tinha a sua figada.

E disse, com simplicidade e sem estilo, «que assim como Cristo ressuscitou depois da morte afrontosa que Lhe deram os judeus, — torturando-O primeiro com sanha de lobos, o que tudo Ele sofreu pelos homens com resignação, como Pai Amantíssimo —, assim neste dia devíamos fazer ressuscitar em nós uma nova alma, expurgada de todos os defeitos, erros e pecados do passado, esquecendo injúrias e ódios, perdoando ofensas e dando aos outros homens, nossos irmãos em Cristo, um pouco do amor que Deus a nós todos tributa».

Mas o bom do Abade disse mais, muito mais, com tal sinceridade e conhecimento das almas do seu rebanho, que por

toda a assembleia se ouvia a fungadela das lágrimas que tomavam o caminho das fossas nasais, porque quem as vertia tinha vergonha de as enxugar nos olhos.

A Quinhas olhou furtivamente para o pai e viu-o atalhar com as costas da mão uma gota que lhe escorria pela cara.

O coração deu-lhe um banque de contentamento. A Virgem tinha-a ouvido. E concentrou-se a agradecer o favor.

Finda a missa, recolheu o Abade à sacristia, a desparamentar-se e a quebrar o jejum com a cevada que a ti'Antónia trouxera do passal — muito agasalhada a cafeteira nas dobras do velho xale, para não esfriar com o *estarizio* da manhã.

Atrás do Abade surdiu o Manuel Feiteira que logo foi sacar do armário a cruz processional, orgulho da freguesia por ser muito antiga e ter escapado à destruição dos moiros e à cobiça dos franceses. (Pelo menos, é o que contava o Sr. Julinho da Pimenteira, «home velho e de estudos, que matava o tempo a desenterrar pedras nos montes e escrevia nas *folhas*»).

O Feiteira separou o crucifixo da vara, atou nos pés da Imagem, com fitilho de seda encarnada, um molhito de cravos e despejou-lhe em riba umas gotas de *cheirinho* dum frasco que mercara na drogaria da Vila, em dia de feira.

Mas já o Tone Sacrista, sem quitar a opa do ofício, enchia a caldeira de água-benta até às bordas, com perigo de esta extravasar quando lhe atirasse para dentro os *cobres* e a *prata* que, à laia de foliar, muitos punham em lugar visível nas salas onde era recebida a «Cruz».

Era usança da terra proceder assim, pois parecia mal — era como dar uma esmola — entregar em mão a moeda.

Já o Sr. Abade estava pronto — coberto, de estola ao pescoço, pára-águas debaixo do braço, o hissope nas unhas —, quando, açodado, apareceu o Melquizedeque, o feitor das senhoras do Paço Velho, para envergar a opa e tomar conta da cesta para os ovos, coberta com boa toalha de linho, bordada a preceito pelas irmãs do Abade para a Missa Nova do mano. (Ao ror de anos que isso ia!)

Com o Melquizedeque — o Quizeque, como lhe chama-

vam — vieram os sobrinheiros das fidalgas que, por promessa das titis, iam encarregar-se das campainhas.

E com outros que se ofereceram para ajudar e para (Deus me perdoe se peço!) poderem bebericar e comer à tripa-forra pelas casas e adegas dos lavradores, todos de opas encarnadas da Irmandade do Santíssimo, lá saiu para o adro a «Cruz», ao repique de todos os sinos.

Já o sol pintava de carmim as árvores mais altas e a torre da Igreja.

No adro, ninguém, tirante o Quitolas, de molho de foguetes ao ombro e morraca fumegante na mão, à espera de ordens para mandar para as alturas o primeiro aviso.

(A marcha da «Cruz» era sinalada à freguesia por um foguete em cada lugar onde passava, e dois marcavam o intervalo para a jantarada, seguida de regalada sesta, justo prémio a quem bateu caminhos sem fim, abarrotou a pança de succulentos presigos e se encharcou de capitosos líquidos que a fome e o calor do esforço despendido reclamavam.)

No adro, tirante o Quitolas, mais ninguém.

É que todo o povinho, depois da missa, feito o sinal-da-cruz e a vénia ao Santíssimo, se raspou para enfeitar a casa e a carreira da quinta por onde devia passar a «Cruz».

Uns foram colocar bandeiras de papel e festões de buxo e murta pelos muros das suas propriedades; outros, no leito da estrada e dos caminhos que servem os seus respectivos lugares, bordar com flores e verdura tapetes de desenhos caprichosos; e os mais pobres ou menos engenhosos espalhar funcho e rosmaninho pelas escadas e pelo limiar das suas portas por onde ia entrar o «compasso».

As mulheres, envergados já os trajes de festa— a saia de tear de riscas berrantes, o avental de tapete, por trás do qual, e do lado direito, espreitava algibeira, a camisa de linho de amplas mangas bordadas nos ombros, com mais ouro no peito que barraca de ourives — essas, cirandavam na arrumada das salas, rindo e cantando porque o dia era de alegria: — iam receber em casa a Deus Nosso Senhor!

No lugar de Samedo, onde ficava a casa do Zé do Velho, ia uma restolhada de arraial.

Todos os vizinhos se empenhavam em dar ao local um ar de festa de arromba. Tinha-se, para isso, formado uma comissão à qual presidia o marido da Micas.

«Ia ser cousa qu'habia de ficar na memoira dos homes» — dizia a tia Rosa da Queijada, velha entrevada que vivia do dinheiro que o filho lhe mandava do Brasil e do subsídio de invalidez que recebia da Casa do Povo. E ele eram mastros com galhardetes, alugados na Vila!... pingentes de papel recortado a fingir balões!... uma cascata artificial de penedos e musgo, a jorrar água e toda ornada de bonecragem de barro, como um presépio!... tapetes de folhas e flores nos caminhos com dizeres:— Viva Cristo-Rei! Viva o lugar de Samedo!... um arco de varinhas de pinheiro, entrelaçadas como rendas!... e um coreto para nele tocar a *música* do Zé da Gaita, alfaiate de seu ofício, que mantinha um fungagá composto de doze *assopras*, um bombo e um caixa, com fardetas berrantes de fundo azul e muitos vivos escarlate.

«A «Cruz» em Samedo ia ser o fim do mundo!...»

E a «Cruz» lá andava por córregos e atalhos, sultos e pinhaís, ao tlim-tlim das campainhas agitadas freneticamente pelos fidalguinhos, muito anchos da missão que lhes parecia mais uma honra que um brinquedo. E o Quizeque não tirava os olhos deles, pois era o responsável pelo comportamento dos «meninos».....

(«Páscoa Minhota»)

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA

1895

Ó MEIGO E BRANDO LIMA

«Ó meigo e brando Lima de Bernardes,
Rio do tempo que em minha alma flui.
Meu pensamento em sonho se dilui
nas tintas oiro e azul das tuas tardes.

Um fio de água — o tempo que já fui
deixa-o seguir pra além, não o retardes...
Eu soffro esse vagar, como Bernardes
soffria, da saudade que reflui...

Eu quisera fugir pra muito longe,
não há sítio na terra onde esconder-me
da minha própria dor e pensamento...

Chegasse a alta serra e fosse monge!
Como seria fácil entender-me
se não fora a saudade o meu tormento!»

(«Alegre Melancolia»)

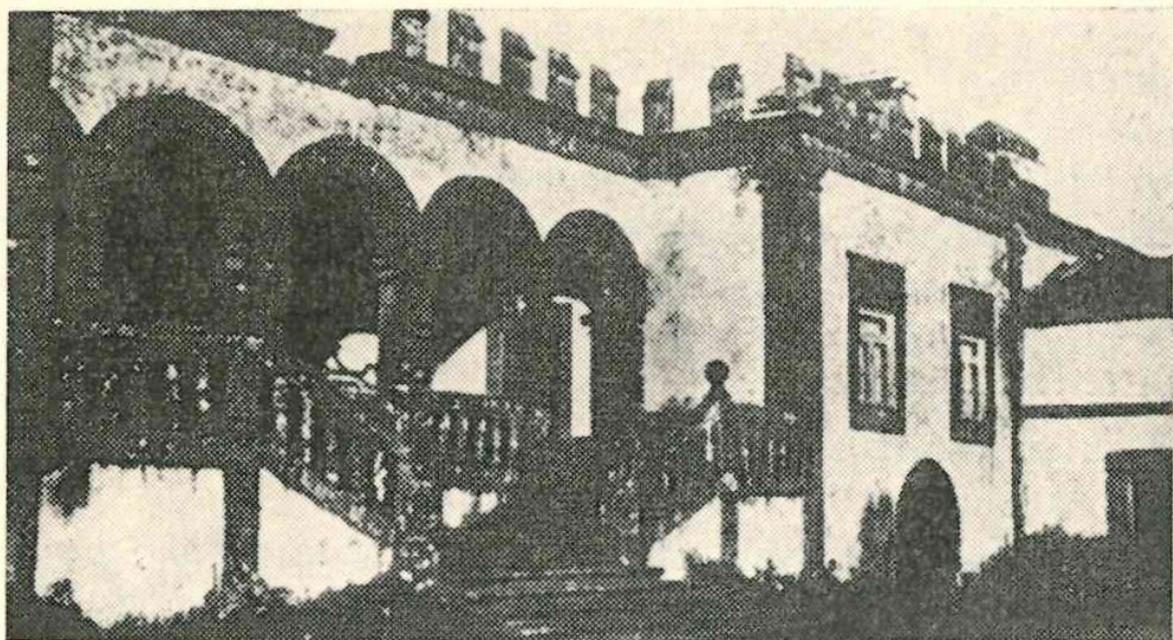
CONDE D'AURORA

1896

COMO VIVE O MINHOTO

...«Ora para bem admirarmos esta linda e pitoresca província temos de saber o que ela é, como ali se vive, se trabalha, se cultiva — porque todos no Minho vivem da terra. Vejamos rapidamente. Trabalho da terra é uma maneira de falar, porque todos os trabalhos no Minho são divertimentos e tudo se passa em descantes, velhas usanças, cantigas e namoricos. É assim mesmo. No Minho é tudo pequenino, tudo é de brincar, tudo é teatral como um presépio; tudo é graça, tudo é beleza.

O pequeno casal minhoto basta-se a si próprio; as despesas são quase nulas; é frugal e colhe um pouquinho de tudo. O gado toma-o *a ganho*. Para qualquer contita da tenda (*venda* se diz), lá manda a mulher à feira com o que calha. E o resto vá de folgar. De jornas, *jornais*, quem fala. Aqui é tudo *de favor*, só pela comida, e assim se ajudam uns aos outros na mais exemplar das comunidades nesta província onde todos são proprietários.



Arquitectura residencial minhota: Casa do Paço de Vitorino
— Propriedade do Sr. Conde do Paço de Vitorino

E por todo o ano adiante é uma série contínua de festas dionisiacas onde a alegria cristã canta Deus na natureza — porque o velho Pã nunca viveu no Minho. Começa o ano com as *vessadas*, o lavrar da terra. Terra negra, funda, leve, cheia de húmus, terra de aluvião sem calcário algum, tão fácil de virar.

Para preparar o maior dos seus campos (4 a 5.000 metros o muito, e excepcionalmente), chama o lavrador 20 pessoas; dá-se de comer e de beber à farta a todos; metem-se 2 ou 3 juntas à charrua (e quando era o velho arado de pau, imutável desde os romanos, chegava a 4 juntas, assim chamadas: *pé*, *trilho*, *picadoiro* e *guia*). O grito do boieiro corta o ar e ouve-se no azul, a grandes distâncias, vale em fora. E nunca sai um rego direito na terra — há que traçar de quando em vez uns *filhos* ou *netos* (regos suplementares).

Beleza do Minho! Porque na natureza não há linhas rectas, e o minhoto é como ela: incapaz de desenhar uma linha recta, oh! pintores modernos!

Canecas de vinho verde e cantigas alegres escorrem sem parança — e tudo são risadas. E todos os trabalhos são uma festa, um encadeado delas. É a sacha, é a monda — vinte,

trinta cachopas de cores vivas e chapeirões de palha, cantando a cinco vozes, de sol a sol.

São os mil trabalhos do linho — como a *rebolada*, acasalados os pares antes do arranque. E a espadelada. E a desfolhada com as *estúrdias* e os *maskarados* e a espiga de milho-rei, sorte grande ao namorado — e a roçada no monte, nos altos píncaros baldios donde o carro, velho carro sabino, desce pela penedia gemendo.

O chiar do carro é o orgulho e a alegria do minhoto que propositadamente lhe põe as *chiadeiras*.

Tudo de brincar, tudo tão pequenino, porque não juntam as parcelas? — perguntará o forasteiro. Discretamente, porque isto é um *divertissement* e não uma tese agrária, anotarei à margem que o Minho se formou através nove séculos com a enfiteuse, o vínculo e os mosteiros, velhas escolas de cultura — e citarei para minha tranquilidade o notável sociólogo francês Leão Poincard e o Sr. Ezequiel de Campos.

Pequenino casal minhoto, *eido* ou *quinteiro*, espalhando alegria e cor na brancura das suas janelas maquilhadas de cal e no vermelhão dos seus espigueiros (diz-se *canastros*) de cruz alçada.

Altas medas de palha milha indicam a riqueza de cada um — e a roliça meda de palha centeia é encimada por uma bonecada, a rematar o trabalho que é uma alegria, uma brincadeira.

Tudo é alegria e folgar, mas como também há mais de cem dias santos no ano, não há maneira de se cultivar a sério o Minho nestes terríveis tempos modernos. Dias santos, domingos, festas — é todo o ano minhoto, é a folhinha minhota. Não quero porem deixar sem reparo o dia de S. Pedro de Rates (26 de Abril) que a Igreja não manda guardar e cuja hagiologia mal se conhece; nunca foi de guarda, mas quê! o minhoto nesse dia não trabalha nem por nada, que o santo é *vingativo*! E citam-se exemplos: «àquela nasceram-lhe os bacorinhos a dançar porque andou nesse dia num bailarico» — outro teve uma ninhada de pintos a *esticar arame*, e tantos terríveis e funestos exemplos mais... Mas facto é que ao domingo ou dia santificado nunca se trabalha — e cangar o

gado seria crime que dava nas vistas e ninguém teria arrojo de perpetrar — cangar o gado!... Por isso anda nesse dia o labroste muito maçado, pelos portelos e pelas portas das vendas, ansiando pelos folguedos da semana — a chamada semana de trabalho nas terras industriais.»

(«Pela Grei»)

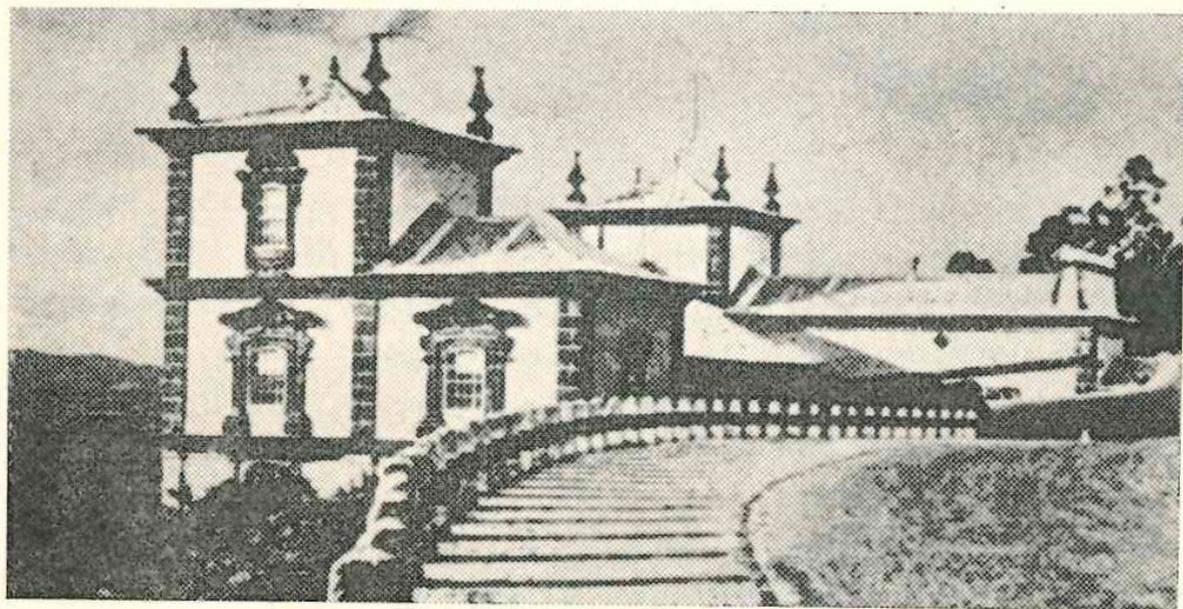
RIBEIRA LIMA

«Lanhezes. Deixando à sinistra a estrada de Âncora, formosíssima, lincando em lacetes pinturescos, lá pelo alto, com os primeiros passos do rio Âncora, e nunca mais o largando té ao mar, logo se nos depara, da outra banda, escondida no seu pátio senhorial, recolhida no extremo da frondosa carreira, a velha *Casa do Paço de Lanhezes*, notável pela sua fidalguia e beleza architectónica, uma e outra bem conservadas em rara fidelidade tradicional.

Vasto largo da feira, *Pelourinho*, e *antiga casa da cadeia*.

Boas tavernas, de obrigatória demora no tempo das diligências.

Verdura, casario ensoalhado, população dispersa desde o alto, lá do pé da igreja paroquial até às margens da estrada.



Arquitectura residencial minhota: Casa das Torres
— Propriedade do Sr. Dr. Eduardo Pereira Peixoto

da¹. Bela, extensa, ubérrima veiga, espraiaando-se a jusante até confluir com as várzeas lá de baixo. Uma velha calçada desce ao rio, pitoresco, encantador lugar da *Passagem*, um dos mais belos quadros desta linda ribeira. Farta servidão de gentes de aldeia, carros e gados. Ricas, alegres, lindíssimas freguesias, as da banda de cá, e as fronteiras, de Geraz do Lima.

Do largo da feira de Lanhezes ao rio é uma curtíssima meia légua que paga bem a pena andar-se. Na *Passagem*, a aguarela do casario de além-rio, é uma pequena tela de mestre, divina, divinamente arranjada.

Lanhezes foi elevada à categoria de Vila por D. Maria I. Eram seus donatários de juro e herdade os Senhores do Paço de Lanhezes (em troca da Vila de Lindoso)².

Esta mesma Rainha estabeleceu aqui a *feira quinzenal* que ainda hoje existe: *aos sábados seguintes à feira da Ponte*³.

É concelho de Viana, freguesia limítrofe.

Mais uma volta de estrada — mirante sobre a fita azul do Lima, — e passando o pontilhão de ferro a que obedece o ribeiro da Cabração, estamos já no concelho de Ponte de Lima. Na colina, entre um *bungalow* florido e um velho portal ameado, pinta o cenário o parque (destoa o nome e não o nomeado, podeis crer) do minhoto adoptivo, o portuense Cristiano da Silva, *l'amant des fleurs*, como lhe chamou uma estrangeira ilustre.

¹ Juntamente com Vila Mou e Nogueira pertenceu, nos primórdios da Monarquia lusitana, ao Couto de S. Salvador da Torre — Cf. Duarte Veiga, *Hist. Mil. Port.*, P. I. Nota à 2.^a ed.

² Por dec. de 29-IV-1793, sendo Senhor da Vila Nova de Lanhezes o 10.^o Senhor da Casa do Paço e Padroado da Igreja, Sebastião de Abreu Pereira Cirne Peixoto c. c. D. Maria José de Lencastre f.^a de Gonçalo Pereira da Silva, Senhor da Vila e Morgados de Bertandos. Sua filha única, D. Maria Francisca c. c. o 2.^o Conde de Almada e 14.^o de Avranches, D. Antão.

³ Em 1796 e em substituição da antiga feira de gado de S. Paio de *Meixedo*, também quinzenal (doc. do cartório da Casa do Paço).

Pépinière de casas fidalgas, solarengas, *Fontão* também, como toda esta ribeira. Impossível pormenorizar...

A meio quilómetro da estrada, para o interior, a *Casa Grande*, solar de Amorins¹, típico, clássico modelo da casa portuguesa do séc. XVI: portal ameado, brasão ao meio, coroa de rico-homem. Pátio quadrangular, seu poço ao lado esquerdo. Torre, duas salas, escada exterior de granito; cravos floridos, heras, silêncio; passam séculos, revivem mortos, encadeiam-se genealogias, safam-se histórias, brilha a História.

Fora do portão — altos muros — cresceu a erva desde a passagem da última cadeirinha, e nas lajes enormes, quadradas, do caminho, ficou rasgado o sulco do último carroção armoriado.

Estamos quase a chegar à *veiga de Bertandos*.

Pela direita, corta, quase junto ao rio, a estrada velha. Vai dar ao souto, frente à Casa, solar dos Pereiras.

Passeio de suave e inigualável sabor, a estrada velha, galgando pontes romanas de largo, singelo arco, silhar vestu de granito carcomido, vereda silvestre serpeando através milheirais, debruando o Lima, desviando o traçado não toque no estanca-rios, ou circuitando um velho roble carcomido pelos anos e desgostos.

Outro caminho antigo foge também à veiga, e pela falda da serra vai, por S. Pedro de Arcos e Estorãos, sair a Moreira. Lá o toparemos noutra digressão.

Desta banda, virada ao mar sem fim da várzea, é a *Casa da Laje* que a distância embeleza.

Aqui perto foi a *Torre de Amorim*, solar cujas ruínas foram para a Casa da Laje, onde algumas restam, por lá.

Pouco acima, a meia encosta, em frente à igreja paroquial de S. Pedro de Arcos, levanta-se o mais lindo cruzeiro de granito de Portugal.

¹ Donde saiu, entre outros, D. Lourenço de Amorim, a quem el-Rei D. João IV, na defesa de Valença, outorgou o título de *Dom* para si e seus descendentes. Mais tarde, D. Clara de Amorim casou com um filho segundo dos Viscondes de Asseca.

No alto do monte (como por toda a Ribeira Lima) vestígios romanos. Branqueja lá no cimo a capelinha de Santa Justa. Grande romaria em 18 de Julho. Começam a partir os ranchos, de véspera, para madrugarem no monte. E toda essa noite, pelas aldeias e ruas de Ponte, é um buzinar e um tropear de romeiros, chamando-se, algazarra dos festeiros, cavalhadas que partem.

O passeio à serra de Arga é tentador: e quantas, quantas excursões ribombadas a furor de reclamo temos feito no estrangeiro sem nenhuma delas valer esta. Ali não há rolos de *vest-pocket* à venda, nem «*Souvenirs da serra de Arga*», mas uma comunidade de velhos costumes e hábitos ancestrais, cultivando uma das mais úberes chãs da Província, rico e extenso prado de centenas de hectares. E nunca lá se ergueu um cartaz de gasolina, que ao próprio petróleo ainda chamam *gás* e sua introdução a maior e mais recente vitória deste século de T. S. F.

Antes de atravessar a veiga, em recta geométrica que o progresso deixou assinada «*O. P. — séc. XIX*», pare-se, admire-se.

Cor dos montes, ondulação dos milheirais, fantástico encastelamento dos céus que o rio e o colorido local iluminam. No inverno, como é mais linda ainda a veiga, que uma toalha de água inunda de mil verdes ilhas povoadas e linhas esguias de salgueirais!

Leiras, leirões, leirotas: da pequeníssima propriedade do Minho, lindo exemplo. O que no Sul seria o latifúndio de um rico é aqui o rendilhado sustento de uma centena de famílias. Cada quadrado de terra (oitavo, vigésimo, quarto de hectare quando muito) sustenta uma junta de *touras*¹, um velho arado romano a lavra a meio palmo de fundura — e vem a cheia e tudo aduba e corrige — e duas, três raparigas a sacham, brincando.

Pelo sol-pôr voltam carros a chiar, ranchos de lavradoras cantando afinado no ar azul, translúcido e metálico do entardecer. A voz da requinta sobe no ar, como um raio de luz

¹ bezerras, na Ribeira Lima.

entre verduras. E o eco musical e polifónico largo tempo paira no ar misturado à cor indefinida e linda de tudo em redor e aos olores que da terra sobem, lentamente, indefinidamente, quietamente.

E a paz de Deus desce sobre os corações.

*Bertiandos*¹. Para as bandas do rio e da veiga, arvoredos senhoriaes. À volta do Palácio (sim senhor, *pallatium*) aglomeram-se as dependências e moradas de caseiros.

Frente à casa, o vasto terreno que dantes ia até ao rio, foi ajardinado, e as sebes vivas levantou-as a voragem do progresso.

Mas ainda vêm, às tardes, em bandos, beber ao rio, as poldras, os gados e os bandos de patos que «naquela tarde recolheram juntos»².

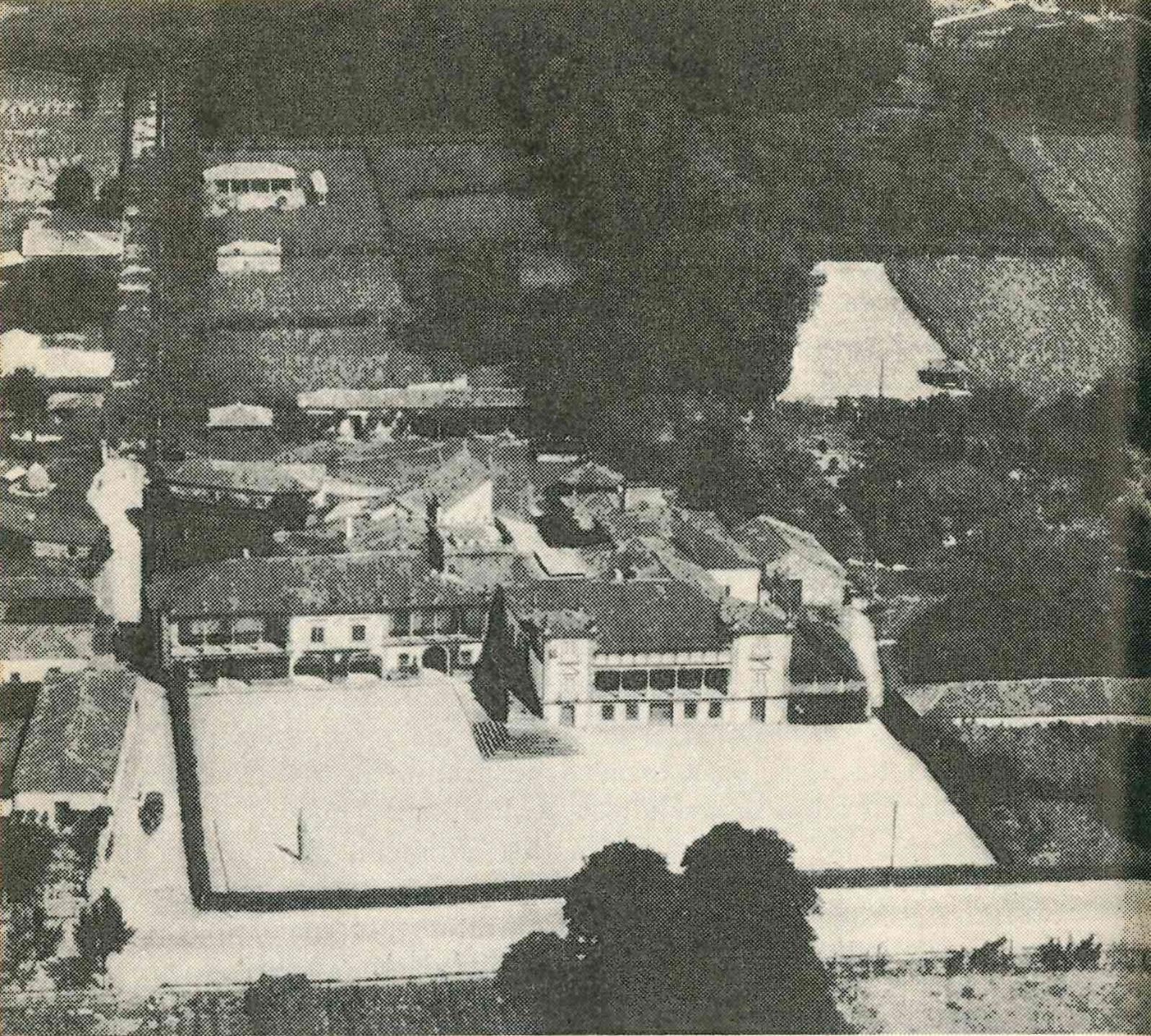
Solar de Bertiandos: mais típico e nobre exemplar architectónico da casa senhoriaes do Minho, sua torre, suas varandas, seus terraços, suas escadas de granito de quatro faces, seu todo harmónico, grandioso, equilibrado, justo.

Exemplo de propriedade rústica minhota, percorre-se e parece folhear-se um velho crónicon das épocas romanas: talvez só com a diferença de um tratamento mais familiar e associativo ao pessoal que é a família daquela casa.

¹ *Casa de Bertiandos*. De Pereiras, descendentes directos do Condestável Nuno Álvares Pereira. Fundada nos fins do séc. XV por Fernão Pereira (1479). Sua nora, Inês Pinto, mulher de Lopo Pereira, 2.º Senhor de Bertiandos, instituiu dois vínculos que ficaram conhecidos pelo 1.º e 2.º Morgados de Bertiandos. Vieram a juntar-se — após séculos de contendas — pelo casamento da 9.ª senhora do 2.º Morgado de Bertiandos, D. Maria Angelina Pereira Forjaz de Eça Montenegro, com o 10.º senhor do 1.º Morgado, 2.º da Vila de Bertiandos, Damião Pereira da Silva de Sousa de Meneses, em 1792.

N. do A. — A Casa de Bertiandos pertence hoje a D. Sebastião Calheiros de Lancastre e a sua mulher D. Maria Angelina de Sá Coutinho de Lancastre, respectivamente sobrinho e sobrinha do último Conde de Bertiandos, continuando, portanto, na posse da família.

² De uma das lendas de Bertiandos.



Arquitectura residencial minhota — Vista aérea do Solar de Bertandos

Situação, vista, arredores, rio — passam barcos à vela, de Viana para a feira de Ponte.

Frente à casa e junto ao Lima, secular freixo — «...um freixo antigo, que tem suas raízes dentro d'água». Ao fundo: o estanca-rios.

No jardim, o pelourinho da Vila de Bertandos (de que os senhores desta casa eram donatários) e para o qual se aproveitou um dos quatro *marcos miliários da estrada romana de Braga a Astorga* de que trataremos no capítulo próprio.

Bertiandos foi vila dos fins do séc. XVIII aos meados do século passado.

Teria sido a cidade de *Britónia*?! É muito possível que fosse aqui e não no alto de Santa Luzia, nem em Mondoñedo, na Galiza, onde os eruditos galegos a querem situar. Os montes de Esturãos (Asturãos, Astúrias) são próximos, e os vestígios romanos aparecem ali com frequência: moedas de oiro, vasos, instrumentos de metal. Sá, freguesia, teria sido o local da Sé? E a *rua dos ferreiros* o actual lugar de Ferreiros?

Toda a história da romanização da Ribeira Lima jaz nas trevas, até que um novo Martins Sarmiento venha iluminar-nos. Sabemos que houve e há vestígios, mas o quê? É só cavar, que os locais estão marcados de há séculos. Mas nada temos adiantado. De que servem meia dúzia de boas vontades de particulares, amadores, *dilettanti*, mal abastados bacharéis e proprietários rústicos locais!? E mesmo esses mingam...

Deixemos com pesar Bertiandos.

Já se vêem casas de Ponte de Lima, na dobra do rio.

Bifurca para a esquerda a estrada de *Sá, Moreira e Esturãos* que passearemos em capítulo à parte. Meia dúzia de brandas curvas, fita branca da estrada entre arrabalde de quinteiros.

Há um altinho de arvoredos: avistamos a linda Vila.

Pinhal de S. Gonçalo. Dantes saíam aqui ladrões aos viandantes, mas desbastaram-se os pinheiros e os ladrões foram-se para a cidade. A meio da mata, da banda do rio, esconde-se a antiquíssima *Igreja de S. Gonçalo* com restos de evidente traça românica. Na falda do monte, lindo *Monte de Santo Ovídio*, é a *Capela da Senhora da Luz*, «a mais formosa Imagem da Virgem que pode haver»¹, e não menos formoso é o rico e rendilhado cruzeiro que a defronta.

No sopé do monte, rente à orla de matas e bouças, alveja elegante reconstrução de estilo barroco. Velho *Convento de Valdepereiras*, que, depois de correr vários possuidores, teve a sorte de cair nas mãos de um banqueiro do Porto debruado de *gentleman* cultivador de belas-letas, tanto à maneira

¹ *Corog. Port.*

do velho burgo duriense. E ainda lá se conserva um pinhal e um chafariz...

Ao alto da colina, surgindo como pétala florescente que do penedo brotasse, alveja a *Capelinha de Santo Ovídio* que de tantos longes se vê, marcando ao limiano, distante ou perdido, as paragens de Ponte. Romaria pitoresca no Domingo do Espírito Santo, onde é praxe os devotos levarem de promessa uma *telha roubada*.

Roubadas ou não, fartos moios dela recolhe anualmente o Santo.

Sobre as origens desta capela muita lenda e fantasia corre impressa.

Descemos à vila, primeiras casas.

Após o Cemitério e a Fábrica de Serração (tão triste esta como aquele), a *Casa das Regadas*, velho solar dos Perestrellos, sem actual interesse architectónico.

À esquerda, torre quadrangular de granito, esguia varanda claustral: reconstrução pouco fiel da *Casa da Freiria* que foi dos *Condes da Feira* e talvez em remotos tempos convento que lhe desse o nome.

«*Além da Ponte*» se chama ao antigo e histórico bairro limarense da margem direita».

.....

A FEIRA DE PONTE DE LIMA

«Oh! se puderes, forasteiro, vem a Ponte de Lima num dia de mercado.

Ê às segundas, de quinze em quinze dias (às outras, chama-lhes o povo *solteiras*).

Deve ter começado pelos tempos de D. Afonso III, quando se intensificaram as trocas e se não mercadejava ainda por falta de moeda cunhada. Foi sempre muito concorrida dos povos da região — e, segundo rezam documentos antigos do arquivo camarário, em velhas épocas passadas era muito frequentada pelos galegos. Ainda há muito quem hoje venha de Caminha, pela serra. De Coura, Viana, Barca e Arcos chega muito gado. Não faltam a ela os ourives de Braga e as

burriqueiras de Prado, dos linhos, e tantas gentes mais. Mas vou tentar descrever-ta.

Primeiro de cima da ponte. Um circo de montes de beleza única, solares acastelados nos altos (Cardido¹, Calheiros², mais abaixo Pomarchão³, outros), ermidas alvejando, como um



ArquitECTURA residencial minhota—Paço do Cardido—Ponte de Lima

chamamento de graça e de fé, pelo meio da verdura. Capelas, igrejas, casais de povo por todos os lados, dobra do rio envolta em verdura traçando a larga curva a jusante—e verdes milhares por ali abaixo. Depois a vila com seu pastel

N. do A. —¹ Propriedade do Dr. Raul Lello Portella; ² Propriedade da família Calheiros; ³ Propriedade do general Frederico Vilar.

de prédios e pano de fundo, de mata secular, a circuitar o casario: granito amontoado em fundo verde, heràldicamente emplumado.

A manhã é alegre, há cor, alegria, doçura, sons de bronze cristão e risadas de vermelho minhoto na atmosfera e nos longes ridentes dos montes... Anda alegria no ar. Na ponte batida de luz e sol passa um contínuo formigueiro de povo. E todos os caminhos: estradas brancas poeirentas, carreiros de montanha, atalhos de portelas, todos trazem gente à feira; gente e gado. Mulheres, muitas mulheres, lavradeiras de todas as freguesias, aldeias, lugares e lugarejos, todas levam sua cesta; seja o vindimeiro alto e fundo de quatro alqueires, seja o pequenino açafate de Barcelos, rendilhado e embrincado, onde mal cabe uma mão-cheia de *quaisquer* coisa. Não pode deixar a lavradeira de vir ao mercado. Não pode deixar de trazer *qualquer coisa* a vender — e se mais não tem, arranja uma dúzia de ovos, meio quarto de feijão, um punhado de fruta do tempo — e ela aí vem com seu *funeralzinho*.

A feira continua, como no séc. XIV, a ser o grande centro

Mercado semanal em Ponte de Lima



de trocas — e se hoje, ao contrário dos primeiros anos do reinado do Bolonhês, elas não se fazem directamente, a diferença é bem pequena. Todos trazem que vender para depois comprar.

Mas a função começa tarde. São 11 horas e ainda o gado chega.

De agora até à velha hora de noa é o auge, o melhor.

Paremos um pouco, sobre a ponte, encostados às guardas. Passam bois à soga, juntas de *touras*¹, lindas como uns amores, de olhar meigo e focinhito negro, húmido, luzidio, pedindo carícias. Ciganos locais (o célebre Raro, da Laje, outros, tantos, da província) cruzam nas suas garranas *fugideiras*, nesse peculiar *travadinho* em que aguentam léguas de enfiada. Alguns garranos trazem argolas nos boletos traseiros, e, ao correr, tilintam como pulseiras *escravas*. E tudo é alegria! Pressurosas, sorridentes, falando alto — todas se conhecem — as moçoilas caminham, andar elástico, cesto equilibrado à cabeça, numa verticalidade e elegância bem diferente, e tanto para melhor, da canastra ovarina. Aqui o cesto é redondo: o equilíbrio da canastra, menos estático, obriga à inclinação dianteira.

Esguias, estilizadas como figuras de friso helénico, elas avançam. Saias muito compridas, de muitos folhos e pregas, dois galões na fímbria, chambres cingidos na cinta, peitos altos enforcados no espartilho de varas de junco, cintura império — estas mulheres que escorraçaram os soldados napoleónicos, enlouquecidos pelos galanteios que na Espanha e na Itália lhes não regateavam, moças lindas que tão pouco aceitaram os esbeltos súbditos de Filipe II...

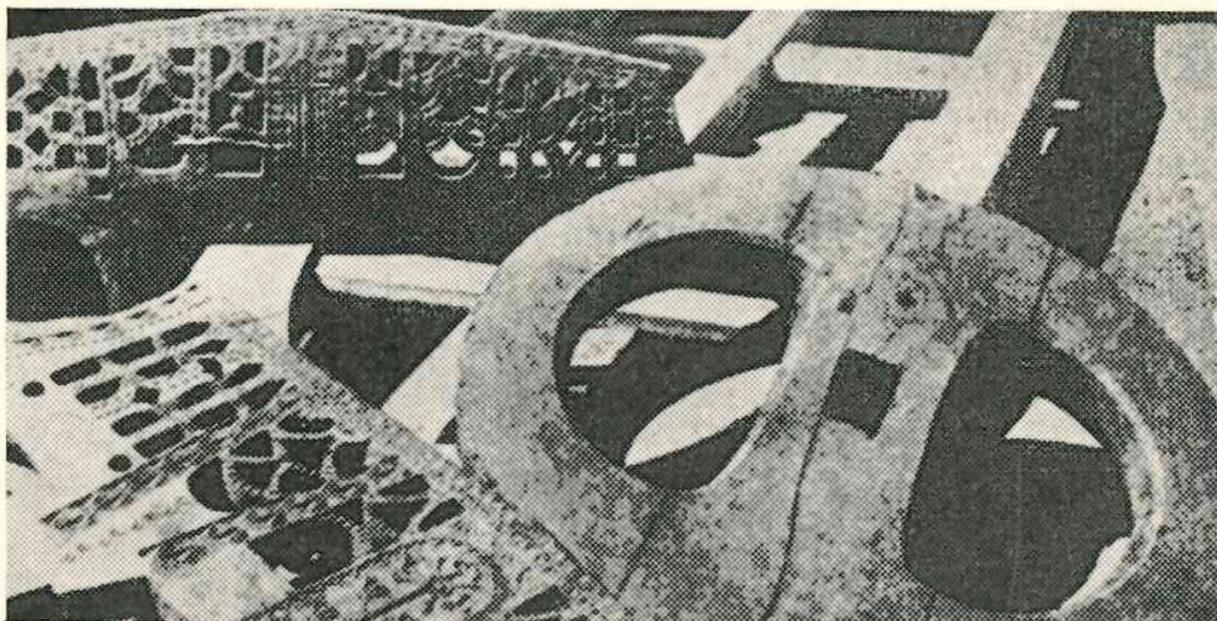
Gráceis, altivas como garças-reais descidas das montanhas sagradas — essas sagradas montanhas da Ribeira Lima — elas seguem ridentes, lindas, para a feira, para o Amor talvez, para a Vida...

¹ Aos bezerros, chama-se, no Minho, *toiros* (toiras); quando se quer designar o toiro propriamente, diz-se *toiro bravo*. Aos cavalos chama-se *burros*; aos burros, *jumentos* ou *begueiros*; e quando o cavalo é da *marca*, o que aqui, país de garranos, é raro, chama-se-lhe uma *horsa* (o que tem sua razão histórica).

Passam carros de bácoros, muito lavadinhos (de noite se levantaram as raparigas do casal para aquela investidura). Grunhindo, obesos, vagarosos, torcendo caminho, é um nunca acabar de porcos, não em varas como para o Sul, mas cada um acompanhado de sua dona, quanta vez senhoreta e açafata. Também foram banhados com amor e carinho, e seu pêlo é reluzente como o crânio quadrado de um atleta saxónico.

.....

O rumor da feira chega-nos diluído, sem gritos estridentes como essas feiras da França ou *quermesses* de ar



Feira de Ponte de Lima — Cangas, chadeiros e rodas

livre das cidades da Europa central. É como o marulhar da vaga em dia claro e sereno. Olhemos para o extenso areal sem fim: aí se desenrola a feira. A ponte corta-a pelo meio. Do lado norte é a *feira do gado*. Bois, apenas juntas de bois de trabalho. Renques múltiplos, muito alinhadinhos, muito geométricos, filas paralelas norte-sul, costas para o rio, mal deixando passar uma pessoa entre elas (que tem de a gente roçar uma anca ou pegar num chifre para abrir caminho). Os mais lindos, os mais corpulentos, à frente, ao sopé da escadita que desce do Largo. Juntas de alto preço, de trinta e tal, de quarenta *notas*. Centenas de juntas...

Lá para o meio são os bois novos (a dois dentes, consoante...) e as *touras* que já cangam. Ao fundo, na parte do areal que toca na água, andam soltas as vacas leiteiras, poucas, quase todas montanhesas, de estatura pequena, *cabreiras* chamadas. A volta brincam-lhes as crias, pequeninas, tenrinhas, quase cor-de-rosa na sua pelagem fulva.

Fitas de nastro, vermelhas, cingem-lhes a testa. Prendem muita vez um saquinho de bruxedos, onde cuidadosamente foram cozidos arruda, alhos, fermento, sal e outras feitiçarias.

As vezes vai a mezinha presa, com sua licença, na vassoura do rabo.

Que o gado é sempre de Santo Antoninho e se se vende bem paga-se-lhe um repique no sino da Torre Velha, que toda a manhã da feira alegremente badala.»

(«Roteiro da Ribeira Lima»)

ANTÓNIO LUÍS GOMES

1898

TERRAS DO ALTO-MINHO

«...O Minho pode ser considerado um vasto anfiteatro voltado para o Atlântico de que resultam as principais características climatéricas. A influência do Atlântico faz-se sentir em toda a região.

A paisagem verdejante do Minho sucede, no interior, a monotonia de Traz-os-Montes. O manto vegetal apresenta no Minho uma conformidade que a própria altitude não modifica sensivelmente.

Mas o homem destruiu o equilíbrio primitivo pela destruição das florestas e pela introdução de plantas cultivadas.

Há um século, o Minho era coberto de carvalhos e de castanheiros. Hoje não se encontra aquela árvore e esta tornou-se muito rara apesar de ter tido na antiguidade um grande papel até para a alimentação. Todo este arvoredado está substituído pelo pinheiro marítimo que é um dos traços mais salientes da paisagem minhota.

Ô Minho distingue-se de todas as outras regiões pela paisagem física, pela agricultura, a densidade muito elevada da população e actividade industrial em parte deriva dos produtos naturais que são transformados, designadamente as madeiras.

A mulher intervém largamente nos trabalhos de campo e no mar (as sargaceiras de Aver-o-Mar são um exemplo que não esquece) e é de capital importância no meio económico.

Há terras, como Afife, em que só lavram as mulheres; os homens foram entregar-se a *um ofício*, por longe.

Região muito povoada, desde séculos resolve em parte o seu problema pela emigração. A terra expulsa uma parte da população que não pode sustentar; é cruel. Surge o drama da emigração a que alguns já chamaram ignomínia. Mas de tantos que saem os que triunfam vêm fazer prosperar a Terra Mãe e dar à família melhores condições de vida. O mesmo é dizer que influem favoravelmente na nossa vida económica.

Os benefícios à vista, que impõem ao meio em que vivem e os reflexos nas localidades de economia limitada, são sensíveis — é o dinheiro do Brasil em grande parte e hoje também da Venezuela que os proporciona; bendita seja esta riqueza amealhada com sacrifício e aplicada em investimentos produtivos e valiosos de ordem familiar e colectiva.

Há gente do campo que não o cultiva porque se deu *aos ofícios* em que é *exímia* — os pedreiros, os pintores, todos os operários de construção civil estão neste número. Vão para fora da sua Freguesia ou Concelho sabe Deus até onde — espalham-se por todo o Portugal e muitos se fixam no Centro e até no extremo Sul!

A trabalhar o granito e a pintar e a decorar os tectos são afamados e de toda a parte os chamam por isso. Na região de Aveiro, sei-o-o de ciência certa, as melhores casas de Portugueses do Brasil, tinham os seus tectos vistosos, tanto a seu gosto, obra dos estucadores de Afife.»

.....
«Golpe de vista morfológico.

Do Norte ao Sul pode-se distinguir, separadas, grosso

modo, pelo Vale do Cávado, duas regiões bem diferenciadas.

Ao Norte encontram-se os *restos* bem conservados de velhas superfícies e de toda a parte a Montanha comprime os vales. Ao Sul domina uma paisagem mais aberta. Como se explica a diferença?

No Norte há uma rede bastante preguiçosa de fraturas vigorosas que obriga a tomar duas direcções principais.

O Cávado, o Lima, o Minho, perfeitamente paralelos, são atravessados por duas fraturas quase perpendiculares à sua direcção — Monção, Arcos — Vila Verde e Valença — Ponte do Lima, os dois prolongando-se na Galiza. Pelo contrário, no Baixo Minho, a rede hidrográfica é constituída por cursos de água muito mais numerosos e menos importantes.

A vida rural.

No Minho, a terra não conhece repouso. Há dois tipos de exploração, o *do fundo dos vales* e o *das costas* pouco elevadas e o do cimo das colinas e das montanhas.

A paisagem é verdejante e cortada de águas, ou dotada de poços ou moinhos. É na ampla bacia destes vales que se encontram os melhores terrenos de cultura. As árvores não estão agrupadas em bosques ou matas. A vinha grimpante é muito antiga (século XIV) e os cachos que amadurecem entre a folhagem, longe de irradiações de Sol, em clima húmido e chuvoso, produzem um vinho muito fraco em álcool — o vinho verde. Esta maneira de cultivar tem a vantagem de não ocupar espaço e deixar a terra livre para os cereais.

O milho, introduzido no século XVII, produziu uma verdadeira revolução. A cultura intensiva do milho só é possível com a combinação da agricultura com a criação do gado que dá o estrume!

A população é sóbria, activa e alegre. Procura qualquer nesga de terreno para semear milho ou plantar couves.

A região foi, durante o tempo antigo, campo de batalhas e ainda conserva a recordação das que a destroçaram.»

(«Terras do Alto-Minho»)

ARTUR PORTELA

1900

SINGEVERGA

«No dia seguinte, ao quarto de prima, acordámos ainda as estrelas brilhavam no céu, por entre as nuvens, como diamantes que transluzissem na capa esfarrapada de um mendigo.

Um sino de ouro tiniu no ar frio da madrugada, chamando-nos à realidade.

Frei Vicente, num horário citadino, marcara o despertar para as nove, quando começa a missa conventual. Pouco mais eram, porém, que cinco horas. O vale fundeiro de Singeverga não acordara ainda. As trevas azulavam-se, vagarosamente.

Grandes rolos lentos e espessos de neblina, em fumaradas de incêndio, flutuavam por entre os córregos e os castanheiros centenários. Naquela paisagem vaporosa, tudo parecia irreal. Havia ainda o mistério das formas, que saíam, letargicamente, da noite, em fantásticas mutações.

A passarada, porém, entoava os primeiros compassos, afinando as cordas vocais, em garganteios de notas soltas, antes de atacar a grande sinfonia matutina.

Ao fundo, avistavam-se já, nas primeiras transparências do dilúculo, a Falperra e o Sameiro, que continuavam dormindo, brutescamente, o seu gigantesco sono de montanhas. A branca cartuxa beneditina acordara noite alta.

Um monge, de lanterna acesa, percorrera o dormitório, enquanto o sino, com uma voz de criança estremunhada, tangia para o ofício de laudes. Na abadia, nenhuma porta ainda se abrira, mas já os irmãos conversos, piedosos serventes da abadia, lidavam na cozinha ou no campo, enquanto monges do coro desciam à igreja, onde ecoavam os primeiros salmos glorificando o Senhor.

Ouvia-se por toda a parte o sussurro das águas num doce rumor de beijos e a grande fonte de granito, que fica

junto do terreiro, saciava, lustralmente, a sede dos rebanhos, que, chocalhando, trepavam as veredas íngremes da quinta.

Por detrás do convento, no Monte Pinouços, esguio como um cruzeiro, a floresta sussurrava. Então, uma grossa nuvem passou, deixando cair, num rufar de tambor, sobre a pele gretada da terra, os seus grossos pingos de água. Eram as primeiras chuvas de Outono.

Foi grande a surpresa de Frei Vicente, quando nos encontrou a passear sob as latadas da «quinta de baixo».

Em beijos de oiro, as rosas enroscavam-se capitosamente no peito das cepas hirsutas, como o temulento Noé.

E logo ali lhe fizemos um reparo. Nenhum dos piedosos eremitas que encontráramos no caminho havia respondido às nossas perguntas. Primeiro, um noviço, robusto camponês, que vinha, de enxada ao ombro, de vessar a terra; logo, um converso, de escapulário curto e grosso avental de serapilheira, que víramos na copa, pelando as batatas do almoço. Ambos, depois de uma curta e respeitosa saudação, se tinham escamugido, porventura receosos do contágio deste triste pecador.

Riu-se, com vontade, o bom do monge, na sua alegria humilde:

— Engana-se, meu amigo! Aqui, no convento, os leigos só podem falar com uma pessoa. Sou eu! Por isso, o Dom Abade me escolheu para hospedeiro... Não julgue o nosso egrégio patrono de uma terrível potestade. Foi o mais humano e convivente dos santos. Se, na gruta de Subiaco, se isolou do Mundo, em Monte Cassino, berço dos beneditinos, reuniu-se com os irmãos homens, para escrever as admiráveis regras que modelam a estrutura de quase todos os conventos, mesmo que não sejam de monges negros...

— Monges negros?!

— Sim, para distingui-los dos monges brancos, como os cistercienses de Alcobaça. São de São Bento estas notáveis palavras: «*que haja sempre hóspedes e peregrinos à ceia*». Por isso, ontem, o agasalhámos. Nunca se fecha, em Singeverga, a porta aos romeiros, nem aos arrependidos que caem pelo caminho...

— Mesmo aos que desertam da comunidade?

Sibilinamente:

— Nunca os houve! Seria uma apostasia! Aos outros... (entendemos noviços) até três vezes, proclamou indulgentemente São Bento! Mas eles voltam sempre, sempre, com a alma chagada de desilusões.

Neste frémito dramático, a cogula de Frei Vicente parecia mais alta, mais austera. Dir-se-ia que uma força divina arrebatava aquela alma de fogo, porque a sua voz, doce e compassiva, tremeu por instantes, não de cólera ou de ira, mas de verdade religiosa.

A manhã rompia, finalmente, numa aleluia de ouro, alagando com a sua luz a terra sôfrega. E tudo lhe sorria — a vida extática das árvores, a alegria azul do céu, o amor das coisas, numa plenitude fremente de exaltação.

— Quer vir até à igreja?

Vimo-lo afastar-se pela senda estreita, entre os pâmpanos acobreados que flamejavam no veludo da sombra. Alguém abrira uma romã, espalhando pelos caminhos os bagos de rubi. Então, na relva fresca e húmida, tivemos a impressão de que, sob a túnica de Frei Vicente, a carne rasgada pelo cilício deixava cair, gota a gota, aquele pranto de sangue...»

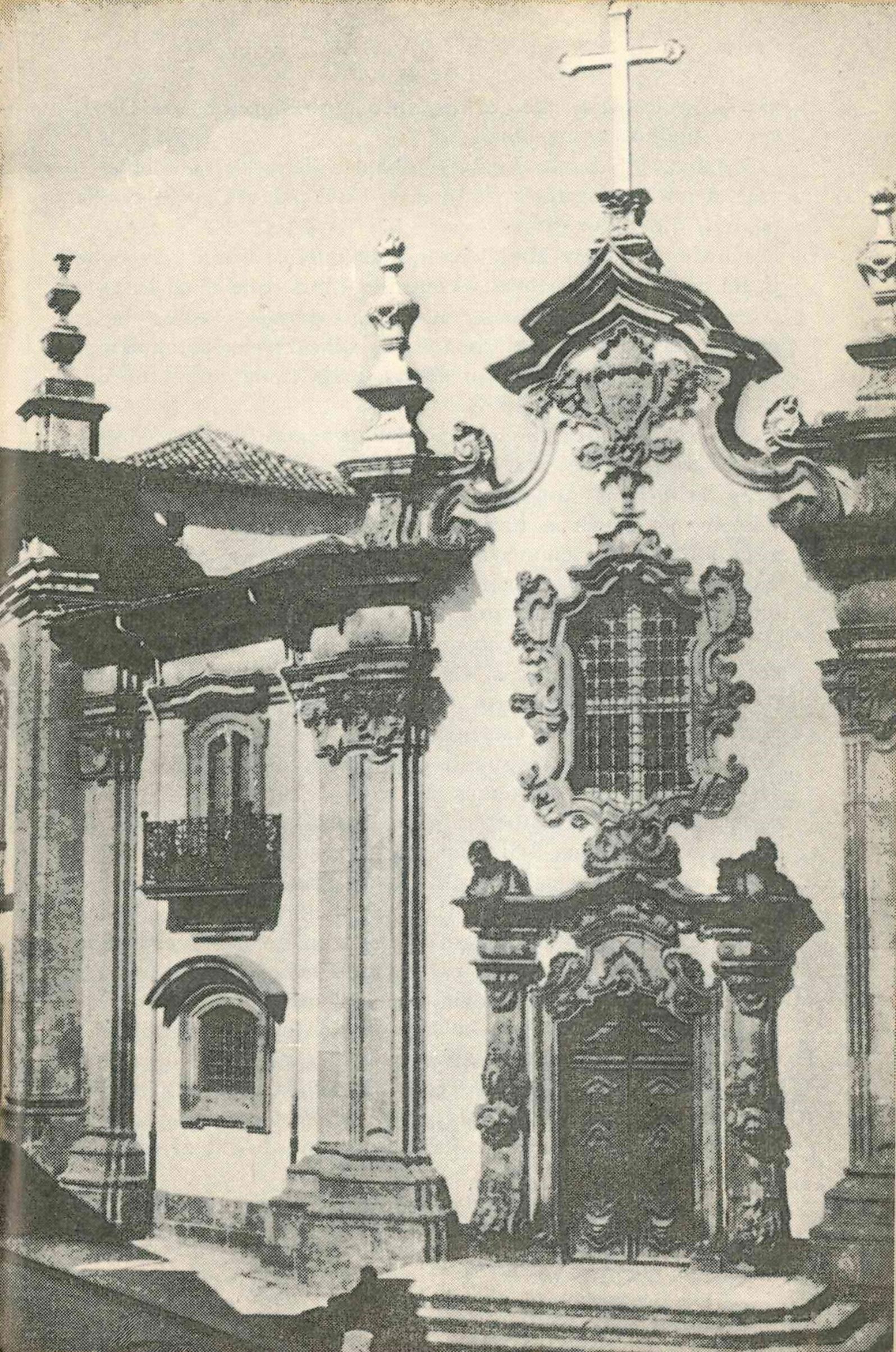
(«Monges Negros»)

ARTUR MACIEL

1900

«...De um lado o Lima, do outro o Minho. A fechar o abraço, lá em cima a serra, aqui perto o mar. Há de tudo... E hão-de vir ainda aqueles pintores que não vieram! Hão-de continuar os poetas os seus hinos e canções! Não cessará o povo de trovar!

E nós? Cumpre-nos a nós a missão mais ingrata. Mas porque temos de rastejar pela terra, não lhe queiramos mal. Amemo-la, ao menos, olhando o céu. Nas horas agras de tristeza ou desânimo, subamos ao alto das montanhas, mes-



mo das colinas. Se não alcançamos aproximar-nos de Deus, vemos melhor a sua obra!

Estamos em Santa Luzia e olhamos derredor: a cidade, o vale, a praia, a serra, o rio, o mar. Uma palavra acode e essa palavra diz tudo: divino.

Escalamos Santa Madalena e, sem querer, é um verso que já foi dito o que dizemos: «Ponte do Lima, que ideal tu és!»

Paramos em S. João da Ribeira, fuge-nos o olhar pelas curvas adormecidas do Lima e, de olhos fechados, murmuramos outro verso já feito: «Terra mais linda nunca encontrei!»

Nos Arcos, talvez aquela concha tufada de verdura afogue o eco das palavras: mas sorrimos.

Se atingimos Melgaço, junto aos muros veneráveis do Castelo, ao sentir a natureza pensativa, impregnados pela força austera que emana da paisagem, é de crer que meditemos no poder do homem quando o anima grande ideal, quando luta por causa justa e pura.

Outra vez em Monção, que voltaremos a fazer vendo «assim tam juntinhos a Galiza mai'lo Minho», senão ter receio de que o «namoro» encante e venha o dia em que alguém «consinta» o casamento!...

Acolhamo-nos ao resguardo comunicativo dos muros fortes de Valença e não deixemos de ir espreitar ao Baluarte do Socorro. A vista retempera a alma. De lá, a Espanha. De cá, Portugal. E saímos dali mais portugueses...

Trepemos agora as muralhas decrépitas de Vila Nova da Cerveira. É sítio para dar graças ao Senhor, porque a nossa terra, doirada pelo sol, regada pelas águas correntes, batida pela aragem, às vezes nem parece terra mas oceano de folhas verdes que marulha e ondeia mansamente.

Quem há-de passar pela Ilha dos Amores que ali não desembarque, de coração alvoroçado? É ao lume de água, mas que importa! Se não tem alturas, também não tem baixios. Os choupos e os salgueiros podem tomar à sua conta transmitir à brisa a voz de quem se lembre de entoar estrofes dos «Lusíadas»...

Dizem que Santo António é santo milagreiro. Pois abeire-

mo-nos dele, em Caminha, e logo a prova salta à vista. Fica-lhe a vila aos pés a reflectir-se no Minho e no Coura, líquido espelho que a circunda. Tão branca, tão limpa, tão lavada,

*Caminha é jovem marinheira bela
Em pé na ourela do espumoso mar*

como disse o poeta. A própria atmosfera parece ali lavada a toda a hora. E lavada parece também a paisagem. Adquire tal recorte, tal relevo, que dir-se-ia ganharem os olhos, com olhá-la, prodigiosa força estereoscópica. Caminha é o milagre da água e da luz...

...e tudo é milagre de Deus nestas terras dentre Lima e Minho!...»

(«Viana, centro de turismo»)

TOMÁS DE FIGUEIREDO

1902

SEXTA-FEIRA SANTA

«Quando a Ermelinda veio um dia lembrar-lhe que era Sexta-Feira Santa, por momentos parecidos a horas e horas — que no pensamento de um segundo poderiam caber e ser revividos até séculos —, pareceu-lhe que se mudara, que estava lá em baixo, na vila, dentro da Igreja Matriz e na capela do Senhor.

Também não roçava pelos cinquenta, mas apenas pelos seis ou sete anos.

Não, não estava onde estava, e menos cheio de cabelos brancos. Esse retrato a óleo, pintado pouco antes de ter vindo para a *Toca do Lobo*, deixara de ser o seu retrato. O retrato do que era, estava, sim, no álbum da sala de visitas da vila, vestido de veludo e com um cabeção de renda valenciana. Esse menino é que ele era. E, com o mesmo

fato, o primeiro de calção, assentado numa das cadeiras mandadas de casa e marcadas pelas costas com um papel colado, que dizia «Família Coutinho», assistia, na capela do Senhor, às cerimónias da Semana Santa.

Noutras cadeiras, também próprias, as primas do Prado, as da Rua Velha, mais pessoas, o Dr. Fortunato Mendes, de sobrecasaca.

O gradeamento de pau-preto e grandes bolas torneadas, torcidos e metais arrendados, separava a capela do corpo da igreja. A mãe, a tia Mariana, todas as senhoras da capela, tinham vindo sem chapéu, só de mantilha, que então era assim: nos dias em que o Senhor padeceu, as senhoras que eram Senhoras nem punham chapéu nem subiam a caruagem, bufasse por mais que bufasse o vento, ou desse a chuva de zimbros. Lá estavam, sem jóias e vestidos de cetim preto. Fora da grade e assentada no degrau, a Joaquina — a Ermelinda desse tempo —, que lhe passara um reбуçado. A Joaquina trouxera a melhor roupa, a de merino, a que mais tarde levava para a cova, e, sobre o peito sumido, enfiadas no cordão, uma cruz e uma borboleta de ouro. Na cabeça de menina idosa, o lenço de ramagens que lhe custara um quartinho.

A meio da igreja via o tocheiro de uma data de velas, espécie de relógio por onde as pessoas entendidas, conforme o sacristão as ia apagando, seguiam o andamento dos «ofícios» que os padres entoavam na capela-mor, acompanhados, do coro, pelo grande instrumental contratado em Braga «por um dinheirão».

As senhoras acenavam aprobativamente a cabeça às boas vozes dos cantores. O tecto valia por segunda e mais potente caixa de ressonância dos violoncelos e contrabaixos.

Dali não podia ver, mas sabia que velava o trono onde o Santíssimo era exposto aos domingos o painel da Senhora da Piedade, com o Filho morto nos braços.

E os padres cantavam, cantavam. Com a «mão de Judas», lá apagara o sacristão mais uma vela do tocheiro, que tinha também nome especial, muito esquisito, que não lhe lembrava.

Principiava a estar com certo sono, pois já deviam ser aí essas onze, ou mais, da noite.

Mas tudo, a vivê-lo de memória, se lhe baralhava sobreposto em multiplano, mudando até para o «então» coisas que então nem sabia, metendo na cabeça do menino coisas que só homem aprendera.

Pregava agora um pregador, ou o sermão da Soledade, ou o do Encontro. Pregador de grande fama, segundo corria.

Ouvira em casa que já daquele púlpito haviam pregado os maiores oradores do País, um tal Alves Mendes, um tal Alves Mateus, outro de quem não havia maneira de se lembrarem do nome, que não tinha gesto, isso não tinha, só dava punhadas, mas que sabia dizer coisas muito lindas, cheias de fundo e que partiam o coração. Até, da última vez que viera, não sabiam quem da vila, pessoa muito sabedora, acabara por declarar: — «As tribunas da Igreja Matriz ficam ensilvadas!»

Mas afinal ainda não tinham começado os «ofícios». Ainda estava em Quinta-Feira Santa, de tarde, ao «lava-pedes». Lá andava na capela fronteira, a de Santo António, o senhor Arcipreste a lavar os pés, numa bacia de prata, a treze velhos, quase todos do asilo, que já antes os tinham lavado na sacristia, em baldes de folha. Só não eram do asilo, o Remígio Exposto, um ruivo de cabelo espantado e olhos de gineta, que não fazia nada, além de mandaretas e beber quarteirões de água-ardente, para de noite não enregelar de todo na cocheira do Sem-Pescoço, e o Manuel de Carvalho, a quem chamavam o «Tombo», um baixote, de bigodeira preta, que, pelas festas de ano, distribuía versos pelas portas:

Tlim, tlim, tlim!
Vem-lhe falar a criada.
É o Manuel de Carvalho,
A pedir a consoada!

Ou:

Tlim, tlim, tlim!
Vem-lhe a criada falar.
É o Manuel de Carvalho,
Pra lhe darem o foliar!

Mas *passara* para a igreja da Misericórdia, e ia a sair a procissão da noite, a dos fogaréus, a do Senhor da Cana Verde.

Lá ia o primo Afonso, com a vara de juiz da Confraria. Entre os «irmãos», o primo Fernando, o João Pereira de Brandara, o Dr. Meneses, a quem chamavam o doutor «sobe e desce» por ser coxo. E o Neves brasileiro. E tantos, já mortos...

Atrás do andor seguia a música, a tocar a marcha fúnebre de todos os anos. Primeiro já aparecera o guião, numa vara aí de três metros — mais, para aí seis! —, levado pelo maior valentão do concelho. Demandava muito pulso aguentá-lo, com a ventaneira. Já por vezes acontecera bater nos beirais, atirar abaixo alguma telha sobre a cabeça de alguém.

Cheirava ao pez dos archotes. E *ouvia* as «tréculas»: a matraca dos dias de trevas.

A marcha fúnebre apertava-lhe o coração, dava-lhe vontade de chorar. A capa de seda roxa do Senhor, solta ao vento, voava. E sempre a música! *Ouvia-a, ouvia-a...*

Porém, de novo na Matriz, não podia já aturar ali mais tempo, ali há uma porção de horas na cadeira de palhinha.

Os padres nunca mais acabavam os «ofícios».

De casaco de pelúcia e deitada num banco, a Aninhas acordara estremunhada e desatara a choramingar. — «Olha o primo Dioguinho, como ele está com juízo!», dizia a mãe. — «Olha como ele está com juízo! Vai ao primo, vai ao primo!»

E a Aninhas vinha: — «Sabes? Vou ter uma boneca ainda mais grande!»

(«A Toca do Lobo»)

PEDRO HOMEM DE MELO

1904

ABISMO

«Hei-de ir de Ponte do Lima
Até ao Carregadoiro!
De barco hei-de ir rio acima
Por entre milheirais de oiro!
Hei-de ir além de Calheiros!
Além, além do Cardido!
Onde há pinheirais mais fundos
Que o pinhal do Camarido!
Barco leve! Hei-de ir! Hei-de ir!
Hei-de ir! Hei-de ir! rio acima
Por entre milheirais de oiro...
Hei-de ir de Ponte do Lima
Até ao Carregadoiro!
Hei-de ir! Hei-de ir!... Por agora
Não me sai isto da ideia:
De barco hei-de rio acima
Em noite de lua cheia!
Hei-de ir... Nem sei se imagino
Mal maior que o meu desejo!
— Beijo
Obscuro
Que procuro...
— Por paixão?...
— Não!
Por destino...»

(«Estrela Morta»)

DANÇAS MINHOTAS

«Apreciaremos completamente o colorido do Alto Minho vendo dançar a gente do distrito de Viana.

— Não são apenas os pés que dançam! São os corpos... — dizia-nos há tempos o Domingos, de Carreço.

Cada fandango é uma história de amor.

A mulher começa por aceitar o convite para a dança, a qual não representa senão colóquio em que os passos prolongam a força das palavras.

Cortejada, foge na certeza de ser seguida. O homem vai atrás dela com ânsia de a conquistar, até que, ou vencida pelo cansaço ou desejosa de encarar com o namorado, a moça suspende o jogo e volta-se para o moço.

De quando em quando os dois fingem de amuados. Viram as costas um ao outro...

O fandango, dançam-no a três tempos. O pé esquerdo avança para a direita e coloca-se à frente do pé direito, o qual bate no chão imediatamente, mas sem se desviar. Logo em seguida o pé esquerdo volta para a esquerda, a fim de ocupar a antiga posição. Depois, é o pé direito que avança para a esquerda e se vai pôr à frente do pé esquerdo que, por seu turno, bate no chão sem se desviar, indo o pé direito para a direita e regressando à primeira forma.

Esses passos sucedem-se, ora cadenciados ora bruscos, e aceleram-se vertiginosamente para o fim da dança, no que os dançarinos provam desobediência à tradição ou, pelo menos, desconhecimento dela.

— O povo não tem pressa — costumava dizer Gonçalo Sampaio.

A pressa em dança resulta da habilidade e habilidades chamam palmas, as palmas do público curioso e ignorante. O povo deverá esquecer o público se não quiser passar por manequim.

Na dança «exibida» a frescura desaparece.

O povo pode correr, mas corre descansado. — Nunca se precipita.

Já que falei em «pressas» e em violência de bailados, sempre contarei uma conversa minha com o *Maestro* Afonso Valentim, a quem eu mostrara a música do *Velho*:

— «Linda música! — exclamou Afonso Valentim. — O seu ritmo deve ter sido primitivamente o de 3/8. Ritmo nada vivo...»

Objectei que em Carreço os antigos afirmavam ter dançado o *Velho*, aumentando a velocidade da dança à medida que a iam executando...

O *Maestro* sorriu. E limitou-se a explicar:

— «A dança popular não é dança de palco onde o pano cai quando os bailarinos ficam extenuados...»

Os passos do *Vira* acima descritos são intercalados por voltas apertadas, ombro com ombro, e largas — as voltas da fuga em que a mulher se escapa e o homem procura apanhá-la e as voltas do cerco em que o homem impede a fuga da mulher, dançando em sentido contrário ao da companheira, aparecendo-lhe ao caminho com o intuito de a obrigar a mudar de atitude.

No *Vira*, a dificuldade não está na execução, relativamente simples. Está na interpretação. Não basta ser-se bailarino para dançá-lo. É preciso ter-se posto o ouvido sobre o solo, ter-se escutado desde novo as litánias do mar e lutado a seu lado para responder — até dançando — ao chamamento da Natureza que — até na música — se faz sentir.

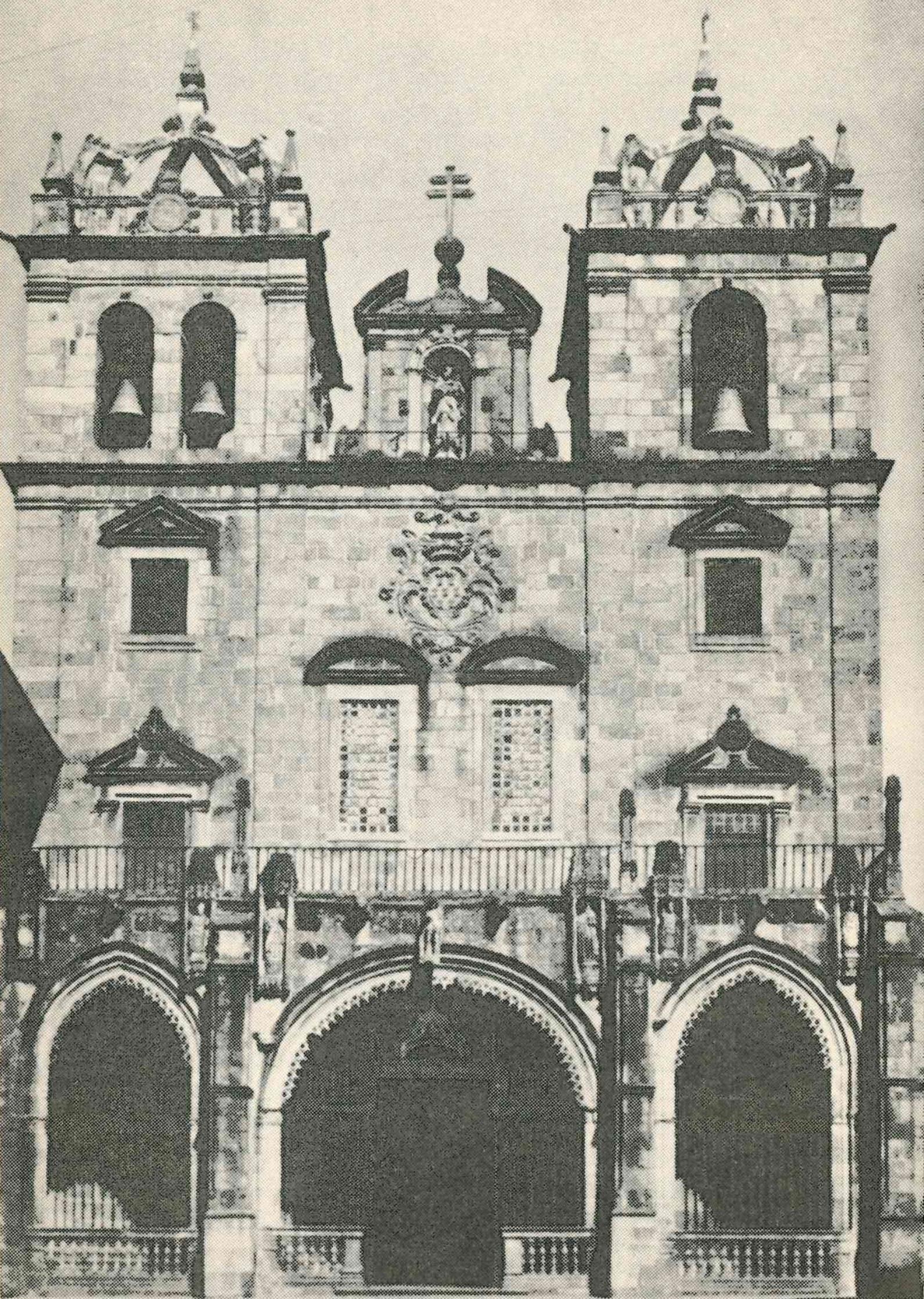
Duma ocasião, aquela pessoa de Carreço de quem já falámos, depois de presenciar os esforços de um dançarino profissional em a imitar, exclamou:

— A nossa deselegância é que faz toda a nossa elegância!

Presos ao chão ou quase os pares conseguem dar-nos a ilusão do voo.

E não estaria longe da verdade quem lhes chamasse: estátuas aladas.»

(«A poesia na dança e nos cantares do povo português»)



HUGO ROCHA

1906

O S. JOÃO EM BRAGA

«Havia vinte anos que não visitava Braga, pelo São João, e, portanto, não assistia às festas principais da capital minhota. Vinte anos de ausência, contudo, não me tinham dissipado, na memória, esse colorido e ruidoso São João de Braga, que não se compara com nenhum dos que tenho conhecido, e é, por certo, o mais típico e o mais expressivo de todos. Certo, não há, na cidade dos arcebispos, aquelas rusgas que assinalam o São João do Porto ou aquelas marchas que, algumas vezes, têm distinguido o de Lisboa. De modo geral, a multidão bracarense não se arregimenta, na noite de 23 para 24 de Junho, para calcorrear a via pública e, bandeiras, ramos e balões alçados, cantar as trovas tradicionais em que o Baptista, longe de se mostrar o precursor, muito menos o mártir, é o paradigma dos santos folgazões cuja vida, no conceito do povo, foi espelho de fragilidade humana, sem, por isso, deixar de actuar na esfera do sobrenatural e do maravilhoso... Converte a multidão, em Braga, para São João da Ponte e por ali deambula e se espalha, na noite cintilante de luminárias, ainda, em parte, à moda do Minho, mas já com seu enxerto de modernismo expresso na presença de milhares de lâmpadas eléctricas, mais fáceis de acender e apagar. Rusgas e marchas — só as que, por acaso, se formam, eventualmente, com rapazes e raparigas agrupados por tendências de conhecimento ou amizade. Às vezes, porém, acontece haver grupos deste e daquele lugares, desta e daquela freguesias, que, melhor ou pior formados, animam o arraial. Só às vezes, porém. O espírito de bairrismo, predominante, por exemplo, nas festas do povo do Porto e de Lisboa, não existe, que eu saiba ou tenha notado, nas de Braga. Porquê?

A meu ver, porque o São João de Braga é muito mais rural do que urbano. Assim, enquanto o povo do Porto e de Lisboa — poderia juntar-lhe, também, na alusão, o doutras cidades

que festejam o São João, nomeadamente a Covilhã — fornece a matéria-prima para a animação dos festejos, o povo de Braga é absorvido, por assim dizer, pelo das povoações do concelho, do distrito e da província — que invade a cidade e nela assenta arraiais, impondo a sua presença, por modo que não permite a confusão.

Só as festas da Senhora dos Remédios, em Lamego, e da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, mais as primeiras do que as segundas, podem dar uma imagem aproximada das festas do São João em Braga a quantos não conheçam estas, conhecendo aquelas. Refiro-me, claro está, a festas de cidade assinaladas pela afluência de forasteiros do povo — e àquelas que, em todo o Norte de Portugal, mais atraem, talvez, o interesse, a curiosidade, o fervor intensos das massas provincianas. Porém, o arraial nocturno de São João da Ponte, quanto a mim, supera, em alacridade, em fulgor, em aspectos verdadeiramente característicos, os demais. Porque Braga é a capital da província e centraliza, de certo modo e até certo ponto, as atenções da população provincial, o fluxo popular é maior, em relação a Braga, pelo São João, do que em relação às outras terras do Minho, por ocasião de festas locais.

Ora esse fluxo popular, na véspera do dia são-joanino, canaliza-se para São João da Ponte — e é uma torrente humana que alastra, horas a fio, pela avenida e pela rua que põem a Praça da República, centro topográfico da cidade, em comunicação directa com o parque de São João da Ponte, onde a multidão se concentra, para honrar, a seu modo, a memória do Baptista. Embora a população citadina realce, na paisagem humana, pelo esmero do traje e pelo perfume de civilização que dela se exala, é a população agrária que põe típica marca no arraial nocturno. Vasto, frondoso, acolhedor, o parque, a meio da noite, transborda de público. Nos coretos provisórios e no efectivo, as bandas de música sucedem-se, no incruento duelo dos concertos. A multidão extasia-se, ouvindo-as. E, como as filarmónicas provincianas têm, também, os seus entusiastas decididos, como as socie-

dades desportivas, nem sempre a atenção do auditório é desapassionada e tranquila.

Nas barracas e tendas que formam uma espécie de cidade de tábua e lona, os mercadores de coisas próprias da ocasião, desde os toscos bonecos de barro pintado até às xícaras de café aromático e fresco, fervilha a multidão dos que não perdem o ensejo de gastar uns escudos para levar para casa uma recordação da festa são-joanina ou consolar o estômago com uma bebida saborosa. Mas o que mais atrai o povo festeiro são os sítios assinalados pelos ramos de louro e a significativa presença de bojudas pipas. Rescende o anho são-joanino em condimentados e gordurosos tassalhos. Barram-se grossas fatias de trigo com doirada manteiga que besunta os beiços, o queixo, as mãos de quem come. E o cheiro activo e penetrante, violento e apetitoso da carne assada que rechina ao fogo, do vinho verde que jorra nas canecas de loiça vidrada, da pastosa manteiga que se entranha no miolo quente do pão, do café que fumega nas cafeteiras, do povo que freme e sua, sobe do arraial nocturno para deleite de todas as pituitárias sensíveis às manifestações da vida animal e estuante.

Quando o fogo do ar despenteia, em frente ao espelho negro do céu, cabeleiras de estrelas versicolores, é um deslumbramento geral. Os copinhos de papel de seda com sua chamazinha interior brilham, então, miseramente, cotejados com o fulgor estonteante dos foguetes de lágrimas. A própria electricidade que pesponta de luz forte o parque de São João da Ponte e as suas adjacências torna-se mortíça, empalidece, agoniza, sob o chuveiro de magnésio que se desen tranha em maravilhas, durante minutos. Nos recessos do arvoredos, propícios a devaneios e amóricos, os relâmpagos de cores vão surpreender pares enlaçados que derriçam. Detém-se, por instantes, a faina báquica de emborcar canecas repletas de vinho verde que deixa as bocas sangrentas e arroxeadas. Mas os morteiros, com seus graves e solenes estampidos, anunciam o termo do espectáculo pirotécnico — e o arraial nocturno regressa ao *statu quo ante*, instantaneamente.»

(«Elogio de Braga e do seu termo»)

FRANCISCO DA CUNHA LEÃO

1907

QUERO OS MONTES COMO SÃO

«Quero os montes
Como são:
Pinhais pelos pendores,
Capelas nas corcovas
A Santa Comba, a S. Simão.

Os coelhos nos seus fojos,
As urzes e os tojos
Com suas próprias flores
De roda das capelas,
Exactamente roxas
Ou amarelas.

Ascéticas as rochas
A sombra dos pinheiros bravos
E casas brancas nas aldeias brandas
Com vides a trepar pelas varandas
E poiais cheios de cravos.

Sobre os quinteiros, nas ramadas, cada cacho!
E debaixo,
Não falte nunca o vinho nas canecas,
Em tardes de domingo e dia santo.
Fúrias nas suecas,
Violões e canto!

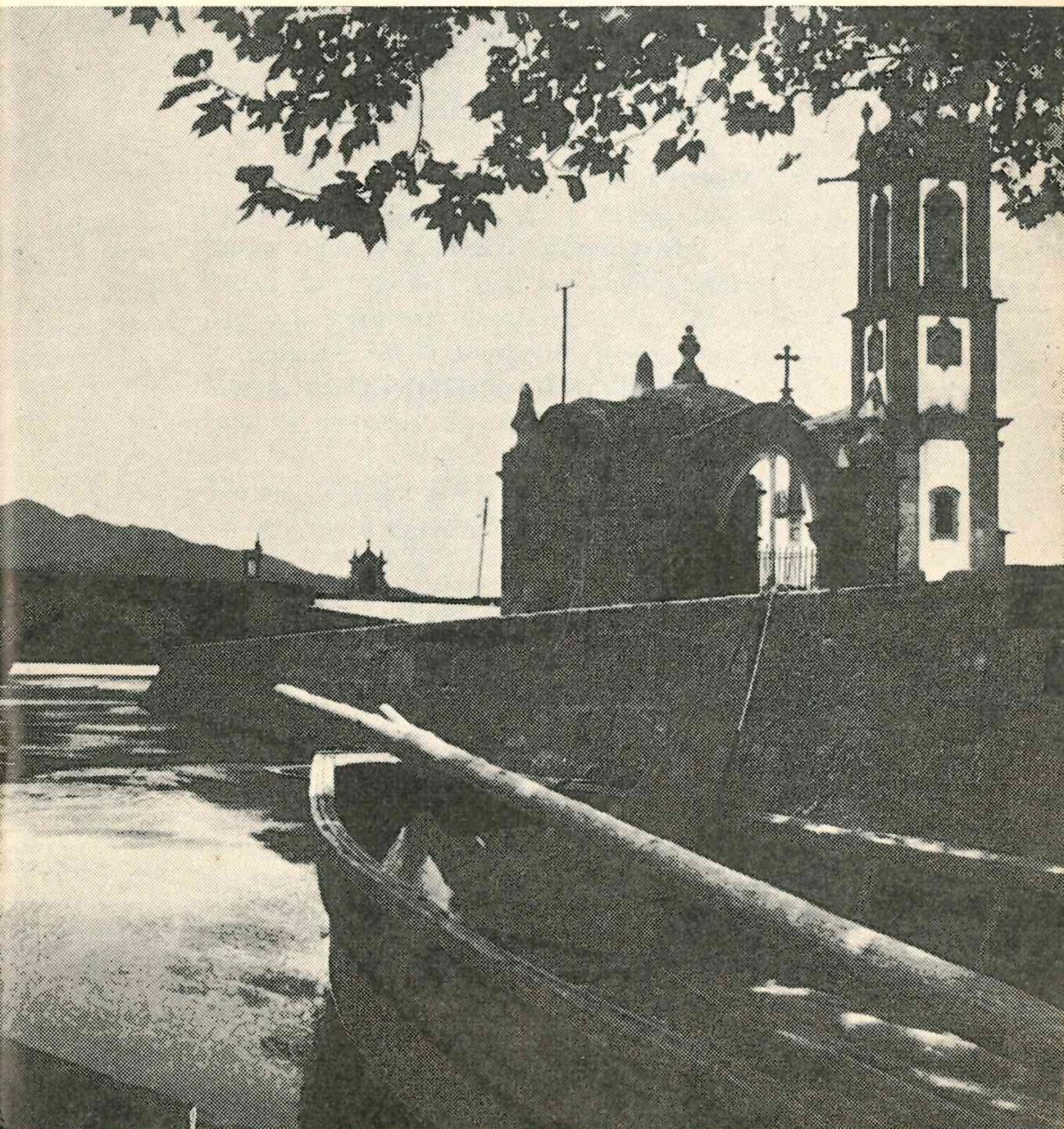
E o boi que pode tudo e nada quer
Sujeito a uma criança,
A uma mulher...

Chiam carros nos ss das estradas,
— Quadro natal que nunca mais esqueces.

Quero que as rodas chiem
Quando vão cansadas
E que as estradas tenham ss!

Os rios nos seus leitos
Por medida feitos,
Neles satisfeitos.

Capela nas margens do rio Lima



Caíam trindades
Nos côncavos dormentes
Que são poços sem fundo
Para o interior do mundo
Longas, cantantes,
Caíam trindades
Como caíam dantes

E eu, igual a mim, fiel ao meu tamanho,
Tolhe forma onde caiba sem aperto
Ágil de punho e braço
No solo, sólido, castanho,
No imaginário espaço
Ou no deserto, se quiser deserto!»

(«O Anjo e o Homem»)

ANTÓNIO PEDRO

1909

CASA DE CAMPO

«Do meu sol entre vacas, onde cismo
Viridentes relvedos de pastar
Meus olhos que preferem a natura
Compor sua paisagem, no enlevo
De poder-me supor e des-supor
Em fálico pinheiro transformado
Pelo cimo do monte, ou ave, ou cobra,
Ou luz do sol, em círculo, boiando
Sobre as ervinhas, como um bafo mole,
Fico-me, imagem da paisagem dada,
A criar-me, sonhada, outra paisagem.

E não é olho que, de flor, me luz
Carícia literária dum sorriso,
Ou pétala, ou pólen, que voando
Leve e branda, ou doirada, como chuva
Que dum divino sémen se espalhasse
Benzendo e procriando as flores em vaga
Cópula branda, semelhante ao tacto...

É outra quietação. Talvez as coisas
Tenham o mesmo sentimento ao sol,
Sem lirismo, de em si já serem líricas:

Um como adormecer da luz no céu,
Sem outra regra que não seja aquela
Que se julga imutável, por ser única.

Rolar de mundos desde o início, onde
Os homens, desde o início deles, querem
Furar com a cabeça o firmamento,
Como se a pedra, por ser pedra, clara
Na sua natureza desejada
E indemne desde a origem, fosse
Menos divina, no rolar dos mundos,
Que os capazes da mística de Deus!

Eis-me quieto, pedra e pólen, onde
Deus poisou como o sol entre neblinas,
Senhor de imaginar-me, como as coisas,
Coisa sem regra no vazio, aonde
De míticas imagens irreais
Posso fazer a minha imagem calma:

Morrer-me luz ou folha, ou ter-me em sonhos
Translúcido, no onânico desejo
De me sentir sòzinho sobre a terra.

Aqui, longe de quanto os outros falam
Mentais, os homens, como as ervas, fazem
Em humildade vegetal o bíblico
Poema de semear frutos e partos.

Eu, entre os outros, menos são, confundo
As suas mãos, perdidas entre a terra
E o húmus dela e, inútil, sinto
Como os pinheiros, só o vento e a fria
Humidade do ar que me supõe
Capaz de arder depois em minhas ramas
Para, em lustral fogueira de meus ossos,
Aquecer velhas como cariátides,
Nesta poesia que se faz de estar
Hirto e perdido sem memória, ao sopro
Da brisa como um caule, e em tremulina
Dedos e folhas a mover-se, dando
A inquietação do sangue ou seiva, nesta
Divina química de crescer e dar
Outros ramos... e estéril da cidade, sinto
Uma amargura que não é tragédia
E se compraz na mágoa sequiosa
Da areia antes do mar, sem uma folha
Que já não seja morta, imensa, imensa
Imensa, imensa, preguiçosa e imensa!»

(«Casa de Campo»)

MANUEL ANSELMO

1911

NOITE DE NATAL

«A noite de Natal é no Minho, como em qualquer outra província portuguesa, uma noite de confraternização e de saudade. Ao lar paterno acorrem todos aqueles que, embora dele afastados pelos movimentos da vida, a ele estão presos, moral e emocionalmente, pelo sangue e pelas recordações. Em volta da fogueira vermelha e crepitante, símbolo do calor familiar, todos se deixam envolver pelas labaredas da mesma amizade enternecida e criadora.

Recordo, todos os anos, pelo Dezembro gélido, o que essa noite foi, para minha adolescência. Eu e meu irmão mal acabávamos de chegar de férias e nenhuma outra nos eram tão saborosas e ledas como essas, logo nos púnhamos a pensar no que seria o pinheirinho azul e infante cujos galhos nossas tias iriam guarnecer amorosamente de brinquedos e de pratas. A 23, isto é, na véspera dessa noite consagrada pela tradição, já eu, antevendo a festa próxima, andava saltitante e alegre, irmão dos raios brincalhões do sol, correndo pelos atalhos e pelas várzeas em perseguição dos lençóis de gelo das águas friorentas. Aos pinheirais festivos íamos colher os pinhões com que jogar ao rapa no dia seguinte, ou com que fazer rosários para logo serem comidos. Até que, no próprio dia, quando o bimbalar dos sinos minhotos nos anunciava a proximidade da ceia e a consequente missa do galo, me deixava tomar do grande eflúvio religioso e pagão — que tanto me obrigava à súplica infantil pela continuação da vida dos meus entes queridos, como me levava a confundir, no mesmo anelo, existências, brinquedos e guloseimas. Já afirmei algures que a minha sensibilidade — por vezes a maior inimiga da minha inteligência — se formou ao sol e à chuva desse Alto Minho formosíssimo, meu altar e meu anseio, onde nasci e onde desejo morrer também. Isso é efectivamente verdadeiro, pois no meu sangue borbulham os mesmos ímpetos de seiva que em todas as Primaveras fazem colorir de verde, amarelo, vermelho e lilás as largas extensões das nossas veigas, sempre que o germinal as torna noivas. Igualmente aquela poesia que tanto grita no escarlata dos poentes como se comove no azul-safira das águas ribeirinhas, se instalou em mim absorventemente, dominando, por vezes, a minha razão crítica. Assim poderá quem quer compreender, sem grande sacrifício do entendimento, todas as consequências emotivas que em mim se confirmam todos os anos e determinadas pelo Natal.

Quem conhecer o Minho, saberá que da noite do Natal até ao Ano-Bom se cantam, pelos casais e pelas aldeias, as Boas-Festas. De 1 a 6 de Janeiro cantam-se as «Janeiras» também em grupos e mais por folia do que por pedinchice.

E é de 6 de Janeiro em diante que se cantam finalmente os Reis — já em alegria ao mesmo tempo bíblica e minhota. Ora a quem movimentou a sua adolescência ao calor dessas radiações é efectivamente impossível obviar à definitiva fixação psicológica e emocional que todas as tradições radicam nos que repetidos anos as viveram. Assim, a prática do Minho condiz com a das outras províncias portuguesas: a noite do Natal é aquela em que ao derredor da mesa dos avós ou dos pais se reúnem parentes e aderentes, unidos e animados pelo mesmo profundo affecto familiar. Come-se o bacalhau cozido com batatas, com ovos e ampla tronchuda; a tão tradicional petisco segue-se o arroz de polvo, nessa noite comido com proverbial apetite. Vêm a seguir os doces próprios: as rabanadas, os mexidos, os ovos-moles, as filhoses, os biscoitos caseiros. Finalmente, quando o vinho do Porto e o champanhe determinam doloridas divagações de saudade, as lágrimas vêm ilustrar a presença espiritual dos mortos. Nunca me esquecerá o choro quase feliz que meus olhos vertiam sempre que, gravemente, a minha querida Avó erguia ao Céu a sua oração por alma de meus Pais! Depois, passava-se para a cozinha, onde ardia a fogueira. Todos nos levantávamos da mesa, adultos e crianças, patrões e criados. (Nessa noite sagrada de confraternização é velho uso do Minho os criados sentarem-se à mesa com os patrões). Repetida mentalmente a nossa oração pelos finados, íamo-nos todos aquecer em torno da fogueira esplendente e criadora que junto ao fogão ardia. A árvore do Natal lá estava, lantejoilada e maravilhosa, ornada de quantos brinquedos a generosidade familiar entendera por bem comprar. Até que, ao bater da meia-noite, a missa do galo chamava os seus devotos. Nós, as crianças, íamo-nos então deitar...»

(«Panorama»)

P.^E ANTÓNIO LUÍS VAZ

1911

IMAGENS DO ALTO MINHO

«...A dada altura, foi o deslumbramento. Nunca tinham visto coisa parecida em luz, em cor, em harmonia, em ritmo, em beleza...

A majestosa imponência da serra!... O vasto panorama que se desdobrava a perder de vista!...

E então a música dos pássaros!...

E, pelo dia fora, a variedade infinita de animais que tinham visto em momentos cheios de pitoresco a emoldurar um cenário de maravilha.

Coelhos, perdizes, melros, cobras, lagartos deitados ao sol e até serpentes...

Dia emocionante e belo, aquele!

Lindaram o vale, por sobre as freguesias de Cubalhão, Parada do Monte, Gave, Riba do Mouro, até S. António de Val de Poldras.

Ao fundo, ravinas precipitosas, aldeias penduradas nas encostas fartas, torres esguias onde sinos matinais punham júbilos de festa, cristas distantes de montes apenascados, um rosário de cabeços até Monção, Valença, Paredes de Coura, Galiza, Melgaço, léguas e léguas de extensão que prendiam, que esmagavam...

O que mais seduzia na manhã clara e fulgurante, cheia de música e de cantigas, era o negrejar dos pinhais dormentes e as leivas fartas a pojar na terra escura, onde os centeios balouçavam docemente, aos afagos duma brisa imperceptível.

Aqui e além, detinham-se a ver novas aldeias arrumadas com gosto: uma rua central, onde o piso da estrada corria célere, casas de dois andares, currais e as herdades divididos em socalcos, tudo feito de novo, tudo alagado em sol.

Viam-se mulheres de cântaros à cabeça, vindas de murmuras fontes, crianças que chegavam da escola, um fremir de vida nova que andava no ar e se adivinhava nas tintas

frescas, nas faces vermelhas dos homens, na exuberância álaçre dos petizes.

O Dr. Santos revia-se naquela terra magnífica onde a zona florestal e colonização interna haviam fixado várias centenas de pessoas.

Em S. António de Val de Poldras, apearam-se a fim de gozar um pouco a beleza inóspita do local, farto como nenhum outro ali pelas redondezas.

Batatais imensos, a perder de vista, uma população densa, ruidosa, cheia de vida, manadas de gado Barrosão a pascer na ribeira mansa, lá em cima o geodésico e um mirante adrede feito para dessedentar os olhos na paisagem feiticeira.

E até — para nada faltar à beleza do sítio — um rio fresco, aqui e além aberto em poços de água cristalina, onde apeteçia mergulhar em banhos lentos e trutas vivas, marotas, fendendo as águas como setas ou mirando ao alto, desconfiadas, não viesse a negaçã prendê-las.

.....
Maria Luísa, que chegara em Junho e ainda não passara ali nenhum Inverno, delirava. Sentia-se presa àquela terra mágica, assegurando que havia de trazer milhares de alfacinhas, para melhor conhecerem o País, eles que não vão além das praças e ruas da capital.

Lamas do Mouro transformara-se, vovera-se em admirável centro de turismo, depois dos melhoramentos introduzidos e da propaganda feita.

Cartazes gritantes, espalhados com profusão através do País, tornaram conhecidas as belezas da serra e muitas camionetas subiam, de Abril a Outubro, a fim de visitar a povoação bafejada pela sorte.

Em geral vinham de Lisboa ou Porto, deslizavam a Braga, desciam à Barca e aos Arcos, galgavam a serra até Suajo para admirar a central do Lindoso, trepavam a Adrão e à Peneda, santuário dos mais famosos do Norte de Portugal e da Galiza, e ali ficavam, ao menos um dia, para visitarem o sanatório e os aldeamentos levados a efeito pela Junta de Colonização Interna.

Dali faziam-se de regresso, continuando a viagem por Melgaço, Monção, Valença, Cerveira, Caminha, Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Porto: um dos circuitos mais belos do País.

Quando, porém, eram mais numerosos os galhardetes dos turistas ou os gritos e cânticos dos romeiros era em Junho, para a festa do Espírito Santo, na Peneda, e para a de S. António de Val de Poldras, em Julho, para a de S. Bento do Cando, na Gavieira; em Agosto e Setembro, para a grande romaria da Peneda.

Então era o dilúvio: portugueses e galegos, centenas de automóveis, camionetas às dezenas e um ror de gente...

Por outro lado, era regalo de olhos e grato ao coração ver a garridice e austeridade daquela povoação serrana com mais de 4.000 habitantes e um escol de boa cepa.

Havia luz eléctrica nas casas particulares e até — pasmai, ó gente! — serra fora pelos modestos casais dos novos aldeamentos, onde, não raro, pela noite silenciosa e branda, um rádio minúsculo atirava ao espaço notas festivas de música portuguesa.

Lamas alindara-se mercê do plano de urbanização feito e seguido a rigor. Alinhava-se em arruamentos espaçosos, casas limpas, de sabor regional — boa pedra lavrada e riscos de caio alvinitente a guarnecer as frinchas —, uma praça bonita, mercado, a nova Igreja Matriz, a Misericórdia — P.^o António gostava de aproveitar do antigo o que era indispensável e as Misericórdias eram insubstituíveis... — a Casa da Acção Católica, onde funcionava o Jardim-Escola, o cinema, a biblioteca, desdobrado em pomar-jardim e estádio que lindava com o rio, de águas calmas, em represa que o tornava lago dormente, com cisnes graves, pensativos...

Como vivendas tipicamente modernas, o hotel Serra da Peneda, a Garage Central, a Cooperativa de Lamas — associação de lavradores que exploravam em conjunto a batata sob a direcção de um engenheiro agrónomo — o Hospital da Misericórdia e diversos fontenários em estilo bizarro.

Pela estrada de Cubalhão, Castro Laboreiro, Lagarto e S. Bento, em vivendas graciosas, embalsamadas de flores para ricos de bom gosto ou doentes de pulmões, abriam-se jane-

las rendilhadas, por onde espreitavam olhos ternos de crianças.

As quintas e domingos, pela tarde, uma banda — A Sociedade Musical de Lamas — subia ao coreto a fim de executar o reportório adrede escolhido, ginastas musculosos, bem treinados, exibiam-se em competições desportivas no estádio local e outros grupos vinham de fora aventurar-se ali.

Não raro, o grupo orfeónico apresentava-se em público e uma orquestra de variedades e típica deliciava os habitantes em noites de alegria e de festa.»

(«Castelo Imperfeito»)

CARLOS CUNHA

1919

ARCOS DE VALDEVEZ

«De qualquer lado que tente fotografar a paisagem da minha terra — tão variada e fluida na fluida mobilidade dos seus aspectos — sempre as mesmas imagens respondem ao apelo do mesmo aceno. Saio a porta — para sempre fechada — da casa de meus pais e vou seguindo a margem do rio, que se arroja, numa facada límpida, sobre a vila.

— Deus Nosso Senhor lhe dê muito bom dia!

De preto, escorrendo as ancas, a mulher vai andando para o mercado. Leva um cesto à cabeça; e da toalha muito branca rompe, como uma flor vermelha, a crista alta de um galo. Ao chegar ao Ribeirinho — franja de casas estendida a todo o correr da estrada — paro. E fico a olhar o regato que, embebido de sol, é um fio de sol entre salgueiros. Até que ali para cima uma janela se abre e a magia de uns olhos, que são toda a minha luz, vem dizer-me que a vida começou.

Crianças, de pés descalços e narizes calafetados de ranho, brincam ao longo da estrada. Um melro rasou o asfalto tintonando o seu guizo doido. Imóveis, os pinheiros da Con-

tada parecem esculpidos em bronze; e mais para além, azulado de névoa e de distância, o Paço de Giela é quase uma aparição.

É dali que a certas horas o Passado desce até ao burgo, se revê no pelourinho da praça — bem bonito, este dorso petrificado de angústia! —, erra entre as duas igrejas que, a distância, lembram castelos do Reno, e, depois de ter bebido em Salzedas uma água das origens, vai esmoer, nos dentes cariados das ameias, o seu protesto sem voz contra a digestiva incúria que mantém, atulhada de cacos e de lixo, a capelinha românica da vila.

Nas meias tardes de domingo, quando os sinos de S. Paio e Salvador parecem carpir uma hecatombe, os namorados vão lá para os fins do campo apertar na carne aflita um pouco daquela primavera que vem das tílias. E, irrequieto, o binóculo das damas da outra banda espia o tempo perdido... Mas é sobretudo nas romarias, quase todas as noites de sábado, anunciadas por coloridas deiscências de fogo, que o povo da vila e aldeias abre uma válvula pagã aos quotidianos recalques de uma existência de penas. Ao resfolegar do harmónio, velhos e moços entram na dança; e no contido e súplice esvoaçar das mãos, nos movimentos das ancas e dos braços, há toda a plasmação de um rito em que não é difícil surpreender gestos de redes ou sementes, ou cadências de remos sobre as ondas. O minhoto dança a paisagem. E seja na Senhora da Peneda — áspero e rugoso santuário da montanha — ou nessa varanda aberta sobre os longes, que é o monte do Castelo, ali a dois passos da vila, seja numa simples rifa ou descante, o que ele, ébrio de mosto e poeira, acima de tudo persegue, é uma fuga dionisiaca da vida.

Miguel Torga, na ácida ruminação de uma ironia em que o horror do verde não é apenas excesso de clorofila, acha que o Minho é bovino. Talvez. Tanto, pelo menos, como a sua região é caprina. Mas ironias como esta são sempre uma mutilação: pede-se um retrato e sai uma caricatura. Pois a verdade é que, no rápido caleidoscópico dos seus aspectos, o Minho polariza em si o que de melhor contêm as outras províncias portuguesas. E não é preciso ir mais longe. Em Arcos de Valdevez ou em Melgaço, à medida em que os

cerros vão fugindo com as casas pela encosta acima, a virgiliana doçura das vertentes e dos vales vai perdendo a feminil dormência na ossatura plutónica dos montes. E Soajo ou Castro Laboreiro surgem aos nossos olhos como duas aldeias trasmontanas.

Mas a desgraça não é essa. A desgraça é que nós somos as raízes da terra onde nascemos. E a nossa é linda de mais para que se possa viver longe dela. Onde quer que os passos nos conduzam, sempre a sua imagem nos persegue como uma obsessão — ou uma bênção... E é quando estamos para deixá-la que de todo nos rendemos ao aceno telúrico desse chão que nos faz voltar para trás a proa da quimera que nos trouxe. Nesses dias, gostamos de uma maneira diferente, até das árvores e dos bichos. Lembro-me de meu irmão Alberto abraçado ao tronco da velha macieira da quinta:— «Adeus, macieira das doces!...»

E compreendo a razão por que, oito meses após a minha chegada ao Rio, todas as manhãs acordo pensando no Desterrado do nosso Soares dos Reis.»

(In revista «Padrão»)

SEBASTIÃO DA GAMA

1924

SANTA LUZIA

«Vejo de Santa Luzia
quanto de lá posso ver.
Vejo Ponte, vejo Braga...
Só não vejo o meu Amor.

Tapem-me os olhos com terra!
Não veja Ponte nem Braga,
nem o Lima, que é o gosto
das minhas horas saudosas.
— Mas que veja o meu Amor.

Vejo de Santa Luzia
quanto de lá posso ver.
Pra ver de Santa Luzia
quanto de lá quero ver
até os olhos daria.

Se fui a Santa Luzia
pelo cair das trindades,
não foi pra ter mais saudades:
foi pra ver se te veria.

Não foi pra ver amieiros
que riem pela manhã,
que choram pela tardinha:
foi pra contar ao meu Bem
as saudades que já tinha.

Santa Luzia me valha!
De Viana para o Monte,
ao subir quase cantava;
quase chorava, ao descer
do Monte para Viana.

Deixei a minha esperança
pendurada num cipreste.
Mas foi a minha vingança,
quando voltava do Monte,
não olhar Braga nem Ponte,
nem Viana, nem Montedor.
Se não vejo o meu Amor,
não há olhar que me preste.

De que serve seres tão alto,
Monte de Santa Luzia?
Quanto mais alto, mais longe...
Por isso, coisa nenhuma
me pode dar alegria.

Nem saber que o meu Amor,
lá na lonjura onde estava,
só de lembrar-me cantava
cantigas que eu não ouvia.»

(«Campo Aberto»)

JÚLIO EVANGELISTA

1927

EM LOUVOR DE SÃO MARTINHO

«Comprei castanhas assadas,
Uma caneca de barro
Que mandei encher de vinho,
E esta noite, no meu quarto,
Inda que esteja sòzinho,
Vai haver lá festa rija
Em honra de São Martinho.

Saudades da minha terra,
Ai não volteis, por favor,
A perturbar a alegria
Que é devida a este dia!
Saudades do vinho verde,
Do vinho verde que é bom,
Verde vinho que é vermelho —
Vermelho ou branco enfeitica —
E até o senhor Abade
Bebe aos domingos, na Missa!

Ai não volteis, por favor,
Saudades da minha terra!
Da grande Feira dos Santos,
Com barracas de comidas
E bebidas,
Cestos cheios de pericos
E de castanhas cozidas
Que se comiam à vinda
Da grande Feira dos Santos.

(A Julinha também era
Mesmo da cor dos pericos
Que se vendiam nos Santos;
A Julinha era a mais linda
Morena lá do lugar.
Mas teve um dia um namoro
E o povo dizia coisas
Que eu não quero acreditar.
Agora está em Lisboa —
Dizem que veio servir.
Veio servir pra Lisboa!: —
Pobre Julinha morena
Mesmo da cor dos pericos...)

Feira dos Santos em Passos
No dia 1 de Novembro!
Passos pertence a Cerdal
E é uma terra de ladrões
Que saíam à noitinha
No pinheiral do Tuído.
Mas ninguém se lembraria
De andar com medo aos de Passos
Em dia tão escolhido!

Ai este mês de Novembro
Na minha terra do Minho
Abraçadinha à Galiza! —
Com este verão, um milagre
De um santo que é São Martinho
E o Outono nos oferta
Para matarmos saudades
Do rubro Agosto passado.
No primeiro, são os Santos
E a grande feira anual;
No segundo, são as Trocas,
Segundo dia de feira,
Também no sítio dos Santos
Freguesia de Cerdal;

E a onze é São Martinho:
No calendário é Outono,
Verão na realidade,
Dia de sol e saudade
Nas terras do Alto Minho.

Ai não volteis, por favor,
Minhas tristezas tamanhas!
Ai não volteis, eu vos digo!
Mas se vierdes, então,
Também ficareis comigo
Para a festa desta noite.
Por isso comprei castanhas,
Uma caneca de vinho,
E esta noite, no meu quarto,
Inda que esteja sòzinho
Com esta minha saudade
E as minhas recordações,
Vou lá fazer festa farta
Em louvor de São Martinho.»

(«Dicionário de Segredos»)

NOTAS

Os eruditos consideram Airas Nunes representativo duma poesia galaico-portuguesa anterior à provençal. José Joaquim Nunes, na esteira de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, diz que «o idioma de que os trovadores se serviam nas suas composições era o que ao tempo se falava nas duas margens do rio Minho e representava já evolução doutro mais antigo, o galaico-portuense». (A designação pertence ao Doutor José Leite de Vasconcelos).

O compostelano Airas Nunes dá nas suas pastorelas e cantigas de amor, como a que se reproduz, a imagem lírica dum sentimento que de certo modo se identificava com a natureza. Por isso o escolhemos, a despeito da opinião de Aubrey Bell de que a sua poesia carece de originalidade. Pelo mesmo motivo se seleccionou um trovador, não completamente identificado, como Rui Fernandes, deixando de parte o filósofo Meen Rodrigues Tenoiro, natural, segundo uns, de Pontevedra, segundo outros de Gondomil, no Minho, mas em cuja poesia não há qualquer elemento de diferenciação local. É natural, aliás, que assim suceda, pois, como nota João Gaspar Simões na sua «História da Poesia Portuguesa»: «Se a morte ainda hoje anda intimamente ligada ao amor em terras de Portugal e da Galiza, o sentimento que os poetas mais directamente comunicam à sua poesia quando o amor os inspira, é essa espécie de anelo ao mesmo tempo carnal e anímico que provém de um instinto profundo inerente à raça...»

È ainda por idênticas razões não se incluem na «Antologia» os poetas limianos Vasco Rodrigues de Calvelo (séc. XIII) e Fernão Rodrigues de Calheiros (séc. XIII), cujas trovas são dum lirismo essencialmente sentimental, ou o poeta palaciano Pero Andrade Caminha (séc. XVI), por vezes caracterizado como poeta do Entre Douro e Minho, mas cujas epístolas, odes, éclogas ou elegias não têm qualquer sentimento poético da natureza, nem, portanto, significado local. Esta «Antologia», aliás, não pretende ser obra erudita mas apenas de divulgação.

*

As chamadas em alguns trechos da «Antologia» pertencem, como é óbvio, aos próprios escritores seleccionados e aos capítulos reproduzidos, e, nos clássicos, aos seus anotadores contemporâneos, conforme se regista, o que não quer dizer que se transcrevam todos os comentários contidos nas respectivas obras mas somente aqueles que foram considerados úteis para complemento do excerto escolhido.

As raras chamadas que são da iniciativa e responsabilidade do autor da colectânea levam a indicação de «Nota do autor», em abreviatura.

*

A grafia usada na «Antologia» é, também, tanto quanto possível a dos autores, quando estes são anteriores ao século XVII, e, nestes, apenas foi modernizada nos casos em que a sua leitura era difícil para o leitor não especializado. Daí para diante uniformizou-se, em ordem à ortografia actualmente adoptada.

*

Grande parte das fotografias deste volume da «Antologia» pertence ao arquivo da revista «Panorama» e foram obsequiosamente cedidas pelo seu Director literário, Dr. Ramiro Valadão.

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	VII
Airas Nunes	I
Rui Fernandes	2
Duarte Galvão	2
Francisco de Sá de Miranda	5
Diogo Bernardes	10
Luís de Camões	17
Frei Agostinho da Cruz	18
Frei Luís de Sousa	21
Frei Bartolomeu dos Mártires	26
António de Sousa Macedo	34
Manuel Gomes de Lima Bezerra	35
A. F. de Castilho	36
Alexandre Herculano	38
D. António da Costa	47
Camilo Castelo Branco	51
Arnaldo Gama	56
Ramalho Ortigão	60
Júlio Dinis	67
Alberto Sampaio	70
Oliveira Martins	78
Teixeira de Queiroz	81
Sebastião Pereira da Cunha	85
Conde de Bertiandos	87
José Augusto Vieira	91
Fialho de Almeida	95
António Feijó	98
João Verde	102

	Pág.
Raul Brandão	103
Antero de Figueiredo	108
P.º Manuel de Aguiar Barreiros	115
Carlos Malheiro Dias	118
Campos Monteiro	119
Júlio de Lemos	120
Manuel Monteiro	123
António Correia de Oliveira	130
Sousa Costa	136
Manuel de Sousa Pinto	140
Alfredo Pimenta	143
Alberto Feio	144
António Ferreira	147
Aquilino Ribeiro	148
Manuel de Boaventura	154
Cláudio Basto	155
Luís de Almeida Braga	159
Oliveira Salazar	169
Manuel Couto Viana	172
Carlos Lobo de Oliveira	175
Conde d'Aurora	176
António Luís Gomes	191
Artur Portela	194
Artur Maciel	196
Tomás de Figueiredo	199
Pedro Homem de Melo	203
Hugo Rocha	207
Francisco da Cunha Leão	210
António Pedro	212
Manuel Anselmo	214
P.º António Luís Vaz	217
Carlos Cunha	220
Sebastião da Gama	222
Júlio Evangelista	224

A Livraria Bertrand tem a honra de promover, pela primeira vez em Portugal, a publicação de uma Antologia literária da Terra Portuguesa. Reunindo textos significativos da literatura nacional — prosa e poesia — sobre a História, a paisagem e os costumes das diferentes províncias, a presente Antologia tem o objectivo de registar textos de autores de várias épocas, procurando, através desses trechos literários caracterizar as diferentes regiões do país.

A Introdução e a selecção dos textos para os quinze volumes que constituem a Antologia foram confiados a escritores e ensaistas. Cada volume é profusamente ilustrado, por forma a tornar ainda mais expressiva a apresentação dum trabalho desta magnitude, ao mesmo tempo erudito, cultural e informativo, e que pretende corresponder a todos os requisitos dessa tripla condição.

ANTOLOGIA DA TERRA PORTUGUESA

PRIMEIROS VOLUMES A PUBLICAR :

Luís Forjaz Trigueiros

1 — O MINHO

João Cabral do Nascimento

2 — A MADEIRA

Urbano Tavares Rodrigues

3 — O ALENTEJO

Conde d'Aurora

4 — O DOURO LITORAL

Amândio César

**5 — TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO**

Natércia Freire

6 — O RIBATEJO

biblioteca
municipal
barcelos



54865

LI | O Minho

BERTRAND